

***Eternit e o  
Grande Julgamento  
do Amianto***

Editores: David Allen e Laurie Kazan-Allen

*Alla gente di Casale Monferrato*

Publicado por:

Secretaria Internacional para Banimento do Amianto, Reino Unido  
Sociedade Internacional dos Trabalhadores em Construção e Marcenaria, Suíça  
Centro de Recursos de Monitoramento Asiático, Hong Kong  
Instituto dos Sindicatos Trabalhistas da Europa, Bélgica  
Federação Europeia dos Trabalhadores em Construção e Marcenaria, Bélgica  
Associação das Famílias e Vítimas do Amianto de Casale Monferrato (AfeVA)  
Associação Belga de Defesa a Vítimas do Amianto (ABEVA)  
Associação Brasileira dos Expostos ao Amianto (ABREA)  
Federação de Sindicatos Trabalhista de Construção e Marcenaria, Dinamarca  
Federação Unida dos Trabalhadores da Dinamarca  
Sindicato de Encanadores e Trabalhadores Associados da Dinamarca  
Associação Nacional para a Defesa de Vítimas do Amianto, França (ANDEVA)  
Banimento do Amianto França  
Associação Henri Pezerat: Saúde, Trabalho e Meio-Ambiente, França  
Comitê (Suíço) para o Suporte e Assistência a Vítimas do Amianto (CAOVA)  
Rede para Banimento do Amianto Japão (BANJAN)  
Rede de Saúde Ocupacional e Ambiental da Índia (OEHNI)  
Central Única dos Trabalhadores (CUT-Brasil)

Design: David Allen

Fotografias do documentário PÓ - o Grande Julgamento do Amianto  
cortesia dos codiretores Niccolò Bruna e Andrea Prandstraller

Tradutores: Francês: Nelly Furman e Amy Jacobs  
Alemão: Penny Milbouer  
Italiano: Vicky Franzinetti, Elena Pertusati e Laura Centemeri  
Português: Cooperativa de Profissionais em Tradução - Unitrad

Impressão versão original: Justasec Print Services Ltd., Londres HA8 7DB Inglaterra  
- impresso em papel sem cloro, de florestas sustentáveis

Para mais informações sobre a publicação original, favor contatar:  
Laurie Kazan-Allen, Coordenadora da IBAS  
E-mail: lka@btinternet.com

Para mais informações sobre a publicação na versão em português, favor contatar:  
Secretaria Nacional de Saúde do Trabalhador - Central Única dos Trabalhadores (CUT-Brasil)  
E-mail: saúde@cut.org.br

© IBAS - Londres, fevereiro de 2012



A Secretaria Internacional para Banimento do Amianto (IBAS) foi fundada em 1999; é uma organização não governamental independente com dois objetivos: banimento mundial do amianto e justiça a todas as vítimas do amianto. A IBAS monitora, analisa e dissemina notícias recebidas da rede de indivíduos e grupos em constante expansão envolvidos no movimento internacional contra o amianto, assim como informações de fontes legais, médicas e da indústria.

A IBAS produz material escrito e organiza conferências para produzir o perfil de problemas com amianto. O trabalho da IBAS é coordenado por Laurie Kazan-Allen; mais informações estão disponíveis no site: <http://www.ibasecretariat.org/>

**Direção Executiva Nacional - CUT Brasil**  
**Gestão 2012-2015**

**Presidente**

Vagner Freitas de Moraes

**Vice-presidente**

Carmen Helena Ferreira Foro

**Secretário-Geral**

Sérgio Nobre

**Secretária-Geral Adjunta**

Maria Godói de Faria

**Secretário de Administração e Finanças**

Quintino Marques Severo

**Secretário-Adjunto de Administração e Finanças**

Aparecido Donizeti da Silva

**Secretário de Relações Internacionais**

João Antônio Felício

**Secretário-Adjunto de Relações Internacionais**

Artur Henrique da Silva Santos

**Secretária de Combate ao Racismo**

Maria Júlia Reis Nogueira

**Secretária de Comunicação**

Rosane Bertotti

**Secretário de Formação**

José Celestino Lourenço (Tino)

**Secretário-Adjunto de Formação**

Admirson Medeiros Ferro Júnior (Greg)

**Secretário de Juventude**

Alfredo Santana Santos Júnior

**Secretário de Meio Ambiente**

Jasseir Alves Fernandes

**Secretária da Mulher Trabalhadora**

Rosane Silva

**Secretário de Organização**

Jacy Afonso de Melo

**Secretário-Adjunto de Organização**

Valeir Ertle

**Secretário de Políticas Sociais**

Expedito Solaney Pereira de Magalhães

**Secretária de Relações do Trabalho**

Maria das Graças Costa

**Secretário-Adjunto de Relações do Trabalho**

Pedro Armengol de Souza

**Secretária de Saúde do Trabalhador**

Junéia Martins Batista

**Secretário-Adjunto de Saúde do Trabalhador**

Eduardo Guterra

**Diretor(a)s Executivo(a)s**

Antônio Lisboa Amâncio do Vale

Daniel Gaio

Elisângela dos Santos Araújo

Jandira Uehara

Júlio Turra Filho

Rogério Pantoja

Roni Barbosa (licenciado)

Rosana Sousa de Deus

Shakespeare Martins de Jesus

Vítor Carvalho

**Conselho Fiscal**

Antonio Guntzel

Dulce Rodrigues Sena Mendonça

Manoel Messias Vale

**Suplentes**

Raimunda Audinete de Araújo

Severino Nascimento (Faustão)

Simone Soares Lopes

## Índice

Apresentação	5
Vagner Freitas e Junéia Martins Batista	
Prefácio	
Romana Blasotti Pavesi	6
Introdução	
Laurie Kazan-Allen	8
<b>Dinastias do Amianto - as Multinacionais Eternit</b>	
1. A Eternit e o Cartel SAIAC	
Bob Ruers	15
2. O Império da Família Schmidheiney	
Adrian Knoepfli	21
3. Magnata do Amianto ou Guru Ambiental: os Julgamentos de Stephan Schmidheiny	
Daniel M. Berman	25
4. O que a Eternit é Hoje	
Adrian Knoepfli	28
<b>A Eternit na Itália - O Julgamento do Amianto em Turin</b>	
5. A Fábrica da Eternit em Casale Monferrato	
Fabrizio Meni	31
6. Ativismo do Amianto em Casale Monferrato	
Romana Blasotti Pavesi, Bruno Pesce, Nicola Ponderano	35
7. Um Julgamento com Implicações Abrangentes	
Laurent Vogel	39
8. Entrevista com o Promotor Raffaele Guariniello	
Niccolò Bruna e Adrea Prandstraller (Agosto de 2010)	44
9. Justiça as Vítimas da Eternit - a Experiência Franco-Italiana	
Annie Thébaud-Mony	47
Apêndice: O Processo Civil dentro do Julgamento Criminal na Itália	
Sergio Bonetto	49
10. O Julgamento Criminal de Stephan Schmidheiny em Turin, Itália	
Barry Castleman	53
11. Eternit vs. As Vítimas	
Laurie Kazan-Allen	57
12. A Produção do Documentário: PÓ - O Grande Julgamento do Amianto	
Niccolò Bruna e Adrea Prandstraller	63
<b>Perspectivas Nacionais</b>	
13. A Eternit no Brasil	
Fernanda Giannasi	65
14. A Eternit e a “Agonia Dupla” das Vítimas do Amianto na Holanda (Países Baixos)	
Bob Ruers	72
15. A Eternit na França	
Marc Hindry	77
16. Família Belga Vence Processo Histórico contra a Eternit	
Yvonne Waterman	81
17. A Eternit na Dinamarca 1928-1986	
Kurt Jacobson	85
18. A Atividade da Eternit em Vítimas Emergentes: O Caso Japonês	
Takehiko Murayama e Satomi Ushijima	91
Epílogo	
Laurie Kazan-Allen	93
Posfácio	
Mauro de Azevedo Menezes	95
Ficha Técnica Edição Em Português - CUT Brasil	96

## APRESENTAÇÃO

A condenação da Eternit demarca um novo impulso nas lutas pelo banimento do amianto em todo o mundo, em especial no Brasil, que está entre os poucos países que infelizmente ainda extraem e manufaturam esta fibra cancerígena que já matou e continua matando milhões de pessoas. Demarca também uma referência sem precedentes em outras lutas pela saúde dos trabalhadores.

O amianto já foi banido em 58 países. O fato de o Brasil estar entre os maiores produtores mundiais, juntamente com o Canadá, Rússia e China em um mercado altamente lucrativo, está entre os argumentos que explicam a resistência ao banimento. No caso do Brasil o consumo interno, em especial o uso doméstico (telhas, caixas d'água e outros produtos usados na construção civil), é o principal mercado.

A indústria do amianto brasileira faz um pesado *lobby* no Congresso Nacional e em outras instâncias de poder pelo uso controlado do amianto, sob o argumento controverso de que a produção segue padrões de segurança, justificativa que cai por terra diante da realidade. Dados epidemiológicos do INCA - Instituto Nacional do Câncer da Fiocruz - e estudos desenvolvidos por outras universidades renomadas apontam a evolução de câncer em razão do amianto, sobretudo, entre trabalhadores e trabalhadoras expostos à fibra, mas também, entre à população exposta ambientalmente no entorno das fábricas e em locais onde há produtos de amianto degradados<sup>1</sup>.

Há muito tempo se sabe que o amianto é reconhecidamente responsável pela asbestose<sup>2</sup> (enrijecimento do tecido pulmonar causado pela deposição das fibras do amianto nos alvéolos pulmonares); câncer de pulmão (em sua maioria associado à asbestose); câncer de laringe, do trato digestivo e de ovário; e mesotelioma, forma rara de tumor maligno que atinge mais comumente a pleura, membrana serosa que reveste o pulmão, mas também outras partes do organismo, além de outras doenças malignas e não malignas.

Ainda de acordo INCA, o mesotelioma está se tornando um dos tipos de câncer mais comuns no país porque agora passa a eclodir as repercussões de mais 30 anos de utilização do amianto em escala industrial, período considerado de latência para o aparecimento da doença. Em que pese ser reconhecido oficialmente como doença do trabalho, há uma enorme dificuldade na notificação, bem como para indenizar os trabalhadores adoecidos. Para os demais cânceres e doenças causadas pelo amianto, o percurso é ainda mais complicado, exigindo uma luta árdua e o envolvimento de diversos atores.

Esperamos que a justiça feita aos trabalhadores e à população italiana da cidade de Casale Monferrato também ocorra no Brasil, onde a Eternit continua produzindo e um contingente expressivo da população tem morrido por causa desta fibra maligna.

Estudo feito com base em dados de mortalidade do Ministério da Saúde, por Hermano Albuquerque de Castro, médico e renomado pesquisador da Fiocruz, aponta que entre 1980 e 2003 morreram 2414 pessoas por mesotelioma no Brasil. Se considerarmos os demais cânceres e doenças não caracterizadas como decorrentes do amianto este quadro é ainda mais dramático.

Vergonhosamente a indústria do amianto interpelou judicialmente este pesquisador numa tentativa de intimidá-lo, assim como tem feito pesados ataques a outros pesquisadores, à ABREA - Associação Brasileira dos Expostos ao Amianto e outros atores historicamente envolvidos com a luta pelo banimento do amianto no Brasil.

Assim como os trabalhadores italianos, não nos intimidamos com estes ataques, ao contrário! A luta pelo banimento do amianto no Brasil é uma prioridade para a CUT. Parabenizamos a todos que estiveram envolvidos na luta de Casale Monferrato que resultou na exemplar condenação da Eternit, em particular às Centrais Sindicais italianas CISL e CGIL, parceiras históricas da CUT, e nos somamos a todos aqueles que lutam pelo banimento do amianto no mundo.

Somos fortes, somos CUT!

**Junéia Martins Batista**  
Secretária Nacional de Saúde do Trabalhador  
CUT Brasil

**Vagner Freitas**  
Presidente Nacional  
CUT Brasil



1 A este respeito consultar [http://www.inca.gov.br/conteudo\\_view.asp?ID=15](http://www.inca.gov.br/conteudo_view.asp?ID=15)

2 Asbesto é sinônimo de amianto.

## PREFÁCIO

A primeira vez que ouvi sobre amianto foi em 1982, quando meu marido desenvolveu a doença, mesotelioma, que em poucos meses levou à sua morte. Mario trabalhou na fábrica da Eternit em Casale Monferrato, mas nenhuma das outras vítimas em minha família trabalhou lá: minha irmã, meu primo, meu sobrinho, minha filha Rosa, que morreu seis meses após o diagnóstico, em 2004.

Desde então, dediquei minha vida à luta contra o amianto. Apesar de meus 82 anos, quero estar na vanguarda da campanha que começou em Casale, no final da década de 1970. Sou presidente da associação das vítimas de nossa comunidade: AFeVA. Temos três prioridades em nossa luta: pesquisa científica, descontaminação e justiça. Nosso objetivo é restaurar a dignidade das vítimas e garantir que não haverá mais vítimas do amianto no futuro, em nossa área ou no mundo.

É importante que agora façamos um balanço de nossas três décadas de experiência na luta contra o amianto. Muitos resultados positivos de nossa luta foram possíveis graças ao incansável trabalho inicial do sindicato CGIL, que posteriormente foi apoiado por todos os segmentos do restante da ampla sociedade civil: médicos e ambientalistas, assim como grande parte da população geral. A 18ª competição anual pelo Prêmio “Cavalli” - apresentando projetos escolares sobre conscientização de saúde ambiental - envolveu mais de 1200 crianças de 40 escolas; confirmando a nós que o conhecimento dos riscos da exposição ao amianto e das tragédias que sofremos perdurará em nossa região nos anos futuros.

O início do julgamento contra os proprietários da empresa Eternit, em Turin, 10 de dezembro de 2009, levou-me a perceber o quão longe chegamos em nossa busca por justiça. Esse caso criminal envolve mais de 1700 vítimas de nossa comunidade, funcionários e cidadãos; por suas mortes, o Promotor pede uma sentença de 20 anos.

Mas minhas reflexões sobre nosso progresso são manchadas por amargura; condenar os culpados não é o fim da história, temos de continuar nossos esforços. As pesquisas ainda não produziram os resultados que esperamos; mesmo após três décadas, pacientes estão morrendo tanto quanto antes: sujeitos ao mesmo destino inexorável, sofrendo a mesma dor, sua sobrevivência limitada a praticamente o mesmo intervalo.

Trinta anos após o pico da produção de cimento de amianto na Itália, e mais de vinte anos desde o fechamento das fábricas da Eternit na Itália, estamos testemunhando, em Casale Monferrato, uma trágica persistência de novas vítimas: mais de 40 por ano em uma cidade de 35.000 cidadãos. E eles são cada vez mais jovens; muitas vezes pais com filhos pequenos. Temo que o número de vítimas locais continue alto no futuro distante se não nos dedicarmos completamente a reverter essa tendência letal.

Outra fonte de amargura é quanto aos projetos de descontaminação, para os quais faltam recursos. Embora a própria fábrica tenha sido descontaminada (antes de ser por fim demolida em 2006), assim como todos os edifícios públicos em Casale, outros trabalhos de restituição permanecem incertos; há uma falta da continuidade e nem todas as áreas são tratadas igualmente.

Nos primeiros anos da descontaminação, as operações progrediam com mais urgência e eficácia. Muitos anos se passaram desde então - foi em 1995 que os maiores esforços foram feitos - e parece que perdemos a oportunidade de transformar as práticas então adotadas em norma para cada área contaminada.

Apesar das muitas mortes que tivemos, ainda não aprendemos como resolver o problema em sua raiz. Devemos fazer um compromisso diário quanto a todos os aspectos da luta contra o amianto. Com obstinação e determinação, nos dedicamos à tarefa de conseguir o julgamento por tanto tempo quanto os promotores que moveram a ação, e com o conhecimento, consistência e humanidade para acusar os proprietários da Eternit de desastre ambiental permanente. Mas este compromisso não é suficiente: as operações de descontaminação estão em um impasse e as pesquisas científicas progredem lentamente. Além disso, amianto continua a ser extraído e comercializado em muitos países ao redor do mundo, como se nossa trágica experiência direta de nada importasse, não sendo suficiente para ensinar algo aos que hoje continuam a expor pessoas ao amianto.

Desde o início do julgamento, esperei que nossas vítimas não tivessem morrido em vão e que a justiça seria feita. Até o momento, o andamento do julgamento deu-nos grande esperança: o promotor Guariniello

e seus colegas inspiraram-nos grande confiança; enquanto o Juiz Casalbore sempre foi respeitoso, com atenção constante a cada detalhe das audiências. Apesar da dor recordada pelas palavras das testemunhas e pelos argumentos da defesa, nossa confiança na justiça nunca nos deixou.

Nossa batalha é uma batalha por justiça civil, não um pedido de compensação econômica. O caso contra a Eternit foi nosso campo de batalha, seu resultado terá repercussões distantes e profundas. Acreditamos que, apesar de todos os recursos humanos e financeiros investidos pelos réus para desculpar-se, o reconhecimento de nosso sofrimento levará a uma sentença exemplar.

A todas as vítimas do amianto, e aos que vivem onde amianto ainda é minerado, processado e comercializado, desejo de todo meu coração que você possa exterminar todos os traços de risco de amianto; e que você possa fazê-lo com a mesma consciência e determinação que tivemos em Casale nos últimos trinta anos. E, portanto, espero que a conquista máxima de nosso compromisso, o julgamento criminal internacional em Turin, possa tornar-se uma herança comum para todos que trabalham internacionalmente para combater o flagelo do amianto.

A todas as comunidades com as quais nos sentimos intimamente ligados e com quem compartilhamos a mesmo dor e o mesmo destino - de Widnes, no Reino Unido, a Paray le Monial, na França; de Sarnia, no Canadá, a Osasco, no Brasil; e muitos outros - nossas considerações e o abraço amigo de nossa associação.



Foto do documentário: Pó - o Grande Julgamento do Amianto.

Romana Blasotti Pavese

Presidente, Associazione famigliari e vittime amianto di Casale Monferrato (AfeVA) Junho de 2011

## INTRODUÇÃO

Laurie Kazan-Allen\*

“O Grande Julgamento do Amianto” é o maior e mais complexo caso de amianto ouvido em um tribunal criminal na Europa (ver esta monografia, Capítulo 6). O procedimento de Turin é “grande” em todos os sentidos da palavra, quanto a: número de partes lesadas, representantes legais, municípios, problemas e locais de trabalho envolvidos; duração prolongada do julgamento; conceitos jurídicos fundamentais explorados; década de pesquisas cuidadosas e meticulosas requerida para trazer os réus ao tribunal; expectativas dos enlutados de que o veredicto reconhecerá a natureza cataclísmica dos crimes cometidos. No banco dos réus estão antigos executivos dos Grupos Suíço e Belga da Eternit, empreendimentos que exerceram o controle sobre operações em fábricas italianas de cimento de amianto. Os industrialistas Stephan Schmidheiny (Suíça) e Barão Louis de Cartier de Marchienne (Bélgica) são acusados de causar desastre ambiental permanente e de não cumprir regras de segurança. Caso sejam considerados culpados, eles podem ser sentenciados a vinte anos por sua participação nas tragédias de amianto em Casale Monferrato (Alessandria), Cavagnolo (Turin), Rubiera (Reggio Emilia), Bagnoli (Nápoles) e Siracusa (Sicília). O fato de que este processo alcançou um status icônico tanto na Itália como no exterior é um reflexo dos princípios universais em consideração. Há, de fato, um direito humano à vida, o qual tem precedência sobre atalhos que aceleram a produção e minimizam custos de produção? Indivíduos podem ser responsabilizados pelos efeitos de operações comerciais que ponham em risco a vida e poluam o ambiente?

O julgamento de Turin marca “um momento judicial crítico na história internacional de ações contra industrialistas do amianto. Ele está voltado ao comportamento estratégico de alguns diretores de multinacionais do amianto, aqueles que organizaram a campanha internacional de desinformação sobre os efeitos do amianto na saúde, a qual levou a desastres não só na Itália mas em todo lugar em que amianto foi usado” (Cap. 9). Os processos, iniciados em 10 de dezembro de 2009, foram o resultado de cinquenta anos de ação direta dos funcionários da fábrica da Eternit em Casale Monferrato, os quais assumiram “propriedade crítica da realidade dos trabalhos... criaram alianças entre funcionários e cientistas... [e] desafiaram a realidade do estabelecimento” (Cap. 7). O suporte prático e político provido por sindicatos e federações trabalhistas foi de importância fundamental para ajudar a formar a percepção pública quanto à responsabilidade da Eternit pela epidemia do amianto. O compromisso contínuo

dos diretores e membros da AfeVA (Associazione famigliari e vittime amianto di Casale Monferrato - Associação de famílias e vítimas do amianto em Casale Monferrato) foi decisivo na criação do movimento popular que sustentou a longa “luta por justiça, descontaminação, pesquisas” (Cap. 6). Demonstrações, memoriais, reuniões públicas e vigílias montadas pelos ativistas de Casale Monferrato garantiram que o escândalo de Eternit permanecesse uma questão presente na agenda política e social. As bandeiras da campanha, nas cores italianas verde, branco e vermelho, com o slogan “Eternit: Giustizia!” (Eternit: Justiça) decoraram vitrines, sacadas e espaços públicos em toda a cidade. A onipresença dessa imagem foi uma manifestação visual do apoio profundo e difundido da luta das vítimas por justiça, assim como as multidões de habitantes locais que estiveram presente em cada audiência do julgamento de Turin. Para o povo de Casale Monferrato, os processos legais representaram seu dia no tribunal: um ponto no tempo quando os executivos sem rosto que eles responsabilizaram pelas mortes de seus amados foram nomeados e envergonhados.

As audiências judiciais expuseram: “um sistema econômico que permitiu lucro fácil, com aqueles que obtiveram os lucros aparentemente imunes ao dano que infligiam aos funcionários e às comunidades” (Cap. 6). Elas também revelaram até onde a Eternit iria para preservar sua “credibilidade.” Documentos confiscados pela polícia do escritório em Milão da Chiappe Bellodi Associates GCI, a empresa de relações públicas mantida pela Eternit, revelaram a existência de uma “super-rede de consultores pagos pela Eternit,” os quais orquestraram uma estratégia de defesa meticulosa para exercer controle máximo sobre o “problema de Casale” (Cap 11). Vastos recursos financeiros foram disponibilizados aos consultores de imagem, os quais recrutaram colaboradores da Eternit AG, da Eternit S.p.A., do Grupo Suíço da Eternit e da Nueva Ltd., assim como peritos independentes e terceirizados, conforme necessário, para estender o plano de comunicação corporativa. Crucial para a eficácia operacional da rede da Bellodi foi a contribuição de “correspondentes locais de relações públicas,” espões recrutados pela companhia para infiltrar a AfeVA. O sistema legal italiano dentro do qual este caso foi montado apresenta um verdadeiro desafio a nós que somos de países de direito comum, como Inglaterra, Índia, Estados Unidos, Canadá e Austrália, onde os lesados pelo amianto registram queixas civis para indenização. O fato de que os processos de Turin, iniciados pelo Promotor Público Raffaele Guariniello,

\*Coeditora desta publicação, Laurie Kazan-Allen é Coordenadora da Secretaria Internacional para Banimento do Amianto (IBAS).



Bruno Pesce, Romana Blasotti Pavesi e Nicola Ponderano, foto de 2009

incorporaram um maciço processo civil ampliou tanto a complexidade do caso quanto o número de partes envolvidas. A possibilidade que os réus possam efetivamente comprar sentenças mais brandas através de acordos com os reclamantes é um conceito difícil de entender e de engolir (Cap. 9, Apêndice).

Apesar de seus pontos negativos, o sistema legal italiano foi praticamente o único a prender executivos por crime corporativo tóxico (Cap. 10). Considerando-se a natureza multifatorial dos processos de Turin, o pesadelo administrativo de organizar evidência reunida por mais de dez anos de pesquisas, os contratemplos técnicos (Cap. 10) e o tempo limitado disponível - as 66 audiências foram organizadas somente um ou dois dias por semana - chegar ao fim do julgamento foi por si só um feito. A atitude respeitosa dos juizes presidentes para com os lesados, a preparação completa do Promotor Guariniello e de sua equipe e a contribuição de uma equipe multinacional de peritos e consultores jurídicos encorajou as esperanças das vítimas de que uma “sentença exemplar” será dada em 13 de fevereiro de 2012.

### **Eternit: Status e Modus Operandi**

O grupo de empresas Eternit foi “provavelmente o maior fabricante de cimento de amianto no mundo.”<sup>1</sup> A totalidade de todos os interesses globais da Eternit foi tão rica, poderosa e influente que a Eternit certamente mereceu um status igual ao desfrutado por outros gigantes globais do amianto: Johns Manville Corporation (EUA) e Turner & Newall Ltd. (Grã-Bretanha). De fato, foi a Eternit que explorou as alianças históricas que permitiram à indústria de cimento de amianto florescer ao longo de todo o século

20. Em 1929, Ernst Schmidheiny, da Eternit Suíça, fundou uma organização criada especificamente para promover os interesses dos produtores de cimento de amianto; o nascimento do Cartel SAIAC foi um momento fundamental na história da indústria. Os membros do SAIAC concordaram em trocar conhecimentos técnicos, centralizar atividades de pesquisa, padronizar intervalos de produção e organizar o negócio de exportação (Cap. 1). Trabalhando juntos, os membros do SAIAC dividiram mercados globais, pressionaram governos nacionais, fixaram preços no varejo e extraíram termos comerciais favoráveis de produtores de amianto.

Descrevendo o cenário internacional da Eternit na década de 1920 e de 1930, o jornalista suíço Werner Catrina escreveu que “assemelhava-se a um clã no qual alguns membros estavam casados uns com os outros, enquanto outros estavam relacionados ou tinham tornado-se amigos como resultado de seus interesses comuns.” O reconhecimento da mutualidade de interesses comerciais e pessoais entre as partes interessadas em cimento de amianto foi extremamente importante para o futuro sucesso da indústria. As conexões de família, amizades, investimentos financeiros compartilhados, reuniões periódicas e empreendimentos comerciais conjuntos que cimentaram as relações pessoais da elite global do amianto foram diligentemente explorados para salvaguardar os interesses da indústria.

Muito antes da era da Internet, os funcionários da Eternit tinham acesso fácil aos responsáveis por decisões dentro e fora de suas próprias esferas de influência. Assim, quando a Turner & Newall Ltd. (T&N) começou a adicionar rótulos em sacos de amianto mencionando o risco de

<sup>1</sup>Evidência fornecida pela Eternit Building Products Limited ao Comitê Consultivo (Britânico) sobre Amianto, 1976.

câncer, algo precioso ser feito. Etienne van der Rest, diretor da Eternit Bélgica<sup>2</sup>, queixou-se ao Diretor de Recursos Humanos e Relações Exteriores da T&N, H.D.S. Hardie, em uma carta que começa com “Caro, Harry.”<sup>3</sup> Mencionando as negociações prolongadas pelas partes interessadas no amianto quanto à redação de “um texto adequado a ser incluso na parte inferior do rótulo [do saco de amianto],” van der Rest lembrou a Hardie que havia sido acordado que empresas “não deveriam mencionar no rótulo o risco do câncer, mas apenas informar que o uso incorreto do produto poderia ser prejudicial à saúde.” O fato da T&N não seguir o padrão era uma “decepção”, com consequências potencialmente graves. Van der Rest especulou sobre a imposição de regulamentos da indústria da CEE, tais como a disposição obrigatória de “um rótulo com caveira e ossos cruzados (sic)...” em sacos de fibra de amianto. A associação do amianto com um símbolo universalmente compreendido como denotando veneno não seria bom para as vendas. Concluindo a carta, Van der Rest desafiou Hardie a explicar a decisão quanto à nova redação da T&N para que ele pudesse “defender a posição da Turner (sic) para com todos os que a criticam tão severamente...”

A rigorosa conformidade com a linha política da Eternit é um tema que permeia esta monografia. Um exemplo do controle estrito exercido por altos executivos em todo o império da Eternit é a disciplina forçada pelos consultores de relações públicas incumbidos em manter o crescente escândalo do amianto da Eternit sob o radar na Itália (Cap. 11). A “Bíblia de RP,” criada “para garantir que tudo está e estará sob controle,” foi meticulosamente implementada: “A orientação estratégica de nossa política de RP foi cuidadosamente elaborada e estabelecida ao longo dos anos. Penso que ela é válida e não deve ser alterada,” escreveu o consultor em Milão Guido Bellodi. Conquanto os esforços para lidar com a situação em Casale Monferrato foram compreendidos principalmente por pessoas que trabalham em nome dos interesses da Eternit Suíça, o autoritarismo corporativo era também predominante no Grupo Eternit da Bélgica, que em 1995 tornou-se o Grupo Etex. Um documento de 53 páginas emitido em janeiro de 2000 intitulado Diretrizes de Identidade Corporativas para Empresas Afiliadas do Grupo Etex estabelece regras exatas para uso de logotipos, fontes, layouts e cores em papéis timbrados, cartões comerciais, publicidade, sites de internet, exposições, documentação técnica, documentos internos e e-mails para as 150 empresas Etex em 37 países nos cinco continentes. “As regras são bastante objetivas,”

escreveu Paul van der Straten Waillet, Diretor de Comunicações e Marketing da Etex, “mas devem ser aplicadas em cada caso e em cada empresa.”<sup>4</sup>

Que os dois exemplos citados no parágrafo acima sejam do século 21, um tempo em que mesmo os antigos magnatas do amianto reinventaram-se como filantropos e gurus ambientais (Cap. 3), sugere a existência da continuidade de uma abordagem caracterizada por microgestão e tomada de decisões centralizadas. É difícil acreditar que informações sobre o perigo do amianto disponíveis à hierarquia da Eternit desde 1931 não tenham sido disseminadas a outros nas redes da Eternit e do SAIAC. Em abril de 1950, uma carta do Secretário Geral da Eternit S.A. (Bélgica) informou o SAIAC que:

“Você deve lembrar-se que nós mesmos já chamamos sua atenção à asbestose em nossa carta de 15 de maio de 1931. Em 1933 recebemos o relatório de Dr. E.R.A. Merewether... e desde então temos constantemente nos ocupado com medidas preventivas...”

É claro que o interesse geral exige medidas de controle onde quer que haja perigo.”<sup>5</sup>

Parece que esta carta foi uma em uma série sobre os perigos da exposição ao amianto. Um mês antes (13 de março de 1950) o Secretário do SAIAC escreveu à N.V. Eternit em Amsterdã sobre uma correspondência anterior da Holanda sobre o tema da asbestose e confirma os planos do cartel de promover uma investigação entre seus membros quanto à sua experiência com asbestose.

Os fatos como são conhecidos apresentam a nós algo como um enigma. Pela documentação disponível, fica claro que os executivos da Eternit na sede da empresa estavam cientes dos riscos que a exposição ao amianto impunha à saúde humana há oitenta anos e que as “empresas da Eternit mantiveram uma à outra informadas...”<sup>6</sup> Fica igualmente claro que a Eternit tinha a propensão de regular todos os aspectos de política corporativa, comportamento corporativo e atividade corporativa. Como pôde então os aspectos de segurança e saúde ocupacional, incrivelmente importante na política corporativa, ser deixados ao capricho de gerentes de unidade e fatores individuais. A resposta mais provável é que não foi - que as falhas em adotar práticas de trabalho

2 É interessante observar que a mãe do diretor da Eternit, Etienne van der Rest, era Marguerite van der Rest, née Emsens, filha do empresário de amianto belga Alphonse Emses <http://www.tv3.cat/multimedia/pdf/3/7/1297090719573.pdf>

3 Carta de E. van der Rest, Eternit, Kapelle-op-den-Bos, 5 de março 1980 a H.D.S. Hardie, Turner & Newall Ltd., Manchester.

4 Arquivo da Eternit: Caixa 9, 4087-4137.

5 Ver Cap. 1 Apêndice: tradução de carta da Eternit S.A. (Bélgica) ao SAIAC, de 14 de abril de 1950; versão original em francês.

6 Ruers B e Schouten N. The Tragedy of Asbestos: Eternit and the consequences of a hundred years of asbestos cement. Maio, 2006. Socialist Party (Países Baixos).

mais seguras, instalar ventilação adequada e introduzir inovações tecnológicas para proteger a mão de obra foram resultado de decisões tomadas nos níveis mais elevados da empresa. O Promotor público Raffaele Guariniello acredita que “as decisões principais não eram tomadas na Itália, mas na sede da Empresa [na Suíça e na Bélgica], e por isso elas aplicavam-se a todo seu império global de amianto, não somente às fábricas italianas mas a todos os interesses sob o controle dos acionistas majoritários” (Cap. 8).

### Superestrelas do Amianto

Dentro da galáxia da Eternit, nenhuma estrela brilhou mais forte que as das famílias Schmidheiny (Suíça), Emsens (Bélgica) e Cuvelier (França) (Cap. 2), luzes guias das classes regentes de seus países. Seu status elevado trouxe múltiplos benefícios entre os quais laços culturais, educacionais, sociais e financeiros com políticos, banqueiros, advogados, jornalistas e outros cujas ações determinaram o clima comercial, o programa legislativo e a agenda social de seus países. A riqueza, força política, autoridade financeira e influência na mídia dos membros individuais destes clãs foram substanciais; o músculo coletivo da realeza do cimento de amianto era quase irresistível. Observador da Eternit por um longo período, Adrian Knoepfli observou em seu artigo “o Império da Família Schmidheiny” que os Schmidheiny constituíram a “mais conhecida dinastia comercial da Suíça.” “No auge da produção de amianto,” diz Knoepfli “os Schmidheiny controlavam fábricas da Eternit em dezesseis países, empregando 23.000 funcionários, e eles tinham participação em fábricas, através de suas ações no grupo da Eternit Belga (que pertencia à família Emsens), em outros dezesseis países” (Cap. 2).

O bilionário Stephan Schmidheiny, cuja fortuna pessoal foi ampliada por lucros das operações de cimento de amianto do Group Eternit Suíça, atualmente fala de “capitalismo verde,” “responsabilidade corporativa,” e “desenvolvimento sustentável” (Cap. 3). As obras de caridade de Schmidheiny como “um dos filantropos mais generosos da América Latina” e seus esforços para salvar o planeta não reduzem a aflição dos que contraíram doenças relacionadas à exposição ao amianto da Eternit. Em uma entrevista dada por Schmidheiny a David Bank, um repórter do Wall Street Journal, essa questão foi discutida. Bank diz:

“Sr. Schmidheiny diz que não é sua responsabilidade indenizar funcionários lesados. Os trabalhadores da Suíça podem

buscar ajuda da agência de seguro de suas empresas, ele diz, enquanto os trabalhadores de outros locais podem apresentar queixas contra as empresas que adquiriram as ações do Sr. Schmidheiny. ‘Em quase todos os casos em que vendemos, há uma grande empresa solvente capaz de cuidar de tudo,’ ele diz. Quanto aos trabalhadores que não têm a quem recorrer, o Sr. Schmidheiny prometeu analisar queixas individuais ‘de uma forma humanitária.’”<sup>7</sup>

Enquanto Stephan Schmidheiny executava uma retirada estratégica da indústria do amianto, pessoas em todo o mundo ganhavam posse de lembranças íntimas de sua conexão com o Império Schmidheiny nas fibras de amianto entranhadas em seus sistemas respiratórios. “Milhares de pessoas foram expostas ao amianto em plantas na Europa, Oriente Médio, África e América Latina nas quais os Schmidheiny tiveram interesses de posse.”<sup>8</sup> O longo período de latência para doenças relacionadas ao amianto, tipicamente 10-50 anos desde a exposição até o aparecimento da doença, significa que as pessoas que morrem de doenças relacionadas ao amianto agora (2012), mais provavelmente foram perigosamente expostas ao amianto antes que Stephan Schmidheiny “abandonasse a maior parte das - mas não todas - operações de amianto de sua família.”<sup>9</sup>

### Uma Perspectiva Global sobre o Desastre Humanitário Causado pela Eternit

Conquanto o foco deste livro está no desastre de Casale Monferrato e nas forças que se uniram para levar à justiça os antigos empresários do amianto por seus supostos envolvimento nas causas deste, a tragédia dos mortos pelo amianto na Itália é replicada onde quer que as fábricas de cimento de amianto da Eternit existiram. Documentos nesta monografia sobre operações de fabricação na Itália, Brasil, França, Bélgica, Países Baixos, Dinamarca e Japão documentam a determinação das empresas globais e nacionais da Eternit de priorizar lucros corporativos desprezando segurança ocupacional. Como mais poderia ser explicado o fato de que, mesmo em 1995, sacos de amianto bruto eram abertos com um canivete e manualmente esvaziados em um misturador na planta da Eternit em Thiant, França (Cap. 15). Durante décadas, foi prática comum para executivos da Eternit usar informações médicas sobre doenças de funcionários relacionadas ao amianto a favor da empresa, negando o conhecimento de

7 Bank D. Moral Fiber: Billionaire Activist On Environment Faces His Own Past - An ‘Eco-Efficiency’ Advocate Swiss Magnate Confronts Questions on Asbestos - Mr. Schmidheiny’s Conscience. 12 de setembro de 2001. The Wall Street Journal

8 Ibid.

9 Ibid.

diagnósticos aos indivíduos envolvidos e às autoridades governamentais. O historiador dinamarquês Kurt Jacobsen relata que desde meados dos anos 1950, a incidência de asbestose entre funcionários da Eternit na Dinamarca cresceu firmemente. “Os funcionários, contudo, não foram informados - ou pelo menos somente alguns deles - o público também não” (Cap. 17). Funcionários japoneses da Eternit não receberam “explicação alguma dos aspectos perigosos do amianto ou instruções para evitar doenças... Além disso, a empresa fazia os funcionários levar suas roupas de volta às suas casas” (Cap 18). Um veredicto de 2011 de um tribunal civil de Bruxelas confirma os esforços feitos pela Eternit Belga para “menosprezar os riscos do amianto à saúde e encobrir os fatos... [quando] soube com certeza que a exposição ao amianto trazia risco grave de desenvolvimento de doenças, tais como asbestose, câncer de pulmão e mesotelioma” (Cap. 16).

Em todo o império da Eternit, era rotina que executivos manipulassem agendas do governo para impedir a introdução de medidas protetoras e a adoção de banimentos do amianto. Embora casos de doenças relacionadas ao amianto tenham sido diagnosticados entre funcionários da Eternit nos Países Baixos em 1956, 1972, 1975, 1981, e 1982, “em nenhum destes casos a Eternit publicou qualquer informação fora da firma. Nenhuma das vítimas pôde estabelecer a responsabilidade da Eternit” (Cap. 14). A luta por vítimas da Eternit na Holanda para obter indenização é mencionada por Bob Ruers como “agonia dupla”: a agonia legal somada à agonia médica. Evitar responsabilidade por custos de descontaminação por amianto foi outra preocupação das equipes da Eternit. Quando a empresa Eternit Itália declarou falência em 1986, “a planta da Eternit em Casale foi abandonada com todo seu conteúdo venenoso...” (Cap. 5). Estimativas atuais para a descontaminação da cidade de Casale Monferrato excedem €160 milhões; até o momento, os Grupos da Eternit na Suíça e na Bélgica não pagaram pela limpeza do antigo local industrial, de edifícios locais, do poluído Rio Po ou do solo contaminado. Quando tudo o mais falhou, a política da Eternit foi atacar a credibilidade de seus críticos; os executivos da Eternit em Casale “negaram durante anos que o amianto causasse mesotelioma e repudiaram como subversivas as lutas do sindicato em defesa da saúde dos trabalhadores” (Cap. 5).

Nada é tão eloquente quanto as palavras das vítimas para transmitir a terrível realidade criada pelo comportamento negligente da Eternit. Mireille Wuilbeaux, viúva francesa de vítima do amianto, diz que após anos de saúde frágil, seu marido, que tinha trabalhado por 42 anos na fábrica de cimento de amianto da Eternit em Thiant, foi diagnosticado com mesotelioma

em outubro de 2001:

“O inferno então começou: quimioterapia, repetitivas pleurisias, drenagens cada vez mais frequentes. A partir de janeiro de 2005, meu marido passou a ter nódulos que precisavam de irradiação, radioterapia. Então, em abril de 2005, um novo exame e, um balde de água fria, o diagnóstico de câncer de pulmão no lado direito. Hospital novamente; ele teve um edema nos membros inferiores e não podia mais andar. Para tentar curar este novo câncer ele recebeu quimioterapia pesada, a qual ele quase não suportou. Essa terapia atacou seu sistema nervoso; ele tremia, desmaiava, vomitava. Todo seu corpo doía: cabeça, barriga, pernas. Ele não podia sequer beber água; nós matávamos sua sede com pirulitos de gelo.

Em 1º de outubro de 2005, Robert faleceu. Se o inferno for um lugar virtual, posso dizer que meu marido viveu no inferno e sofrendo; e eu também durante aqueles últimos meses em que estive ao seu lado” (Cap. 15).

Por mais complexa que a história da Eternit seja, com sua confusa série de reorganizações corporativas, vendas, aquisições, reconfigurações, amalgamações, mudanças de nome, propriedade cruzada e empreendimentos conjuntos (Cap. 2), este é basicamente um conto muito simples. É uma história de decisões tomadas por homens que retiraram uma substância da terra e a levaram a fábricas, oficinas, casas e edifícios públicos. As pessoas encarregadas das corporações que lucraram com este comércio mortal são responsáveis pelas consequências de suas ações. Caso as coisas fossem diferentes na fábrica de Thiant, o Sr. Wuilbeaux poderia ser poupado da morte excruciante descrita tão pungentemente por sua esposa. Caso os gerentes responsáveis pelas condições da fábrica de Casale Monferrato tomassem medidas para evitar a poluição por amianto, as gerações do povo da cidade poderiam ter sido salvas das consequências fatais da exposição ao amianto da Eternit.

Os capítulos desta monografia documentam as tragédias por amianto causadas pela Eternit em sete países; com mais tempo e recursos, histórias semelhantes poderiam ter sido contadas sobre o dano associado ao nome da Eternit em vários outros países na Ásia, África, América do Norte, América do Sul e Europa. Há limites claros do que pode ser alcançado em uma monografia relativamente curta que trata de um assunto tão amplo. Embora livros sobre a Eternit tenham sido publicados, ao que sabemos, nenhum ainda saiu em inglês. Aos reconhecidos especialistas na

Eternit da Suíça, França, Países Baixos, Bélgica e Itália, por favor, vejam esta monografia como um convite a escrever o tomo definitivo, com uma versão em inglês, sobre o desastre multinacional causado pelas operações de amianto da Eternit.

Os documentos desta coleção foram produzidos, revisados e editados durante alguns meses do ano passado. Devido ao longo processo de produção, em parte devido a atrasos de tradução, haverá

alguns exemplos em que os textos foram ultrapassados pelos eventos.

Por essa razão observamos em cada capítulo a data em que ele foi significativamente alterado pela última vez.<sup>10</sup>

Janeiro de 2012



*A mobilização de toda a comunidade em Casale Monferrato foi mostrada em um documentário intitulado POLVERE - Il Grande Processo Dell'Amianto (PÓ - o Grande Julgamento do Amianto) o qual foi transmitido em canais de TV Belgas, alemães, suíços e franceses em novembro de 2011 e está sendo exibido em festivais de cinema em todo o mundo em 2011-12 (Cap. 12). De 2006 a 2011, os cineastas Niccolò Bruna e Andrea Prandstraller empreenderam uma pesquisa sobre amianto, documentaram ocorrências locais, realizaram entrevistas e rastreamos desenvolvimentos globais. Sua intenção era “concentrar-se nas vítimas de Casale Monferrato, o município que sofreu o grosso da epidemia de doenças do amianto na Itália,” porém, quanto mais coisas eles descobriam, mais eles percebiam que o desastre que testemunharam foi a ponta do iceberg. Com isso em mente, eles decidiram expandir o escopo de seu projeto com a inclusão da cobertura de problemas com amianto no Brasil, um país que produz e usa amianto, e na Índia, o maior importador mundial de amianto. Refletindo o escopo internacional do documentário, versões do filme foram feitas em italiano, francês, espanhol, alemão, português e inglês.*

*A semelhança dos títulos desta monografia e do filme não é coincidência. De fato, a ideia deste livro foi gerada durante conversas em 2008 com os codiretores do documentário. Devido a restrições de formato, especialmente o comprimento prescrito necessário para transmissões de TV, ficou claro que muito material pertinente seria omitido do documentário. Sentiu-se que uma monografia sobre a Eternit e o Grande Julgamento do Amianto aumentaria a visibilidade do filme e complementaria as informações que ele conteve.*

<sup>10</sup> Em uma nota técnica, tomamos a decisão de manter a escolha de ortografia (inglesa ou americana) e estilos de referência feitos pelos autores originais (ou seus tradutores).

## O que é Eternit?



*Eternit tem sido: o nome de dúzias de empresas de fabricação e vários produtos de construção; um grupo industrial multinacional dominante, dois conglomerados de amianto globais, uma marca, uma patente e um termo genérico; em muitos mercados, a palavra “Eternit” é usada para denotar um gama de produtos de construção de cimento de amianto, independente da marca comercial. Mas Eternit é mais, muito mais do que foi descrito nas sentenças precedentes; durante os últimos cem anos, estas sete letras chegaram a representar um processo de produção que usa e elimina seres humanos como parte do ciclo de fabricação.*

## 1. A ETERNIT E O CARTEL SAIAC

Bob Ruers<sup>1</sup>

A multinacional suíça Eternit, gerenciada pela família Schmidheiny, e a multinacional belga Eternit, sob a direção da família Emsens, estiveram entrelaçadas estreitamente e cooperaram uma com a outra por quase setenta anos. Com o intuito de continuar e defender seus interesses no amianto, e principalmente seus interesses no cimento de amianto, elas fizeram uso de um cartel mundial, assim como acordos de preços e mercado.

### Cimento de Amianto

O uso mais importante de amianto indubitavelmente tem sido na produção de cimento de amianto usando o método patenteado por seu inventor austríaco Ludwig Hatschek em 1900.<sup>2</sup> Hatschek chamou seu novo material “Eternit” e registrou o nome. Como o cimento de amianto geralmente consiste de 10 a 20% de amianto com quase todo o resto sendo cimento, além do amianto bruto um suprimento pronto de cimento é requerido em sua produção. Neste sentido, é significativo observar que o empresário suíço Ernst Schmidheiny tinha estabelecido já em 1910 um cartel de cimento na Suíça, e que em 1930 ele teve sucesso, por meio da empresa de propriedade financeira Holderbank Financière,

As primeiras fábricas de cimento de amianto após a chegada do processo de Hatschek foram:

Niederurnen	Suíça	1903
Poissy	França	1904
Ambler, Pa	EUA	1905
Haren	Bélgica	1905
Lomma	Suécia	1906
Casale Monferrato	Itália	1907
Baku, Lublin, Rostow	Rússia	1908
Braila	Romênia	1910

(fonte: D. Steiner, Architektur Beispiele Eternit, 1994, p. 25-26.)

em trazer para seu controle grandes participações em cimento em todos os cantos do mundo.

O empreendedor belga Alphons Emsens foi, em 1905, um dos primeiros a obter uma licença para o processo de Hatschek. Emsens foi ao mesmo tempo capaz de adquirir uma licença do mercado britânico com duração de 18 anos, e fundou lá a firma de G.R. Speaker.<sup>3</sup> Emsens foi proprietário de uma empresa de materiais de construção e

tinha uma participação significativa na firma de cimento de Antuérpia Cimenterie et Briquetterie Réunis (CBR). Em 1922, Ernst Schmidheiny e Alphons Emsens encontraram-se pela primeira vez e sua relação comercial deu início a um período de quase 70 anos de cooperação intensa e lucrativa entre duas famílias empresariais poderosas nas áreas de cimento, amianto e cimento de amianto. Schmidheiny obteve grande parte de ações na firma de cimento de amianto de Emsens e um ano depois Schmidheiny adquiriu participação na CBR. Outro importante produtor de cimento de amianto na Europa Ocidental, o empresário francês Joseph Cuvelier, também tinha histórico em materiais de construção e cimento. Em 1922, Cuvelier entrou em contato com o fabricante da Eternit Belga Jean Emsens, que planejava fundar uma fábrica de cimento de amianto na França. Cuvelier e Emsens firmaram um acordo e decidiram fundar tal fábrica juntos, o que fizeram em setembro de 1922, tendo a nova fábrica iniciado produção em Prouvy antes do final daquele mesmo ano [1],

### Formação de Cartel

Em 1929, Ernst Schmidheiny, junto com a multinacional britânica do amianto Turner & Newall (T&N), fundou o cartel Internationale Asbestzement AG, “SAIAC” [2]. O autor suíço W. Catrina disse o seguinte sobre o cartel em 1985:

“O que Schmidheiny, no campo de cimento e tijolos já tinha conquistado, a saber unindo os produtores em cartéis, após a guerra ele passou a fazer também em relação aos produtores de cimento de amianto.” [3]

O cartel SAIAC foi, junto com o Grupo Eternit de Schmidheiny, fundado em Niederurnen, Suíça. Os fabricantes da Eternit da Áustria, Grã-Bretanha, Espanha, França, Bélgica, Itália e Suíça participaram na constituição do SAIAC [4], o primeiro projeto do SAIAC foi o estabelecimento em 1929 da Duitse Asbest-Zement AG (DAZAG), uma empresa da Eternit em Berlim. Schmidheiny recebeu 27% das ações desta nova empresa, a empresa Eternit Belga, sob a direção de Emsens, recebeu 23%, e as ações restantes foram divididas entre outros participantes. Que nesse momento já existia uma relação próxima entre os membros do SAIAC e a Johns-Manville (J-M), a maior produtora de amianto dos Estados

<sup>1</sup> Bob Ruers é advogado nos Países Baixos especializado em litígios envolvendo amianto. Ele é também o consultor jurídico do Comitê Holandês de Vítimas do Amianto e membro do Senado Holandês. Ele atualmente está finalizando sua tese de PhD sobre a regulamentação do amianto nos Países Baixos. E-mail: ruers@woutvanveenadvocaten.nl.

<sup>2</sup> O autor canadense Cirkel em 1905 disse o seguinte sobre a patente de cimento de amianto de Hatschek: “Uma nova invenção que provavelmente revolucionará todos os sistemas de telhado foi recentemente patenteada na Áustria.”

<sup>3</sup> Quanto a Speaker, a Eternit Building Products Ltd. disse à Comissão Simpson em 1976 que era uma firma: “... que iniciou operações comerciais em 1903 como importadora de materiais manufaturados de cimento de amianto da Eternit Bélgica, e os importava desde então, exceto durante a intervenção das Guerras Mundiais.”

Unidos e proprietária da maior mina de amianto no Canadá, é provado pelo fato que a J-M tinha posse de 10% da Eternit Alemanha. Além das empresas da Eternit, a T&N, que mantinha, entre outras coisas, participações relativamente amplas em minas de amianto na África do Sul, foi um participante importante do cartel. Em seu relatório anual para 1929, a T&N explicou sua decisão de participar do cartel de amianto:

“Tornamo-nos uma parte tão ampla de toda a indústria Nacional, que fomos capazes de providenciar com os principais fabricantes de dez países europeus um Cartel Internacional. A posição da Indústria de Cimento de Amianto na Europa está portanto distribuída, e esperamos grandes benefícios por meio de aprimorada técnica e que economia resulte a todos os envolvidos. Esta Liga das Nações em miniatura tem um grande futuro ante ela, posto que é baseada no princípio da ajuda mútua, que agora remove a atmosfera anterior de desconfiança e suspeita.

Capitalistas em tais condições são bem-vindos pelo Governo do País. Eles não são considerados parasitas, mas, ao invés disso, uma das forças construtivas primárias das quais a evolução da civilização depende.”

A T&N também entrou em detalhes sobre os planos de longo prazo do cartel SAIAC:

“Os objetos deste cartel são, entre outras coisas:

- a troca de conhecimento técnico,
- o estabelecimento na Suíça de um Instituto de Pesquisa para toda a indústria,
- a fundação de novas fábricas em países neutros,
- a organização dos negócios de exportação,
- a padronização da qualidade, e a redução ao mínimo de variedade desnecessária no produto;
- assistência mútua para garantir as matérias-primas necessárias nos melhores termos.

Aqui, novamente, nosso objeto é prover melhor serviço e melhor valor ao consumidor, já que reconhecemos que somente assim fazendo podemos justificar nossas atividades e conservar a confiança pública.” [5]

Sobre a cultura comercial do SAIAC nas primeiras décadas, Catrina tinha isto para dizer:

“O cenário internacional da Eternit dos anos 1920 e nos anos 1930 assemelhava-se a um clã no qual

alguns membros estavam casados uns com os outros, enquanto outros estavam relacionados ou tinham tornado-se amigos como resultado de seus interesses comuns. Durante as reuniões da ‘família’ SAIAC, as pessoas não punham suas cartas na mesa, pois os negócios com este material bem sucedido, amianto, eram uma questão privada. Com base nas conexões e relações internas deste período entre as duas guerras, as filiais da Eternit no oeste industrializado continuam até hoje a ser dominadas por certas famílias poderosas de industrialistas, para quem compromissos financeiros mútuos, no clima desafiante dos anos 80, significam hipotecas cada vez maiores.” [6]

Após 1929, a posição da corporação Eternit Suíça cresceu firmemente. Originalmente, o negócio da família Schmidheiny representava somente uma pequena porcentagem do cartel, mas após quinze anos ele tinha obtido um terço do total. Via o SAIAC, as multinacionais de amianto suíça e belga estiveram também em posição de firmar acordos significativos para amianto bruto. Em 1925, os Grupos Eternit sucederam até mesmo em obter uma concessão do governo soviético para o direito de explorar uma mina de amianto nos Montes Urais, em conjunto com o empresário americano Armand Hammer (1898-1990) [7]. Em 1932, os três maiores países produtores de amianto - Rodésia, Canadá e União Soviética - chegaram a um acordo em princípio em uma reunião em Londres e fundaram conjuntamente a empresa Raw Asbestos Producers Ltd. Nisto, o diretor-gerente da T&N, W. Shepherd desempenhou um papel importante. Em seu relatório de julho de 1933 Shepherd disse o seguinte sobre a situação acerca de amianto bruto no Canadá e nos EUA:

“Na conferência de produtores de amianto organizada em Londres em julho de 1932, pareceu provável que se não houve nenhum embargo sobre a fibra da Rússia no mercado dos Estados Unidos, os russos estariam preparados a concordar com um esquema da cooperação com a Rodésia e o Canadá com base na divisão igual dos mercados mundiais entre estes grupos de produtores, sendo a Rodésia um grupo, a Rússia um segundo e todos os produtores no Canadá e nos EUA o terceiro... Em março de 1933, o embargo sobre a fibra russa no EUA foi removido pela administração Democrática recém instalada, e assim o obstáculo à participação da Rússia em um esquema da cooperação foi removido.”

Que a compra conjunta de amianto e o suporte mútuo para garantir as “matérias-primas necessárias” levou a uma situação na qual o SAIAC foi capaz de alcançar uma posição preferencial lucrativa entre os produtores de amianto, os “Distribuidores de Amianto Bruto,” pode ser provada por um relatório escrito por Shepherd em 1938:

“Em uma reunião de Membros do SAIAC em Zurique em 10 de outubro, o SAIAC foi informado, em nome da Raw Asbestos Distributors Ltd. que a R.A.D. não seria capaz de fornecer-lhes mais de 20.000 tons de fibras de cascalho da Rodésia em 1939 e que a quantidade disponível para o SAIAC poderia ser até mesmo apenas 17.500 tons, que era tudo o que a R.A.D. poderia comprometer-se até então. O Sr. Schmidheiny indicou que a necessidade total de fibras de cascalho do SAIAC em 1939 seria provavelmente cerca de 50.000 tons, e como era duvidoso se seria possível ou desejável fazer um contrato com os russos, o SAIAC, portanto, encontrou-se em uma posição de desejar comprar aproximadamente 30.000 tons de fibras canadenses para entrega em 1939.” [8]

Após Shepherd ser informado pelos proprietários da mina canadense sobre a série de contratos já concluídos e descobrir que Johns-Manville estava obrigado por contrato a certas obrigações a “externos” a preços “que não incluíram nenhum diferencial para proteger o SAIAC,” ele obteve sucesso nas negociações, as quais conduziu em nome do SAIAC com o proprietários da mina canadense, para fazer um acordo com todas as partes. Para isto, foi acordado:

“Que tanto a Corporação Johns-Manville como a Empresa de Johnson concordam que não aceitarão outros negócios de externos na Europa sem impor o diferencial apropriado de 10% ou 12,5% sobre os preços cobrados ao SAIAC, exceto nos casos em que tenha sido aceitado pelo SAIAC que é impossível impor tal diferencial.”

Shepherd concluiu: “este acordo aparentemente é satisfatório a todos os produtores canadenses e é também satisfatório ao SAIAC.”

### A Investigação do SAIAC, 1950

Em 1949, o governo holandês reconheceu asbestose como uma doença ocupacional e levou ao parlamento uma proposta legislativa para

introduzir a “Lei de Silicose,” na qual o risco de asbestose também foi descrito. A proposta legislativa continha uma disposição que autoriza o governo a tomar medidas para limitar o uso de amianto. Este desenvolvimento proveu o ímpeto para que a empresa Eternit Holandesa, em Amsterdã, um subsidiária controlada pelo Grupo Eternit Belga, questionasse à sede do cartel SAIAC na Suíça sobre as experiências de outros membros do SAIAC quanto a asbestose. O cartel SAIAC decidiu, como resultado, conduzir uma investigação entre seus membros. As reações vieram de muitos países: de Dr. Paul Cartier, empregado nas Minas de Thetford em Quebec; de Eternit Pietra Artificiale em Gênova; de DAZAG em Berlim, Everite em Johannesburg e da Turner Asbestos Cement Co. Ltd. (TAC) em Manchester. A TAC observou que:

“Na Grã-Bretanha, por mais de meio século, as Leis de Indenização aos Trabalhadores impuseram aos empregadores a responsabilidade de pagar indenização quando em qualquer emprego ao qual as leis se aplicaram, ‘ferimento pessoal por acidente fora e no decorrer do emprego é causado a um trabalhador’.”

Pela reação da Bélgica Eternit, fica evidente que a firma, desde o início dos anos 1930, correspondia-se com o cartel SAIAC quanto ao risco de asbestose (ver Apêndice):

“Você deve lembrar-se que nós mesmos já chamamos sua atenção à asbestose em nossa carta de 15 de maio de 1931. Em 1933 recebemos o relatório de Dr. E.R.A. Merewether, o qual foi discutido em julho de 1933 na sétima sessão do Comitê de Correspondência de Saúde Industrial da Secretaria Internacional do Trabalho, e desde então temos constantemente nos ocupados com medidas preventivas, das quais estamos cientes já há muitos anos... Quanto à doença propriamente dita, somos da opinião de que não é de fato uma doença ocupacional, posto que somente em um número extremamente pequeno de casos ela apareceu em funcionários expostos a partículas de pó de amianto.”

Somente a Eternit Suíça fez menção explícita de um caso único de asbestose que terminou em morte. Em agosto de 1950, o SAIAC informou todos os seus membros sobre o resultado da investigação, concluindo que não havia risco de asbestose, ou que este era muito baixo.<sup>4</sup> Em setembro de 1950, a Eternit Amsterdã informou os resultados da investigação do SAIAC às outras

<sup>4</sup> Esta informação foi apresentada durante o primeiro processo contra a Eternit nos Países Baixos, levado por três viúvas de (ex)trabalhadores da Eternit

empresas holandesas de cimento de amianto:

“Segue em anexo uma cópia desta exposição. Nela vocês verão que a prática mostrou que nas indústrias de cimento de amianto dos membros afiliados deste escritório - indústrias espalhadas praticamente em todo o mundo - sintomas de asbestose nunca foram observados. Além disso, a conclusão desta investigação é que, quando boas medidas preventivas são tomadas, usando sucção para remover pó etc., a chance de asbestose permanecerá nula. Pode-se supor que tais medidas preventivas na forma de bons sistemas de sucção etc. são aplicadas em toda sua extensão nas fábricas de hoje, pois isso já é exigido pela inspetoria do trabalho. Podemos, portanto, sem mais ações, confirmar que a possibilidade de ocorrência de asbestose (silicose) na indústria de cimento de amianto é nula.”

Em abril de 1953, a Inspetoria do Trabalho dos Países Baixos também observou que as multinacionais de amianto tinham uma enorme influência no uso de amianto. Em uma carta ao Ministério de Assuntos Sociais, o Chefe da Inspetoria do Trabalho de Utrecht observou que amianto ainda era muito usado, mas também observou que em casas de máquinas de navios haviam crescentes reclamações sobre sujeira e desordem causada por borrifos de amianto. Por outro lado, o Inspetor indicou que uma redução significativa do uso de amianto não era esperada a curto prazo porque “as Empresas que controlam as minas têm interesses financeiros extensivos no uso de amianto, e [ocupam] em todos os países uma posição importante que tentarão manter. Elas dirigem sua atenção aos novos materiais de isolamento para preservar e manter sua posição.”

#### TEAM

A cooperação no SAIAC em relação à fundação de empresas de cimento de amianto em países em desenvolvimento foi estruturalmente complementada em 1962 através do estabelecimento de um empreendimento comum sob o nome TEAM. Este acrônimo é derivado dos nomes dos participantes: Turners, Eternit e Manville. O objetivo da TEAM, de acordo com documentos que de 1962 na firma de amianto australiana James Hardie & Coy:

“TEAM é uma Empresa formada pelos três maiores grupos de cimento de amianto no mundo

livre - Turners, Eternit e Manville. Ela visa estabelecer fábricas de cimento de amianto nos países em desenvolvimento que demonstrem necessidade de tais produtos. DE MODO ALGUM ela pode ser denominada monopólio, porque cada parceiro continuará a comercializar competitivamente em todo o mundo. Ela é na verdade um meio pelo qual os riscos financeiros envolvidos em países politicamente ou economicamente instáveis podem ser compartilhados pelos três parceiros, permitindo assim fundar fábricas em circunstâncias que provavelmente desencorajariam um dos parceiros de enfrentar os riscos sozinho.” [9]

Que as corporações que cooperam no SAIAC e a conexão TEAM não hesitavam em apunhalar uma à outra pelas costas é esclarecido pelo “incidente Nigeriano,” descrito nos documentos de James Hardie:

“O incidente Nigeriano envolvia a proposta de uma terceira fábrica no norte da Nigéria. A Turners e a Emsens operam separadamente no leste e no oeste da Nigéria, respectivamente. Um empreendimento conjunto (possivelmente TEAM) foi planejado no norte da Nigéria e uma reunião entre a Turners e a Emsens foi marcada para aproximadamente um mês depois. Entrementes, a Turners alega que eles receberam informações de que os japoneses pretendiam operar no norte da Nigéria e sem consultar a Emsens foi adiante e registrou uma empresa que garantiu operações sem impostos. Ken Neve tinha escrito à Emsens explicando as circunstâncias e sugerindo uma reunião para discutir a divisão de ações na empresa mas a Emsens sentiu-se ofendida pela ação sem consulta da Turners, o que eles declaram ter ocorrido devido a urgência.”[10]

Desde seu princípio, em 1962, o capital de ação da TEAM estava dividido em três partes iguais entre cada um dos participantes [11]. Em 1971, 8,68% das ações da TEAM estavam nas mãos da filial da Eternit Belga, a Compagnie Financière Eternit (CFE), um participação que a CFE aumentou para 20,05% em 1977 [12]. Em 1978, a CFE alocou suas participações ultramarinas em uma empresa separada, a Eteroutremer S.A., para a qual a participação na TEAM também foi

alocada. Naquele mesmo ano, a participação da Eteroutremer na TEAM subiu a 18,04%. Nos anos seguintes esta participação cresceu para 33,90%. A Eteroutremer tinha à sua disposição em 1985, via TEAM, participação em, entre outras, Eternit Gresik, Indonésia; ACIL, Paquistão; e ACIB, Bangladesh. Além disso, em meados de 1986, um grande investimento na China tinha sido acrescentado à pilha na forma da fábrica Guangzhou-Eternit. Em 1989 o Grupo Eternit Belga tinha assumido, do Grupo Eternit Suíça, 25% das ações da CFE, o que significava que seu interesse na CFE crescera para 62,9%. Isso resultou na Eteroutremer assumindo quase todo o capital da TEAM e portanto participações em fábricas de cimento de amianto no México, Colômbia, Argentina, China, Bangladesh, Paquistão, Indonésia, Grécia, Turquia, Senegal e Quênia. O Relatório anual da CFE para 1990 informou participação na TEAM S.A., Luxemburgo, de 96,31%.

Em setembro de 2008, a Eternit Países Baixos afirmou, durante um processo que uma vítima de mesotelioma apresentou contra a empresa, que a TEAM não deve ser vista como um cartel. De acordo com a Eternit, a TEAM não era “um cartel, mas sim uma sociedade financeira à qual a Eternit estava afiliada.”

#### A Comissão dos Monopólios, 1973

Em 1973, a Comissão dos Monopólios do Reino Unido declarou em seu relatório sobre a indústria de amianto britânica que em 1930 a T&N tinha estabelecido acordos “com as empresas continentais da Eternit” quanto à venda de produtos de cimento de amianto. Estes acordos foram denominados como “Esquema Wenham Continental.” Isto significava, de acordo com a Comissão, que a T&N assumiria 80% de todo o mercado do Reino Unido e da Irlanda e que os 20% restantes seriam destinados às corporações continentais da Eternit. Os acordos acima mencionados envolveriam somente o período de 1930 a 1945. O relatório declarava ainda que em 1929 a T&N tinha firmado um acordo com a firma italiana de cimento de amianto SA Eternit Pietra Artificiale para o uso da patente de Mazza em tubos de amianto. Em troca do pagamento de somas de montantes fixos e royalties, a T&N recebeu o direito exclusivo de usar o processo de tubo Mazza no Reino Unido até a data de vencimento da patente [13]. Nas atividades do cartel SAIAC após 1945, a Comissão dos Monopólios não tinha nada a dizer, como foi também o caso da rede de cooperação da TEAM. Em relação à indústria de mineração de amianto e o mercado mundial, a Comissão informou que:

“A maior parte do amianto minado no mundo (país fora do bloco

oriental) é produzido por empresas verticalmente integradas as quais minam e moem o material e fabricam produtos de amianto, a maior empresa deste tipo é Johns-Manville Corporation, de Nova Iorque. Outras participações em mineração verticalmente integradas incluem a Turner & Newall Ltd. e a Cape Asbestos Company no Reino Unido. O maior produtor de fibras de amianto sem participação associada é a empresa canadense, Asbestos Corporation Ltd. ... Afora os grupos T&N e Cape e a conexão de Túnel com as minas de Chipre, nenhum fabricante de produtos de amianto no Reino Unido possui ou retém interesses em operações de mineração.”

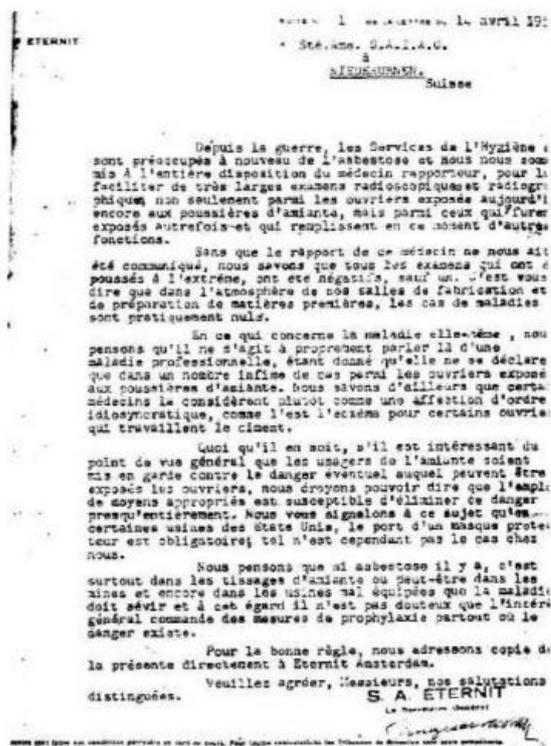
Nisso, a Comissão de Monopólios ignorou completamente as grandes participações em mineração dos assuntos da Eternit Suíça e Belga na África do Sul e Canadá e o fato de que o Grupo Eternit Belga fornecera à Grã-Bretanha produtos de cimento de amianto, assim como produzia-os lá, desde pelo menos 1903.

Março de 2011

#### Referências

1. O. Hardy-Hemery, *Eternit et l'amiante 1922-2000*, p. 18.
2. M. Roselli, *Die Asbestluge*, 2007, p. 79.
3. W. Catrina, *Der Eternit Report*, p. 39.
4. Catrina, 1985, p. 39.
5. T&N Annual Report 1929, p. 9.
6. Catrina 1985, p. 40.
7. Hardy-Hemery, p. 38, 39.
8. Verslag Shepherd “SAIAC and Canadian Raw Asbestos Producers,” on his journey of 15 Oct. - 23 Nov. 1938, p. 2.
9. Relatório de J.R McCormack, Feb. 1962.
10. Informações de M. Peacock Australia
11. CRISP Report 1966, p. 144.
12. CFE Annual Report 1977, p. 16.
13. The Monopolies Commission, 1973, p. 128..

Apêndice



Cavalheiros,

Referência: Asbestose

Recebemos seu memorando N° 13134 datado do dia 6 deste mês, enviado a nosso administrador designado, Sr. André Emsens.

Você deve lembrar-se que nós mesmos já chamamos sua atenção à asbestose em nossa carta de 15 de maio de 1931. Em 1933 recebemos o relatório de Dr. E.R.A. Merewether, o qual foi discutido em julho de 1933 na sétima sessão do Comitê de Correspondência de Saúde Industrial da Secretaria Internacional do Trabalho, e desde então temos constantemente nos ocupados com medidas preventivas, das quais estamos cientes já há muitos anos.

Acreditamos que alcançamos na nossa Divisão de Tubos tudo que é possível, com pó de amianto sendo praticamente existente lá. Em nossa Divisão de Placas [Folhas], a proteção nas moagens e as precauções de vedação das salas de amianto eliminaram o pó em grande escala.

Tomamos a iniciativa de alertar os Serviços Médicos do Trabalho em 1930 enviando a eles a documentação que temos e facilitando o exame de raio x dos funcionários que trabalharam para nós por vários anos em condições que poderiam possibilitar as doenças. Estes exames retornaram negativos.

Desde a guerra, os Serviços de Saúde estão novamente preocupados com asbestose e nos colocamos à disposição do médico de exame para ajudar com as diversas radioscopias e raios x, não só entre os funcionários ainda expostos hoje a pó de amianto, mas também para aqueles que poderiam ter sido expostos no passado e que agora ocupam outros cargos.

Embora não tenhamos nenhum conhecimento do relatório do médico, sabemos que os exames foram tão extensivos quanto possível, e todos, exceto um, foram negativos. Isto mostra que em nossas áreas de produção e matérias-primas, casos de doença são de fato nulos.

Quanto à doença propriamente dita, somos da opinião de que não é de fato uma doença ocupacional, posto que somente em um número extremamente pequeno de casos ela apareceu em funcionários expostos a partículas de pó de amianto. Também sabemos que alguns médicos consideram esta doença uma ocorrência idiossincrásica semelhante ao eczema em caso de alguns funcionários de cimento.

Em todo caso, de um ponto de vista geral, conquanto seja bom que os usuários de amianto sejam alertados do possível perigo ao qual eles podem ser expostos, acreditamos que com meios apropriados é possível eliminar este perigo quase inteiramente. Chamamos sua atenção ao fato de que em algumas fábricas dos Estados Unidos, é obrigatório usar máscara. Este, contudo, não é o caso aqui.

Parece-nos que caso haja asbestose, ela acontece em sua maior parte na produção do amianto, ou possivelmente nas minas, ou em fábricas mal equipadas em que a doença ocorre e neste caso, é claro que o interesse geral requer medidas de controle onde quer que haja perigo.

Como de praxe, enviamos uma cópia desta carta diretamente à Eternit Amsterdã.

Atenciosamente.

S. A. ETERNIT

## 2. O IMPÉRIO DE FAMÍLIA SCHMIDHEINY

Adrian Knoepfli<sup>1</sup>

De acordo com o *Neue Zürcher Zeitung*, os Schmidheyns constituem a “mais conhecida dinastia comercial da Suíça,” e Max Schmidheiny o “maior industrialista da Suíça” [1]. Como os Schmidheyns, que içaram a bandeira da globalização desde cedo, chegaram aonde agora estão?

### Tijolos e Cimento

O histórico do império de Schmidheiny começou em Heerbrugg, uma pequena aldeia no Vale de Reno, na parte oriental da Suíça. Jacob Schmidheiny (1838-1905), o avô de Max Schmidheiny, foi o filho de um alfaiate e originalmente um tecelão de seda [2]. Após ter tentado a sorte como fabricante têxtil, ele estabeleceu uma série de trabalhos com telhas, iniciando em 1870. Antes disto, ele comprou o Castelo Heerbrugg com um empréstimo de um estrangeiro virtual; o castelo permaneceu na família até o início do século vinte e um. Em 1906, Ernst Schmidheiny (1871-1935), filho mais velho de Jacob, começou a produzir cimento. Isso conseqüentemente levaria à criação do vasto conglomerado global do Schmidheyns, Holderbank; nome derivado do local de uma fábrica na qual Ernst Schmidheiny adquiriu participação antes da Primeira Guerra Mundial.

Desde 1911, os industrialistas de cimento suíços fundaram um cartel que controlou preços e limitou a produção (isso garantiu lucros amplos para a indústria de cimento suíça por muitos anos; até a década de 1990, de fato). Ao mesmo tempo a indústria sofreu consolidação extensiva, resultando na eliminação de maior parte das entidades mais fracas, independentes.

Entre as guerras, a Holderbank expandiu-se no exterior, e em 1944 era uma corporação internacional de tamanho considerável com empresas de cimento na Suíça, Países Baixos, Bélgica, Grécia, Egito, Síria, Argentina, Brasil e Peru. Após a Segunda Guerra Mundial, continuou a expandir-se rapidamente, estabelecendo-se na África do Sul, Canadá, e Estados Unidos. Após a queda do Muro de Berlim, o conglomerado rapidamente apareceu na Europa Oriental, e então iniciou operações na Ásia. Antes de 1991, mais de 360 empresas em vinte países em cinco continentes pertenceram à Holderbank. Os objetivos estratégicos foram expressos como globalização, verticalização e expansão de serviços. Em 2010, a Holcim (nome da Holderbank desde 2001) empregou mais de 80.000 pessoas em aproximadamente setenta países. Com um volume de negócios de 21,65 bilhões de francos de suíço, a corporação teve lucro líquido de 1,62

bilhões de francos [3].

A Indústria de Madeira, Instrumentos Óticos, e a Eternit

O escopo das atividades dos Schmidheyns não limitou-se jamais a telhas e cimento. Em 1920, Ernst Schmidheiny, com um sócio, assumiu a Swiss Eternit-Werke AG em Niederurnen, uma empresa que tinha sido fundada em 1903; em 1923 ele tornou-se membro do conselho de administração da Gips-Union AG Zurique; e no ano seguinte fundou a Holzindustrie AG (Hiag). O irmão de Ernst, Jacob Schmidheiny (1875-1955) adquiriu participação na fábrica automobilística Safir e em 1921 junto com dois outros fundou a Heinrich Wild, Werkstatte für Feinmechanik und Optik, que depois se tornou a Leica. Em 1928, a Eternit adquiriu uma subsidiária alemã, a Deutsche Asbestzement AG Berlim.

No período entre guerras houve uma divisão inicial de fato do império, em que Jacob Schmidheiny encarregou-se do negócio de telhas enquanto Ernst Schmidheiny ficou responsável pelo negócio de cimento. A firma Wild, que assumiu a empresa alemã Leitz em 1972/1974, foi mantida pela família até a década de 1990.

O homem que inventou o cimento de amianto, Austrian Ludwig Hatschek, licenciou seu produto (registrou “Eternit”) em cada país, isto é, somente uma licença foi permitida para qualquer país. Com uma exceção, a firma holandesa Martinit, os titulares da licença foram obrigados a usar a palavra “Eternit” tanto no título de sua empresa como no nome de seu produto. Isso levou a uma série de empresas chamadas Eternit, a maior parte da qual não estavam relacionadas, pelo menos inicialmente. Mas isso mudaria: duas empresas nacionais Eternit, em particular, Eternit Bélgica e Eternit Suíça (controladas pelos Schmidheyns), destacaram-se e fundaram subsidiárias Eternit no exterior. Após a Segunda Guerra Mundial, ambas multinacionais continuaram a expandir seu alcance global. No auge da produção de amianto, os Schmidheyns controlavam Fábricas da Eternit em dezesseis países, empregando 23.000 funcionários, e tinham participação em fábricas, através de suas ações no Grupo Eternit Belga (que pertencia à família Emsens), em outros dezesseis países. O volume de negócios anual do Grupo Eternit Suíço em meados da década de 1980 era dois bilhões de francos suíço, enquanto o Grupo Eternit Belga tinha um volume de negócios de dois bilhões de francos, dos quais os Schmidheyns possuíam ações de aproximadamente 20%. Em 1989, o Grupo Eternit Suíço separou-se de Grupo Eternit

<sup>1</sup>Adrian Knoepfli: Jornalista Econômico, Zurique, Suíça; e-mail: adrian.knoepfli@bluewin.ch Documento traduzido do alemão por Penny Milbouer.

Belga [4],

Max Schmidheiny, que tinha encarregado-se do Grupo Eternit Suíço em 1967, foi sucedido por seu filho Stephan em 1975. Em 1978, Stephan Schmidheiny anunciou que a Eternit planejava parar de fabricar produtos contendo amianto, e a Eternit começou então a mudança para produtos sem amianto.

#### Max, Ernst, e Peter

O que pode ser chamado a terceira geração dos Schmidheiny, a saber os irmãos Ernst (1902-1985) e Max (1908-1991) junto com seu primo Peter Schmidheiny (1908-2001), continuou o negócio da família e o estendeu. Peter Schmidheiny assumiu, no lugar de seu pai Jacob, a presidência do grupo de telha, que tinha mudado seu nome para Ziircher Ziegeleien, assim como os trabalhos de engenharia de Escher Wyss em Zurique, que Jacob Schmidheiny e um sócio tinham adquirido em 1936. Os renomados trabalhos da Escher Wyss tinham passado a tempos difíceis durante a crise econômica mundial e tinham sobrevivido graças somente à intervenção e ajuda da bolsa pública. Em 1966, os Schmidheiny venderam a Escher Wyss à empresa de engenharia Sulzer, com sede em Winterthur, concedendo à família Schmidheiny, em troca, um assento no conselho de administração da Sulzer. Em 1999, esta filial da família, agora representada pelo filho de Peter, Jacob (nascido em 1943), deixou o negócio de telhas, que foi vendido à entidade austríaca líder do setor, a Wienerberger. Após isso, o nome da firma foi mudado de Ziircher Ziegeleien para Conzzeta, que agora está no ramo de engenharia, construção de plantas, materiais espumantes, mercadorias esportivas, revestimentos de grafite e imóveis.

Max Schmidheiny, conhecido em seu círculo como “Sir Max” e ocasionalmente ativo politicamente, foi a figura mais distinta desta terceira geração. Sob sua liderança, com a ajuda do irmão Ernst, a Holderbank (agora Holcim) foi “forjada em seus componentes essenciais,” a Wild Heerbrugg (agora Leica) “uma marca líder em ótica” e a Eternit “material de construção em demanda em todo o mundo.” A Hiag, que produz fibras, compensado e assoalho de madeira, tornou-se líder de mercado. Foi adquirida na década de 1970 por Gustav Grisard, que tinha entrado na família Schmidheiny através de um casamento [5].

#### ABB, Swissair, e os Grandes Bancos

Os Schmidheiny não somente tinham seu próprio império, mas estavam de muitas formas conectados a outros setores industriais, tais como energia, transporte e grandes bancos suíços. Em 1959, Max Schmidheiny foi o ímpeto para a fundação da Swisspetrol, que então

começou a explorar petróleo na Suíça. Ele então tornou-se figura respeitada na empresa tecnológica BBC (agora ABB) [6]. Ele foi também membro do conselho de administração, entre outras, na Motor-Columbus, na empresa de eletrônica Landis & Gyr, no Genfer Versicherungen (grupo de seguros), na Zurcher Privatbank und Verwaltungsgesellschaft, e a Ferrovia Suíça (SBB). Ernst Schmidheiny moldou significativamente a história da empresa aérea nacional, Swissair, como presidente do conselho [7].

O três grandes bancos suíços (na época) dividiram os Schmidheiny entre eles: Max e Peter Schmidheiny foram ao Schweizerische Kreditanstalt (SKA, agora Credit Suisse) e Ernst Schmidheiny ao Schweizerische Bankgesellschaft (SBG, agora UBS). Na geração mais jovem, Stephan Schmidheiny tornou-se membro do conselho do SBG; Thomas Schmidheiny do SKA; e o filho Peter, Jacob, no Schweizerischer Bankverein (SBV, fundido em 1998 com o SBG para tornar-se o UBS).

#### Distribuição do Patrimônio

Quando a quarta geração assumiu, a enorme fortuna de Max Schmidheiny foi distribuída entre seus filhos em 1984. Thomas Schmidheiny (nascido em 1945) adquiriu a empresa de cimento Holderbank e Wild-Leitz; seu irmão mais jovem Stephan (nascido em) adquiriu a Gipsunion e a Eternit. O terceiro filho, Alexander (1951-1992), assumiu a empresa de cera de esqui Toko em 1982, que então tornou-se parte da Zurcher Ziegeleien onze anos depois, após a morte prematura de Alexander. Em 1989 houve uma troca: a Wild-Leitz foi para Stephan Schmidheiny, que entregou a Gipsunion e a Eternit Suíça a Thomas em troca.

Enquanto Thomas Schmidheiny optava pela continuidade da Holderbank, Stephan diversificava em outros setores, por exemplo, o comércio de aço e construção metálica, nos quais compras e vendas muitas vezes aconteciam uma após a outra. Stephan Schmidheiny investiu cedo na América Latina [8]. Além das empresas já mencionadas, ele assumiu de seu pai tanto a Zurcher Privatbank und Verwaltungsgesellschaft, que ele vendeu à SBG em 1989, como a participação acionária da BBC. Ele investiu junto com Nicolas G. Hayek na empresa de relógios SMH (agora Grupo Swatch) em 1985/86; em 1987 ele comprou participação na empresa de eletrônica Landis & Gyr. Em 1994, Stephan Schmidheiny tinha o controle de suas várias propriedades (Anova, Unotec, Nueva), Leica (antiga Wild-Leitz), Landis & Gyr, e a empresa internacional Cosa Liebermann; ele manteve ações na ABB, Merkur (comércio varejista), Globus (loja de departamento), e BB Industrie Holding; ele também esteve no conselho de

administração do conglomerado internacional de alimentos Nestlé [9].

#### Stephan Schmidheiny Sai da Indústria Suíça

Na segunda metade da década de 1990, Stephan Schmidheiny acelerou sua saída gradual, provavelmente motivada pelas crises estruturais graves da indústria suíça e a dedicou sua energia à América Latina e a atividades culturais e caridade. A Leica foi dividida em três empresas em 1996 e 1997: Leica Camera, Leica Microsystems, e Leica Geosystems, todas as quais passaram a novos proprietários [10]. Para financiar seus esforços de caridade na América Latina, onde, entre outras coisas, ele restaura florestas tropicais e apoia pequenas e médias empresas, Stephan Schmidheiny criou as fundações Fundes (1986) e Avina (1994) além de seu Grupo Nueva [11]. Em 2003 a Truste Viva nasceu, na qual Schmidheiny pôs seus negócios de material de construção concentrados no Grupo Nueva, uma doação de aproximadamente um bilhão de francos de suíços. E então o Grupo Nueva vendeu todas essas ações e investiu na Masisa, que possui empresas de processamento de toras e madeira no Chile, Argentina, Brasil, Venezuela e México. De acordo com o Welt am Sonntag (um semanário alemão), Schmidheiny é o “mais dedicado patrocinador de arte latino-americana no mundo inteiro” [12] com sua Daros-Latin-America AG, uma coletiva suíça privada sediada em Zurique. Ao final da década de 1990, Stephan Schmidheiny retirara-se de todas as responsabilidades por operações e gestão [13]. Mas seu dinheiro continua a “trabalhar.” Por exemplo, em 2008 ele comprou participação na empresa de serviços de expansão de mercado global DKSH. Naquele momento foi anunciado que ele quis expandir conexões entre a Ásia e a América Latina [14].

#### A Lenta Aposentadoria de Thomas Schmidheiny

Durante os últimos anos, Thomas Schmidheiny também se retirou das operações cotidianas de negócios, em parte voluntariamente e em parte involuntariamente. Ele continua como membro do conselho de administração do conglomerado de cimento Holcim, o segundo maior do mundo na área, atrás somente da Lafarge. No final de 2010, ele ainda tinha participação de 18,2 por cento na Holcim; o segundo maior acionista da Holcim era a empresa russa Eurocement Holding com 10,1 por cento em setembro de 2011 [15]. A retirada de Thomas Schmidheiny foi acelerada por uma série de eventos desagradáveis, o primeiro dos quais foi uma acusação de insider trading. Em dezembro de 2000, em uma reunião do conselho de administração da empresa de mineração Xstrata, sediada em Zug, Suíça, ele foi informado de que haveria uma fusão com a empresa espanhola Asturiana de Zinc (Azsa). Quatro dias depois ele comprou ações da Azsa,

cujo valor subiu cerca de 2 milhões de francos suíços após o anúncio da oferta da fusão na compra da Xstrata. Mas os detalhes vazaram ao público. No início do janeiro de 2001 ele vendeu sua participação pelo seu preço de compra à Xstrata. As autoridades espanholas iniciaram um julgamento, que resultou em uma multa de 1,5 milhões de euros. Sob da pressão dos eventos, Thomas primeiro renunciou seu cargo em operações, depois seu cargo como o presidente da Holcim; em seguida renunciou os conselhos da Xstrata e do Credit Suisse Group [16].

O verniz na fachada do industrialista surpreendentemente próspero continuou a rachar com a falência da Swissair, da qual ele foi vice-presidente. Em março de 2001, antes mesmo do colapso final, todo o conselho de administração da Swissair, composto dos melhores entre os melhores, inclusive de Thomas Schmidheiny, renunciou, exceto um. Posteriormente, os membros do conselho, parte da alta administração da Swissair, e alguns externos foram levados a julgamento, mas os dezenove réus foram inocentados em 2007. “Erros foram cometidos, os quais foram punidos com ruína financeira, mas nenhum dos dezenove réus cometeu um ato criminal sob a lei,” afirmou o Neue Zürcher Zeitung [17]. Em 2002, Thomas Schmidheiny consolidou suas participação industriais e privadas na Office Spectrum Value Management Ltd., de sua família, na qual não só manteve seu investimento na Holcim, mas também investimentos em biotecnologia, e participação no patrimônio: da Siegfried, empresa suíça de produtos químicos finos; do Grand Hotel Quellenhof & Spa Suites na cidade spa Suíça de Bad Ragaz; e de vinhedos na Suíça, Vale Napa na Califórnia, Austrália e Argentina. A geração de Max e Ernst Schmidheiny também tinha investido em hotéis.

Os Schmidheiny certamente não são mais os capitães da indústria, mas eles estão ainda entre o mais rico da Suíça. A fortuna de Thomas Schmidheiny, calculada em 2007 como 7,5 bilhões de francos suíços, foi estimada em 4,5 bilhões de francos em 2010 pela revista de negócios Bilanz. Isso ainda é um bilhão a mais que em 2004. A fortuna de Stephan Schmidheiny é estimada pela Bilanz em 3,5 bilhões de francos, um bilhão a menos que em 2007 [18].

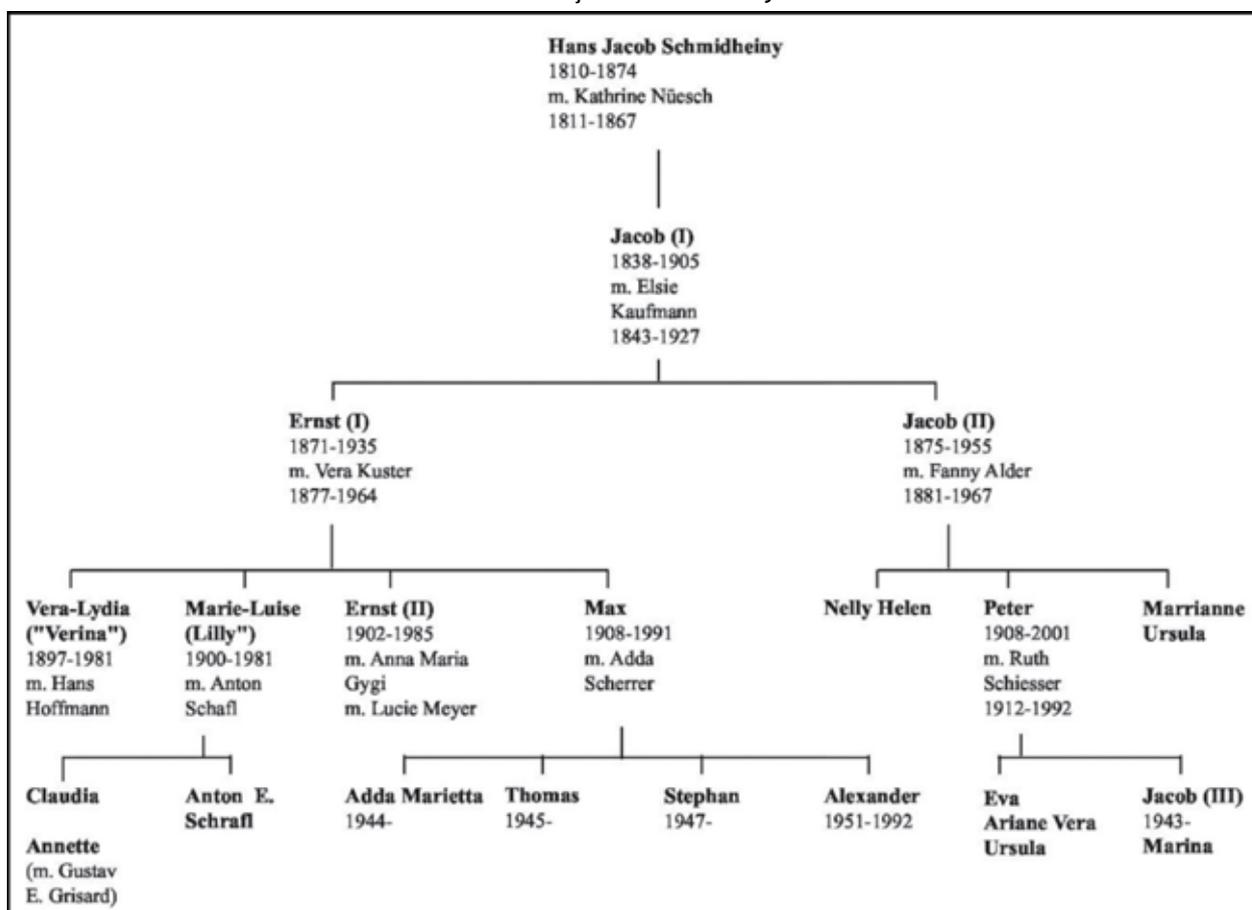
Setembro de 2011

#### Referências

1. Gerhard Schwarz, “Unternehmerische Kraft und gesellschaftliche Sensibilität,” *Neue Zürcher Zeitung*, April 3, 2008. Carl M. Holliger, *Die Reichen und die Superreichen in der Schweiz* (Hamburg 1974), p. 13.
2. Ver Hans O. Staub, “Von Schmidheiny zu Schmidheiny,” *Schweizer Pioniere der*

- Wirtschaft und Technik*, Vol. 61 (Meilen 1994), para a ascensão da família Schmidheiny. Ver também Werner Catrina, *Der Eternit-Report, Stephan Schmidheiny's schweres Erbe* (Zürich 1985).
- Annual Report, Holcim 2010.
  - Catrina, Eternit-Report, pp. 238-239. Ver também o artigo "O que a empresa Eternit é agora" neste volume. Para a história da Eternit, vá para [www.eternit.ch](http://www.eternit.ch). Para fibras e suas consequências devastadoras, ver Maria Roselli, *Die Asbestlüge, Geschichte und Gegenwart einer Industriekatastrophe* (Zurich 2007).
  - Schwarz, *Unternehmerische Kraft*. Adrian Knoepfli, "Auf internationalem Parkett," *Handelszeitung*, No. 31, 2 de Agosto de 2001.
  - Para o papel da família Schmidheiny na BBC, ver Staub, "Von Schmidheiny zu Schmidheiny," pp. 139-144.
  - Staub, "Von Schmidheiny zu Schmidheiny," pp. 139-144.
  - Ver o artigo de Dan Berman "Magnata do Amianto ou Guru Ambiental," neste volume Cap 3.
  - Erik Nolmans, "Gesucht: Erfolgserlebnis," *Facts* 24/1995.
  - Jörg Becher, "Im Nebel von Landis & Gyr," *Bilanz*, 7/97. Para a história da Leica, ver: [http://www.leica-geosystems.com/media/new/product\\_solution/Jubilaumsbroschuere.pdf](http://www.leica-geosystems.com/media/new/product_solution/Jubilaumsbroschuere.pdf).
  - Annual Report*, Avina 2009.
  - Welt am Sonntag*, No.49, 3 de Dezembro de 2006.
  - René Lüchinger e Ueli Burkhard, *Stephan Schmidheiny, Sein langer Weg zu sich selbst, Erbe – Unternehmer - Philanthrop* (Bern 2009), p. 244. em <http://www.gruponueva.com>.
  - Neue Zürcher Zeitung*, 8 de Maio de 2008.
  - Annual Report*, Holcim, 2010. Press release, Holcim, September 16, 2011.
  - Tages-Anzeiger*, 31 de Março de 2011. Para os desenvolvimentos mais recentes da Holcim, ver Jörg Becher, "Wir sind kriegserprobt," Interview with Thomas Schmidheiny in *Bilanz* 18/2009 em <http://www.bil-anz.ch/people/gespraech/wir-sind-kriegs-erprobt>.
  - Neue Zürcher Zeitung*, 8 de Junho de 2007.
  - "Die 300 Reichsten 2010" em <http://www.bilanz.ch>.

#### As Gerações Schmidheiny\*



\*A versão resumida desta árvore genealógica da família Schmidheiny pretende esclarecer a relação entre membros do clã mencionados no artigo acima. Quando nenhum detalhe é apresentado, ou quando os nomes foram agrupados, a ordem de nascimento é preservada (abaixo dos nomes listados e da esquerda para a direita).

### 3. MAGNATA DO AMIANTO OU GURU AMBIENTAL: OS JULGAMENTOS DE STEPHAN SCHMIDHEINY

Daniel M. Berman<sup>1</sup>

O que Stephan Schmidheiny, antigo proprietário exclusivo da Eternit, fez com os bilhões de sua venda das propriedades de amianto da Eternit no final da década de 1980? Entre 1984 e 1999, o valor líquido de Schmidheiny dobrou de US\$ 2 bilhões para US\$ 4,4 bilhões. Agora, após a doação de pelo menos um bilhão de dólares a uma fundação que ele controla, a Forbes estimou que seu valor líquido foi reduzido a US\$ 2,9 bilhões no início de 2011 [1].

Parte do que Schmidheiny fez foi investir em propriedades florestais latino-americanas. De acordo com contas suíças, Stephan Schmidheiny começou a comprar terra florestal chilena em 1982, e antes de 2000 ele possuía mais de 120.000 hectares no sul do Chile, perto de Concepcion, terra que os índios Mapuche reivindicam ser sua desde tempos imemoriais. Os Mapuche denunciam que uma parte do que Schmidheiny comprou foi roubada deles durante a ditadura de Pinochet, usando as técnicas padrão de intimidação e tortura do regime. As propriedades chilenas de Schmidheiny, controladas por sua afiliada Terra Nova, são por sua vez controladas pela Nueva, empresa de holding de Schmidheiny sediada na Suíça, o que o torna um dos maiores proprietários de propriedades florestais do Chile. (A Nueva também controla empresas na América Latina que empregam milhares na produção de tubos, materiais de construção e na plantação e colheita de vasto número de árvores.) Os negócios da Terra Nova são tão controversos que Huilcamans, Presidente do Consejo de Todas las Tierras dos Mapuches, viajou à Suíça em 1999 para convencer Schmidheiny da injustiça de algumas das atividades de sua subsidiária. De acordo com uma fonte, a Schmidheiny encaminhou o presidente Mapuche a HansUlrich Spiess, representante suíço da Terra Nova, que considerou as acusações “absurdas”. Spiess afirmou que Terra Nova tinha “título legal” baseado em procedimentos legais do Chile, e que “Se retrocedermos o suficiente, sempre encontraremos alguém a quem a terra pertenceu em algum momento no passado.” Schmidheiny nunca deu declarações públicas sobre o regime ditatorial de Pinochet no Chile, mas foi citado em um discurso como tendo dito que: “Um país de Terceiro Mundo que opta por uma economia de mercado livre liberal deve ter um estado forte.” [2]

Schmidheiny usou sua participação “filantrópica”

na América Latina para criar a impressão de ter inventado um novo paradigma ambiental baseado no slogan “ecoeficiência” incitado pelas representações “da sociedade civil.” O progresso ocorre, ele acredita, quando a “sociedade civil... [isto é]... milhões de mulheres e homens fora do governo” através de “acesso” a “know-how administrativo” e “capacidade de angariação de fundos” são “autorizados” a transformar seus países, uma forma indireta de defender “nenhuma interferência governamental nos negócios” [3]. A “ecoeficiência” de Schmidheiny e os paradigmas da “sociedade civil” não incluíam um imperativo para informar empregados de cimento de amianto que suas tarefas os matavam - ou que a Eternit tinha um dever moral e legal de compensar aqueles cujas vidas tinham sido sufocadas pela exposição ao amianto. Ao que parece o velho paradigma “privatizar os lucros/socializar as perdas” triunfaram sobre o novo paradigma “ecoeficiência/sociedade civil” das vítimas de seu antigo império Eternit em 35 países, algumas das quais Schmidheiny deve lembrar-se de seu trabalho como aprendiz de feitor no chão de fábrica na maior planta brasileira da Eternit, em Osasco, São Paulo, no início da década de 1970.

Em 1950 o pai de Stephan, Max Schmidheiny, proprietário exclusivo da Eternit, escreveu à subsidiária holandesa da empresa sobre a pesquisa recente em asbestose. Em 1971, Max foi citado criticando Johns-Manville, a gigante americana do amianto, por incluir alertas em sacos de amianto exportado de suas minas em Quebec [4]. No final da década de 1970, Stephan Schmidheiny - que havia substituído seu pai como proprietário - tinha ordenado aos pesquisadores de sua firma que desenvolvessem formas de produzir painéis de cimento de fibra que usassem fibras de planta. A Eternit começou até a produzir painéis de cimento de fibra utilizando fibra de planta em vez de fibras de amianto em sua fábrica de Ricalit, na Costa Rica. Mas, por vários motivos, inclusive a oposição de sua própria equipe de engenharia e dos parceiros locais da Eternit em todo o mundo, a estratégia de substituição do amianto demorou para entrar em vigor, portanto Schmidheiny findou vendendo todas as suas fábricas de cimento de amianto antes de 1990, em uma tentativa de transferir a responsabilidade pelas mortes relacionadas ao amianto a novos proprietários.

*APOSTANDO O FUNDO DE PENSÃO? Em 1987, Stephan*

<sup>1</sup> Dan M. Berman PhD: autor de *Death On the Job*, co-autor (com John T. O'Connor) de *Who Owns the Sun* e co-editor de *Health and Work Under Capitalism: An International Perspective*; email: danberman@gmail.com

*Schmidheiny comprou a Landis & Gyr, uma firma controlada por uma família, a qual foi uma das empresas líderes mundiais em controles automáticos para edifícios. Em 8 anos ele eliminou 3.000 empregos, e, em 1994, o fundo de pensão da Landis & Gyr perdeu US\$ 300 milhões em especulação no mercado de ações. Os funcionários e a sindicato afirmaram que Schmidheiny estava completamente consciente dos riscos que a gestão assumia com o fundo de pensão dos funcionários e que ele tinha apoiado a decisão “imoral” de reter contribuições da gestão ao fundo [5],*

Schmidheiny, durante a venda de suas propriedades suíças e sua transformação em banqueiro e especulador, fez um esforço ativo para integrar-se diretamente nas esferas mais altas da sociedade americana como empresário e filósofo ambiental. Em 1992 ele publicou *Changing Course: A Global Business Perspective on Development and the Environment* [6], que sustentava que o desenvolvimento capitalista racional - com base em seu conceito de “ecoeficiência” - era a solução de longo prazo tanto para devastação ambiental como para diminuição dos lucros. Ele pôs seu dinheiro e influência no conceito, fundando e financiando o Conselho Comercial Mundial para Desenvolvimento Sustentável (WBCSD), que definiu o tom da participação industrial e comercial na Conferência Internacional do Meio-Ambiente e Desenvolvimento no Rio de Janeiro em 1992 [7]. Uma pergunta que a análise de Schmidheiny nunca responde é: o que deve ser feito quando as empresas se recusam a praticar “ecoeficiência”? Essa escolha pareceu ter sido deixada às próprias empresas.

Durante a década de 1990, Schmidheiny participou do Conselho de Administração do Museu da Arte Moderna, em Nova Iorque, e foi também um participante ativo e conferencista no Centro Yale de Lei e Política Ambiental da Faculdade de Direito de Yale. Na prática, Stephan Schmidheiny decidiu “pegar seu dinheiro e correr” do iminente desastre do amianto da Eternit, e reinvesti-lo em florestas sul-americanas, materiais de construção e empresas eletrônicas e em projetos de livro, grupos “populares”, universidades e empreendimentos “filantrópicos” em todo o mundo, enquanto deixava trabalhadores doentes e moribundos à sua própria sorte. Ele lançou-se no palco do mundo, metamorfoseando-se magicamente em um pensador ambiental e benfeitor, e teve esse papel santificado por respeitadas instituições educacionais [8], como a universidade de Yale, que deixou de lado, com prazer, a origem letal de sua fortuna de bilhões de dólares. Ao conceder a Schmidheiny o título honorário de “Doutor de Ciências Humanas” em 1996, a Yale louvou-o nos

seguintes termos:

“Não satisfeito em ser um administrador de negócios familiares, você usou seu papel corporativo para promover a administração do meio-ambiente global. Você tomou decisões comerciais com base na saúde do planeta, introduzindo novas tecnologias e formas de fazer negócios que são amistosos ao meio-ambiente. Ao trazer sua mensagem aos principais industrialistas do mundo, você ajudou a criar uma visão atingível de uma economia global baseada no desenvolvimento sustentável e ecologicamente sólido.” [9]

Até o momento, o conceito de Schmidheiny de “administração” não incluiu uma aceitação pública franca da responsabilidade moral e financeira pelo sofrimento e mortes causados pela produção e venda de produtos de amianto da Eternit em todo o mundo. Mas em Osasco, Brasil, um grupo de funcionários da planta de cimento de amianto da Eternit, liderada pela Ministra do Trabalho, a engenheira de segurança Fernanda Giannasi, fundou a Associação Brasileira de Pessoas Expostas ao Amianto (ABREA) para lutar por justa indenização, assistência médica e banimento do amianto, uma luta por justiça no que Giannasi chamou de “guerra invisível” contra os trabalhadores [10]. Além disso, Schmidheiny está em julgamento em Turin, acusado de causar intencionalmente um desastre ambiental, falhar em atender regras de segurança e negligência. Os reclamantes que exigem indenização neste julgamento criminal totalizam mais de 6.000 pessoas, inclusive sobreviventes de doenças do amianto e os parentes de aproximadamente 2.200 pessoas mortas por exposição ao amianto da Eternit. Raflaele Guariniello, Promotor Público de Turin, pediu sentenças de 20 anos de reclusão para Schmidheiny e para o corréu Barão Louis de Cartier de Marchienne, da Bélgica [11]. A decisão de um painel de três juizes é esperada para o início de 2012. Há uma década atrás, Stephan Schmidheiny contou ao *Wall Street Journal* “Prometo que nunca irei a uma prisão italiana.” Desde então, ele tem recusado em conceder entrevistas de imprensa [12], e não tem expressado nenhum remorso público quanto ao sofrimento e morte que sua firma causou [13]. Só Stephan Schmidheiny, seguro em sua mansão na beira de um lago na Suíça ou em sua fazenda La Pacifica na Costa Rica, pode dizer-nos se ouve, em seus sonhos, os fantasmas dos trabalhadores do amianto mortos clamando por justiça.

Outubro de 2011

## Referências

1. Ver [www.forbes.com](http://www.forbes.com), que em 1999 considerou Stephan Schmidheiny como uma das 100 pessoas mais ricas no mundo. O valor de US\$ 2 bilhões em 1985 é do livro de Wemer Catrina, *Eternit: Stephan Schmidheiny's Schweres Erbe [Eternit: A Difícil Herança de Stephan Schmidheiny]*. Zürich: Orell Füssli; 1985. A última estimativa de sua fortuna pela *Forbes* foi em Março de 2011.
2. Dominik Flammer. Chiles Vergangenheit holt Schmidheiny ein [O Passado do Chile Alcança Schmidheiny], *Weltwoche*, Zürich, 18 de Fevereiro de 1999; também Ulrich Achermann. Schmidheiny & Co: Indianers Setzen Wälder in Brand [Schmidheiny & Co: Índios Incendeiam Florestas]. *Weltwoche*, Feb. 25, 1999. [www.weltwoche.ch/](http://www.weltwoche.ch/). Uma visão mais receptiva de Schmidheiny está disponível em Wemer Catrina. Stephan Schmidheiny's Ferne Wälder [As Florestas Distantes de Stephan Schmidheiny]. *Tages-Anzeiger*, Zurich, 23 de janeiro de 1997. [www.tages-anzeiger.ch/archiv/](http://www.tages-anzeiger.ch/archiv/). Wemer Catrina é também autor de *Eternit: Stephen Schmidheiny's Schweres Erbe [Eternit: A Difícil Herança de Stephan Schmidheiny]*, Zürich: Orell-Fussli; 1985. Para um esboço das condições e práticas de de saúde na fábrica de Osasco em 1983, ver artigos de Daniel M. Berman: Asbesto (Amianto) no Brasil: Ameaça à Saúde dos Trabalhadores e da População. *Trabalho e Saúde*, publicado pelo Departamento Intersindical de Estudos e Pesquisas de Saúde (DIESAT), São Paulo, julho/agosto de 1985 (artigo de capa); Asbestos and Health in the Third World: the Case of Brasil. *International Journal of Health Services*, 2nd quarter, 1986; Amiante et Santé dans le Tiers Monde, le cas du Brésil. In Dr. Annie Thébaud- Mony (ed.) *L'Envers des Sociétés Industrielles: Approche Comparative Franco-Brésilienne*. Paris: Éditions L'Harmattan; 1990.
3. Stephan Schmidheiny. Missing the Boat on Foreign Aid. World Resources Institute, WRI Perspectives, Fev. 2000. [www.wri.org/](http://www.wri.org/).
4. Barry Castleman. O Julgamento Criminal de Stephan Schmidheiny em Turin. Neste volume, Cap. 10.
5. Ver artigos de Adrian Knoepfli's: Beschäftigte al Manoevriermasse, Von Schmidheiny über ELEC-trowatt zu Siemens. *SMUV-Zeitung* No. 9, 26de fevereiro de 1997; Die Karten wurden neu verteilt, SKA, SBG, Elektrowatt, Schmidheiny, Winterthur, Rueck. *Daz*, 22 de dezembro de 1995; and Ein neues Buch Über die Schmidheiny's, Stephan, Thomas, Jacob. *Wer ist Wer?* 30 de dezembro 1994.
6. Published pela MIT Press, Cambridge, Massachusetts.
7. Para uma compreensão do papel de Schmidheiny and do WBCSD, ver o brilhante mas pouco conhecido livro de Pratap Chatterjee e Matthias Finger's *The Earth Brokers: Politics, and Development*. London & New York: Routledge; 1994.
8. Ver Thorstein Veblen. *The Theory of the Leisure Class*. MacMillan; 1899, capítulo 14, "The Higher Learning as an Expression of the Pecuniary Culture," para uma divertida análise do uso de universidade em grandes negócios.
9. 1996 *Stephan Ernest Schmidheiny, Doctor of Humane Letters*, [http://www.stephanschmidheiny.net/files/file/awards/E\\_6\\_3-Aw-4\\_Yale.pdf](http://www.stephanschmidheiny.net/files/file/awards/E_6_3-Aw-4_Yale.pdf), download de 30 de março de 2011.
10. A citação de "Guerra invisível" é do discurso de Fernanda Giannasi ao receber o prêmio do Departamento de Saúde Ocupacional da Associação de Saúde Pública Americana em Chicago, Nov. 1999. Para considerações sobre as lutas presentes por justiça para trabalhadores do amianto e para o banimento do amianto no Brasil, vá para <http://www.ab-rea.com.br/17ingles.htm>.
11. Para notícias em inglês sobre o julgamento de Turin, procure "Asbestos in the Dock" em <http://asbestosinthedock.ning.com>; download de 11 de outubro 2011.
12. David Bank. Moral Fiber: Billionaire Activist on Environment Faces His Own Past. *Wall Street Journal*, 9 de dezembro 2002. Castleman solicitou uma entrevista com Schmidheiny, mas Schmidheiny recusou-se, conforme Castleman observou em *Asbestos: Medical and Legal Aspects*, op. cit., p. 769.
13. Em uma mensagem escrita a amigos sobre sua "miraculosa" recuperação a uma "nova vida" após o rompimento de sua aorta, Schmidheiny não desculpa-se pelo negócio que rendeu bilhões a ele e a sua família mas enviou milhares de ofegantes e sufocados funcionários a uma morte prematura. Ver: "Ein Geschenktes Leben" ["Um Presente de Vida"], por Stephan Schmidheiny, fevereiro de 2008; esta declaração foi circulada a amigos e conhecidos e parece ter sido publicada como um capítulo iniciando-se na página 233 de um livro de coautoria de René Luchinger e Ueli Burkhard, *Stephan Schmidheiny, sein langer Weg zu sich selbst [Stephan Schmidheiny: Sua Longa Viagem de Volta a Si]*, Bern, Stämpfli Verlag AG, aparentemente publicado em 2009.

## 4. O QUE A ETERNIT É HOJE

Adrian Knoepfli<sup>1</sup>

O Grupo Eternit Suíço esteve sob o controle da família Schmidheiny desde 1920, sofrendo diversas reorganizações e alterações de propriedade nas últimas décadas; então, em 2003, a era Schmidheiny da Eternit finalmente terminou com a venda à Swisspor Holding.

### Separação do Grupo Eternit Belga

Quando o império de Max Schmidheiny foi distribuído entre seus filhos em 1984, o Grupo Eternit Suíço passou para Stephan Schmidheiny, que dirigia a empresa desde 1975. Após Stephan Schmidheiny anunciar, em 1978, que a Eternit pararia de fabricar produtos com amianto, a empresa, para a ira do papai Max, gradualmente abandonou a produção de cimento de amianto. A estratégia usada para eliminar em etapas a produção com o amianto tinha duas partes: de um lado, os produtos contendo amianto foram substituídos por produtos sem amianto; do outro, as empresas “sujas” foram vendidas.

As quatro fábricas da Eternit na Itália, que tinha participação de mais de 20 por cento no mercado da Itália, foram vendidas ou fechadas em 1986. No final de 1988, seguiu-se a venda de participação na produção de cimento de amianto no Brasil, Bolívia e Colômbia, inclusive a purgação do Grupo de toda participação em sua última mina de amianto (no Brasil). Estes três países forneciam ao Grupo Eternit Suíço 80% de seu lucro em toda a América do Sul. O motivo dado para a venda foi que os produtos de cimento de fibra sem amianto tinham dificuldades de decolar no mercado, tornando insustentável a transição à sua produção. Por conseguinte, a participação do cimento de fibra no lucro total do conglomerado caiu de 50% para 40% (20% para produtos com amianto e 20% para aqueles sem amianto). O resto era de substitutos de cimento de fibra e outros materiais.

Em 1989, os Grupos Eternit Belgas e Suíço foram divididos. O Grupo Eternit Suíço controlava não só a empresa matriz na Suíça, mas a Eternit Alemã, a Everite na África do Sul, e afiliadas na Costa Rica, Guatemala, El Salvador, Honduras, e Arábia Saudita. O Grupo também controlava participação em negócios localizados em diversos países latino-americanos, e controlava semelhantemente 20 por cento em cada uma das entidades belgas (a CFE e a Eteroutremer) do Grupo Eternit Belga. O Grupo Belga, controlado pela família Emsens, controlou entidades da Eternit na Bélgica, Holanda, Grã-Bretanha e França, e manteve participação em empresas no Zaire, Burundi, Angola, Nigéria, Argentina,

Peru, Uruguai, Chile, Brasil, Paraguai e Filipinas. Stephan Schmidheiny vendeu então suas ações nas duas entidades belgas ao Grupo Eternit Belga. A participação latino-americanos de ambos os grupos também foram divididas. Com isso, Stephan Schmidheiny prosseguiu com sua saída do amianto. Deve observar-se que os belgas estiveram bastante ativos em países onde o problema de amianto ainda não tinha despertado a consciência pública no mesmo nível que o Grupo Eternit Suíço tinha experimentado.

### De Stephan Schmidheiny, via Holcim, à Swisspor

Após esse ajuste, Stephan Schmidheiny vendeu suas ações na Eternit AG, que controlava as fábricas da Eternit Suíça, a seu irmão Thomas. Sua participação em empresas estrangeiras (na Alemanha, África do Sul, América Latina e a Arábia Saudita) não foram afetadas por esta venda; elas foram transferidas para uma empresa recém formada, chamada Nueva Holding. Em 1990, suas ações na Eternit Alemã foram vendidas à Etex (o Grupo Eternit Belga renomeado), os belgas já possuindo participação majoritária na empresa alemã.

Antes da transferência de propriedade, a Eternit AG tinha passado por uma série de alterações. Em 1986 foi reestruturada como Eternit Holding AG e, simultaneamente, uma nova Eternit AG foi criado compreendendo as duas fábricas da Eternit Suíça e participação em cinco outros assuntos (não Eternit). Um ano depois, esta “nova” Eternit AG foi reestruturada como Eternova Holding e mais outra Eternit AG emergiu compreendendo somente as duas fábricas da Eternit. Foi essa Eternit AG que Thomas Schmidheiny adquiriu. Até o fim de 1989 ele tinha integrado a Eternit AG em um grupo de empresas de materiais de construção, posteriormente renomeado Cemroc, que em 1996 se tornaria uma subsidiária do conglomerado Holderbank (renomeado Holcim em 2001).

Na Suíça, o último tubo contendo amianto foi feito em 1994. Dezesesseis anos após Stephan Schmidheiny anunciar sua saída do amianto, a era do amianto acabou. A produção de tubos na Suíça cessou completamente em 1997, mas uma nova afiliada, a Etertub, foi fundada no mesmo ano para fabricar e vender tubos de cimento de fibra e materiais sintéticos na Alemanha. Também em 1997, na Eslovênia, a Eternit em uma empreendimento conjunto com a Salonit Anhovo Holding fundou a empresa Esal. Foi anunciado que o empreendimento conjunto

<sup>1</sup>Adrian Knoepfli: Jornalista Econômico, o Zurique, a Suíça; e-mail: adrian.knoepfli@bluewin.ch Papel traduzido de alemão por Penny Milbouer

ajudaria a Eslovênia a fabricar cimento de fibra sem amianto.

O conglomerado Holcim finalmente conseguiu remover a Eternit AG em 2003 como parte de sua consolidada estratégia de concentrar-se em seu negócio principal. O motivo dado para reter a empresa por tanto tempo foi que a Eternit era um cliente importante do cimento, mas provavelmente havia também motivos sentimentais em jogo. O comprador foi a BA Holding, controlada pelo empresário Bernhard Alpstag, proprietário, junto com seu irmão Georges, do Grupo Swisspor. Em 2005, com seu novo proprietário, a Eternit AG novamente passou por uma série de reconstruções e mudanças de nome. Primeiramente, a Eternit AG transferiu as fábricas suíças para sua subsidiária Estertub (a Estertub era o novo nome da Eternit; tendo o nome comercial Estertub sido perdido em uma compra administrativa em 2003). A Estertub foi então renomeada Eternit (Schweiz) AG e a Eternit AG renomeada FibreCem Holding [1]. Todas as entidades Eternit pertencentes ao novo proprietário Bernhard Alpstag foram então fundidas na FibreCem.

Em 2006, a Eternit (Schweiz) AG criou a Stiftung Eternit-Werke Schweiz (Fundação para Trabalhos de Eternit da Suíça). Isso provê serviços principalmente de natureza financeira “para empregados ativos e antigos e suas famílias atingidos severamente pelas consequências de ter trabalhado com amianto” [2],

#### “Nunca uma relação”

Em outubro de 2010, a Eternit (Schweiz) AG foi assegurada de que não seria “afetada pelo julgamento em Turin.” A empresa anunciou que estava “satisfeita de que o tribunal de Turin concordara completamente com suas declarações e tinha inequivocamente desaprovado a tentativa de vários reclamantes civis de tornar a Eternit (Schweiz) AG civilmente responsável pelas ações da Eternit S.p.A.” A empresa afirmou que nem a Eternit (Schweiz) AG, nem seus proprietários tinham tido alguma relação com a Eternit S.p.A. em Gênova, e Stephan Schmidheiny nunca tinham assumido um cargo na Eternit (Schweiz) AG e nem mesmo sido acionista [3].

#### Grupo FibreCem: Atividades na Suíça, Alemanha, Austria, e Eslovênia

As saídas de grupos e mudanças da propriedade resultaram à restrição das operações da Eternit a suas instalações de fabricação em Niederurnen e Payerne, Suíça. Contudo, o novo proprietário logo buscou vigorosamente uma expansão no exterior, iniciada em 2009 com a aquisição dos trabalhos de cimento de fibra do conglomerado

alemão Karl Bachl, em Porschendorf, perto de Dresden. Pouco depois, ele assumiu os trabalhos da Eternit de Ludwig Hatschek AG na Áustria. A Eternit voltou às suas raízes, pó assim dizer, posto que Hatschek foi o homem que, em seus dias, tinha fundado a Eternit e tinha sido o conessor de todos os produtos de Eternit. A Ludwig Hatschek AG trouxe 455 empregados e lucros brutos de 190 milhões de francos suíços ao Grupo FibreCem, que então tinha aproximadamente 700 empregados e rendimento líquido de 160 milhões de francos suíços, e subsequentemente adquiriu empresas na Suíça, Alemanha, Áustria e Eslovênia.” Uma estratégia de produtos semelhante conecta ambos os Grupos, que até agora têm feito negócios em vários mercados geográficos,” o comprador anunciou no momento da aquisição, a qual foi publicada sob o comentário “solidariedade no mercado de cimento de fibra europeu” [4],

Em uma entrevista, Alpstag chamou sua aquisição da Eternit de “uma decisão inteligente” em retrospecto. A Swisspor queria prover a edifícios uma cobertura especial. “Isso inclui,” de acordo com Alpstag, “o telhado, fachadas, janelas e o isolamento.” A Eternit tinha uma ampla matriz de fachadas em seu programa onde antes a Swisspor tinha lacunas. A imagem do amianto conectada ao nome, ele disse, não foi um problema [5]. E o novo proprietário tinha planos para coisas até maiores: a meta, ele disse em uma entrevista ao Neue Luzerner Zeitung, era criar “uma barreira de Eternit” com fábricas na Europa do norte ao sul.” Mesmo as pessoas em Lucerna [Alpstag] sonham em filiais da Eternit na Índia, Brasil e China porque estes são os mercados de crescimento mais rápidos” [6],

#### Swisspor e Alpstag: Materiais de Isolamento e Janelas

O Grupo Swisspor, do qual a Eternit é parte, começou como uma pequena fábrica de cortiça em 1971, a qual os irmãos Bernhard e Georges Alpstag assumiram de seu pai. Ela fabricava materiais de isolamento feitos de espuma rígida Polystyrol expandida (EPS) e espuma rígida de Poliuretano (PUR/PIR). Em 1996, os irmãos Alpstag adquiriram sua primeira fábrica de janelas com a compra da Kufag, que foi logo seguida pela aquisição da Dörig Fenster (1999) e da Herzog Fenster (2003). A Swisspor perdeu na competição para comprar o principal fabricante suíço, a EgoKiefer. Em 2011, a Swisspor, agora sob a marca registrada de Swisswindows, manteve o segundo lugar, atrás da EgoKiefer, no mercado suíço de janelas feitas de materiais sintéticos.

Em 1998, a Swisspor - chamada Alcopor no momento - expandiu no mercado alemão com seu material de isolamento, e realizou uma oferta pública [7]. Então, já em 2001, a companhia

foi retirada da lista. Esse breve interlúdio foi acompanhado pela aquisição da afiliado europeia do gigante de materiais de construção dos Estados Unidos, a Owens Corning, que tinha buscado a proteção do Capítulo 11 em 2000, tendo tornado-se insolvente devido a danos civis compensados em litígios por amianto, e a venda da Alcopor ao Grupo German Knauf (produtos de gesso). Foram excluídas desta transação as divisões da Alcopor de espuma rígida e selante de alcatrão de telhados assim como fábricas de janela, que foram transferidas para a Swisspor Holding que Bernhard Alpstätig tinha restabelecido em 2002; Knauf assumiu a divisão de fibra de lâ mineral (fibra de vidro de lâ de rocha) - que já pertencera à Owens Corning; e o nome da Alcopor Holding foi alterado para Knauf Insulation Holding [8]. Todas essas ações são, além disso, filtradas fora do histórico da empresa em seu site de internet - provavelmente porque tumultuam o alto da linha narrativa. A partir do final da década de 1990 a (nova) Swisspor focou na expansão ao exterior no mercado crescente da Europa Oriental. Em 1999, ela ativou fábricas de materiais de isolamento na Polônia e na Romênia; em 2002, uma segunda, então uma terceira em 2004 e uma quarta planta em 2008 na Polônia. Ela adquiriu a Prima Bau und Dämmsysteme (construção e materiais de isolamento) com três fábricas na Áustria em 2006 e em 2008 outra fábrica na Romênia [9], o rápido crescimento nos últimos anos é evidente nos números: o Grupo Swisspor, que se gabava de ser “o principal especialista para envelope de construção do futuro” com 26 fábricas em seis países europeus e 2.800 empregados, tinha um volume de negócios em 2009 de um bilhão de francos suíços. Para publicidade, a Swisspor confia no futebol: ela comprou os direitos de nome do novo estádio da FC Luzern por 5 milhões de francos suíços; o nome será Swissporarena. A empresa também patrocina a equipe de futebol de Lucerne com serviços adicionais ao custo de mais outros 5 milhões de francos suíços [10].

Bernhard Alpstätig é um chefe da velha guarda, casual e antissindicato [11], e um crítico da ênfase em lucros a curto prazo praticados pelos gerentes de hoje. “Nossos lucros são reinvestidos, não retirados,” disse Alpstätig. Sua meta, ele disse, nunca foi sentir-se em dívida de gratidão com um banco, e por isso a Swisspor não foi listada (não mais) na bolsa de valores. Seu irmão Georges, entretanto, retirou-se das operações cotidianas [12].

Maio de 2011

## Referências

1. Ver [www.eternit.ch](http://www.eternit.ch).
2. Ver [www.eternit.ch](http://www.eternit.ch). Mais detalhes sobre a fundação podem ser encontrados aqui.
3. Press release da Eternit, 18 de Out de 2010.
4. Press release da Swisspor, 6 de março de 2009, e 29 de maio de 2009, Neue Zürcher Zeitung, 30 de maio de 2009.
5. Claudia Kock Marti, “Die Übernahme der Eternit war ein kluger Entscheid,” Südostschweiz am Sonntag, Sep. 26, 2010. Para uma versão mais detalhada da visão atual da Eternit quanto ao problema do amianto ver “Asbest ist ein dunkles Kapitel der Industriegeschichte,” Interview with Anders Holte, CEO of Eternit Schweiz in Maria Roselli, Die Asbestlüge. Geschichte und Gegenwart einer Industriekatastrophe. Zürich; 2007, pp. 131-137.
6. Charly Keiser, “Der Patron regelt seine Nachfolge,” Neue Luzerner Zeitung, Apr. 9, 2011.
7. Aron G. Papp, “Alcopor hat viel vor,” Tages-Anzeiger, Jun. 25, 1998.
8. Georges de Breguy, “Wolle gegen den Ölschock,” Handelszeitung, No. 39, Sep. 27, 2000. Ver também [www.baustofimarket-online.de](http://www.baustofimarket-online.de), 10 de outubro de 2000; Neue Zürcher Zeitung, 14 de setembro de 2002; Bilanz, 12/2002; Bilanz, 12/2003. Também Handelsregisteramt Kanton Zug, entrada Swisspor Holding AG, e Handelsregister Kanton Nidwaiden, entrada Knauf Insulation Holding, AG.
9. Ver [www.swisspor-gruppe.ch](http://www.swisspor-gruppe.ch).
10. Neue Zürcher Zeitung, 13 de dezembro de 2008, e Beat Matter, “Spitzenspiel in Luzern,” die baustellen, 02/2011.
11. Bilanz, 7/2001.
12. Claudia Kock Marti, “Die Übernahme der Eternit war ein kluger Entscheid,” Südostschweiz am Sonntag, 26 de setembro de 2010. Flavian Cajacob, “Bernhard Alpstätig, Hart sein mit sich anstatt zu jammern,” Handelszeitung, No. 34, 19 de agosto de 2009. Andreas Flütsch, “Krise? Patron Bernhard Alpstätig baut aus,” Tages-Anzeiger, 18 de março de 2009. Sarah Kohler, “Ich denke in Dekaden,” Interview with Bernhard Alpstätig, Neue Luzerner Zeitung, 10 de junho de 2009. Bernhard Raos, “Erfolgreiche Schaumschläger,” Bilanz, 4/1999.

## 5. A FÁBRICA DA ETERNIT EM CASALE MONFERRATO

Fabrizio Meni<sup>1</sup>

A fábrica da Eternit foi construída em Casale Monferrato, no Norte da Itália, em 1906. O progresso e a modernidade irromperam nos ritmos seculares das colinas de Monferrato e sua zona rural, feitas de pobreza, inanição, rugas e muito trabalho embaixo do sol. O local era perfeito para uma planta de cimento de amianto: em um território famoso por seu barro, um ingrediente necessário para a produção de cimento, e a 100 km de Balangero, o local da maior mina de amianto crisotilo na Europa Ocidental.

Ela era uma estrutura moderna que abriu oportunidades de emprego inesperadas. Em um mundo conhecia emigração como a única alternativa para a destituição, aquele era o “sonho americano” em casa: um trabalho bem pago com horas de trabalho definidas que também deixavam tempo para cuidar do jardim ou do pequeno vinhedo, um futuro estável para seus filhos - não era mais necessário trabalhar como escravo nos campos ou nas minas de marga. A Eternit era a própria imagem da vitória do homem contra a natureza: ela produziu apenas uma limitada gama de produtos, mas tinha criado “pedra artificial.”

Folhetos exibiam os usos do novo cimento-fibra maravilhoso em galinheiros, gaiolas, casas pré-fabricadas, congeladores, escolas pré-fabricadas e ginásios, etc., e, naturalmente, todos acompanhados do adjetivo “racional”, uma verdadeira senha para o futuro. Em Monferrato, tudo que era de “Eternit” era “bom”: as crianças usavam restos do produto da planta

para construir suas casas de árvore, os adultos para marcar os limites de seus jardins ou nivelar seus quintais. Sacos cheios de sucata, chamada “polverino” (pó), o mais prejudicial à saúde, foram dados gratuitamente, para serem usados indiscriminadamente, como prêmio a funcionários que executam um trabalho já conhecido como perigoso para a saúde.

Os funcionários trabalhavam em linha, como era comum em outras fábricas de cimento na área e nas minas das colinas; eles eram contratados por dia e muitas vezes esperavam horas até o início do trabalho, e assim sua jornada de trabalho era incredivelmente extensa. Contudo, no início do século, trabalho - seja em uma fábrica, em uma mina ou na terra - podia ser comparado com os trabalhos de uma besta da carga. A sociedade estava dividida em duas categorias principais: uma elite bem educada, que tinha o poder, e uma massa de pessoas ignorantes e subjugadas que podiam contar somente com sua própria força e as longas horas de trabalho duro, que, juntos, significavam exaustão. A elite não só podia ler e escrever, eles também falavam o idioma nacional. Em contraste, a massa de funcionários manuais era em sua maioria iletrada e comunicava-se em dialetos não conhecidos fora de sua área local: eram vistos pela elite como animais de trabalho, sem língua, mas somente expletivos, sussurros ou palavrões. Hoje, não parece acreditável que tal separação era justificada por crenças antropológicas na época inquestionáveis. A elite assumia a superioridade intelectual e espiritual

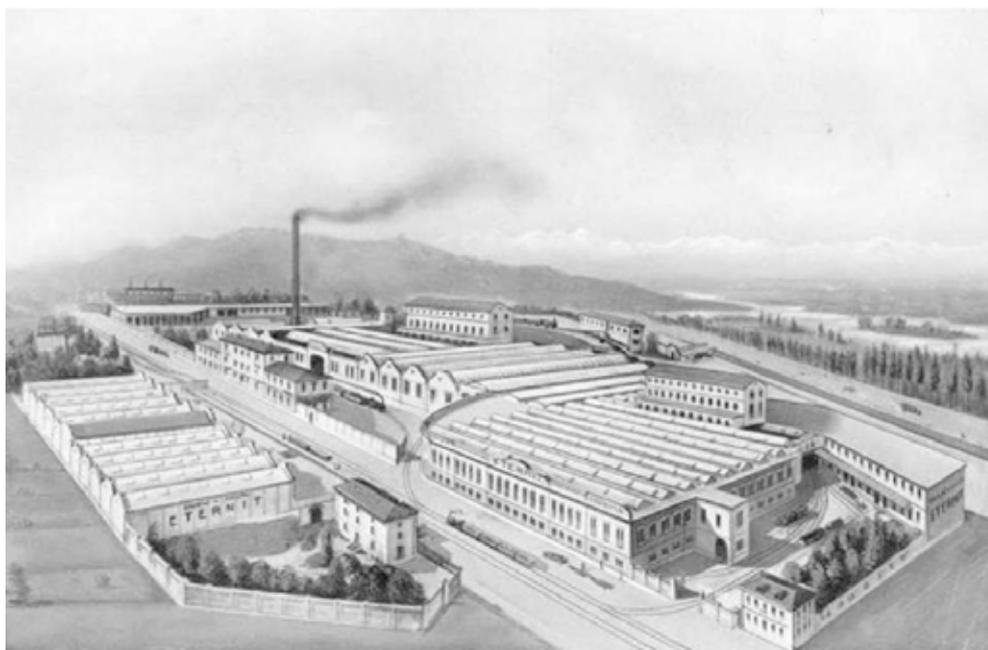


Imagem estilizada da planta da Eternit em Casale Monferatto na década de 1920. Arquivo da AFeVA.

<sup>1</sup> Fabrizio Meni: autor e historiador; e-mail: aiasin@libero.it. Traduzido do italiano por Elena Pertusati

posto que as massas fatigadas eram consideradas como sendo inerentemente estúpidas, sem a percepção de vida espiritual. Mas, com a introdução do trabalho pago na indústria, veio um sentido do valor dos trabalhadores. A classe trabalhadora sentiu-se portadora de valores e por algum tempo pensou-se que ela contribuía com seu próprio trabalho para a construção de um mundo melhor para o futuro.

Criou-se então um tipo especial de orgulho do trabalho em uma fábrica, um orgulho agora consignado aos reinos da arqueologia industrial. Esta crescente sensação de ser “uma classe de produção” levou os trabalhadores a questionar a divisão da sociedade tradicional, embora uma verdadeira mudança na divisão do trabalho não viesse a ocorrer até a década de 1960 na Itália. As gerações mais antigas, que trabalharam lado a lado com os mais jovens, mesmo nas décadas de 1960 e 1970, conservavam um sentido de reverência para com a elite que as comandava, prontas para chamá-los de “cavalheiros” com certo respeito, reconhecendo uma condição que eles pensavam em subverter (não destruir) apenas em sonhos.

Aqueles que trabalharam na fábrica da Eternit, contudo, sentiam-se privilegiados em comparação com aqueles que tinham de trabalhar como escravos nos campos, que já eram velhos aos quarenta anos ou que apodreciam curvados nas minas. Não importava se a tarefa fabril podia matá-los. Eles aceitavam a morte com a mesma resignação com a qual nasceram. O que quer que acontecesse, eles, “os animais”, podiam esperar morrer antes de sua hora. Realmente não lhes importava se foi o “polvere” (pó) que acelerou o processo. Eles diziam que teriam morrido de qualquer forma, e pronto. No máximo, as pessoas falaram genericamente sobre doenças. Normalmente o diagnóstico dos trabalhadores da Eternit era agravamento agudo de bronquite crônica, doença de fumantes pesados. Eles também falavam de câncer, mas associavam normalmente a doença a seu trabalho - uma condição existencial. A pessoa trabalha, adoece e então morre. Em um campo, em uma mina ou em uma fábrica; realmente não importava.

De fato, ficar doente por causa do trabalho podia ser uma fonte de orgulho, como um prêmio pela coragem: “Eu tenho o ‘polvere,’ você sabe,” como uma confissão gritada com dignidade, como se “pó nos pulmões,” além de lhe dar o direito de pagamento extra e esperança de aposentadoria precoce, fosse também a marca de quem muito trabalhou e se esforçou e souou para ganhar a vida.

Em contraste, os “proprietários” da Eternit representavam o protótipo do capitalismo contemporâneo. Na década de 1980, a família Schmidheiny controlava fábricas da Eternit em

16 países com mais de 23.000 funcionários e um rendimento anual de aproximadamente 2 bilhões de francos suíços. Por três gerações, os Schmidheyns esforçaram-se por mostrar-se profundamente movidos por um senso de dever abrangendo os ingredientes que, de acordo com Weber, combinam o espírito capitalista com a ética Calvinista. Contudo, aparentemente seguindo-se o princípio de que “dinheiro não fede” muitas de suas ações iam de encontro a qualquer código moral: seu sucesso econômico na Alemanha nazista graças à ajuda de Hitler, o uso de um campo de concentração para trabalho forçado na fábrica da Eternit em Berlim, a exploração de funcionários negros tratados como escravos nas minas sul-africanas durante o apartheid, ou a forma como eles adquiriram a chance de reconstruir a Nicarágua com cimento de amianto após o país ser destruído por uma guerra civil e terremoto em 1976, com a ajuda financeira do futuro ditador Somoza.

Mesmo o último representante da dinastia, Stephan Schmidheiny, agora em julgamento em Turin, é um herdeiro digno: ele iniciou sua carreira muito cedo dirigindo a Everite, a fábrica sul-africana, nos piores anos do apartheid. Quando ele assumiu o controle de toda a empresa, em 1975, Schmidheiny tinha apenas 28 anos, mas já era um homem de negócios astuto.

Em 1991, Schmidheiny livrou-se das minas de amianto da Eternit e de muitas fábricas que produziam derivados de amianto, esperando fugir da responsabilidade pelo dano catastrófico que ele e a empresa de sua família tinham causado ao longo dos anos. A empresa Eternit Italiana, na qual a família Schmidheiny tinha ações substanciais, além de seu controle de política, e na qual o Barão Belga de Cartier de Marchienne era diretor executivo, e a Eternit Belga uma acionista importante, finalmente declarou falência em 1986. A fábrica da Eternit em Casale foi abandonada com todo seu conteúdo venenoso e os últimos 350 funcionários perderam seu emprego. Logo depois, Schmidheiny mudou sua imagem e aposentou-se para começar a escrever livros sobre meio-ambiente e economia verde como um perfeito agricultor antiglobalização. Ele foi Representante da ONU para o Desenvolvimento Sustentável, consultor de Clinton, professor de economia em várias universidades, fundador da empresa Swatch, acionista da UBS e da Nestle; contudo, mais importante, ele é um dos homens mais ricos no planeta.

É um fato indiscutível que Schmidheiny finalmente passou a uma produção sem amianto, mas ele o fez muito lentamente, afirmando por muitos anos que não material algum que pudesse substituir o amianto. Mesmo embora governos estivessem preocupados com o aumento da consciência pública quanto aos perigos do amianto, a influência

da indústria de amianto foi forte o suficiente para atrasar o banimento do amianto nos países europeus - 1992 na Itália, 1993 na Alemanha, 1996 em França - apesar da crescente evidência provida por profissionais de saúde.

A estratégia adotada nos últimos dez anos da produção de cimento de amianto em Casale foi que a Eternit parecesse atender as preocupações dos funcionários aprimorando as condições de trabalho, criando assim a imagem de uma empresa humanitária. Contudo, ela negou durante anos que o amianto causasse mesotelioma e repudiou como subversivas as lutas do sindicato em defesa da saúde dos trabalhadores. O que veio à luz no julgamento de Turin é que a Eternit escondeu evidências dos perigos do amianto e contratou uma agência de relações públicas para monitorar e investigar as atividades de sindicalistas, ativistas anti-amianto e promotores.

Os trabalhadores sabiam muito bem, contudo, que as condições de trabalho eram terríveis e que eles arriscavam sua saúde - eles sabiam disso há quase um século. A maior parte das mulheres trabalhava no departamento de moldagem, formação e corte de vários produtos feitos à mão. “Costumávamos usar um lenço em nosso cabelo para que ele não ficasse coberto demais com aquele pó branco.” Vagões cheios de sacos de amianto chegavam à estação ferroviária em Casale; os vagões então precisavam ser descarregados manualmente em carretas, que eram então levadas aos departamentos de processamento. O amianto era armazenado em silos muito altos e depois levado das portas dos de silo por empilhadeiras, para ser processado.

Então vieram as máquinas usadas para separar as fibras antes de ele ser misturado ao cimento, alimentadas à mão com amianto bruto. Diz-se que até os vinhedos ao redor da fábrica ficavam brancos por causa do pó.

Até o início dos anos 60, as iniciativas tomadas pelos sindicalistas na fábrica estavam restritas a solicitações que a gestão inclinava-se a perceber como “deliberadamente exageradas,” isto é, exigindo máscaras, filtros, ventiladores e qualquer outra forma de proteção contra aquele pó. Normalmente, a solução para essas pessoas irritantes era o “Kremlin”, o departamento com as condições mais duras e insalubres, o lugar para onde os funcionários sindicalizados acabavam indo: era um departamento de acabamento de tubos, com muitas curvas e tetos muito baixos. Filtros de poeira foram instalados perto do final dos anos 60, mas isso apenas deslocou o perigo: na verdade, à noite, os filtros eram abertos e o vento transportava o pó para a cidade.

Nos anos 60, a opinião pública apoiava a fábrica porque ela tinha trazido empregos e dinheiro para

muitas famílias: protestos industriais conseguiam apenas compensação por danos, mas mesmo isso foi apreciado pelos funcionários, que aceitavam o risco para garantir o futuro bem-estar de seus filhos. “Porque demorou tanto para descobrirmos que o amianto é cancerígeno? Por causa de um viés antissindical, antitrabalhador e anticomunista. Em Casale, apenas alguns médicos e poucas pessoas da associação ambiental estavam de nosso lado” diz Bruno Pesce.

A ideia de “fechar a fábrica” era vista como um plano louco que poria em risco milhares de empregos; significaria cancelar aquele “sonho americano em casa” que a Eternit representava. Portanto, para criar pressão por ações, o sindicato precisava superar a desconfiança dos funcionários, que não queriam arriscar seus empregos, e a hostilidade dos habitantes locais, que não queriam apoiar um compromisso contra o principal recurso econômico da região. Contudo, essa atitude mudou quando pessoas começaram a morrer sistematicamente, mesmo homens e mulheres que nunca tiveram relação alguma com a fábrica.

Em 1988, a “Associazione esposti all’amianto” (Associação de pessoas expostas ao amianto) foi fundado em Casale; posteriormente seu nome foi mudado para “Associazione Vittime” (Associação de Vítimas), quando ficou comprovado não somente a correlação entre o amianto e o mesotelioma, mas também que a taxa de mortalidade em Casale era muito mais alta que no resto da Itália.

Contudo, mesmo quando confrontado com este cenário negro de mortes e câncer ligado ao amianto, houve ainda pessoas argumentando que a consideração mais importante era defender o capitalismo - o arauto da prosperidade, conforto e progresso; embora o capitalismo e seu princípio guia - o comércio livre - incluía uma série de condições que foram desconsideradas pela multinacional belga-suíça.

O comércio livre deve ter como base a democracia; para ser de fato livre, ele deve apoiar a liberdade de informação e expressão. Agora, manipular informações, silenciando as vozes da pesquisa científica, propagar rumores falsos camuflados como dados científicos, disseminar publicações e prover cursos de treinamento de arquitetos e engenheiros para encorajá-los a usar amianto ao invés de materiais tradicionais - este não é comportamento que segue os princípios guias do capitalismo.

Se, à luz das descobertas de Selikoff na década de 1960, que relacionava a exposição ocupacional ao amianto à doenças do pulmão, a Eternit tivesse passado a uma produção de cimento de fibra sem amianto, a empresa não teria conquistado uma posição tão vantajoso na indústria de construção.



E Stephan Schmidheiny provavelmente não teria tornado-se um dos homens mais ricos da Terra.

Em Casale Monferrato atualmente, na área que foi dominada durante um século pela Eternit, a “fábrica da morte,” há uma grande extensão de concreto com somente alguns restos de edifícios - arqueologia industrial fúnebre. Este é o resultado de um processo de descontaminação único que seguiu-se ao fechamento da fábrica em 1986 e a sua demolição em 2006; uma tarefa que exigiu tremendo esforço de instituições locais, posto que nenhuma ajuda foi dada pelos fabricantes que lucraram com a produção de cimento de amianto em Casale por 80 anos (estima-se que 23 milhões de tons de cimento de amianto foram produzidas em Casale).

Desde o final dos anos 70, o período durante o qual números confiáveis estão disponíveis, aproximadamente 1.700 pessoas em Casale Monferrato morreram por doenças relacionadas ao amianto. Além disso, estima-se que até 2030 quase 50 habitantes de Casale Monferrato morrerão a cada ano por tais doenças, a maioria de mesotelioma. É um desastre comparável ao de Chernobyl no sentido que, já há muitos anos, doenças relacionadas ao amianto abateram cidadãos e ex- funcionários da Eternit indiscriminadamente.

Somente na Europa, a cada cinco minutos uma pessoa morre por uma doença diretamente causada pela exposição ao amianto. De acordo com um estudo da União Europeia, estima-se que até 2030 o número de vítimas de doenças relacionadas ao amianto na Europa seja de aproximadamente meio milhão.

O mesmo capitalismo cínico e cruel experimentado pelas pessoas de Casale Monferrato, com consequências tão trágicas, permanece em outros países para os quais a produção de cimento de amianto foi transferida. A indústria ainda usa nestes países os mesmos argumentos que ouvimos há muito tempo: aqueles estudos “científicos” demonstram a segurança do amianto branco, que o “uso controlado” é seguro, que a incorporação em uma matriz de cimento torna as fibras de amianto letais inofensivas. Sem dúvida os preços foram mantidos baixos, minimizando custos de produção e fazendo vista grossa a parâmetros de segurança e proteção do meio-ambiente e não priorizando a saúde e os direitos dos funcionários. Contudo, nós, no ocidente, supostamente não devemos nos preocupar com isto, ou com o fato de que a produção de amianto está crescendo: está agora sendo usada em locais distantes - China, Índia, Vietnã...

Produtos de amianto são mais baratos que substitutos mais seguros porque a indústria continua a operar instalações de produção perigosas com poucas, ou nenhuma, medidas de saúde e segurança e descarrega suas responsabilidades pelas doenças que causa às comunidades e funcionários em risco. O mesmo que ocorria no século 20 na Itália, ocorre hoje em muitos países em desenvolvimento - funcionários pagando com suas vidas o privilégio de trabalho para empresas de amianto.

Setembro de 2011

## 6. O ATIVISMO DO AMIANTO EM CASALE MONFERRATO “NOSSA LUTA PELA JUSTIÇA, DESCONTAMINAÇÃO, PESQUISA”

Romana Blasotti Pavesi, Bruno Pesce, Nicola Pondrano<sup>1</sup>

O julgamento de figuras da alta administração das multinacionais Eternit Suíça e Belga finalmente iniciou-se em Turin, no dia 10 de dezembro de 2009. (Na Itália, as multinacionais da Eternit possuíam cinco instalações de processamento de amianto: uma grande fábrica em Casale Monferrato e instalações menores em Cavagnolo, Rubiera, Bagnoli e Siracusa.) Nós, as vítimas de Casale, esperamos por 25 anos que a alta administração do grupo Eternit enfrentasse a justiça, um período longo de luta apaixonada, durante a qual ganhamos casos contra gerentes locais e fizemos campanha pelo banimento nacional do amianto, o que foi conquistado em 1992. A Confederação Geral do Trabalho na Itália (CGIL) e a Associação das Famílias das Vítimas de Amianto (AFéVA), sempre perseguiram, obstinadamente e inflexivelmente, três objetivos principais: justiça, descontaminação e pesquisa.

No julgamento de Turin estão o magnata suíço Stephan Schmidheiny e o Barão Belga Louis de Cartier de Marchienne; ambos são acusados de intencionalmente e conscientemente negligenciar regras de segurança e intencionalmente causar dano ambiental permanente. O caso atraiu a atenção mundial e é de longe o mais significativo dentre os vários processos criminais contra executivos da indústria de amianto.

O que torna este julgamento único é o tamanho do esforço judicial e o número de vítimas envolvido: a investigação meticulosa conduzida pelo Promotor Público Raffaele Guariniello resultou em um dossiê que chega a 200.000 páginas e quase 3.000 vítimas

do amianto foram nomeadas. Concorrentemente ao julgamento criminal, um processo civil está em andamento envolvendo aproximadamente 6.000 pessoas que buscam indenização da Eternit: vítimas de amianto e membros da família. Dentre as vítimas identificadas no julgamento, aproximadamente dois terços já morreram; com 75% dessas mortes registradas em Casale Monferrato, onde a exposição ambiental levou a 500 mortes de residentes por mesotelioma, enquanto a exposição ocupacional causou as mortes de mais de 1.000 funcionários por asbestose, câncer de pulmão e mesotelioma (até 2008). Podemos adicionar a estes números terríveis aproximadamente 1.000 pessoas que morreram desde 2007; A Eternit terá de responder por estas mortes em um julgamento posterior.

Na Itália, mais de 1.000 mesoteliomas por ano são atualmente registrados. Somente em Casale Monferrato, uma pequena cidade de 36.000 habitantes, até 45 casos por ano são diagnosticados; significativamente, somente 20% dos que hoje são diagnosticados com mesotelioma são ex-funcionários do amianto. Esperamos que o número de mortes logo comece a diminuir. Levando ao que venho a se tornar o maior julgamento da Europa centrado em “mortes em massa pelo amianto,” houve um esforço implacável para combater os perigos do amianto, concentrados em duas frentes: ação sindical para proteger a saúde de funcionários e os direitos individuais, e ação coletiva para proteger não só os funcionários, mas toda a comunidade.

De particular importância nas campanhas em



Membros da galeria pública medem cada palavra dos processos - a maioria são parentes de vítimas.

<sup>1</sup> Romana Blasotti Pavesi é presidente da AFéVA; Bruno Pesce (e-mail: vertenzamianto@gmail.com) é coordenador de litígio de amianto da AFéVA e foi Secretário da CGIL em Casale Monferrato de 1979 a 1984; Nicola Pondrano (e-mail: n.pondrano@inca.it) é Secretário da filial da CGIL para Casale Monferrato. Traduzido do italiano [ao inglês] por Elena Pertusati.

favor dos trabalhadores foi o papel do sindicato dos trabalhadores, especialmente a filial local do sindicato (Camera del Lavoro) em Casale, e a INCA-CGIL (a sociedade de bem-estar da CGIL). Conquistar reconhecimento oficial e indenização por doenças relacionadas ao amianto ocupacional mostrou ser um processo contencioso e envolveu procedimentos médico-jurídicos complexos. Embora o primeiro caso de asbestose tenha sido reconhecido em Casale em 1947, apenas em 1987 a ocorrência de mesotelioma sem asbestose foi reconhecida pela Agência de Indenização por Lesões Industriais (INAIL).

Ação coletiva dentro e fora da planta, conduzida inicialmente pelos Sindicatos, logo atraiu o apoio de ambientalistas e vítimas de amianto. As Autoridades locais, contudo, não aderiram à campanha até a década de 1980.

Abaixo está uma sinopse da luta contra o amianto em Casale Monferrato, uma luta de comunidade, que contribuiu para o lançamento do julgamento dos executivos da Eternit.

### **1ª Etapa: a década de 1960**

Na década de 1960, condições de trabalho árduas, poeirentas ou barulhentas eram normalmente usadas como moeda de negociação para conseguir aumentos salariais. Conseqüentemente, a negociação de “acordos em dinheiro” para resolver problemas originados de condições de trabalho era uma ocorrência comum.

Foi difícil pressionar por mudanças nas práticas de trabalho e de certa forma impensável questionar o uso de matéria-prima, como amianto, por motivos de saúde. Era considerado “normal” que funcionários adoecessem e conseqüentemente morressem: afinal eles “eles eram só funcionários” e seus superiores naquele momento estavam inclinados a reconhecer que a “sobrevivência do mais forte” era a ordem natural das coisas para a classe trabalhadora.

### **2ª Etapa: década de 1970**

1968 não foi um ano famoso apenas devido a protestos estudantis; com o desenvolvimento do processo destinado a levar à unificação dos sindicatos e à aprovação da nova legislação (isto é, a Carta de Direitos dos Trabalhadores em 1970) milhões de trabalhadores em toda parte da Itália lutaram para melhorar o ambiente de trabalho e proteger a saúde de funcionários de fábricas. Em Casale, essa luta recebeu o auxílio de um compromisso significativo de médicos e pesquisadores tanto para minimizar o risco a trabalhadores quanto para apurar novos casos de doenças relacionadas ao amianto conforme tais surgiam. Nesta era, todas as plataformas sindicais incluíam demandas específicas, originadas a nível

de fábrica, acerca de problemas ambientais e de saúde no local de trabalho. Houve algumas melhorias na fábrica de Casale.

### **3ª Etapa: 1979-1998**

A verdadeira luta contra o uso contínuo de asbestos iniciou-se na década de 1980, quando uma crise econômica industrial levou a uma mudança de opinião pública e os esforços sindicais para aprimorar a saúde e a segurança no local de trabalho não mais eram tão eficazes. Em 1986, a Eternit encerrou suas operações na Itália. Nesta época, por causa de sua participação em promover direitos de funcionários (em particular, desde o final da década de 1970), o sindicato tinha conquistado um grau de credibilidade e “autoridade” entre os funcionários - só muito depois ganharia o respeito do público. Na prática, a transição da ação para aprimorar condições a um questionamento completo do risco do amianto não foi fácil. Contudo, em Casale não houve nenhum verdadeiro confronto entre partidários da proteção do trabalho e ambientalistas - entre trabalhadores e um sindicato que no momento trabalhava junto com as associações ambientais para o objetivo comum de eliminar o uso do amianto. Obviamente os funcionários estavam muito preocupados com seus empregos e era relevante lembrar a alguns ativistas ambientais que o pacote de pagamento de um funcionário não era um “extra opcional” mas uma necessidade básica.

Esta 3ª etapa pode ser dividida como se segue:

#### **• 1979**

Graças ao trabalho de Nicola Pondrano, que passou a ser o responsável pelo INCA - escritório da CGIL, e de doutora Daniela Degiovanni, que levou a doenças relacionadas ao amianto e ao reconhecimento pela INAIL do conseqüente direito a benefícios, houve um desenvolvimento forte de processos médico-jurídicos (pessoas incapacitadas o suficiente para receber benefícios da INAIL receberam o direito de buscar outras compensações em uma corte civil). Havia centenas de casos, com a maioria apresentando resultados positivos.

#### **• 1981-1983**

Quando a INAIL aceitou um pedido da Eternit para isenção do pagamento de um prêmio de seguro para cobrir riscos de asbestose/silicose (implicando que a fábrica não apresentava riscos neste sentido), decidiu-se por um processo nos tribunais civis. O resultado deste processo foi um veredicto confirmando os riscos de amianto em todas as oficinas da Eternit, e, inclusive, algumas preocupantes referências à poluição na cidade. Após uma apelação da Eternit, este veredicto foi finalmente confirmado pelo Supremo Tribunal em 1989.

• **1984**

A INCA e o escritório do sindicato local da CGIL (camera del lavoro) organizaram a primeira conferência sobre doenças relacionadas ao amianto.

• **1986**

A Eternit entrou em concordata e então falência: após 80 anos de atividade e tendo, à vezes, quase 2.000 empregados, a Eternit decidiu jogar fora o que era naquele momento “um limão espremido,” deixando 350 funcionários desempregados e não conseguindo cumprir a promessa de uma nova fábrica e da possível conversão a uma tecnologia “sem amianto”. Então veio uma proposta da SAFE (Eternit França) de reabrir a fábrica empregando novamente amianto, mas o sindicato a recusou.

• **1987**

O primeiro estudo epidemiológico (pela universidade de Turin e pela Autoridade de Saúde Local de Casale) revelou um massacre virtual: 200 mortes devido a exposição ao amianto entre funcionários da Eternit. Novas pesquisas, desta vez em membros da família e residentes locais, foi conduzida. Como resultado, o prefeito Riccardo Coppo banuiu o amianto na área de Casale: foi o golpe final a qualquer tentativa de reconciliar-nos com o amianto.

• **1988**

A Associação das Famílias de Vítimas do Amianto (AFeVA) foi fundada e sua presidência dada à Sra. Romana Blasotti Pavesi, um ativista apaixonada que perdeu tanto seu marido quanto sua filha para doenças do amianto. A isso seguiu-se a formação do Comitê de Processos de Amianto, que uniu as principais associações locais na luta contra o amianto.

• **1989**

Uma segunda reunião intitulada “Não ao Amianto” foi organizada pela CGIL em Casale Monferrato. Nela, foi apresentada uma proposta de redação de legislação para banimento do amianto e estabelecimento de um fundo nacional para todas as vítimas do amianto, isto é, cobrindo tanto exposição ocupacional quanto ambiental. A CGIL apoiou a proposta em nível nacional e incluiu os sindicatos CISL e UIL. Seis meses depois, foi apresentada uma plataforma nacional comum para banimento do amianto.

• **1992**

Após três anos de protestos em frente ao edifício do Parlamento em Roma, demonstrações e petições, a Lei 257 foi

aprovada. Ela banuiu o amianto em toda a Itália. A lei foi um grande sucesso, mas não forneceu financiamento algum às vítimas.

• **1993**

Após oito próximos anos de procedimentos para acusação, foi dado entrada no primeiro processo criminal contra a alta administração da Casale Eternit s.p.a.. O resultado final foi decepcionante: embora os réus fossem considerados culpados, a aceitação de circunstâncias atenuantes na apelação resultou em uma pena reduzida - nenhum deles passou um dia na prisão. Além disso, limitações excluíram 800 partes lesadas - trabalhadores doentes ou mortos - de pedir indenização neste julgamento. Felizmente, compensação de aproximadamente € 3,6 milhões foi obtida para os elegíveis. (Em 2010, com o encerramento do procedimento de falência, € 5,5 milhões foram acrescentados.)

• **1998**

O projeto de descontaminação de 48 vilas e cidades no Distrito de Casale começou, graças a financiamento público.

Até o presente, a descontaminação foi concluída em todos os edifícios públicos e na antiga fábrica da Eternit, que foi demolida em 2006, exatamente um século após ser construída. Nesse mesmo local em breve haverá um parque público e um projeto de reconversão urbana denominada EterNot, que melhorará em muito o bairro Ronzone. Conquanto mais de 50% dos locais privados tenham sido descontaminados, há ainda 500.000 metros quadrados a serem descontaminados na cidade. Auxílios financeiros cobrem 50% do custo de substituir telhados de amianto e 100% do custo de descontaminação envolvendo amianto friável. Já há algum tempo, a quantidade de poluição em Casale é agora a mesma que a de outras cidades. Se a Autoridade Local tratar a descontaminação restante com sucesso, em alguns anos o Distrito de Casale pode tornar-se o mais livre de amianto da Itália.

Nosso objetivo de obter justiça para as vítimas e descontaminar o meio-ambiente local foram firmemente buscados por anos e em parte cumpridos. No entanto, não podemos ignorar o fato de que há ainda problemas que não foram resolvidos. Delineamos abaixo nossos próximos desafios na luta contra o amianto.

### **Estabelecer um Fundo Nacional para Vítimas do Amianto**

Deve-se observar o exemplo francês (o esquema de indenização operado pelo FIVA). O fundo deve ser financiado tanto por contribuições públicas quanto privadas. Ele deve conceder indenização equitativa a todas as vítimas do amianto, cobrindo



Dia do Memorial dos Funcionários 2011, quando centenas de ativistas de todo o mundo reúnem-se na Itália para mostrar solidariedade ao povo de Casale Monferrato.

tanto exposições ocupacionais quanto ambientais, com a aceitação de tal indenização não isentando a parte culpada (o poluidor) de responsabilidades criminais.

#### **Não à Redução de Penas**

A Itália tem oficialmente mais de 2.000 mortes por ano relacionadas ao amianto, assim como aproximadamente 900 fatalidades por acidente de trabalho. Apesar desses dados dramáticos, o Parlamento Italiano está ocupado com questões inteiramente diferentes! Por implicação, eles aceitam o custo apavorante de lesões industriais. Nós precisamos, ao contrário, adotar maior rigor e compromisso, fortalecer inspeções e supervisão, e reformular o papel dos sindicatos para prover proteções. Não nos deixemos esquecer que as mortes por doenças ocupacionais e câncer são mortes muitas vezes silenciosas, no sentido de que não são normalmente assunto de debate público, embora as vítimas sofram terrível dor e aflição.

#### **A Luta contra o Mesotelioma**

Novas pesquisas científicas e tratamentos são precisos. Câmbios com outros países são necessárias para desenvolver tratamentos com melhor sucesso e mais acessíveis (e protocolos de terapia). Para este fim, em 2007, a Região de Piemonte e o Ministério da Saúde decidiram fundar um Centro Regional de Pesquisas do Amianto em Casale, especializado em áreas como: meio-ambiente, assistência médica e TI (para criar um banco de dados de casos de amianto em tribunais, por exemplo). Fizemos novos pedidos para que este projeto, que tem um Comitê Científico liderado pelo professor Benedetto Terracini, receba luz verde.

#### **Nova Política Europeia**

Precisamos de participação mais ativo da UE e de outras organizações internacionais nos esforços globais para banir o amianto (ainda não banido em aproximadamente 75% dos países do mundo), e para a descontaminação ambiental da Europa. Também precisamos de novas Diretivas da UE para facilitar a identificação de responsabilidade e os procedimentos de indenização.

A fuga da responsabilidade por empresas multinacionais quando estas prejudicam a saúde de pessoas ou o meio-ambiente é inaceitável. A possibilidade de processos jurídicos e investigações para determinar os danos deve ser expandida. Posto que empresas multinacionais, como a Eternit, têm organizações muito complexas, também precisamos simplificar os procedimentos internacionais de investigação e o uso de cartas rogatórias ao submeter pedidos a tribunais estrangeiros - deve ser mais fácil obter indenização quando os processos envolvem sistemas judiciais internacionais. Por fim, através da cooperação a nível internacional, as leis nacionais acerca do meio-ambiente, saúde, indenização e bem-estar devem ser racionalizadas e feitas conforme com normas aceitas globalmente.

Pensamos que o atual processo contra a alta administração da Eternit lançará luz no que levou à matança que testemunhamos - um sistema econômico que permitiu lucro fácil, com aqueles que obtiveram os lucros aparentemente impérvios ao dano que infligiam aos funcionários e às comunidades. Estamos certos de que a investigação realizada por PP Guariniello e os membros de sua equipe é em por si só uma enorme contribuição para esta luta internacional da civilização.

Agosto de 2011

## 7. UM JULGAMENTO COM IMPLICAÇÕES ABRANGENTES

Laurent Vogel<sup>1</sup>

Em 4 de julho de 2011, o promotor público de Turin, Raffaele Guariniello, concluiu sua declaração do caso pedindo sentenças de prisão de 20 anos contra os dois homens no banco dos réus - o bilionário suíço Stephan Schmidheiny e o Barão da Bélgica Louis de Cartier de Marchienne.

O julgamento de Turin é especial - obviamente não por ser a primeira vez que a indústria do amianto encontrou-se no banco dos réus, mas devido à soma de três fatores:

1. É o resultado de quase meio século de ação trabalhista direta em busca de justiça criminal dirigida basicamente por funcionários da fábrica da Eternit em Casale Monferrato.
2. É um julgamento criminal focado na importação, através de política social e pública, de cânceres causados pelo trabalho.
3. É a primeira vez que os representantes dos responsáveis por decisões superiores do grupo Eternit foram indiciados pelas consequências do que fizeram em um determinado país. Isto dá ao julgamento importância transnacional.

### Um Julgamento que Coroa quase Meio Século de Ação Trabalhista Direta

Uma coisa que destaca o julgamento de Turin de outros julgamentos é sua trama de funcionários e população de Casale Monferrato formando um ator coletivo. Em muitos outros casos, especialmente em litígios de ação de classe nos Estados Unidos, um ator coletivo tende a emergir como resultado da ação legal. As vítimas tornam-se uma força acumulada pelo ímpeto de um julgamento. A situação de Casale Monferrato é muito diferente. A consciência dos perigos do amianto cresceu a partir da ação trabalhista direta que gradualmente tornou-se radicalizada e expandida à comunidade como um todo. Foi um processo pontuado por processos de uma tipo ou de outro - nem todos bem sucedidos - mas não foi formado por eles.

Em geral, o monumental trabalho investigativo executado pelas autoridades de administração de justiça só pôde ser feito por causa da memória coletiva desenvolvida com seus próprios meios de registro e investigação de fatos. A ação direta dos funcionários encontrou formas de tomar propriedade crítica da realidade do trabalho. Ela produziu alianças entre funcionários e cientistas. Ela desafiou a realidade do estabelecimento. Esta autoqualificação através do conhecimento apresenta-se com a clareza de detalhes com a qual o julgamento foi capaz de pesquisar no histórico de condições de trabalho a organização comercial e os impactos dos negócios da Eternit

à saúde. Foi uma fundação indispensável de uma reinterpretação inovadora de conceitos legais clássicos como casualidade, responsabilidade e dolo.

A extensa investigação judicial desenterrou 2.969 casos - mais de 2.200 mortes e aproximadamente 700 doentes de câncer. O rolo da morte em Casale Monferrato apresenta: aproximadamente 1.000 funcionários da Eternit, 500 residentes locais e 16 funcionários terceirizados. Somados a estes estão aproximadamente 500 casos em Bagnoli, próximo a Nápoles, 100 em Cavagnolo, na província de Turin, e aproximadamente 50 em Rubiera, na província de Reggio Emilia. A responsabilidade da diretoria da Eternit pelas mortes de 11 funcionários italianos que trabalharam na Suíça também será considerada. Essa parte do caso foi uma das mais difíceis de formar, posto que a Organização Nacional de Seguro de Acidentes da Suíça (SUVA) por muito tempo recusou a entrega dos registros até ser forçada a assim fazê-lo por uma decisão judicial da Suíça.

A fábrica da Eternit em Casale Monferrato iniciou atividades em 1906. Localizada perto da mina de Balangero, foi um importante centro de produção de mercadorias de cimento de amianto, especialmente a conhecida folha ondulada homônima ao nome Eternit. A produção da mina de Balangero não conseguiu acompanhar a demanda de produção. Casale Monferrato tinha a dúbia fama de adquirir seus suprimentos de amianto de países em quatro continentes - Brasil, Canadá, África do Sul e Rússia. Até 1980, os sacos de amianto eram descarregados e abertos à mão, e seus conteúdos empilhados em enormes silos. O processo de produção nesta etapa era pouco diferente das técnicas usadas por camponeses para guardar feno. Tão grave era a poluição que a fábrica parecia coberta por uma bruma permanente. Durante a segunda guerra mundial, repetidas tentativas por aviões americanos de bombear a ponte do Po, estrategicamente importante, fracassaram, com os pilotos informando um fenômeno atmosférico grotesco pelo qual a pequena cidade parecia envolta em grossas nuvens brancas durante todas as estações.

A Eternit era um negócio paternalista e oferecia gratuitamente a seus funcionários "telhas" de cimento de amianto. Os sacos que haviam transportado amianto podiam ser levados para casa e usados para colher batatas. Os habitantes locais podiam livremente pegar restos na fábrica para usar como isolamento de teto ou alamedas de jardim. Foi com um paternalismo tranquilizante quando médicos do trabalho deram garantias de que trabalhar com

<sup>1</sup> Laurent Vogel é Diretor do Departamento de Condições, Saúde e Segurança do Trabalho, Instituto Sindicalista Europeu. E-mail: lvogel@etuc.org

amianto não provia risco algum. Funcionários que expressavam preocupações podiam receber equipamento de proteção basicamente inútil. Mas tornava-se áspera e repressiva quando desafiada. Uma oficina de produção universalmente conhecida como Kremlim estava situada em um prédio lateral próprio. Neste local a exposição ao amianto era a mais alta. Era onde os tubos e dutos eram acabados, virados na altura de peito em uma sala com teto muito baixo. Era aqui que a administração punha ativistas da Confederação Geral Italiana do Trabalho (CGIL). Poucos funcionários exilados ao Kremlim chegaram ao seu 60º aniversário.

As primeiras lutas dos trabalhadores contra danos à saúde relacionados ao amianto datam a década de 1950. O reconhecimento de doenças ocupacionais veio de pouco em pouco: o primeiro caso de asbestose foi reconhecido somente em 1947. A crescente percepção dos trabalhadores foi obstruída pelas constantes negativas da empresa. Posto que a Eternit garantia tenazmente que o trabalho não era perigoso, mesmo medidas de proteção mais básicas foram consideradas muito caras. Em 1961, o descontentamento dos funcionários transformou-se em greves e protestos que foram barbaramente reprimidos pela polícia. Seria preciso outros 20 anos até que empresa cedesse pela primeira vez às exigências do sindicato.

Bruno Pesce, que liderou a federação trabalhista de Casale Monferrato desde 1979, concentrou as demandas sindicais na proteção à saúde. Uma onda de greves e reuniões de chão de fábrica seguiram-se. Os sindicatos ganharam o direito a um estudo de exposições perigosas realizado pelo instituto de medicina ocupacional de Pavia, com o envolvimento e supervisão do sindicato. Representantes sindicais mostrariam a planta aos pesquisadores e técnicos, indicando onde as amostras deviam ser tomadas. O trabalho de campo levou 40 dias, e encontrou níveis de exposição ao amianto muito altos. A resposta do empregador foi um ataque duplo: uma tentativa de romper a união dos funcionários afirmando que melhorias podiam ser feitas, mas somente se a remuneração em dinheiro por alto risco (24.000 liras por mês para os funcionários mais expostos ao pó de amianto) fosse eliminada; e estabelecer um serviço de saúde ocupacional controlado pelo empregador, cuja primeiro boletim informativo alertava os funcionários a não fumar! Isso provocou uma paralisação de duas horas. O sindicato CGIL decidiu contratar seu próprio médico qualificado, Daniela Degiovanni, que ajudou a descobrir a monstruosa verdade: centenas mortas por mesotelioma e câncer de pulmão; milhares mais sofrendo doenças de pulmão e outras condições relacionadas ao amianto.

Em 1986, a fábrica fechou quando a subsidiária

local da Eternit foi à falência, mas custo pedágio continuava a aumentar. O período de latência entre a exposição ao amianto e o desenvolvimento de câncer ser de até quarenta anos. E o meio-ambiente estava tão poluído que a maior parte da população de Casale Monferrato estava constantemente exposta a níveis elevados. Pessoas em Casale Monferrato ainda estão morrendo por causa do amianto: novos casos mesotelioma são atualmente 40 por ano, e as projeções epidemiológicas sugerem que isso continuará até 2015-2020. Casale Monferrato tem uma população de aproximadamente 35.000.

Em uma conferência internacional paralela ao julgamento, em março de 2010, Bruno Pesce remontou a história e escolheu as principais características do movimento de ação direta.

A abordagem ao longo de toda a década de 1950 e de 1960 foi monetizar os riscos. Os funcionários concentravam-se no desgaste físico do trabalho, nos altos níveis de ruído e nas oficinas cheias de pó com o objetivo principal de obter indenização na forma de salários mais elevados. Não havia na época a intenção de procurar uma alternativa para a produção de materiais contendo amianto.

A partir de 1968, as lutas tomaram uma direção mais radical. Uma aliança foi formada entre representantes sindicais e médicos conscientes de sua responsabilidade social e política de atacar a doença. A organização do trabalho tornou-se o ponto principal da agenda. Não havia nenhuma exigência específica de sucatar o amianto, mas uma crescente convicção de que os chefes não deviam ter controle absoluto quanto aos objetivos e métodos de produção. Foi um tempo de fermento criativo e pensamento crítico, que na Itália, mais que em qualquer outro lugar do mundo, mobilizaria o coração e a alma de uma geração inteira do movimento trabalhista.

Diferentemente de outras fábricas, as demandas ambientais locais e os interesses de funcionários quanto a trabalhos e salários uniram-se na década de 1980. O comitê de administração da loja da fábrica organizaria a crescente oposição da comunidade ao grupo Eternit - uma aliança criada pelas tentativas incessantes da confederação sindical CGIL de reconhecer as doenças ocupacionais e os primeiros processos por danos contra a Eternit no início da década de 1980 desencadeados pela aceitação da INAIL (a filial de doenças e acidentes ocupacionais do sistema italiano de seguridade social) de um prêmio de riscos reduzido em asbestose, apesar de falhas sistemáticas da Eternit em prevenção primária.

Em 1986, a filial italiana da Eternit encerrou operações. A prometida reorganização industrial nunca aconteceu. Uma afiliada francesa da Eternit

ofereceu-se para assumir a fábrica desde que pudesse continuar usando amianto. O sindicato rejeitou a abordagem e apoiou a portaria do conselho local que banuiu qualquer produção com amianto na região de Casale Monferrato.

Um primeiro julgamento em 1993 encontrou apenas gerentes locais da empresa no banco dos réus. O Supremo tribunal de Apelação considerou que o caso provava a morte de um funcionário apenas, e impôs uma sentença muito branda. Acusações relacionadas a todas as outras mortes foram consideradas prescritas.

### **Expor Funcionários a Carcinógenos pode ser um Crime**

O julgamento de Turin é diferente de muitos processos relacionados a amianto em países de direito comum, onde o objetivo principal é indenização para as vítimas. A intenção criminal não está em questão em processos por ato ilícito em responsabilidade, os quais são puramente financeiros. Os reclamantes sustentam que sofreram perdas que podem ser avaliadas em termos monetários. Eles apresentam evidências de que o acusado é culpado e que uma conexão causal existe entre a falha e a perda incorrida. Caso eles comprovem seu caso, eles recebem indenização ... desde que o acusado seja ainda solvente. Muitas multinacionais evitaram com sucesso a necessidade de pagar indenização através de arranjos complexos, pelos quais subsidiárias em países onde eles estão particularmente expostos apresentaram pedido de falência. A empresa que causou a perda pode mesmo escapar sem pagar ela mesma a indenização, caso tenha seguro.

Certamente, a linha divisória entre responsabilidade civil e criminal em alguns países pode ser menos hermética quando indenizações punitivas são concedidas. Em certas condições - que podem diferenciar-se entre sistemas legais - a gravidade em particular da falha introduz um elemento punitivo que é decidido por uma autoridade pública (um tribunal) e transformado em receita privada (indenização da vítima). Em um julgamento recente em Mississippi, por exemplo, um júri ordenou que a Chevron e a Union Carbide pagassem US\$ 322 milhões a um funcionário exposto ao amianto durante trabalho em poços de perfuração da indústria de petróleo entre 1979 e meados da década de 1980 [1]. O funcionário sofre asbestose e precisa usar um sistema de respiração assistida com oxigênio. Este é o mais alto valor pago a um indivíduo em um caso de amianto nos Estados Unidos.

Tendo dito isto, a impunidade criminal tem significância política e social simbólica posto que implica que, no que concerne ao amianto, assassinato em massa não é visto como violação suficientemente grave de política pública para

que seja considerado um crime.

O julgamento de Turin é o mais recente em uma série de processos por exposição de funcionários ao amianto. a novidade, contudo, é que as acusações são diferentes de acusações em casos anteriores. Os precedentes criminais italianos sobre o amianto podem ser abrangentemente resumidos como se segue [2].

A maior parte das denúncias foram sob acusação de homicídio culposo ou danos por negligência, de forma a se observar a responsabilidade criminal de empregadores em situações individuais de funcionários que sofrem de doenças relacionadas ao amianto. Os julgamentos concentraram-se tanto em doenças que podem ser consideradas como resultando especificamente da exposição ao amianto (mesotelioma e asbestose) e cânceres com um amplo intervalo de causas possíveis mas para os quais há evidência epidemiológica mostrando alta probabilidade de que a exposição ao amianto está envolvida (principalmente câncer de pulmão). Referência a dados epidemiológicos evita que a relação causal seja anulada, pois nenhum câncer transporta a “assinatura” de uma determinada exposição. Em uma sentença chave de 2002, o Supremo Tribunal de Apelação considerou que não havia nenhum requisito para comprovar o mecanismo preciso da carcinogênese em cada indivíduo, e que uma alta probabilidade lógica pode ser deduzida de dados epidemiológicos e estatísticas [3],

As sentenças eram geralmente baseadas em três disposições do Código Penal italiano. O artigo 40.2 especifica os critérios de causa que devem ser considerados em questões criminais. Ele dispõe que “não conseguir evitar um evento quando há um dever legal de fazê-lo é equivalente a causá-lo.” O artigo 589 contém a ofensa de homicídio culposo enquanto o Artigo 590 criminaliza danos culpável à pessoa.

O dever legal de garantir um local de trabalho saudável e seguro deriva de um corpo de saúde e segurança na legislação do trabalho. Há um corpo regularmente consistente de precedentes para dizer que tal dever de segurança existia quando havia conhecimento científico suficiente sobre as consequências da exposição ao amianto. O Supremo Tribunal de Apelação deixou claro que o dever de um empregador incluía tomar todas as medidas preventivas tecnicamente possíveis e não estava limitado à mera conformidade com valores limites estatutários.

A posição do julgamento de Turin quanto a que lei aplica-se aos fatos é diferente. Ele tem como base dois tipos de ofensa.

O artigo 434 do Código Penal contém a ofensa de execução maliciosa de desastre, isto é, ato ilícito



Photo from documentary, Dust – the Great Asbestos Trial

Mais de 100 jornalistas e 150 advogados, junto com vítimas do amianto, suas famílias, e membros do público que conseguiram entradas, enchem a sala do tribunal no primeiro dia do julgamento de Turin, 10 de dezembro 2009.

ou omissão que causa um resultado previsto e desejado pela pessoa que o comete.

O artigo 437 trata mais especificamente de condições de trabalho e envolve a remoção maliciosa ou a omissão de proteção contra desastres ou ferimentos no local de trabalho.

Mais do que problemas técnicos sobre a definição de ofensas, esta abordagem concentra-se no aspecto coletivo de escolhas comerciais, técnicas e organizacionais pela alta administração da Eternit. “Desastre”, como um conceito, vai além de mortes múltiplas ilegais e pode muito bem permitir melhor discernimento das implicações completas de um processo de acúmulo de capital no estilo da Eternit.

Mais uma coisa deve ser dita. Conforme é o caso com desenvolvimentos em precedentes franceses, este julgamento de amianto não é um caso em si. Os precedentes criminais em amianto misturam-se àqueles que tratam mais geralmente de todos os perigos do trabalho. Discutir isto está além do escopo deste artigo, mas pode-se ser útil mencionar os julgamentos proeminentes dos cânceres de Porto Marghera devido à exposição a cloreto de vinil, os quais culminaram em uma sentença do Supremo Tribunal de Apelação em 19 de maio de 2006 [4].

No que concerne a acidentes de trabalho, vale a pena mencionar que em 15 de abril de 2011, o mesmo tribunal de Turin, atualmente realizando o julgamento dos alto executivos da Eternit, sentenciou a 16 anos de reclusão Herald Espenhahn, diretor-gerente da multinacional ThyssenKrupp, por um incêndio que levou às mortes de sete funcionários. Quatro outros executivos da empresa receberam sentenças de 13 anos de reclusão. Certamente este caso é

diferente, mas os argumentos jurídicos em torno da noção de intenção podem estabelecer um precedente no qual o tribunal pode se basear para decidir sobre o caso da Eternit.

#### Alta Administração do Grupo em Julgamento

No banco dos réus de Turin estão Stephan Schmidheiny e o Barão da Bélgica de Cartier de Marchienne. Stephan Schmidheiny vem de uma família proeminente em círculos econômicos e políticos suíços que durante quase um século foi a maior acionista da Eternit. Ele conseguiu forjar as mais variadas redes de alianças. Durante a Segunda Guerra Mundial, as autoridades nazistas forneceram-lhe trabalho escravo da fábrica da Eternit em Berlim. Colecionador de arte, filantropo e a força motriz em muitas redes para promover um novo capitalismo verde, Stephan Schmidheiny tem sido uma importante luz de uma associação de empregadores - o Conselho Comercial Mundial do Desenvolvimento Sustentável.

Stephan Schmidheiny desempenhou um papel chave no ramo da indústria de amianto do grupo Eternit em meados da década de 1970, onde ele estabeleceu uma política de negação de riscos e padrões duplos em uma escala mundial, retardando a eliminação do amianto nos países menos desenvolvidos. Como Sergio Bonetto, advogado de algumas vítimas, diz: “infelizmente para eles, os industrialistas suíços são tipos meticulosos: tudo foi escrito e centralizado. Por exemplo, temos prova de que na Suíça, todas as amostras de amianto foram controladas e que os parâmetros de produção foram definidos por normas de contaminação de pó que diferiam do oficial no país” [5].

O Barão de Cartier de Marchienne é um decano do estabelecimento econômico belga que tinha

responsabilidade executiva na filial belga da Eternit (subsequentemente renomeada Etex), e a responsabilidade de gestão direta por Casale Monferrato de 1966 ao início da década de 1970. O julgamento de Turin trouxe muita evidência para mostrar como dois braços da administração da Eternit - belga e suíço - tentaram soprar para longe os perigos do amianto e impedir um banimento. Sob a vigia de Schmidheiny, a Eternit economizou cortando medidas preventivas enquanto gastava com RP. Uma busca policial nos escritórios do lobista Guido Bellodi descobriu que, desde 1984, Stephan Schmidheiny investiu em campanhas de desinformação na Itália. Um jornalista infiltrou-se no comitê de vítimas do amianto de Casale Monferrato e o Juiz Guariniello foi posto sob vigilância [6]. Documentos encontrados provaram que a Eternit “investiu” na compra de cientistas, proeminentes políticos e sindicalistas, e jornalistas.

O julgamento de Turin contrasta marcadamente com os sistemas de justiça criminais apáticos da Bélgica e da Suíça, onde o mesmo grupo industrial causou danos semelhantes. A história de Casale Monferrato não é muito diferente a de outras cidades fabris do grupo Eternit, como Payeme, na Suíça, e Kapelle-op-den-Bos, na Bélgica. A inação legal em ambos os países não é devido a diferenças significativas na lei criminal, posto que em geral as mesmas violações indiciadas na Itália são encontradas na lei belga e suíça. As diferenças originam-se muito mais da dinâmica social em torno do que a Eternit fazia, do movimento de trabalho à mídia e ao governo. Nada arranhou a respeitabilidade que rodeia as famílias dirigentes do grupo Eternit em seus países de origem. A

fortuna traz sua própria fama e a conversão de Stephan Schmidheiny ao capitalismo verde lhe rendeu mais buquês que tijolos quebrados.

Agosto de 2011

#### Referências

1. A. John, Mississippi Jury Returns Largest Asbestos Verdict in U.S. History, *Wall Street Journal*, 6 May 2011 and Ch. Graham, Smith County jury awards \$322M verdict, *Laurel Leader Call*, 6 maio 2011.
2. Um estudo recente relata quarenta veredictos em processos por exposição de funcionários ao amianto na Itália. O primeiro data de 1984. Os casos aumentaram ao longo da década passada. Ver S. Zirulia, *Monitoraggio diprocedimentigiudiziari relativi agli effetti dell'amianto sulla salute ed esplorazione della possibility di realizzare una banca dati*, Casale monferrato, 2011. 2011. Para um exemplo mais detalhado, embora mais antigo, ver A. Di Amato, *La responsabilita penale da amianto*, Giuf- fre Editore, Milan, 2003.
3. Corte di Cassazione, Sez. IV, n. 953, 11.7.2002, Brusco v/. Macola e altri (Officine Meccaniche Stanga)
4. Corte di Cassazione, Sez. IV,, n. 4675/07, 17;05;2006, P.G. v/Bartalini e altri.
5. Interview by Jacqueline Roz-Maurette, *Viva*, No. 232, abril 2008, p. 30-31.
6. A Gaino, *Le spie*



A primeira entrada do julgamento - cortesia de Yvonne Waterman.

## 8. ENTREVISTA COM O PROMOTOR RAFFAELE GUARINIELLO<sup>1</sup>

Niccolò Bruna e Andrea Prandstraller<sup>2</sup>

*O que torna este julgamento especial?*

O caso Eternit é especial por causa do tamanho e números: o número de fábricas envolvidas, o número de partes lesadas. No entanto, é só um de muitos casos acerca de cânceres relacionados ao trabalho e relacionados ao amianto com os quais temos lidado ao longo dos anos. O caso da Eternit parte de uma ação legal de longo alcance que temos perseguido por mais de 15 anos com a criação de um Observatório para cânceres ocupacionais. Já estudamos mais de 25.000 cânceres e não surpreendentemente encontramos tumores ocupacional relacionados ao amianto em várias empresas, inclusive a Eternit.

*Qual tem sido o papel das organizações de vítimas para iniciar os processos?*

A contribuição feita pelas vítimas e suas organizações é essencial posto que elas fornecem informações e conhecimento. Contudo, prosseguimos porque, de acordo com a lei, precisávamos.

É dito muitas vezes que a exposição ocupacional ao amianto não tem estado sujeita à legislação na Itália, como é o caso de muitos outros países. Isto não completamente é verdade: temos uma lei que data do início do século estabelecendo regras de saúde e segurança a serem aplicadas a adolescentes e mulheres que trabalham com amianto. Legislação não faltou: havia regulamentação; e na Itália temos regras gerais de saúde industrial desde 1927, revisadas em 1956.

Na década de 1940 houve uma lei que decretou seguro obrigatório para compensar funcionários por doenças relacionadas ao amianto, especialmente asbestose; a lei incluiu uma obrigação de monitorar a saúde de funcionários do amianto.

*Qual é a acusação contra os réus?*

O caso criminal contra os executivos da Eternit inclui as seguintes acusações: homicídio culposo, dano físico efetivo, causar um desastre, falha em cumprir regras de segurança e negligência. A escolha de prosseguir com as acusações de “desastre” e “falha em cumprir regras de segurança e negligência” foi feita porque o tempo que seria preciso para obter relatórios de peritos médicos para o enorme número de partes lesadas e vítimas envolvidas poderia ter consequências de limitação. Consequentemente, decidimos prosseguir com as ofensas mais graves.

*No princípio, o procedimento contra a Eternit envolvia gerentes italianos locais e nacionais, porque?*

Porque não tínhamos percebido que havia uma conexão entre as fábricas italianas e os indivíduos que tinham trabalhado no exterior. Quando informados de que alguns funcionários que tinham trabalhado na Suíça tinham voltado à Itália para morrer, ampliamos nossas acusações para incluir estrangeiros. Começando por estes casos, descobrimos que a Eternit tinha fábricas na Suíça; e era lá que estavam os proprietários. Consequentemente, começamos a fazer perguntas sobre a relação entre as fábricas e a propriedade, reunindo dados e elementos que, de acordo com a ação penal, comprovaria a solidez de nossas acusações, não mais contra os gerentes nacionais, mas também contra os proprietários e os acionistas majoritários da empresa.

*Quanto tempo as investigações preliminares duraram?*

As investigações preliminares levaram alguns anos porque tivemos de reunir rogatórias na Suíça e isso foi difícil; em alguns casos levou até 4 anos. Estes são os procedimentos que nossos colegas suíços evidentemente precisam seguir. Houve algumas apelações apresentadas pelas partes em questão contra a aceitação das rogatórias, pelo que entendi.

Nossa experiência em casos de câncer relacionados ao amianto data muitos anos. Atualmente há um valor vasto de precedentes (jurisprudência): foi muito inovador quando iniciamos, mas hoje é bem conhecido, há questões e problemas que já foram tratados pela jurisprudência. Portanto, precisamos somente seguir este caminho.

Há dois problemas específicos associados ao caso. Primeiramente, o enorme número de partes lesadas; não somente os trabalhadores, mas o povo, os membros da comunidade, que nunca entraram em uma fábrica de amianto. Em segundo lugar, as ofensas envolvem réus que vivem e trabalham no exterior e estão ligados a diversas plantas diferentes. Isso implica na necessidade de explorar o que chamamos de política industrial da empresa; para demonstrar as acusações da promotoria precisamos reconstruir uma imagem clara desta política.

*E qual é a hipótese da promotoria?*

Digamos que decisões chaves não foram tomadas

<sup>1</sup> Esta entrevista foi realizada em 9 de agosto de 2010; a transcrição foi traduzida do italiano por Elena Pertusati.

<sup>2</sup> Niccolò Bruna (e-mail: nic.bruna@gmail.com) e Andrea Prandstraller (e-mail: a.prand@libero.it) são produtores de documentários.



O Promotor Chefe Raffaele Guariniello durante o julgamento, dezembro de 2010.

na Itália, mas na sede da Empresa, e portanto elas aplicaram-se ao seu império global de amianto, não somente a fábricas italianas, mas a todos os interesses sob o controle dos acionistas majoritários.

O fato que houve reuniões de gerentes de várias plantas diferentes, que se encontravam para discutir problemas, fez-nos perceber o que ocorria; conseguimos de fato “ver” a política industrial da corporação em sua totalidade.

*Como você pensa que provará essa tese?*

Evidência é muito importante, mas ainda mais importante são os documentos que adquirimos: o que nos move é a verdade, a busca e a verdade, portanto estamos abertos para qualquer verdade.

Um objetivo deste julgamento, objetivo que perseguimos em todos os julgamentos deste tipo, é obter uma sentença que pode levar à indenização de todas as vítimas do amianto. Claramente não é o objetivo principal em um processo criminal mas é algo com o qual nos preocupamos. É um objetivo de qualquer acidente industrial, de qualquer doença ocupacional. Indenização não salvará a vida de ninguém, mas pode ser um alívio para a família e este é um resultado importante.

Então, naturalmente, há o problema da responsabilidade criminal. Temos muitas leis de saúde ocupacional. Elas são excelentes no papel, mas muitas vezes elas são totalmente ignoradas e muito pouco é feito para impor seu cumprimento. O que isto significa? Isso significa

que muitas empresas pensam que podem ignorá-las; o sentimento é que, mesmo se você violar a lei, você nunca será responsabilizado.

Bem, penso que temos um dever preciso, temos de lutar contra este sentimento de impunidade ao desrespeitar e mesmo zombar da lei. Devemos fazer entender que há leis e que cada um pode ser considerado criminalmente responsável por desrespeitá-la.

Responsabilidade social corporativa é muito importante e posso dizer que após muitos anos de trabalho neste campo, muito progresso foi feito desde a década de 1970 e a consciência de saúde e segurança desenvolveu-se. Contudo, o que acho muito negativo na Itália, na verdade em qualquer lugar, é a apatia, a passividade exposta por agências de monitoramento institucionais (cães de guarda).

Penso que é inevitável que se as instituições de um país não conseguirem fazer sentir sua presença, esta ou aquela empresa pode pensar que podem violar a lei sem sofrer as consequências. Em essência, é a situação com a qual temos de lidar. Neste julgamento, como em muitos outros, percebemos que os cães de guarda falharam em sua vigilância, muitas vezes eles simplesmente esqueceram de seguir as coisas. O fato de que isto ainda está acontecendo é uma mensagem que este julgamento está enviando ao estabelecimento.

Houve um tempo em que tínhamos um problema com amianto na Itália, e ainda há um problema

com amianto em muitos países. Quando você falha em lidar com um problema, quando você interrompe o monitoramento - este, assim como outros futuros, tais como campos eletromagnéticos, sobre o qual ainda conhecemos muito pouco - então você não pode queixar-se 20 ou 30 anos depois, perguntando-se “Porque todas estas mortes, porque todas estas pessoas estão doentes?”

O histórico do amianto é emblemática porque é a história de uma falta da prevenção que pode ter sido implementada.

Em primeiro lugar, há o aspecto legal: o amianto foi banido em alguns países, não em outros. Achamos essa falta de consistência curiosa. Penso que é claro que organizações como a Organização Internacional do Trabalho, da qual a maior parte dos países são membros, não toleram o uso de amianto, que continua em muitos governos. Ou os que o baniram ou os que não o baniram estão enganados; a colcha de retalhos da regulamentação que vemos é inaceitável.

Instintivamente, agora consideramos o banimento do amianto como normal. Assim, quando ouvimos sobre um país onde o amianto ainda é empregado, ficamos surpresos e nos perguntamos: “como isto é possível?”

Naturalmente, enfrentamos inconsistências judiciais e de regularidade. Estamos sustentando um julgamento criminal que envolve uma empresa que tem fábricas de amianto em muitos outros países. Não tenho a informação de que algum destes países iniciou processos, exceto a França, onde sérias dificuldades estão sendo encontradas. Novamente, um quadro confuso que é inaceitável. Porque temos este processos em andamento somente na Itália e não em outros locais?

*Qual é seu interesse pessoal em perseguir estes casos?*

Hoje mesmo pela manhã soube de um novo caso de mesotelioma pleural em um funcionário que trabalhava para contratadas de transporte: bem, isso foi o bastante para fazer-me pensar: “Porque não havia prevenção?” Não é o enorme número de casos que mais me assombra, mas o fato de que não houve prevenção, com consequências muito graves. Temos casos de pessoas que nunca trabalharam com amianto, mas que trabalhou em plantas onde amianto esteve presente. São estas histórias deprimentes, em que uma pessoa é lesada pelas ações de outra que vejo como dramáticas e perturbadoras, além do enorme número de casos.

Certamente, neste caso o foco principal está no desastre causado (eis a acusação), não somente

no ambiente de trabalho, mas também na comunidade.

Um perito da Região de Piemonte disse-nos que todo ano 50 pessoas morrem, das quais 10 teriam trabalhado na planta, mas não o restante.

*O que você pensa sobre os réus?*

É difícil. Geralmente formo uma opinião de pessoas, especialmente de réus, quando os interrogo, o que não aconteceu por enquanto. Estou aguardando a possibilidade de fazê-lo. Será de fato interessante ouvir o que eles têm a dizer, para esclarecer os fatos e chegar a um resultado justo. Nós não devemos ter preconceitos; é importante ouvir todos os lados para que se possa chegar a um julgamento equilibrado.

Contudo, os réus têm o direito de não responder a perguntas. Responder ou não é uma escolha estratégica da defesa.

*Você não se sente uma minoria se comparado com a defesa, tão numerosa e bem equipada?*

Não, temos uma organização sólida. De fato, eu gostaria que a Promotoria Pública de Turin servisse como promotoria nacional, posto que em nenhum outro lugar do país há uma organização comparável.

*A duração do julgamento pode ser prevista?*

Não, embora quando iniciamos pensávamos podia durar anos; agora [sete meses após o início do julgamento], graças a diretrizes muito equilibradas e justas dadas pelo tribunal, podemos imaginar uma duração razoável para os processos.

9 de agosto de 2010

## 9. JUSTIÇA ÀS VÍTIMAS DA ETERNIT - A EXPERIÊNCIA FRANCO-ITALIANA<sup>1</sup>

Annie Thebaud-Mony<sup>2</sup>

### APÊNDICE: O PROCESSO CIVIL DENTRO DO JULGAMENTO CRIMINAL NA ITÁLIA

Sergio Bonetto

Em 24 de setembro deste ano, 2011, enquanto o julgamento de um caso emblemático que envolve dois industrialistas da Eternit continuava em Turin, a Associação de Defesa das Vítimas do Amianto no Departamento Tam, França (ADDEVA 81) desvelou uma inscrição em memória de funcionários e outras vítimas da fábrica da Eternit em Terssac, perto de Albi, na França (ver caixa abaixo). Naquele dia, e com completa impunidade, os diretores da fábrica “celebravam” seu quadragésimo aniversário! E ainda em Terssac, como em Casale Monferrato, o amianto matou muitas pessoas.

Este texto examina as estratégias que são usadas na França e na Itália para obter justiça para vítimas do amianto, e certifica a urgência de criar um tribunal criminal internacional completo para casos envolvendo trabalhadores e o meio-ambiente.

**Excertos de um discurso dado no dia 24 de setembro de 2011, por Jean-Marie Birbes, presidente da ADDEVA 81**

1971-2011: Quarenta anos: uma história, nossa história, feita de sofrimento e lutas, mas também de camaradas e esperança.

A década de 1970: A cooperativa intersindical das duas universidades de Jussieu [Universidade de Paris 6 e Universidade de Paris 7] e funcionárias da Amisol decidiram unir forças para alertar a sociedade francesa quanto aos perigos do amianto. Os escândalo irrompe. A Eternit França, dirigida pela família Cuvelier, é parte de uma rede de empresas da Eternit na Europa...

Julho de 1996: o Monsieur Barot, então ministro do trabalho, anuncia o banimento [do amianto] a partir de janeiro de 1997. Naquele mesmo ano, a associação nacional de defesa das vítimas do amianto (ANDEVA) é fundada. A ANDEVA cresceu pela sinergia de revolta, a revolta de viúvas de professores, que deram entrada em um processo jurídico em Gérardmer, e de trabalhadores e aposentados com doenças causadas pelo amianto: funcionários da Amisol, nos estaleiros navais, da Arsenal, da Eternit, da Everite, da indústria de aço, junto com ativistas de associação, sindicalistas, jornalistas e alguns profissionais e pesquisadores de saúde ocupacionais. E em 1996 nossa Associação também foi criada....

O problema da responsabilidade criminal dos diretores [da empresa] na época ainda não foi

tratado. O primeiro processo foi iniciado em 1996 por companheiros da fábrica de Thiant, apoiada pela Federação de Construção da CGT. Depois de algum tempo, os processos arquivados pelas viúvas de funcionários da fábrica de Terssac foram aprovados para julgamento pelo promotor estadual em Albi, que transferiu o caso para um juiz da seção de saúde pública do tribunal de Paris.

Isto é o que está em jogo em nosso combate de hoje.

**Na França: a mudança de “ofensa indesculpável” (*faute inexcusable*) a “danos por angústia” (*préjudice d’anxiété*)**

Quando o escândalo de funcionários lesados por amianto emergiu na França, trabalhadores vítimas do amianto e advogados escolheram a estratégia de dar entrada em um processo civil de “ofensa indesculpável” da parte de um empregador - um movimento incomum na França até aquele momento. Vítimas que sofriam de uma doença ocupacional oficialmente reconhecida ou seus sucessores legítimos podiam processar um empregador se pudessem comprovar que o mesmo cometeu o que é chamado de “ofensa indesculpável,” contendo uma violação deliberada de segurança oficial e regulamentos de higiene. Em suas decisões jurídicas de 28 de fevereiro de 2002, acerca de “ofensas indesculpáveis” por empregadores que processaram ou usaram produtos de amianto ou amianto (decisões consideradas históricas na França), a câmara do Tribunal de Cassação responsável pelo julgamento de casos relacionados ao trabalho pôs um fim ao mito de que os diretores da empresa em questão não conheciam os perigos do amianto, demonstrando que tais perigos já eram conhecidos na França na virada do século [1]. Trabalhadores e vítimas do amianto e suas famílias ganharam milhares de casos de “ofensa indesculpável” em tribunais franceses desde 2002.

Enfrentando uma onda de tais casos, as autoridades públicas decidiram em 2000 criar um fundo para compensar vítimas do amianto, o FIVA. A lei estipula que o FIVA pode processar empregadores por “ofensa indesculpável” quando houver motivo para acreditar que tal ofensa foi cometida. Conquanto o FIVA permitiu a vítimas de amianto obter indenizações que de outra forma só seriam obtidos após julgamentos extremamente

<sup>1</sup> Traduzido do francês por Amy Jacobs.

<sup>2</sup> Annie Thébaud-Mony PhD, Associação Henri Pézerat: santé, travail, environnement. E-mail: annie.thebaud-mony@wanadoo.fr

longos, ele também restringiu definitivamente processos de “ofensa indesculpável” por funcionários e vítimas do amianto, transferindo assim o ônus de indenizar as vítimas das indústrias que cometeram as “ofensas indesculpáveis,” e portanto deveriam pagar por elas, a um fundo comum para lesões e doenças ocupacionais chamado “ATMP”, ao qual todos os empregadores contribuem, e para o estado. A Eternit até mesmo conseguiu escusar-se de pagar um valor em casos de “ofensa indesculpável” ganhos por seus antigos empregados, conseguindo que os tribunais fizessem com que queixas de “ofensa indesculpável” fossem pagas pelo fundo ATMP comum devido a erros no processo de reconhecer oficialmente que as vítimas em questão tinham uma doença ocupacional. Quanto aos processos do FIVA contra empregadores, eles representaram menos de 4% do total geral de € 2.782 milhões pagos pelo fundo a vítimas do amianto de 2003 a 2010. Claramente, as empresas de amianto da França não têm sido forçadas a arcar com o ônus financeiro de compensar as vítimas pelas quais são responsáveis.

Em 1996, funcionários da Eternit e suas famílias também deram entrada em um processo no tribunal criminal. Esse caso está ainda em sua etapa de investigação pré-julgamento. Em uma audiência em 2005 mantida como parte da missão francesa de investigação parlamentar de fatos do amianto, o magistrado da investigação Marie-Odile Bertella-Gefloy, coordenadora da seção de saúde pública do Tribunal de Grande Instance de Paris (o equivalente a um tribunal de comarca), desafiou a atitude da promotoria pública nos seguintes termos: “O fato que a promotoria pública nunca abriu por si uma investigação preliminar é um problema: [nunca é] a questão do próprio desastre de saúde pública ou de todas as pessoas afetadas por ele em uma dada empresa [que é tratada], mas somente o processo de uma única vítima ou de várias vítimas, como no escândalo de sangue contaminado [contaminação pelo vírus da AIDS de sangue usado em transfusões]” [2]. Na França, então, nenhum promotor abriu qualquer investigação pré-julgamento contra os responsáveis pelo desastre de saúde causado pelo amianto.

Outros meios, contudo, foram usados para trazer a questão perante os tribunais criminais. Em um processo contra a corporação multinacional Alstom por “pôr em risco a segurança de outros,” a corporação e seus diretores foram obrigados a pagar indenização por “causar angústia” a empregados expostos ao amianto. Esta decisão tornou-se um precedente legal. De acordo com a definição aprovada pelo tribunal, “danos por angústia” é “danos causados a uma vítima sabendo-se que ele ou ela foram contaminados, independentemente da natureza da contaminação (biológica, física ou química),

quando a contaminação transporta em si o risco de que uma patologia possivelmente fatal surja em um futuro próximo ou distante” [3]. Em casos de causar “danos por angústia”, a responsabilidade criminal da empresa é reconhecida e a própria empresa deve pagar todos os danos relacionados.

### **Na Itália: processamento de chefes da corporação multinacional da Eternit por sua estratégia criminal**

O julgamento da Eternit em Turin representa um momento judicial crítico na história internacional de ações contra industrialistas do amianto. Ele está voltado ao comportamento estratégico de alguns diretores de multinacionais do amianto, aqueles que organizaram a campanha internacional de desinformação sobre os efeitos do amianto na saúde, a qual levou a desastres não só na Itália mas em todo lugar em que amianto foi usado. As condições para indenizar vítimas italianas neste caso são descritas, no apêndice a este artigo, por Sergio Bonetto, advogado de algumas das partes privadas associadas ao processo público.

Aqui indicarei somente alguns pontos de comparação com a situação francesa. Primeiramente, na Itália é o próprio promotor público, independentemente das autoridades políticas, quem leva o caso ao tribunal. Em segundo lugar, o caso criminal está ligado à responsabilidade de um sistema de produção e de um tipo geral de organização de trabalho que se estende para além das fronteiras regionais ou nacionais. Os acusados são responsáveis por decisões a nível internacional que deliberadamente exploraram o fato de que os efeitos do amianto sobre a saúde aparecem somente após certo período de tempo. Por fim, quaisquer indenizações concedidas neste julgamento devem ser completamente pagas pelas empresas associadas aos industrialistas acusados. Os juízes de Turin devem chegar a sua decisão nos próximos meses, enquanto na França ainda estamos esperando o início de um julgamento efetivo 15 anos após o arquivamento dos processos das vítimas.

### **Conclusão**

Independente das diferenças entre as estratégias francesas e italianas, o progresso judicial feito, graças ao envolvimento comprometido de uma ampla gama de diferentes agentes em ambos os países, sugere a urgência de levar os industrialistas a um tribunal a nível internacional. O mercado do amianto está florescendo na Índia, China e muitos outros países. Esse crime industrial só cessará quando a impunidade das pessoas que dirigem estas empresas for destruída. É por isto que devemos lutar nos anos que se seguem.

Outubro de 2011

## Apêndice

### O PROCESSO CIVIL DENTRO DO JULGAMENTO CRIMINAL NA ITÁLIA<sup>3</sup>

Sergio Bonetto<sup>4</sup>

O processo civil dentro do julgamento do tribunal criminal na Itália é regulado pelo código penal. Isso significa que os princípios do sistema penal determinam os limites dentro dos quais uma parte privada pode atuar dentro de um julgamento criminal.

Antes de tudo, deve ser especificado, especialmente para leitores familiarizados com os sistemas legais de países de língua inglesa, que o sistema italiano, como a maior parte dos sistemas de origem romana e napoleônica, tem como base a obrigatoriedade da aplicação de processos criminais. Ou seja, através do código penal ou de leis específicas, o estado define toda a conduta que considera criminosa e as sentenças mínima e máxima. Se tal conduta tiver ocorrido (e isso for feito conhecido às autoridades judiciais de alguma forma), então uma investigação criminal deve ser conduzida. A instituição qualificada para conduzir tais investigações é a Promotoria Pública.

Estes são investigações secretas, nas quais o Promotor está inteiramente independente e tem liberdade para usar, orientar e atribuir tarefas específicas ao departamento de investigação criminal e a qualquer técnico e especialista que ele considerar necessário. Nesta fase, pessoas privadas que considerarem-se prejudicadas pela ofensa em questão podem designar um advogado de defesa, o qual pode apresentar, por sua vez, documentos e informações ao Promotor, indicando assim os nomes de pessoas familiarizadas com as ações na investigação. O Promotor não tem nenhuma obrigação de usar tais documentos ou de ouvir pessoas com o conhecimento das ações em questão.

Todas as pessoas ouvidas pelo Promotor são interrogadas sem assistência legal (inclusive sem a presença do advogado de vítimas de parte privada associadas ao Promotor), a menos que o próprio Promotor informe uma ou várias testemunhas de que uma investigação está em andamento contra eles. Neste caso, somente as pessoas indiciadas podem ter um advogado de defesa e a vítima não pode participar no interrogatório.

Quando a investigação é concluída, o escritório do Promotor Público deve ter os resultados avaliados por um juiz, disponibilizando para ele todos os documentos reunidos no processo de investigação. Em uma audiência especial na qual os advogados de ambos os réus e reclamantes privados participam ativamente, o juiz deve decidir se as condições necessárias foram atendidas para levar

o caso a julgamento ou se mais investigações são necessárias ou se o caso deve ser rejeitado. Um julgamento é feito somente se este primeiro juiz considerar que as condições necessárias foram atendidas. Os juizes do julgamento são diferentes do que decidiu que o caso pode ir a julgamento.

Outra característica do sistema penal italiano que o distingue nitidamente de outros (em particular de sistemas de países de língua inglesa) é que na Itália somente pessoas físicas podem ser consideradas responsáveis criminalmente.

O código penal só pode ser aplicado a pessoas físicas. Nenhuma entidade legal (organização, empresa, instituição, associação ou partido) pode ser acusada por um crime ou condenada.

Uma empresa não pode ser indiciada ou condenada por assassinato ou poluição ambiental; somente a pessoa que dirige a empresa no momento em que o crime foi cometido pode ser indiciada ou condenado. Contudo, empresas e entidades legais em geral podem participar do processo penal, seja como vítimas ou como entidades civis responsáveis pelo dano causado pelos réus. No primeiro caso, as entidades legais assumem o status de partes privadas da ação penal, como qualquer pessoa privada. No segundo caso e com a permissão do tribunal, os reclamantes privados podem trazer ao julgamento entidades legais que sejam financeiramente responsáveis pelos danos causados pelos réus.

Claramente, então, ação penal do estado, ação contra pessoas físicas acusadas de violar a lei criminal, está no centro do sistema penal italiano. Nenhuma outra parte - vítimas de crime, pessoas que sofreram danos, empresas financeiramente responsáveis pela conduta dos réus - é considerada componente necessário do caso. Ao contrário, muitas vezes elas são vistas como impedimentos, porque nestes julgamentos somente dois atores principais são absolutamente indispensáveis: o promotor público (*la pubblico accusa*) e os advogados de defesa do acusado. De fato, o acusado não é obrigado a participar do julgamento, posto que é exigida somente a presença de advogados com as procurações legais necessárias. Se os réus não contratarem seus próprios advogados, o Tribunal designa a eles um advogado como rotina.

Esse arranjo cria disparidades óbvias em como as diferentes partes são tratadas, sobretudo quando o número de partes “não indispensáveis” é alto. Considerando que, para o sistema como um todo,

<sup>3</sup> Apêndice traduzido do italiano ao francês por Laura Centemeri; então traduzido do francês [ao inglês] por Amy Jacobs.

<sup>4</sup> Sergio Bonetto: advogado que representa diversos reclamantes do julgamento de Turin; e-mail: ser.bonet@bonettonapoli.eu

ter o procedimento apropriado do julgamento é uma prioridade mais importante que qualquer exigência de partes “acessórias”, muitas vezes acontece de tais partes encontrarem-se limitados em número ou que o Tribunal recuse ouvir testemunhas, deixar documentos ser produzidos ou deixar que aquelas partes ou seus advogados tenham o direito de falar por mais que alguns minutos.

O motivo que justifica esta disparidade é a suposta diferença entre as exigências que as partes privadas podem fazer e a prerrogativa do estado de exercer sua função punitiva fundamental. De fato, em julgamentos criminais, partes privadas associadas ao processo podem *somente* pedir indenização pelos ferimentos que *elas* sofreram. Eles só podem pedir no julgamento criminal o que poderiam requerer em um caso civil. Sua presença é permitida no julgamento criminal somente por motivos de “economia processual”; isto é, para garantir que um único julgamento - o criminal - cumprirá a função do estado de punir criminosos e atender pedidos de indenização por pessoas que sofreram pela conduta do criminoso.

Se parecer provável que a avaliação dos pedidos de indenização de partes privadas do processo tornará o julgamento criminal mais lento, então o tribunal criminal pode decidir não reconhecer os pedidos dessas partes e, ao invés disso, encaminhar-lhes a um tribunal civil, que os analisará quanto à lei civil só *após* o caso criminal ser finalizado em definitivo.

Um esclarecimento importante é necessário: “conclusão definitiva” significa a sentença definitiva, que na Itália é determinada somente após três níveis judiciais (*gradi di giudizio*) intervirem: o tribunal, o tribunal de apelações e o tribunal de cassação. É preciso entre cinco a dez anos para que todos estes níveis cheguem a suas decisões consecutivas.

A alternativa disponível a partes privadas em um caso é levar seu caso ao tribunal civil desde o princípio. Neste caso, cabe a quem processa comprovar todas suas afirmações contra a parte processada; os custos jurídicos são altos; não há naturalmente nenhum *publica accusa*, e tais julgamentos geralmente levam muito mais tempo que casos de tribunais criminais.

O sistema de julgamento italiano tem sido corretamente criticado por não proteger adequadamente vítimas de crimes e mais geralmente aqueles que sofreram danos. Mas este é o sistema.

Resumindo, qualquer um que julgue ter sofrido dano devido a um crime, deve agir em pessoa se desejar receber indenização; eles podem interferir apenas ligeiramente no processo de

julgamento criminal e não têm influência alguma na sentença. Também neste ponto, as vítimas (isto é, as partes privadas associadas ao processo) podem ter somente uma participação indireta.

Pagar indenização é por si só uma circunstância atenuante para pessoas condenadas por um crime, mas de forma alguma exonera-os de condenação se o tribunal os considerar responsáveis.

O estado jamais delega sua prerrogativa de punição. Se a vítima declarar ter sido completamente compensada e o tribunal considerar a indenização adequada (*congruo*), apenas a sentença baseada é reduzida. Por outro lado, se o tribunal considerar o valor da indenização muito baixo, ele não levará em conta o ato da indenização. O contrário também se aplica: se um réu condenado recusar-se a pagar indenização, isso é considerado agravante e a sentença baseada pode ser aumentada.

Este arranjo é consideravelmente complexo e esta foi apenas uma descrição rudimentar dele. Há muitas complicações possíveis que não foram mencionadas, mas em geral pode se dizer que as vítimas de crime provavelmente não obterão resultados materiais por um longo tempo.

Fica claro que as escolhas das vítimas em tal contexto são sempre difíceis e contestáveis. As dificuldades aumentam quando há muitas vítimas abrindo processo por danos e nem todas na mesma situação, como no julgamento da Eternit em Turin.

#### **Um exemplo: prescrição em casos criminais e processos civis**

Em casos criminais, o período de prescrição é o período de tempo que o estado tem para obter o reconhecimento definitivo da culpa do acusado. Na Itália isso é determinado no fim do julgamento, com base na sentença real, e em geral corresponde ao tempo teórico da sentença vezes 1,5. Por exemplo, uma sentença de 10 anos é igual a uma limitação de 15 anos. Se as ações pelas quais o acusado foi indiciado ocorreram mais de 15 anos antes que ele seja condenado, então a prescrição ou limitação aplica-se (isso também pode entrar em vigor durante o próprio processo de julgamento). Este mecanismo explica como Berlusconi foi considerado “responsável” em quatro casos sem ser condenado: os crimes pelos quais ele foi acusado já prescreveram. Em casos em que o réu acusado é absolvido devido a limitações, as vítimas do crime podem abrir processo por danos nos tribunais civis - isto é, caso seu pedidos não tenham “prescrito”.

O período de prescrição em casos civis é determinado a partir do momento em que uma vítima torna-se ciente de que houve dano e que

é possível identificar alguém como responsável por ele. Normalmente, em tais casos, a vítima tem dez anos para registrar pedido por escrito de indenização. Em processos civis, o período de prescrição pode ser “expandido” indefinidamente se o pedido for renovado a cada dez anos. Se a vítima levar o caso ao tribunal, o período de prescrição é definitivamente interrompido e o tempo do julgamento não é contado.

Mais uma vez, a realidade é muito mais complicada que a descrição dela, mas mesmo considerando as regras supracitadas é óbvio que é praticamente impossível fazer previsões realistas sobre qual será o resultado de um julgamento - há muitas variáveis.

No julgamento da Eternit em Turin, por exemplo, é razoável supor que mesmo que os acusados sejam condenados e sentenciados como criminosos, nem todas as vítimas e partes privadas associadas serão indenizadas. É muito provável que alguns não serão, porque eles não terão como demonstrar a realidade e o impacto dos danos (devido a restrições extremas que o tribunal impõe à apresentação de evidência por partes privadas ao processo). Outros não poderão o fazer porque a prescrição terá passado (há casos neste julgamento que datam da década de 1970!). Obviamente, espero que isto não aconteça. Estou apenas fazendo uma previsão razoável - espero que ela esteja errada.

Em todo caso, além do fato de que é extremamente difícil prever se o pedido de indenização de alguém por danos será reconhecido, é imprevisível quanto tempo será necessário para obter de fato o pagamento, posto que ambos os réus neste caso são estrangeiros. Pode ser que quando todos os julgamentos, criminais e civis, findarem, os réus espontaneamente recusar-se-ão a pagar as indenizações, uma situação que então exigiria a obtenção de uma ordem de execução civil na Suíça e na Bélgica. O tempo e o custo envolvido caso isso ocorra não pode ser calculado no momento.

Isso é suficiente para mostrar as incertezas bem reais que as partes privadas do processo enfrentam neste caso. Como sempre em tais casos (ex: processos de vários reclamantes contra bancos fraudulentos), qualquer oferta de acordo por parte do acusado e das empresas responsáveis por pagar a indenização é considerada com muita atenção.

No caso da Eternit, por exemplo, o “lado belga” (réu criminal mais empresa responsável civilmente - financeiramente) nunca apresentou nenhuma oferta. Portanto, para este lado, o caso terá de passar por todo o processo descrito acima, com a esperança de que o réu belga, 88 anos, não venha a óbito nesse tempo ou certificadamente esteja incapaz de testemunhar, situação que faria com

que o caso criminal contra ele fosse indeferido de acordo com o princípio supracitado que um caso criminal só pode ser aberto contra pessoas físicas.

O “lado suíço” do caso é diferente. Nele, o réu, por intermediário de várias empresas envolvidas no caso como civilmente responsável, fez várias propostas de acordo para indenização parcial, provavelmente para mostrar-se menos “extremista” que o réu belga; também para fechar acordo com a maior parte dos casos individuais por valores consideravelmente baixos.

Pouco antes que os debates do tribunal se iniciassem, há aproximadamente dois anos atrás, o réu suíço fez um oferta de acordo unilateral aos trabalhadores e cidadãos de Casale Monferrato, uma oferta então estendida aos mesmos grupos em outras localidades envolvidas no caso. Essa oferta é complexa, mas essencialmente a proposta era pagar certo valor de indenização imediatamente a algumas das vítimas com processos por danos através da Associação das Famílias de Vítimas do Amianto de Casale Monferrato - com os beneficiários identificados por critérios cronológicos de tempo de residência e contratação real - em troca de seu abandono de todos os processos civis contra o réu S. Schmidheiny e de quaisquer procedimentos contra as várias empresas suíças envolvidas.

O valor para os indivíduos é muito baixo, aproximadamente 5% do que o tribunal poderia reconhecer e limitado a €60.000 por família, mas foi aceito pela maior parte dos envolvidos e o dinheiro já foi pago.

Além disso, nos últimos meses, o réu suíço ofereceu pagar indenização de €2 milhões ao menor município envolvido (Cavagnolo, aproximadamente 3000 habitantes) para que a cidade possa financiar atividades de descontaminação e limpeza de amianto. A câmara municipal de Cavagnolo aceitou a oferta, argumentando que o dinheiro pode ser usado imediatamente e estimando que o valor equivale a dois anos de despesas da cidade. Pode ser que outras propostas de acordo sejam feitas a outras partes privadas do processo antes dos final do julgamento.

Esse tipo de acordo certamente não afetou muito o prosseguimento do caso: os indivíduos e as cidades quem inicialmente processaram ambos os réus, mas que receberam indenização pelo réu suíço, estão agora processando somente o réu belga como partes da ação público no caso criminal. Considerando que eles receberam apenas uma indenização parcial, ao invés da total, a sentença que o promotor está pedindo contra o réu suíço não foi reduzida e permanece a mesma do réu belga: 20 anos.

Com base na descrição anterior, é importante realçar que “grandes julgamentos” precisam enfrentar realidades que podem não ser muito “poéticas” e são de fato cheios de incertezas e riscos. E para as vítimas, o resultado final nunca é garantido.

Para estabelecer procedimentos uniformes em todos os países e garantir a duração do julgamento e resultados concretos para as vítimas, é importante agir em favor do estabelecimento de um tribunal internacional competente para julgar crimes que ocasionam desastres ambientais.

Outubro de 2011

## Referências

1. Jean-Paul Teissonnière and Sylvie Topaloff, “L’affaire de l’amiante,” *Semaine Sociale Lamy*, Supplement no. 1082, 1o de julh de 2002.
2. Réplicas de Mme Marie-Odile Bertella-Geffroy, coordenadora do departamento de “saúde pública” do Tribunal de Grand Instance de Paris, extraídas da ata da audiência de 29 de novembro 2005, em Mission d’information de l’Assemblée Nationale (ed. Jean Le Garrec, presidente, and Jean Lemaire, redator), *Ne plus perdre sa vie à la gagner: 51 propositions pour tirer les leçons de l’amiante*, Report no. 2884, vol. 2, Fevereiro 2006, pp. 583-592..
3. Lambert-Faivre, “Evaluer et réparer,” *Les Annonces de la Seine*, 23 de junho de 2005.



Membros do movimento para o Banimento do Amianto na França mostram apoio às vítimas italianas em Turin, abril de 2009. Foto: Annie Thebaud-Mony.

## 10. O JULGAMENTO CRIMINAL DE STEPHAN SCHMIDHEINY EM TURIN, ITÁLIA

Barry Castleman<sup>1</sup>

Os Schmidheyns são uma das famílias mais ricas da Suíça, sua fortuna fundada em um vasto império de produção de cimento. Stephan Schmidheiny tinha apenas 29 anos quando herdou parte de tal império - a empresa de cimento de amianto Eternit - em 1976. Embora resignado ao eventual abandono do amianto, ele continuou a dirigir subsidiárias da Eternit na Europa, América do Sul e África do Sul por períodos diversos na década de 1980, durante os quais algumas foram liquidadas ou fechadas e os outros convertidas à produção de cimento de fibra sem amianto.

A Itália é praticamente o único país no mundo onde executivos de negócios foram processados e presos [por crime corporativo tóxico. No último de tais casos, o promotor mais famoso da Itália, Raffaele Guariniello, indiciou Stephan Schmidheiny e o Barão Louis de Cartier de Marchienne, da Eternit Belga. Eles enfrentaram várias acusações: homicídio culposo (por matar italianos com pó de amianto na Itália, Suíça e Brasil), falha em cumprir regras de segurança, negligência e causar um desastre ambiental. No início do julgamento, Guariniello pediu sentenças de 12 anos em caso de condenação.

É notável que, no decorrer de suas longas investigações, o promotor italiano teve pouco de sucesso em conseguir que o governo suíço entregasse registros de inspeções fabris e indenização por doenças ocupacionais de funcionários da Eternit, entre outros documentos relevantes.

Conforme o julgamento criminal aproximou-se, os representantes de Schmidheiny tentaram fechar acordos para os pedidos de indenização de algumas pessoas, ao mesmo tempo exigindo que eles se retirassem do caso criminal; eles ofereciam geralmente à pessoas apenas €30.000-50.000. Aproximadamente na mesma época que Guariniello decidiu não processar o irmão de Stephan, o bilionário do cimento Thomas Schmidheiny, baseado em que ele não tinha nenhuma conexão direta com os negócios de cimento de amianto, Thomas doou € 3.000.000 a vítimas da cidade de Casale Monferrato, casa da maior fábrica da Eternit na Itália. O valor foi usado para pesquisas contra o câncer, pagamento de advogados e restituição à própria cidade.

O julgamento iniciou-se em dezembro de 2009 e, quando apresentei minha evidência em novembro de 2010, esperava que ele chegasse ao fim em meados de 2011. Ele acontece após 10 anos de uma investigação que iniciou-se em 1999 e, inicialmente, o julgamento estava marcado para realizar-se somente às segundas (próximo ao fim do julgamento deveriam haver duas sessões em algumas semanas). Se condenado, Schmidheiny

poderia apelar a mais dois níveis do sistema judiciário em Roma e permanecer livre durante tais apelações, de acordo com a lei italiana.

Foram as pessoas de Casale que me trouxeram à Turin para testemunhar. Estive lá para apresentar uma perspectiva global do que ocorreu na indústria de amianto, e chamar a atenção a documentos que comprometiam a Eternit. A maior do que tinha para contribuir era baseado no que os líderes da indústria do Reino Unido e dos EUA fizeram - vimos seus documentos em casos judiciais nos Estados Unidos. Mas posto que a Eternit evitou o mercado dos Estados Unidos, possivelmente em algum acordo de cartel tratem com os outros, a maior parte do que conhecemos sobre a Eternit vem da correspondência e de documentos da Johns-Manville (J-M) e da Turner & Newall (T&N) que mencionava-os de alguma forma.

Na sala do tribunal, o tradutor e eu assumimos nossos lugares imediatamente em frente aos três juízes, e o procedimento iniciou-se sem a formalidade de um juramento como testemunha. Eles pediram para ver meu passaporte, registraram meu nome, e começamos. A tradução resultou ser ainda pior do que pensei no momento; o registro de áudio mostrou que tanto as perguntas principais quanto as respostas foram incorretamente comunicadas. (Relatórios jornalísticos em *La Repubblica* criticaram o tribunal por não prover um tradutor suficientemente competente.)

Os documentos da Eternit que introduzi incluíam uma carta de 1950 ao grupo da matriz suíça, na época dirigida por Ernst Schmidheiny, à subsidiária da Eternit na Holanda, que discutia artigos de asbestose. Testemunhou que alguém que lesse a literatura sobre asbestose em 1950 dificilmente poderia evitar cruzar com dados e comentários que também ligariam o amianto ao câncer de pulmão. Do arquivo da Johns-Manville veio um relatório de consultores da J-M em uma entrevista de 1971 com Max Schmidheiny e seus sócios em sua casa de campo na Suíça. Schmidheiny e seus sócios criticavam Burnett, o Presidente da Johns-Manville, por adicionar os primeiros vãos alertas de saúde em sacos de amianto exportado da mina da J-M em Quebec, a partir de 1969. (Diz-se que os homens da Eternit sugeriram, como alternativa, alterar a materiais para saco à prova de pó!)

Posteriormente, em 1971, a transcrição da Conferência Internacional de Órgão de Informações sobre o Amianto (do arquivo da T&N provido pela Secretaria Internacional para Banimento do Amianto), à qual representantes da Eternit de quatro países estiveram presentes, mostra um rápido crescimento dos escritórios de

<sup>1</sup> Barry Castleman, ScD, Consultor Ambiental, Garrett Park MD, EUA; e-mail: barry.castleman@gmail.com

lobbying e propaganda da indústria de amianto nacional na época. Apenas um grupo desse tipo existia em 1969: o Centro de Informações sobre o Amianto. Este grupo britânico compartilhava escritórios com experientes especialistas de controle de danos da indústria de cigarros Hill & Knowlton. Antes de 1971, havia grupos da indústria de amianto em 11 países, inclusive os EUA. Os palestrantes britânicos detalharam a função da indústria do amianto britânica em amortecer o impacto da regulamentação do governo e influenciar o texto de matérias emitidas pelo governo sobre como o público e as instituições deveriam avaliar e lidar com exposições ao amianto. Alertando todos os outros britânicos observou que as coisas estavam ainda “relativamente tranquilas” na Bélgica, Itália, Alemanha e França. As apresentações mostram que problemas assolavam o amianto no Reino Unido, EUA e Holanda: como um perigo mortal a funcionários de fábricas de amianto e funcionários de estaleiros, em demandas sindicais resultantes, publicidade sobre perigos ao público geral, maiores custos de seguro e maior atenção de reguladores e inspetores governamentais.

A indústria criou em 1975 um grupo comum para coordenar sua defesa internacionalmente. Um memorando de 1978 da Associação Internacional do Amianto registra uma discussão sobre rótulos de alerta. Ele descreve como o rótulo “Cuidado com o Amianto”, recentemente introduzido no Reino Unido, tinha sido adotado em vários países como aceitável para as autoridades, e observa a visão de que quando o uso de algum rótulo de alerta para a saúde for inevitável, que isto deve ser de estilo selecionado. Isto é, foi observado que isso era preferível a ter que usar um rótulo com o símbolo de uma caveira e ossos cruzados, ou a palavra “câncer”. No fim, Etienne van der Rest, da Eternit Belga, foi registrado como solicitando que os britânicos fizessem o possível para evitar que produtos de amianto com o rótulo de alerta fosse comercializados na Europa.

Por fim, uma troca de cartas de van der Rest ao executivo Harry Hardie, da T&N, em março de 1980, começa com van der Rest lamentando que a T&N começara a usar um rótulo de alerta de “câncer” em mercadorias de amianto e questionando sua justificativa. Hardie respondeu que os produtores de cimento de amianto na Europa não tinham ideia de como as coisas estavam nos litígios do amianto nos EUA.

Eu encontrei Etienne van der Rest pela primeira vez em uma conferência em Washington, em 197, após discursar sobre “Exportação de Perigo,” envolvendo as indústrias de amianto e de produtos químicos. Ele era um homem muito alto, pálido, de aparência cadavérica, que veio a mim e se abaixou para pôr seu braço em torno de mim enquanto falava. Se você fosse fazer um filme, você não encontraria alguém melhor que esse

sujeito para um papel que personificasse o mal. Quando posteriormente vi o documento de 1978 que mostrava ele tentando impedir que produtos de amianto com o rótulo britânico entrasse na Europa, escrevi-lhe perguntando como ele podia viver consigo mesmo ao fazer algo assim. A única outra vês que vi esse sujeito foi nas audiências de 1986 sobre a regra proposta da Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos de banir a maior parte dos usos de amianto. Lá, os homens da Eternit sustentaram que um banimento de tubos de cimento de amianto pelos Estados Unidos seria desastrosa para países pobres que precisam disso para suprir água potável. Eu fui até van der Rest e disse-lhe que eu sempre tinha atribuído a maior parte do sofrimento do ser humano à desigualdade de poder e riqueza, mas após ouvir a Eternit naquele dia percebi que o problema era a falta de tubos de cimento de amianto. Posso apenas imaginar o que van der Rest sentiu enquanto ele morria com um mesotelioma anos depois. O médico de sua empresa belga também morreu de mesotelioma, pelo que eu soube.

Os advogados de defesa não tiveram tempo para interrogar-me naquele primeiro dia e pediram duas semanas para ler o meu livro sobre a história da indústria do amianto. Não foi nenhuma surpresa! Eu disse ao juiz que eu poderia ficar mais uma semana, e ele ordenou que continuemos naquela oportunidade.

Durante aquela semana, me reuni repetidamente com o promotor e sua equipe, e com os advogados das vítimas em Casale Monferrato (a comunidade mais devastada pelas atividades da Eternit na Itália). A seus pedidos, preparei um resumo de três páginas e meia do que eu tinha tentado dizer ao Tribunal (que foi traduzido profissionalmente ao italiano), e discutimos quais perguntas adicionais os advogados poderiam fazer-me quando o julgamento fosse retomado.

O promotor Guariniello tem uma extensa rede de consultores acadêmicos e outros peritos em medicina, epidemiologia, higiene industrial e contabilidade. Ele espera institucionalizar uma entidade judicial encarregada de investigar fatalidades ocupacionais com causa criminal. Ele tem epidemiologistas buscando em estatística do governo cânceres ocupacionais. Este caso é um tipo de marco inovador em indiciar os proprietários executivos estrangeiros, não somente gerentes locais. Ele envolve um trabalho de detetive contábil judicial para rastrear a responsabilidade aos proprietários corporativos pelas condições em suas fábricas.

O novo tradutor do tribunal, Victoria Franzinetti, fez um excelente trabalho e o segundo dia de julgamento correu bem. Quando nenhum dos advogados pediu sua admissão, ofereci aos juizes o resumo que eu tinha escrito. Sua em italiano e meu Currículo Vitae entreguei a cada um dos três juizes. Quando o principal advogado do Sr.



Foto do documentário: Pó - O Grande Julgamento do Amianto

Barry Castleman apresentando evidência perante o Juiz Giuseppe Casalbore, no Tribunal de Turin

Schmidheiny solicitou-me, entreguei-lhe uma tradução italiana de meu resumo. Era a vez da defesa examinar-me. Como suspeitei, o advogado principal de Schmidheiny levantou-se e disse que não tinha nenhuma pergunta. Um advogado da Etex, a Eternit Belga, que estava lá devido a processos civis (há pedidos civis de indenização envolvidos dentro do caso criminal), por motivos que ele deve conhecer melhor, perguntou-me as datas dos documentos de van der Rest que eu entregara ao tribunal uma semana antes. Então, desta vez com um bom tradutor, descrevi novamente os documentos aos juízes com alguns detalhes e apresentei a data de cada um.

O segundo promotor então perguntou-me sobre a história das discussões corporativas internas nos EUA sobre a adição dos primeiros alertas brandos de saúde em caixas contendo amianto. Isso foi ilustrado com memorandos internos da Johns-Manville de 1958 em diante e com atas da Associação de Produtos de Cimento de Amianto no período de 1968-70. Em sua primeira norma de saúde, a OSHA exigiu alertas nestes produtos em 1972. Mas na Europa, as empresas da Eternit fabricaram estes produtos durante a década de 1980 e pareceram nunca ter se preocupado em adicionar alertas de saúde em folhas e tubos de cimento de amianto.

O ônus da Eternit neste caso é ter feito o que era tecnicamente viável para proteger pessoas tanto em suas fábricas de amianto como nos arredores. Portanto citei partes dos regulamentos britânicos de amianto de 1969 e das normas OSHA de 1972 sobre amianto, para mostrar o que era exigido de outras grandes firmas enquanto a Eternit pouco ou nada fazia para proteger funcionários e vizinhos da planta expostos à sua poluição na Itália. Observei as exigências no Reino Unido e nos Estados Unidos de que os resíduos fossem eliminados em contêineres impermeáveis.

Guariniello e o juiz principal fizeram-me uma pergunta cada, e após isso pedi para falar. Ofereci-me para responder qualquer pergunta que o tribunal pudesse ter por correspondência, e disse que poderia enviar referências adicionais para apoiar declarações dadas no julgamento. Por último, agradei-lhes pela maravilhosa tradução. Após deixar a sala, entreguei uma cópia de meu livro a um dos cientistas que trabalham com Guariniello para que o entregasse a ele. No livro eu tinha escrito meu respeito aos seus esforços de processar criminosos corporativos da indústria do amianto. Tudo acabou em uma hora e meia.

Concordava-se amplamente que os réus haviam perdido sua chance ao não dizer à corte que não tinha perguntas a mim no fim do procedimento da primeira segunda. Eles teriam ficado melhor se tivessem me mandado para casa naquele momento. Mas também acredita-se que os advogados de defesa estão fazendo tudo o que podem para prolongar este julgamento, esperando então conseguir mais um ano para que possam explicar suas ações. Estima-se que a frota de advogados, relações públicas, etc. de Schmidheiny custe aproximadamente €10 milhões por ano.

#### Declaração Suplementar ao Tribunal

Após refletir, escrevi um resumo para enviar ao tribunal que entrou em detalhes quanto a declarações dadas em meu segundo dia de julgamento, concentrando-me na questão de alertar as pessoas sobre os perigos do amianto como tendo importância central.

A apreensão de empresas de amianto dos Estados Unidos quanto às suas possíveis responsabilidades pelo produto (o que eventualmente as devastariam), mesmo antes que agências reguladoras federais nos Estados Unidos fossem

criadas para proteger funcionários e o meio-ambiente, retrocedem até pelo menos a década de 1950. Logo após ser criada pelo Congresso, a OSHA exigiu alertas em produtos como folhas e tubos de cimento de amianto em seus regulamentos de 1972 sobre amianto (afirmando que respirar amianto pode causar “danos corporais graves”).

Em contraste, a falta de uma lei de responsabilidade pelo produto na Europa e a falta de exigências de rótulos de alerta nos europeus para amianto no local de trabalho permitiram que os fabricantes da Europa evitassem alertar os trabalhadores e o público sem nenhum risco financeiro. Os executivos da Eternit portanto constantemente mostraram-se contra o uso de rótulos de alerta de saúde e tentaram até conseguir que firmas britânicas não exportassem produtos de amianto rotulados ao continente em 1978. Aparentemente, a Eternit continuou fabricando estes produtos na década de 1980 e nunca acrescentou alertas de saúde neles ou nos folhetos do produto. Parece-me que a prolongada ignorância dos funcionários e do público em geral era essencial para a expansão dos mercados de produtos de amianto após a década de 1930, tempo em que a letalidade do pó de amianto estava bem estabelecida medicamente. Mencionei um memorando interno de 1975 da Union Carbide dizendo que seria “entre grave e fatal” ao negócio de amianto adicionar alertas em sacos de amianto usando a palavra “câncer.”

Também anexe o material enviado pelo Grupo Eternit Suíço nas audiências da Agência de Proteção Ambiental de 1986 sobre o banimento de amianto nos EUA. Este incluía declarações de que a firma considerava proteção do meio ambiente e do trabalhador como responsabilidade da *alta administração*. Um excerto anexado ao testemunho da empresa veio de um relatório da indústria de amianto de 1984 com o objetivo de descrever a melhor tecnologia disponível em centros de produção de cimento de amianto dos Estados Unidos. “Todos os três fabricantes de tubo de cimento de amianto visitados têm engenheiros em tempo integral e higienistas industriais dedicados à redução ao mínimo da exposição ao pó de amianto em todos os locais de trabalho.” Máquinas completamente automatizada para abrir sacos de amianto “totalmente fechados” também foram descritas neste excerto. Medições de fibra de amianto no ar foram reportadas. O envio disso pela Eternit à Agência de Proteção Ambiental, pensei, convidava uma comparação com as condições das próprias fábricas da Eternit em meados da década de 1980.

### Conclusão do Julgamento

Nos finais de julho de 2011, os promotores disseram que tinham reavaliado evidência conforme esta foi apresentada no julgamento e pedia agora que Schmidheiny e o Barão fossem sentenciados a 20 anos cada um (em vez dos

12 anos originalmente pedidos), com base em dolo e negligência intencional pelos executivos e proprietários da Eternit, apoiando a acusação de desastre ambiental doloso. Eles também observaram que o desastre estava em andamento, com novas fatalidades a cada ano, além das quase 3000 vítimas nomeadas nos processos do tribunal.

Os juízes pareciam ansiosos para concluir o julgamento e limitaram os advogados de reclamantes de processos civis de indenização restantes a 15 minutos de declaração oral, cada um, com o restante de suas declarações devendo ser enviadas por escrito.

Em sua declaração final, o advogado de Schmidheiny não apresentou nenhuma das desculpas habituais (Schmidheiny não tinha ciência de que o amianto era perigoso ou pensava que era menos perigoso que o que mostrou ser, ele achava que seus gerentes de fábrica estavam fazendo um trabalho melhor em proteger as pessoas). Ao invés disso, ele pareceu ridicularizar o princípio “sacrossanto” de reabilitação através da punição por coisas feitas há 25 anos, quando “uma pessoa” não é a mesmo que foi antes. Isso sugeria que a filantropia de Schmidheiny deveria ter precedência sobre como sua fortuna foi feita. A divagação do advogado sobre a corrosão dos princípios da lei dos tribunais italianos comparava a perseguição de Schmidheiny às ações dos nazistas e de Guantanamo. O advogado de defesa também defendeu que os métodos de diagnósticos usados em alguns casos de mesotelioma das vítimas não empregaram técnicas de primeira linha.

Guariniello respondeu que ele nunca antes pedira sentenças de 20 anos em um caso desse tipo, mas desta vez tinha de fazê-lo, devido à enormidade do dano causado e à “intensidade da intenção criminal viciosa ao longo do tempo.” O promotor também indicou que houve uma organização de mídia complexa paga para esconder a participação de Schmidheiny, também envolvendo espionagem em sindicatos, magistrados e grupos de vítimas “que a defesa cuidadosamente evitou mencionar.”

Enquanto isso, a legislação para melhor proteger empresários na Itália contra processos criminais ziguezagueou rumo ao seu objetivo. Isso permitiria atrasar interminavelmente a conclusão do julgamento, posto que os advogados de defesa poderiam convocar como testemunhas praticamente todos os que foram tocados pelo caso. Guariniello pediu que este caso fosse julgado sob a lei existente, mesmo se a nova lei entrasse em vigor antes que o julgamento fosse concluído, e os juízes aparentaram estar ansiosos para concluir o julgamento, também, antes que as alterações legislativas viessem. No final das contas, a temida legislação foi deixada de lado devido à crise econômica e política que sacudiu a Itália em novembro de 2011.

18 de novembro de 2011

## 11. A ETERNIT CONTRA AS VÍTIMAS

Laurie Kazan-Allen

Os planos, as estratégias e ânimos dos ativistas de Casale Monferrato, assim como os esforços de indivíduos encarregados de levar os executivos da Eternit à justiça, foram meticulosamente monitorados por uma rede de informantes, assim chamados “correspondentes locais de RP,” e consultores. A extensão da super-rede de consultores pagos pela Eternit, chamada de “Equipe de Itália” em arquivos corporativos confidenciais, foi revelada no extenso arquivo confidencial de memorandos, briefings e faxes confiscados pela polícia durante batidas no escritório de Milão da empresa de relações públicas global GCI Chiappe Bellodi Associates (Bellodi).<sup>1</sup> Das premissas da Rua Carducci, número 16, Guido Bellodi coordenou uma operação que informou os desenvolvimentos em Casale Monferrato, inclusive esforços de ativistas da comunidade, planos de férias de litigantes chaves, recursos disponíveis a promotores italianos, declarações de membros da equipe de acusação, afiliações de políticos locais e membros do Governo da Região, as últimas publicações epidemiológicas, cobertura de imprensa e o material filmado de jornalistas italianos e estrangeiros. Um “Relatório Trimestral sobre o caso italiano da Eternit” datado de 29 de setembro de 2000 até mesmo comenta sobre a participação de líderes da comunidade no primeiro Congresso Mundial de Amianto:

“Uma delegação de Casale esteve presente no recente Congresso do amianto organizado em 17-20 de setembro de 2000 em Osasco, Brasil. Ela incluiu o prefeito Sr. Mascarino, Sra Degiovanni (oncologista d ASL 21 e membro da equipe do amianto), Sr. Pesce e Sr. Pondrano (CGIL). O Professor Terracini esteve entre os palestrantes do painel de epidemiologia.”<sup>2</sup>

O fato que Guido Bellodi tinha um número aparentemente infinito de indivíduos para executar suas ordens indica os vastos recursos financeiros aos quais seus financiadores estavam dispostos a dispensar no desafio imposto pelo crescente número de mortes que ex-funcionários da Eternit e residentes locais. Em nenhum ponto dos arquivos eu li alguma expressão de compaixão por aqueles cujas vidas foram destruídas pela empresa ou suas afiliadas.

O objetivo último da audaciosa estratégia de defesa de Bellodi era “ter ao máximo possível garantia de que tudo está e estará sob controle.” Vez após outra, foi realçada a necessidade de garantir que a epidemia de mortes causadas pela Eternit como resultado das operações da fábrica de cimento de amianto em Casale Monferrato permanecesse somente uma história local.<sup>3</sup> A implementação rigorosa de um plano de comunicações que delineou funções e tarefas específicas aos que estavam na folha de pagamento da Eternit foi a base da campanha de relações públicas “para enfrentar o problema de Casale.” O desvio das estratégias contidas no plano mestre da empresa, conhecido como a “Bíblia,”<sup>4</sup> poderia resultar em “um jornalista inteligente escrever uma história detalhada sobre (sic) um grande meio de comunicação da Itália ou do exterior,”<sup>5</sup> alertou Bellodi. Um memorando de junho de 1992 indica como as ordens de RP da Eternit eram emitidas diariamente; é importante observar que o layout do texto mostra uma demarcação entre níveis 1 e 2, que são da área de relações públicas, e níveis 3 e 4, que são da “Área de Comunicação Nula”:

### “Objetivos Estratégicos na Itália

A orientação estratégica de nossa política de RP foi cuidadosamente preparada e estabelecida nos últimos anos. Penso que ela é válida e não deve ser alterada:

#### Primeiro objetivo:

Tentar manter o problema no NÍVEL 1 [o diagrama mostra o nível 1 como controlado pela Eternit (Itália) (em concordata); as iniciais atribuídas a este nível são GB em cooperação com MM].<sup>6</sup>

#### Segundo objetivo:

Tentar manter o problema no NÍVEL 2, ex: quando notícias na Suíça ou Alemanha nos forçam a deixar o NÍVEL 1. [O diagrama mostra o nível 2 como controlado pela NUEVA AG (Thalwill) outrora: Grupo Eternit Suíça; as iniciais destinadas a este nível são FS em cooperação com IH.]<sup>7</sup>

1 Um documento de 1992 listou escritórios da GCI em Amsterdã, Bolonha, Bruxelas, Dusseldorf, Frankfurt, Gênova, Haia, Hong Kong, Londres, Los Angeles, Maastricht, Melbourne, Cidade do México, Mila, Munique, Nova Iorque, Paris, Roma, Estocolmo, Sidney, Tóquio e Toronto.

2 Os documentos disponíveis para que nós estudemos o que foi confiscados pela polícia nos escritórios de Bellodi (os arquivos Bellodi) e posteriormente enviados como evidência durante o julgamento de Turin foram escritos em italiano, inglês e alemão e cobriam o período de 1992 a 2002. Os arquivos em pdf que obtivemos muitas vezes contêm uma mistura de documentos. Citações de arquivos relevantes serão feitas de acordo com as classificações originais: Bellodi\_Doc\_125-148.pdf (p 40).

3 Bellodi\_Doc\_112\_T Martac.pdf e Bellodi\_Doc\_123\_T Martac.pdf

4 Bellodi\_Doc\_182A\_T. Crosetto.pdf

5 Strictly Confidential Memo. Bellodi\_Doc\_T. Martac.pdf (p. 2).

6 GB: Guido Bellodi; MM: Maurizio Maresca

7 FS: Frank Sommer; IH: Ida Hardegger.

### **Terceiro objetivo:**

Evitar de toda forma permitir que o problema estenda-se aos NÍVEIS 3 ou 4. A condição prévia essencial é que todas as investigações (sic) sejam consistentemente levados aos NÍVEIS 1 e 2 e que nenhum comentário sobre o assunto seja feito de qualquer forma em absoluto nesses níveis. [O diagrama mostra o nível 3 como controlado pela ANOVAAG (Hurden); nenhuma inicial é destinada ao nível 3. O nível 4 é controlado por STS;<sup>8</sup> nenhum outro colaborador é listado no nível 4.]

### **Recomendações:**

Mesmo hoje (junho de 1992) parece bastante possível que o problema possa ser confinado no NÍVEL 1 (NÍVEL 2 no máximo) se todos os envolvidos manterem-se rigidamente dentro do objetivo. É o que devemos tentar alcançar. <sup>9</sup>

Para alcançar o conjunto de objetivos das tropas de advogados, consultores de relações públicas, consultores de indústria e peritos acadêmicos da Eternit, divisões de atividades foram fundadas. A adesão a estes órgãos atraiu talento interno, tal como o colaboradores da Eternit AG, Eternit S.p.A., Grupo Eternit Suíço, Nueva Ltd., mas também trouxe talento de empresas externas, como a GCI Chiappe Bellodi Associates e a Buro fur Medieibberatung (Bonn) e contratou peritos independentes e terceirizados conforme necessário. Para facilitar a comunicação entre os envolvidos, listas de contato foram redigidas com detalhes comerciais e endereços de residência, números de telefones e de faxes de escritório e domésticos. Os nomes dos participantes de alguns grupos chave da Eternit são observados abaixo:

**Equipe de Itália:** L. Mittelholzer, B. Schneider, M. Maresca, H. Thoni, STS (Stephen Schmidheiny?), G Bellodi, L. B. Fetz, G. Buttiker, A. Barbieri, E. Heini, J. Drolshammer, E. Bontem- pelli, F. Sommer, U. F. Gruber, E. Costa, H. U. Liniger, W. Schurer, U. Garaventa, K. Villinger, P. Bernasconi

**Equipe de Relações Públicas<sup>10</sup>** (apelido “Equipe Stampa”): Coordenador: Guido Bellodi; Secretário de Imprensa (Milão) Andrea Barbieri; Secretário de Imprensa (Roma) Roberto Maria Zerbi; [Questões do] Meio-Ambiente: Emilio Costa (Gênova) e Ulrich Gruber

**Equipe de Gestão de Crises:** Wolfgang Schurer, Dr. Gero Buttiker, Dr. J. Kaegi, Dr. Benno Schneider, Walter Anderau, Hans Thoni, F. Sommer, Leo Mittelholzer, Guido Bellodi

**Equipe Legal: Internacional** - J. Drolshammer e Itália - Prof. Alberto Bosisio, Aw. Ubaldo Foppiano, Aw. Maurizio Maresca

**Correspondentes locais de RP:** Rossanna Revello (Gênova), Maris Cristina Bruno (Casale Monferrato), Rino Labate (Messina)

A incrível precisão com a qual a defesa da Eternit foi conduzida é bem ilustrada pela divisão quase forense de tarefas entre membros da equipe jurídica. Foi pedido a colaboradores chaves que desenvolvem estratégias legais para: desmentir alegações feitas pelas vítimas; “dominar ou evitar o véu corporativo,” evitar responsabilidade por danos ambientais na Itália e na Suíça e ajudar a minimizar a responsabilidade da Eternit para com terceiros, tais como a agência governamental italiana, INAIL.<sup>11</sup> Outros profissionais e consultores jurídicos foram acusados de: descobrir e/ou explorar brechas jurisdicionais, criar estratégias de fuga corporativa, como estabelecer fundos fiduciários, arquivar registros da empresa e identificar peritos que pudesse ser testemunhas, representando os empregados da Eternit em outros julgamentos italianos, isto é, os de Cavagnolo em 1995 e 2000, estabelecer um fundo para pagar as taxas jurídicas de executivos da Eternit sob ataque,<sup>12</sup> estabelecer ligações com advogados da Eternit do Grupo Eternit Belga e outras empresas irmãs e estudar a evolução de precedentes legais, tais como os que se originaram do caso Seveso, e que poderiam afetar a posição da Eternit.

A rede de Bellodi conhecia bem a necessidade de constante contribuição por fontes no local de produção; na era pré-Internet, o acesso remoto a notícias sobre desenvolvimentos locais não era possível com o clique de um botão. Informações contidas em relatórios mensais de “correspondentes de RP locais,” circuladas a colaboradores de Bellodi e da Eternit não só para os manter atualizados mas também estimulados para futuras ações defensivas. O feedback de Casale Monferrato alimentava-se do monitoramento contínuo de notícias jornalísticas, sempre atualizado quanto a boatos locais e mantendo infiltração em reuniões da AFEVA, o grupo que representa as vítimas de amianto de Casale Monferrato e suas famílias, e da AFLED (1’associazione famigliari lavoratori

<sup>8</sup> É de relevância observar que nenhum dos arquivos de Bellodi que li mencionavam Stephen Schmidheiny. Em pelo menos quatro exemplos, contudo, as iniciais STS foram encontradas na documentação e acredita-se que elas signifiquem Stephan Schmidheiny. Em um memorando confidencial escrito em 10 de setembro de 1994, o título da seção final é: “Aspectos de relações públicas - Relações com Grupo Belga.” As notas abaixo deste título declaram: “Diferentes opções em caso de desenvolvimentos: (a) ataques fortes na imprensa contra o Group/STS relacionado com Casale; (b) envolvimento direto do Group/STS...”

<sup>9</sup> Bellodi\_Doc\_123\_T Martac.pdf

<sup>10</sup> Bellodi\_Doc\_1\_01\_T Zallio.pdf

<sup>11</sup> Bellodi\_Doc\_108.pdf (p. 3-4).

<sup>12</sup> Bellodi\_doc\_127.pdf

Eternit deceduti: a Associação de Funcionários da Eternit Falecidos), a organização que a precedeu. Um indivíduo designado nos arquivos de Bellodi como tendo empreendido algumas destas tarefas foi a jornalista independente Maria Cristina Bruno; podem ter havido outros.<sup>13</sup> Comentando sobre a infiltração da AFEVA por Maria Cristina Bruno, Bruno Pesce, da AFEVA, disse:

“Ela espiou-nos dia após dia, ano após ano, assistindo a todas as reuniões do sindicato, fazendo perguntas sobre os procedimentos... Schmidheiny pagava a prática de Bellodi, que pagava seus informantes...”<sup>14</sup>

As cópias de briefings por Maria Cristina Bruno, que foram traduzidas do italiano, seguem em anexo como Apêndices A e B. Elas são uma mistura de focos, reciclagem da cobertura de imprensa de Casale Monferrato e o que parece ser conhecimento interno de desenvolvimentos correntes. Os documentos confiscados pela polícia revelam que não importando a qualidade dos relatórios de Bruno, eles eram amplamente circulados a membros da “Equipe de Itália.” Um de seus relatórios, datados de 6 de outubro de 1993, trata de notícias de desenvolvimentos científicos:

“O detonador está a ponto de ser disparado nos números relacionados ao estudo epidemiológico e à amostragem ambiental. Os sindicatos estão preocupados e tentando aumentar a consciência e a opinião pública sobre a gravidade do problema ou, pelo menos, de como o problema é mal.

Eu ouvi que eles estão tentando reunir informações sobre as empresas que atualmente operam na província e que ainda usam amianto.

O objetivo de seu trabalho é que a INAIL [uma agência do governo que provê seguro ocupacional e bem-estar] seja alertada ou envolvida diretamente. Os dados ainda não foram enviados ou publicados. Os sindicatos foram informados sobre os resultados e atualmente os dados

estão com o distrito de saúde e com os médicos que estão estudando o problema do cimento de amianto. Assim como as informações que inclui, não pude adquirir informações mais detalhadas. Os médicos têm um embargo e não estão divulgando informações de nenhum tipo.

O distrito de saúde atualmente aguarda que o Ministério siga em frente e seja capaz de publicar os dados. Atualmente, há problemas ligados ao financiamento de tal projeto, o qual foi várias vezes prometidos mas ainda não chegou. Fico por aqui, na espera de prover-lhe novas informações.”

Na nota explicativa de Guido Bellodi, circulada a Gero Buttiker, Ferdinand Elsener, Erich Heini, Ulrich F. Gruber e Frank Summer em 6 de outubro junto com o texto do “relatório recebido hoje de nosso correspondente [Bruno] em Casale,” Bellodi alertou que a “situação poderia ter desenvolvimentos alarmantes.”<sup>15</sup> A velocidade com a qual, conhecimento valioso era reunido e disseminado à “Equipe Itália” da Eternit era realmente impressionante. Em apenas algumas horas de uma reunião sindical em 30 de novembro de 1993 sobre a questão do amianto em Casale, um relatório datilografado de quatro páginas detalhando apresentações dos palestrantes, discussões e planos para ações futuras em nome dos lesados foram circulados na rede da empresa.<sup>16</sup>

O problema da responsabilidade da Eternit pela limpeza da poluição de amianto em Casale Monferrato e em qualquer outro lugar foi considerado como alta prioridade. Comentando sobre um artigo de epidemiologistas italianos, em 1995, Dr. Ulrich Gruber, um infiltrado antigo da Eternit, o artigo é um muito perigoso porque sugere que a Eternit poluído toda a cidade inteira de Casale...”<sup>17</sup> Propostas consideradas por autoridades municipais, estaduais, regionais e centrais para descontaminar o antigo depósito da Eternit em Casale Monferrato e as margens do rio Po, onde vasto volume de resíduos de amianto tinham sido depositados, foram assiduamente monitoradas pela empresa. Comentários típicos na documentação de Bellodi sobre as implicações ambientais das operações de cimento de amianto da Eternit na Itália são observadas

13 Briefings anônimos de Casale Monferrato, datados de 28 de junho de 1993 e 29 de novembro de 1993 foram enviados a Guido Bellodi e Maurizio Maresca e comentavam várias questões, inclusive: “crescentes rumores dos sindicatos acerca de possivelmente reabrir os processos criminais e civis [contra a Eternit];” estes casos seriam abertos em nome dos residentes e ex-funcionários que contraíram mesotelioma. O conteúdo de um programa de televisão apresentado em 18 de novembro é informado: “O lado positivo disso, na minha opinião, é que a audiência foi muito baixa devido ao horário em que foi transmitido.” Declarações feitas no documentário pelo Epidemiologista Benedetto Terracini, Raffaele Guariniello, Bruno Pesce e ex-funcionários são mencionadas e o escritor conclui que “existe uma situação muito ruim... e há possíveis perigos para o futuro.” Bellodi\_Doc-120.pdf

14 Espionage and Misinformation. ANDEVA Bulletin. Setembro de 2011.

Mossano S. The Continuation of the Eternit Hearing (“Eternit, Seguito Udienza”). Alessandria edition of La Stampa. 4 de julho de 2011.

15 Bellodi\_Doc\_108-124.pdf (pag 45).

16 Bellodi\_108-124.pdf (p. 52, 53-56).

17 Bellodi\_Doc\_149-194.pdf

abaixo. Conquanto o inglês nestas passagens é às vezes um pouco difícil de acompanhar e frequentemente incorreto gramaticalmente, o sentido do que está sendo dito é claro:

- “O interesse na questão do amianto está ainda vivo e especialmente o primeiro ponto pode muito bem representar o risco de tornar-se uma questão ambiental mais ampla e grave. A previsão mais pessimista seria que, em caso de reclamação de toda a cidade de Casale, o estado italiano poderia muito bem extrair os fundos relevantes no (sic) ‘responsável’ pela poluição. Do nosso ponto de vista, isso significa que a situação pode ficar tornar-se um tanto quanto preocupante.”<sup>18</sup>
- “Um ‘supercomitato’ (Supercomitê) foi constituído para tratar dos todos (sic) problemas ambientais de Casale. Tal Supercomitato promoveu uma reunião com o representante do Governo. Eles reuniram-se com o Ministro do Meio-Ambiente, Matteoli, e com o Direttore General, Clini (23 de junho). Acerca da bonificação [descontaminação] dos locais, há um forte debate. O prefeito é contrário ao uso de subsídios financeiros estatais (para evitar publicidade negativa) enquanto os outros são a favor.”<sup>19</sup>
- “Os relatórios de peritos do Tribunal (não ainda divulgados oficialmente) e as inspeções do Município mostrariam que toda a área de Targia (Sicília) está poluída com pó de amianto.”<sup>20</sup>
- Quanto a uma investigação criminal em andamento em Siracusa relacionada à fábrica da Eternit: “Parece que o Promotor Público em Pretura está investigando descarga abusiva e não autorizada e estocagem ilícita de resíduos de amianto dentro da fábrica e no solo oceânico em frente à fábrica.”<sup>21</sup>
- “O departamento Ambiental parece ter decidido levar buscar as ações ambientais. O Diretor Geral enviou a Siracusa seu próprio representante. Tal ação, sugerida também pelas forças políticas - Forza Italia (Sra. Prestigiacomo) e Rete (Sr. Piscitello) - a nível nacional, poderia ser iniciado também dentro do procedimento criminal Sub A.”<sup>22</sup>
- “O trabalho de limpeza da fábrica da Eternit [em Casale] foi finalmente iniciado no final de agosto (2000). O trabalho para remoção da folhas de amianto de diferentes edifícios

públicos está em andamento... Nenhum desenvolvimento por enquanto sobre a questão da poluição ambiental [na Sicília].”<sup>23</sup>

A estratégia cuidadosamente preparada pela Eternit para manter o controle do escândalo do amianto italiano funcionava. Mesmo com o crescimento do número de mortes, novas formas foram encontradas para desviar a atenção da culpabilidade da empresa. Os advogados continuavam seu sucesso como relações públicas e informantes da Eternit. Diferentemente da fortuna de conglomerados do amianto nos Estados Unidos e no Reino Unido, os balanços patrimoniais da Eternit pareciam imunes a pedidos de indenização das vítimas da empresa. O dois de homens acusados no Grande Julgamento do Amianto devem ter sentido-se certos de que nunca veriam o interior de uma cadeia italiana. Qualquer que fosse o resultado desse julgamento e das apelações que sem dúvida se seguiriam, a Eternit fora exposta como um empreendimento criminoso dedicada a buscar o lucro não importando o custo à mão de obra e à comunidade local. Quanto ao papel desempenhado neste desastre humanitário por Stephan Schmidheiny e Jean-Louis Marie Ghislain de Cartier de Marchienne, isso será julgado no Tribunal de Turin.

Novembro de 2011

18 Bellodi\_Doc\_118\_T Martac.pdf

19 Bellodi\_Doc\_126\_T Martac.pdf

20 Fax datado de 12 de junho de 1995, de Pier Lodigiani da firma de Bellodi a Gero Buttiker, Ferdinand Elsener e Maurizio Maresca. Bellodi\_Doc\_149-194.pdf (p 53).

21 Relatório de Maurizio Maresca. 22 de fevereiro de 1995. Bellodi\_Doc\_164.pdf

22 Ibid.

23 Bellodi\_Doc\_125-148.pdf

Relatório de Maria Cristina Bruno<sup>24</sup>

Appedix A

Maria Cristina Bruno piazza Castello 11 15033 - Casale Monferrato (Al)

Casale Monferrato 02.09.1993

Guido Bellodi  
Chiappe Bellodi Associates  
Via Carducci, 16  
20123 Milão

Objeto: Monitoramento da Eternit<sup>25</sup>

Como é de praxe, envio-lhe um relatório sobre a imprensa referente a julho e agosto. O Monferrato, um jornal local publicado duas vezes por semana, cujo diretor é Marco Giorcelli, publicou os seguintes artigos:

### 6 de julho de 1993

O Representante (MP) em Casale do “Rifondazione” [o Partido Comunista de Refundação], Angelo Muzio ainda está envolvido no problema do amianto de um ponto de visão jurídico. Entrementes, o problema do amianto está igualmente ainda sendo discutido na Província de Alessandria na Escola de Construção [esta era uma das escolas técnicas e vocacionais onde funcionários versados na indústria de construção eram treinados].

### 13 de julho de 1993

Mais pedidos de aposentadoria prematura por ex-funcionários da Eternit. O caso de Casale também é discutido na S.A.C.A.<sup>26</sup>

### 16 de julho de 1993

A câmara inferior [a Câmara dos Deputados na Itália; de forma geral o equivalente à Casa Comum na Grã-Bretanha] votou um decreto para pensões para ex-funcionários da Eternit.

No debate que se seguiu, MPs de Casale Monferrato discursaram. Angelo Muzio, dos Comunistas de Refundação, Alda Grassi, da Liga do Norte.

### 27 de julho de 1993

Em 27 de julho de 1993, o mesmo “Decreto de Amianto” foi votado no Senado. Ele foi aprovado e todos ficaram satisfeitos e houve comentários de Angelo Muzio que foi o MP dos Comunistas de Refundação.

O jornal Stampa [Il Stampa] reportou as notícias na página da Província de Alessandria e também publicou os seguintes artigos:

- 9 de julho de 1993: *Atrasos nos acordos de ex-funcionários da Eternit.*
- 11 de julho de 1993: *A câmara inferior do Parlamento está examinando o decreto do amianto.*
- 20 de julho de 1993: *Atrasos no financiamento regional para descontaminação dos antigos depósitos da Eternit.*
- 24 de julho de 1993: *O Senado aprova o decreto do amianto.*

O “Vita Casalese,” um semanal católico local dirigido por um padre chamado Dom Paolo Busto, publicou:

- 29 de julho de 1993: *O Senado aprovou o decreto do amianto.*
- [Este artigo contém] comentários muito positivos de Angelo Muzio, o Representante local do Partido comunista de Refundação.
- 26 de agosto de 1993: *A descontaminação do antigo depósito da Eternit ainda está bloqueada.*
- [Este artigo explica que o motivo deste atraso é] devido à falta de financiamento regional, o qual foi aprovado mas nunca disponibilizado. [Ele também declara que] estamos todos satisfeitos com a aprovação do decreto do amianto [e inclui] comentários da INPS [Agência de Pensão Italiana].

Segue em anexo os documentos acima listados e também uma cópia do projeto de descontaminação e reconversão das margens do rio Po, preparado pelo Departamento do Meio-ambiente de Casale. O projeto foi criticado diversas vezes pela Liga do Norte e está atualmente bloqueado.

Quanto a outras notícias em questão, infelizmente, não posso realmente prover-lhe nenhuma outra informação devido aos feriados, mas enviar-lhe-ei quaisquer outras informações tão logo for possível. Nada mais a acrescentar. atenciosamente,

Dr. Maria Cristina Bruno

<sup>24</sup> Traduzido do italiano.

<sup>25</sup> A frase italiana “monitor Eternit” foi traduzida para monitoramento da Eternit.

<sup>26</sup> S.A.C.A.: Societa per azioni Cemento Amianto (Asbestos Cement Ltd. shareholding company).

Telefax

-----  
De: Maria Cristina Bruno piazza Castello 11 15033-Casale Monferrato (Al)  
Para: Dr. Guido Bellodi/ cc: Maurizio Maresca  
Páginas: 1 + 3  
Assunto: Esta comunicação é para informar sobre os artigos que foram publicados ontem no jornal Il Monferrato e le Stampa  
Casale Monferrato, 06.10.1993  
-----

O detonador está a ponto de ser disparado nos números relacionados ao estudo epidemiológico e à amostragem ambiental. Os sindicatos estão preocupados e tentando aumentar a consciência e a opinião pública sobre a gravidade do problema ou, pelo menos, de como o problema é mal.

Eu ouvi que eles estão tentando reunir informações sobre as empresas que atualmente operam na província e que ainda usam amianto.

O objetivo de seu trabalho é que a INAIL seja alertada ou envolvida diretamente. Os dados ainda não foram enviados ou publicados. Os sindicatos foram informados sobre os resultados e atualmente os dados estão com o distrito de saúde e com os médicos que estão estudando o problema do cimento de amianto. Assim como as informações que inclui, não pude adquirir informações mais detalhadas. Os médicos têm um embargo e não estão divulgando informações de nenhum tipo.

O distrito de saúde atualmente aguarda que o Ministério siga em frente e seja capaz de publicar os dados. Atualmente, há problemas ligados ao financiamento de tal projeto, o qual foi várias vezes prometidos mas ainda não chegou. Fico por aqui, na espera de proverlhe novas informações.

PS: os números referentes aos dados epidemiológicos destacam uma incidência de aumento de mesoteliomas entre cidadãos não diretamente expostos, isto é, entre a comunidade ou população ou residentes que não foram diretamente expostos [ao amianto no trabalho].

Maria Cristina Bruno



Foto no Brasil, atendendo ao Congresso Mundial do Amianto em Osasco, 2000, estão Barry Castleman, Annie Thebaud-Mony, Bruno Pesce, Nicola Pondrano, Dr. Daniela Degiovanni, o Prefeito Paola Mascarino e Fernanda Giannasi. A presença dos italianos não foi despercebida pelos informadores da Eternit.

<sup>27</sup> Traduzido do italiano

## 12. A PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO: PÓ - O GRANDE JULGAMENTO DO AMIANTO

Niccolò Bruna e Andrea Prandstraller<sup>1</sup>

“O Grande Julgamento do Amianto”, que dá nome ao filme, foi iniciado em Turin, em 10 de dezembro de 2009. Finalmente, milhares de italianos cujas famílias foram dizimadas pela desolação das doenças do amianto e vítimas sobreviventes da doença puderam ter alguma esperança de justiça. No decorrer do julgamento, o promotor pediu sentenças de vinte anos aos principais diretores das multinacionais responsáveis pelo lançamento do pó de amianto letal; mais de seis mil partes lesadas pediram indenização; advogados de toda a Europa foram reunidos para ajudar o promotor. “Grande” não era um exagero; nunca houve um julgamento maior.

Com o início do julgamento, fomos capazes de prosseguir com o que seria a parte principal de nosso filme. Tínhamos esperado um longo tempo - nosso projeto foi concebido em 2006 - mas as famílias das vítimas tiveram de suportar décadas de atraso. E eles tinham feito assim com dignidade notável e elasticidade. Foi para eles e para as vítimas, cuja luta diária para regastar o que podiam de uma vida normal durante o breve tempo deixado a eles era tão pungente de assistir, que o filme foi feito.

No início, fomos bastante ingênuos. Pensávamos, como a maior parte dos europeus, que a asbestose e o mesotelioma eram doenças do passado; afinal, elas eram causadas pela exposição a fibras de amianto e o uso de amianto havia sido banido, não é verdade? Mas as pesquisas para o filme mostraram-nos que a verdade era justamente o contrário: a indústria do amianto estava ainda em pleno andamento, especialmente onde esta atividade econômica é atualmente mais forte - China, Índia, Brasil. Na Índia, descobrimos que o uso do amianto crescia rapidamente.

Este foi um dilema. Além da cobertura do próprio julgamento, tínhamos a intenção de concentrar-se nas vítimas de Casale Monferrato, o município que sofreu o grosso da epidemia de doenças do amianto na Itália, mas agora sentíamos a responsabilidade de expandir nossa rede.

Setenta por cento da população do mundo vive em países onde o consumo de amianto é um fator diário. Sentimo-nos obrigados a divulgar esta realidade dramática ao público ocidental. Para tal, foi decidido a filmagem em dois locais essenciais onde a consciência do perigo do amianto estava em uma etapa muito mais atrasada que na Europa. A equipe de produção exploraria a realidade do amianto no Brasil, um importante fornecedor, e na Índia, o maior importador de amianto no mundo. No Brasil, descobrimos grandes diferenças entre estados e meso regiões dentro de estados

quanto a regulamentos sobre o amianto. O país, naturalmente é vasto, com ampla gama de grupos étnicos e culturas. Contudo, possui somente uma mina de amianto, portanto decidimos seguir à área remota onde esta está situada. As condições na mina de amianto crisotilo em Minaçu, a maior da América Latina, não apresentava perigo de saúde aos funcionários, de acordo com a empresa, o médico da empresa, o representante do sindicato da empresa e o instituto local que representa a indústria de amianto. E ainda, os membros da Associação Brasileira dos Expostos ao Amianto (ABREA) e uma Inspectora do Trabalho Sênior documentaram impacto terrível da exposição ao amianto em trabalhadores brasileiros. De fato, a Inspectora do Trabalho Fernanda Giannasi disse que a redação dos rótulos em painéis para tetos de cimento de amianto, que advertiram aos que trabalhavam com tais produtos a não respirar as fibras perigosas era um absurdo.

Na Índia, foi-nos negada a permissão de acesso a muitas fábricas de cimento de amianto, mas finalmente conseguimos acesso a uma instalação das Indústrias Visaka, um grande produtor de talhados de cimento de amianto. Também conseguimos uma entrevista com o Dr. G. Vivekanand, Vice-Presidente das Indústrias Visaka, médico e Membro do Parlamento, que nos disse que as condições em sua fábrica eram perfeitamente seguras. Ao longo de toda a nossa viagem à Índia, observamos peças quebradas de painéis de cimento de amianto espalhadas na zona rural e em favelas e encontramos uma ignorância predominante quanto o que é o amianto e o perigo que ele representa à saúde humana.

No julgamento de Turin, o acusado - magnata suíço Stephan Schmidheiny e o Barão Belga Louis de Cartier de Marchienne - estiveram notavelmente ausentes em pessoa, mas representados por uma miríade de advogados e consultores. Contudo, o número destes indivíduos pareceu minúsculo ante à multidão de parentes de vítimas que vimos encher a sala do tribunal em cada dia de julgamento (as audiências inicialmente eram feitas semanalmente, às segundas, e então, perto do final dos processos, passaram a ocorrer duas vezes por semana). Filmamo-los estoicamente indo ao tribunal de ônibus, muitos em seus 80 anos, determinados a ver justiça para aqueles em suas famílias cujas vidas foram desnecessariamente interrompidas.

Causar intencionalmente um desastre ambiental é umas das acusações levantadas contra os réus. A diretora de escola Luisa Minazzi sabia o que isso significava. Enquanto a filmávamos em seu cotidiano, observando sua brava determinação

<sup>1</sup> Niccolò Bruna (e-mail: nic.bruna@gmail.com) e Andrea Prandstraller (e-mail: a.prand@libero.it) são produtores de documentários.

de viver ser repetidamente atacada pelo avanço inflexível de seu mesotelioma, somente próximo ao fim vimos seu otimismo vacilar. No filme ela representou os milhares na Itália, provavelmente milhões no mundo inteiro, que passaram por essa mesma estrada. Mas ela era nossa amiga, uma perda pessoal.

O julgamento falou-nos sobre o início e o final da Eternit na Itália. Nos primeiros dias, os capitalistas estrangeiros foram bem recebidos. Por mais duro e desagradável que o trabalho na fábrica de Casale fosse, ele ainda pagava melhor que outros empregos na região. Mas então ouvimos sobre trabalhadores e sindicalistas heróicos que lideraram a ação de lutar contra a crescente maré da doença, primeiro na fábrica, depois na comunidade. Eles falaram dos cada vez mais frequentes avisos sobre morte postados nas portas da fábrica. Agora seus empregadores são acusados - além de causar intencionalmente um desastre ambiental - de intencionalmente e com conhecimento negligenciar regras de segurança. Os funcionários da fábrica nos primeiros dias viram poucas evidências de qualquer precaução de segurança. Encontramos algumas filmagens, as quais incorporamos ao filme, mostrando a exposição totalmente desprotegida de funcionários a vastas quantidades de fibras.

Conforme o julgamento progredia, nos convencemos de que o uso de amianto pela Eternit em suas plantas italianas (Casale Monferrato, Rubiera, Bagnoli, Siracusa e suas subsidiárias de Cavagnolo e Oristano) foi conscientemente criminoso. Entrevistamos peritos internacionais que documentaram a estratégia da Eternit de manipular a opinião pública e influenciar a política

oficial, não só na Itália, mas em todo o mundo. A campanha de relações públicas da Eternit teve sucesso, conforme foi-nos dito, em fazer com que ninguém questionasse o cronograma da empresa de retirar a tecnologia de amianto em etapas na Itália. Ninguém sabe quantas vidas custou o atraso em encerrar a produção de cimento de amianto na Itália.

Toda a Europa Ocidental agora banuiu o amianto - a Itália já em 1992, seis anos após o fechamento da fábrica da Eternit em Casale. Porque a experiência europeia não teve maior impacto em políticas asiáticas e latino-americanas do amianto? Com tempo em tela limitado para os países em outros continentes, esta não foi uma questão que pudemos tratar completamente, mas espera-se que o público possa ter conhecer um pouco essa questão mais ampla, quando examinada contra o contexto da recente e trágica história de Casale revelado no filme.

O documentário será exibido nas principais redes de televisão na Bélgica, Alemanha, Suíça e França em novembro de 2011, assim como em festivais internacionais de cinema e em outros canais de televisão em 2012. Como produtores, esperamos que nosso trabalho alcance milhões de pessoas. Serão eles que iriam considerar as evidências e fazer seu julgamento quanto à culpa ou inocência de executivos de amianto do passado e do presente.

Outubro de 2011



Um marco no julgamento. Ativistas da AFeVA reúnem-se fora do tribunal de Turin após a última audiência antes do intervalo de Verão de 2010.

## 13. A ETERNIT NO BRASIL

Fernanda Giannasi<sup>1</sup>

### Cimento de Amianto no Brasil<sup>2</sup>

Em 1901, o austríaco Ludwig Hatschek, inventor da fibra de cimento obteve a patente de um processo de produção, baseado na fabricação de papel, usando uma pasta de fluido de fibras de amianto e cimento para produzir um produto que ele chamou de Eternit, Latim “aeternitas”, devido às suas propriedades de durabilidade e resistência, que presumivelmente podia durar eternamente. Este material seria mais geralmente conhecido como cimento de amianto.

Durante as primeiras décadas do século 20, vários empresários obtiveram licenças de Hatschek para começar a produção de cimento de amianto. A Eternit Suíça e a Eternit Belga, entre outras, foram fundadas em 1903 e 1905, respectivamente. A Eternit Francesa foi fundada pelos belgas em 1922.

Em dezembro de 1907, foi obtida autorização para estabelecer a primeira linha de produção de cimento de amianto no Brasil; Hatschek permitia que somente uma empresa usasse o nome Eternit em cada país interessado no processo. Na época, a empresa Pantaleone Arcuri & Spinelli, da cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, tomou a iniciativa de estabelecer este “processo revolucionário” no Brasil sob o nome Cimianto. As tarifas alfandegárias para importar o “minério mágico” (amianto) e o transporte e custos operacionais logo a levaram à falência.

Em meados da década de 1930, as empresas europeias já estabelecidas, como as suíça, belga e francesa, começaram a exportar o processo da Eternit a outros continentes em seus esforços para ganhar novos mercados, especialmente a lugares com potenciais reservas de amianto, como o Brasil, garantindo assim seu suprimento através da aquisição de companhias de mineração.

A S.A. Mineração de Amianto (SAMA) foi fundada no Brasil em 1939, obtendo autorização do governo para desenvolver a mina São Félix no município de Poções, atualmente Bom Jesus da Serra, na Bahia. No mesmo dia que a autorização para desenvolver a mina foi obtida, a SAMA foi comprada pela S.A. Brasilit, pertencente ao grupo francês Compagnie Pont-à-Mousson, que depois mudou seu nome para Saint-Gobain.

Em 30 de janeiro de 1940, a Eternit do Brasil

Cimento Amianto S.A foi constituída como uma parceira entre os proprietários da Eternit Suíça e da Eternit Belga.

### A Eternit no Brasil<sup>3</sup>

A produção de cimento de amianto em Osasco, na região metropolitana de São Paulo, começou em agosto de 1941 e a conclusão da construção da fábrica ocorreu em 1942, como mostrado na foto abaixo.



Foto: Periódico da Eternit “O Telhadinho.”

Em 1949, uma nova fábrica foi inaugurada no Rio de Janeiro.

Com a expansão do mercado de construção civil brasileiro, movida pela febril era desenvolvimentista da década de 1950, a Eternit começou a trabalhar com redes distribuidoras, abrir escritórios comerciais e expandir sua linha de produtos para incluir além das tradicionais folhas onduladas de telhado de cimento de amianto, tanques de água, tubos e folhas planas, entre outros.

Em 1967, durante a ditadura militar e com boas relações com os oficiais militares no poder e portanto - apoio completo, a expansão dos negócios de cimento de amianto a regiões mais distantes começou, descentralizando-se o negócio do eixo Rio de Janeiro - São Paulo. Neste ano, a planta Simões Filho foi inaugurada na Bahia para abastecer a região Nordeste. Neste mesmo ano, a Eternit tornou-se parceira da Brasilit (Saint-Gobain), com 49% do capital da SAMA, iniciando atividades no desenvolvimento de mineração da fibra mineral na Mina de Cana Brava em Minaçu, Goiás, atualmente o terceiro maior produtor e exportador global de amianto (contabilizando 14% da produção mundial de amianto).

<sup>1</sup> Fernanda Giannasi é engenheira civil e pós-graduada em Engenharia de Saúde e Segurança, Inspetora do Trabalho do Ministério do Trabalho e do Emprego desde 1983 e foi Coordenadora do GIA – Grupo Interinstitucional do Amianto - de 1985-1990. Ela é atualmente Gerente Geral do Programa Estadual para Amianto da Superintendência Regional do Trabalho e do Emprego do estado de São Paulo, Coordenadora da Rede dos Cidadãos Virtuais para o Banimento de Amianto na América Latina, e cofundadora da ABREA, a Associação Brasileira de Pessoas Expostas ao Amianto. Tradutores: Cooperativa de Profissionais em Tradução - Unitrads.

<sup>2</sup> Em <http://www.eternit.com.br/corporativo/historia/index.php>

<sup>3</sup> Ibid.

Com a descoberta deste novo fosso, o país torna-se praticamente autossuficiente no suprimento de amianto e completamente independente de importações do setor de cimento de amianto. A antiga mina de São Félix foi descomissionada, deixando uma responsabilidade social e ambiental imensa, pela qual a Eternit tornou-se um interesse sucessor até o fim da década de 1990, como veremos posterioremtnne.

Em 1971, a fábrica de Goiânia foi fundada para servir à região centro-oeste e a fábrica de Colombo, atualmente a maior unidade de fabricação da Eternit, seguiu-se em 1972 para servir a região sul do país.

Em 1980, a Eternit incorporou a empresa Wagner S.A, uma produtor de Drywall ou reboco<sup>4</sup> e em 2002 ela encerrou suas operações em Ponta Grossa, Paraná, transferindo toda a linha de produção da divisão de Painéis de Parede à Colombo, deixando uma grande responsabilidade ambiental, que será posteriormente discutida, e a um número no momento desconhecido de pessoas doentes ou mortas.

Na última década do século 20 (embora informações sobre a data exata sejam contraditórias), o grupo suíço oficialmente retirou-se do negócio de amianto e a Eternit foi vendido, caindo sob o controle do grupo francês Saint-Gobain, seu parceiro na SAMA.

Tudo parece indicar que o grupo suíço estava secretamente envolvido no negócio de amianto no Brasil até pelo menos 2001, de acordo com o testemunho de Élio Martins<sup>5</sup>, o atual presidente da Eternit, embora a propaganda oficial publicamente negasse qualquer envolvimento após o início da década de 1990.<sup>6</sup>

Muitas explicações existem para essa venda do grupo Eternit aos franceses. Entre elas está a encontrada na autobiografia do herdeiro do império Eternit, aos 37 anos, Stephan Schmidheiny:

4 Drywall é uma tecnologia que substituiu a alvenaria convencional de divisões internas (paredes, tetos e coberturas) de edifícios e compostos de painéis mais leves e mais finos. É atualmente produzida, no caso da Eternit, com madeira laminada ou reboco, alinhada em ambos os lados com camadas de madeira cobertas por folhas planas de cimento reforçadas com fibra sintética e pressionadas (anteriormente as folhas planas eram feitas de amianto).

5 No dia 8 de maio de 2001, na transcrição oficial das audiências do Comitê Especial da Câmara de Deputados Federais para o Projeto de Lei no. 2186/96, o presidente Élio Martins, da Eternit S/A, explicou a estrutura de controle de sua empresa nos seguintes termos: "A Eternit é uma empresa brasileira controlada publicamente, cujas ações são vendidas na Bolsa de Valores de São Paulo (BOVESPA). Nenhum proprietário único tem o controle completo da firma. Os principais acionistas são como se segue: DÍNAMO - Fundo de Investimentos em Ações: 25,17%; Fundo de Pensão do Banco Central - Previdência Privada - CENTRUS (controlado por empregados do banco): 17,49%; Saint-Gobain (Brasil): 9,11%; Fundo de Participação Social do BNDES - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, que é correspondente do Banco de Desenvolvimento Interamericano (BID): 8,41%; AMINDUS HOLDING AG: 6,81%; Empreendimentos e Participações HOLPAR: 4,31%."

Na realização de uma pesquisa mais detalhada das origens da AMINDUS HOLDING AG, nós encontramos ligações com negócios que são parte do império comercial de Stephan Schmidheiny, tal como a Nueva AG and a Amanco AG, localizadas no distrito suíço de Glarus.

6 Quando confrontado quanto a declaração contraditória do presidente da Eternit de que Schmidheiny continuara a participar dos negócios de amianto no Brasil por mais de uma década após ter afirmado que o abandonara para sempre, Peter Schuermann, porta-voz de Schmidheiny, respondeu como se segue ao editor de Sonntags Blick, em 30 de dezembro de 2004: "É correto que Stephan Schmidheiny vendeu as ações brasileiras na Eternit em 1988, conforme eu desejava; nem ele, nem nenhum de seus empreendimentos mantêm ou mantiveram qualquer participação acionária no Brasil naquele tempo. Ao longo de décadas, diversas empresas usaram o nome 'Amindus.' No procedimento disponibilizado a mim não há nenhuma evidência que esta é a Amindus Holding de Glarus que você está pensando; há somente a menção de uma Amindus Holding e de uma Amindus Holding AG."

7 Em <http://www.stephanschmidheiny.net/business-career/?lid=1>

8 In [http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG60937-601\\_4-285,00.html](http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG60937-601_4-285,00.html)

9 Ibid

10 Em <http://www.forbes.com/forbes/2009/1005/creative-giving-philanthropy-bill-gates-of-switzerland.html>

"A controvérsia quanto aos efeitos potencialmente perigosos do pó de amianto foi um choque para mim em muitos aspectos. Eu mesmo fui perigosamente exposto a fibras de amianto durante meu período de treinamento no Brasil. Eu frequentemente ajudava a carregar sacos de amianto e a derramar as fibras no misturador, respirando profundamente todo o tempo devido ao esforço envolvido. Ao final de um dia de trabalho difícil, eu muitas vezes estava coberto de pó branco."<sup>7</sup>

A revista Época, número 285,<sup>8</sup> de 30/10/2003, analisou o problema como se segue: "o escândalo do amianto foi chave em fazer com que Schmidheiny alterasse suas práticas comerciais e se tornasse um defensor da administração conscienciosa, como uma forma de pagar por seus pecados."

Um pouco depois, no mesmo artigo, a revista indicou: "Schmidheiny fez um anúncio público de que encerraria a fabricação de produtos com amianto no início da década de 1990 somente após ter vendido a Eternit a uma empresa francesa, Saint-Gobain, junto com todos os seus processos de empregados."<sup>9</sup>

A revista Forbes, em sua edição de 05/10/2009,<sup>10</sup> contudo, ofereceu outra explicação de Schmidheiny para sua guinada de 180 graus na política da empresa: "Minha empresa caminhava rumo à falência como consequência dos efeitos conjuntos de problemas relacionados ao amianto e uma queda brusca dos mercados de construção. Portanto, edifiquei meu grupo praticamente do zero," diz ele.

Em 1993, as operações foram definitivamente encerradas na unidade de Osasco, a maior fábrica da empresa em toda a América Latina, que em seu pico produtivo tinha quase 2.000 empregados; ela foi demolida em 1995 para a construção de um supermercado Walmart e um

Sam's Club, deixando para trás centenas de pessoas doentes e uma grande responsabilidade ambiental, que será discutido posteriormente. Os ex-empregados doentes começaram a se reunir em 1995 e fundaram a Associação Brasileira dos Expostos ao Amianto (ABREA) em 1996, inspirados pela Associazione Esposti Amianto (AEA) na Itália.

Em 1995, a Eternit assumiu o controle de 100% da empresa Prefalsa em Anápolis, Goiás. E em 1997, adquiriu o controle completo da SAMA, que em 2006 se tornou SAMA - S.A. Minerações Associadas, removendo a operação principal (mineração de amianto) de seu nome comercial e tornando-se uma sociedade privada.

No fim da década de 1990, a Saint-Gobain abandonou o uso de amianto, após o banimento na França, e vendeu suas ações na Eternit. Juntas, a Brasilit e a Eternit, no empreendimento conjunto ETERBRAS, mantendo suas respectivas marcas comerciais, controlaram 55% do mercado de telhados no Brasil por uma década e, a partir daí, tornaram-se concorrentes e estiveram envolvidas em uma violenta disputa pela liderança do mercado de telhados de cimento de amianto, chegando a mesmo trocar acusações comerciais e insultos na mídia.

Naquele ponto, a Eternit estava nacionalizada e imediatamente tornou-se estatal, posto que suas ações preferenciais foram mantidas pelo fundo de pensão de empregados do Banco Central (CENTRUS) e pelo fundo de participação social do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Social). Conforme o tempo passou e a empresa foi revitalizada, estes fundos foram retirados e, desde então, a Eternit tornou-se líder absoluta do mercado de telhados, com suas ações vendidas na Bolsa de valores de São Paulo (BOVESPA). Com essa injeção de fundos de ambos os fundos dos bancos estatais, o declínio na produção de amianto da SAMA, que tinha sido observado de 1998 a 2000, devido a leis proibindo seu uso em vários estados e cidades importantes do país, foi invertido e o setor teve a chance de se reedificar, contradizendo as previsões corporativas mais pessimistas, que esperaram um colapso completo e iminente do uso de amianto no país.

Embora tivesse perdido o mercado de tanques de água e tubos de transporte de água potável e canos de esgoto para a indústria de plásticos em 1990, isso apresentou à empresa um novo desafio, forçando-a a diversificar e produzir tanques de polietileno de alta densidade. Desde então, a Eternit tem incorporado gradualmente outras empresas na cadeia de produção da construção civil, inclusive os mercados de instalações



A planta da Eternit em Osasco como estava no momento de seu fechamento em 1993. Foto: Periódico da Eternit "O Telhadinho."



Demolição da planta de Osasco em 1995. Foto: Eduardo Metroviche - Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco e Região.

sanitárias (2008) e telhas de concreto (2010). Com isto, de 2006 a 2010, o número de acionistas aumentou de 1.600 para 6.000, de acordo com o site da empresa.<sup>11</sup>

Por ocasião de sua “retirada” dos negócios de amianto, a Eternit Suíça deixou uma responsabilidade social e ambiental imensa no Brasil, para a qual não gastou um centavo para indenizar as vítimas ou para reabilitar o meio-ambiente nas áreas degradadas. Ela deixou isso inicialmente a sua sucessora, o grupo transnacional Saint-Gobain, e posteriormente, com a saída dos franceses, para a recentemente fundada e nacionalizada Eternit S/A, que tornou-se e será considerada responsável por essa trágica e incômoda herança. Enquanto dirigia a empresa, o grupo suíço nunca reconheceu nem oficialmente informou às autoridades de saúde sobre qualquer caso de doença ocupacional causada pelo amianto.

### Responsabilidade Social?

A prova do comportamento irresponsável da Eternit no Brasil, foi o fato de que em 1987 o médico responsável pela saúde ocupacional da Eternit admitiu durante uma inspeção oficial da GIA (Grupo Interinstitucional do Amianto do

Ministério Federal do Trabalho e do Emprego) na planta Osasco, que conhecia seis casos de doenças relacionadas ao amianto. Além disso, ficou claro que nenhum desses casos foi informado à agências relevantes de saúde ou de seguridade social no Brasil, conforme requerido por lei, devido a uma decisão da sede da Eternit na Suíça. Em 1996, esse mesmo médico, agora aposentado, confessou que tinha lidado com muitos casos desses que nunca foram informados. A ordem, que vinha diretamente da Suíça, era de que os casos de funcionários que mostravam sinais de doenças de amianto teriam de ser apresentados individualmente por seus próprios advogados nos tribunais. Tais foram as políticas de “responsabilidade social” da Eternit no Brasil!

Antes das inspeções feitas pelos inspetores do Ministério do Trabalho e do Emprego, uma revisão do livro de Werner Catrina *Der Eternit-Report*, de 1985, por Daniel Berman e Ingrid Hoppe, já mencionava o fato de que o “médico da empresa Eternit já tinha descoberto três casos de asbestose, mas admitiu que 32 outros funcionários tinham suspeita de fibrose pulmonar. Esse médico negou a existência de casos de mesotelioma e câncer de pulmão e sustentou que era improvável que tais casos ocorressem, por

<sup>11</sup> Em <http://www.eternit.com.br/corporativo/historia/index.php>

causa da elevada rotatividade de funcionário na fábrica, que tinha o efeito de limitar períodos de longa exposição ao pó de amianto. Ele admitiu, contudo, que a Eternit só começou a realizar exames médicos apropriados e manter registros médicos precisos em 1978, e por esse motivo o número total de casos ocorridos de 1939 a 1978 sempre permaneceria desconhecido.”

A primeira lavanderia de empresa começou a operar somente em fevereiro de 1989, na planta de Osasco, e o periódico *Telhadinho*<sup>12</sup> anunciou que a empresa estudava “possíveis locais para instalar lavanderias e equipamento para cada uma das outras fábricas do grupo”. A preocupação com roupa contaminada na fábrica começou somente no final da década de 1980. Antes disso, os uniformes eram lavados em casa, junto com a roupa das famílias dos empregados.

Os resíduos, antes destas inspeções da GIA, eram frequentemente doados a empregados e aos municípios de Osasco para a pavimentação de estradas, estaleiros e calçadas ou mesmo vendidos como matéria-prima para outras atividades como reforço de materiais, principalmente plásticos, para a fabricação de cabides e fitas para pacotes, como foi descoberto na empresa N.J. Embalagens, embora a Eternit tivesse oficialmente informado às autoridades de saúde pública do país que tinha um ciclo sem resíduos;<sup>13</sup> em outras palavras, todos os resíduos do processo de produção eram reutilizados pela própria empresa, evitando contaminação externa.

Filtros da máquina de Hatschek e do sistema de ventilação reutilizado por empregados como cortinas e tapetes. Foto de Dr. Vilton Raile.

Os rótulos de alerta do produto não eram suficientemente claros e muito menos indicavam os riscos associados à exposição ao amianto, especialmente o de contrair câncer:

“Fui membro do Comitê Interno de Prevenção de Acidentes (CIPA)”, diz Eliezer João de Souza,<sup>14</sup> presidente d ABREA. “Quando trabalhei na Eternit fiz alguns cursos sobre doenças relacionadas ao amianto, mas só em 1995 descobri que o amianto era cancerígeno. A cada dois anos fazíamos raios x do tórax. Eles nunca nos informaram nada sobre os resultados. O médico da empresa sabia o que acontecia mas escondeu tudo de nós. Eu mesmo tinha pneumonia e outras doenças do tórax e até então não conhecia

a causa.”

### A Dívida Social

A revista *Época*,<sup>15</sup> de 30/10/2003, em um artigo intitulado “Ele doou US\$ 2,2 bilhões. Magnata suíço passa o controle acionista de suas empresas a uma fundação filantrópica que opera na América Latina,” enquanto celebrasse efusivamente essa doação, não pôde ignorar as responsabilidades ambientais e o legado venenoso que o grupo Eternit deixou no Brasil e escreveu:

“Os que foram deixados para trás na direção da fábrica, foram funcionários como João Francisco Grabenweger. Aos 77 anos de idade, 38 deles dedicado à Eternit, Grabenweger mal conseguia respirar ar suficiente para andar. Em troca de pulmões arruinados pelo amianto, ele recebe US\$ 1,308<sup>16</sup> por mês como aposentadoria. Um residente do estado de São Paulo, descendente de uma família austríaca, lembra-se do jovem Stephan Schmidheiny, que conversava com ele em alemão. ‘Seu maior pecado foi não fechar a fábrica para que ninguém mais tivesse contato com o amianto,’ arrepende-se Grabenweger.”



Filtros da máquina de Hatschek e do sistema de ventilação reutilizado por empregados como cortinas e tapetes. Foto de Dr. Vilton Raile.

Em 19 de dezembro de 2003 o mesmo João Francisco Grabenweger escreveu uma carta a Schmidheiny em alemão na qual ele disse a seu antigo “colega de trabalho” na planta da Eternit em Osasco sobre sua dor e angústia. Segue-se algumas das passagens mais dolorosas da carta de Grabenweger:

*“Você lembra-se, senhor, do tempo que você passou como estagiário em sua fábrica de Osasco, no Brasil, onde você trabalhou nos*

12 Periódico “O Telhadinho” no. 91 de Janeiro/Fevereiro de 1989. Um periódico distribuído aos empregados.

13 Em José Meirelles. “Ciclo de Rejeito Zero na Indústria de Cimento-Amianto”. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, N°. 63, Vol. 16, julho/agosto/ setembro de 1989, páginas 69-70.

14 Em <http://www.viomundoxom.br/denuncias/morre-aldo-vicentin-mais-uma-vitima-do-amianto.html>

15 Em <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG60937-6014-285,00.html>.

16 Taxa de câmbio de 6/1/2012.

departamentos, e fez o trabalho tanto de trabalhadores comuns como de feitores? Naquela época fui designado pela gestão da fábrica para trabalhar com você em toda a fábrica, porque era fluente em alemão. Sou descendente austríaco e meu nome é João Francisco Grabenweger. Não sei se você ainda se lembra deste funcionário humilde com quem você costumava conversar sobre sua paixão pelo mergulho, geralmente no Mar Mediterrâneo. Fui com você, pessoalmente, ao Instituto Butantã, que é mundialmente famoso por a sua coleção de serpentes vivas e por sua produção do soro antiofídico e outras vacinas.

Minha vida como um funcionário na fábrica da Eternit em Osasco começou em 1951 e trabalhei lá até 1989. Penso que posso ser o único sobrevivente daquele período, embora meus pulmões estejam danificados por uma asbestose progressivo e irreversível, com espessamento pleural bilateral difuso e placas bilaterais no diafragma.

Sou de um grupo de 1.200 ex-empregados da Eternit vítimas do amianto. Unimo-nos na Associação Brasileira de Expostos ao Amianto (ABREA), que, em uma grande demonstração de coragem e dedicação, luta tanto no Brasil quanto internacionalmente pelo banimento do amianto e por indenização a vítimas do amianto.

Permita-me perguntar-lhe, senhor, você já leu algum artigo sobre as vítimas dos campos de concentração nazistas? Aquelas que sobreviveram recebem compensação financeira substancial com todos os direitos possíveis. Quando nós, ex-empregados, trabalhamos na Eternit, fomos mantidos completamente ignorantes do fato de que trabalhávamos em um campo de concentração de amianto. Sendo bons funcionários, trabalhamos com o melhor que tínhamos, com completo orgulho e dedicação, para criar o império de cimento de amianto da família Schmidheiny. Mas o que recebemos da “Mãe Eternit?” O que adquirimos foi uma bomba com detonador

de ação retardada que havia sido implantado em nossos tórax.

É possível que você não o saiba, senhor, mas nós, as vítimas de Osasco, aqueles de que ainda estamos vivos, constituímos uma espécie de garantia de emprego para aqueles que defendem a empresa Eternit atual contra seus ex-empregados, humilhando-nos em diariamente com ofertas ridiculamente baixas que eles chamam de “indenização”, as quais são particularmente insultantes àqueles dentre nós com cabelos brancos e saúde frágil.

Espero, sinceramente, receber uma resposta de você tão logo for possível, porque sempre me pareceu que você e sua família não estavam cientes da maior parte do que acontecia nas fábricas, e também porque você me pareceu pessoa muito humanitária e respeitosa, o que me foi confirmado pelo artigo da Revista Época escrito por Alex Mansur, e, portanto, peço-lhe, em nome das vítimas do amianto de Osasco, que nos ajude a garantir a justiça com a qual temos sonhado para aqueles que derem suas vidas por você, senhor, e por sua família e seus negócios.”

João Grabenweger morreu quatro anos depois, no dia 16 de janeiro de 2008, sem ter jamais recebido uma resposta a seu apelo a Schmidheiny, seu antigo colega de trabalho, uma carta pela qual ele esperou até o último dia de sua vida. A Eternit ofereceu-lhe US\$ 27.241<sup>17</sup> para abandonar seu processo judicial por indenização.

#### **ABREA: Visibilidade para os doentes devido ao amianto, reconhecimento social e indenização**

A Eternit esperava que os funcionários lesados pelo amianto perseguiriam ações legais individuais por indenização, uma situação que atrairia público mínimo e atenção de imprensa. A coisa última que a empresa desejava era que um grupo de vítimas perseguisse uma ação de classe, notícias que poderiam afetar negativamente a imagem pública da Eternit e compartilhar valor. O fato de que mesotelioma tinha um período de latência tão longo e que muitos funcionários deixaram Osasco depois que não podiam mais trabalhar, garantiu que a condição das vítimas permanecesse invisível. A tragédia social, ambiental e de saúde que a empresa causou, foi, por muitos anos, enterrada junto a suas vítimas. Em 1995, dois anos após a empresa fechar em

17 Ibid.

Osasco, os antigos empregados começaram a unir-se e organizar coletivamente uma luta para obter reconhecimento de doenças de amianto; em busca de tratamento e indenização pelo dano causado e do banimento do amianto no Brasil - eles fundaram a ABREA.

A reação da empresa foi imediata e ela começou a organizar divisões para atrair ex-empregados e suas famílias com o fim de convencê-los a assinar acordos extrajudiciais por valores insignificantes junto com seguro de saúde vitalício, o qual a própria empresa gerenciaria, requerendo que eles abdicassem de qualquer processo judicial futuro. Estes acordos apresentavam disposições para o encerramento dos serviços de saúde em caso de falência da empresa ou do banimento do amianto no Brasil, tornando estes ex-empregados e suas famílias reféns da continuação do uso do amianto.

A Eternit confirmou à imprensa que até o momento firmou 3.000 acordos extrajudiciais com ex-empregados de várias plantas de cimento de amianto do grupo e da mina de amianto de sua subsidiária (SAMA).

O Ministério Público do estado de São Paulo, insatisfeito com essa situação de acordos, em litis consortium com a a ABREA, propôs uma ação de classe erga omnes semelhante à que foi desenvolvido em Turin. Este processo pede indenização para 2.500 vítimas, por danos materiais e morais sofridos, e exige supervisão médica vitalícia e tratamento de saúde dos que estão doentes. Infelizmente, devido à lentidão do sistema judiciário brasileiro, este processo ainda se arrasta sem resolução, apesar de uma sentença favorável em primeira instância que considerou a Eternit responsável por lesar estas 2.500 vítimas, seguida de uma decisão do tribunal de apelação, infelizmente contra, absolvendo a empresa, aceitando argumentos da defesa de que ela sempre cumpria a legislação do trabalho



Descomissionamento da fábrica da Divisão Wagner Wall em Ponta Grossa, Paraná. Foto: Fernanda Giannasi.

brasileira, embora isso fosse insuficiente devido ao nível tecnológico no momento e que só foi reescrito com base na Convenção 162 da OIT em 1991, e na crença de que não havia evidência subjetiva de sua culpa. Apelações a tribunais superiores ainda podem ser feitas, mas estas podem levar muitos anos até serem revisadas. Até lá, muitas das vítimas terão morrido.

Com a mudança da “jurisdição competente” da esfera civil à esfera trabalhista, em função da Emenda Constitucional 45 do dezembro de 2004, tem havido uma aceleração de decisões sobre processos de indenização que antes levavam até 12 anos ou mais para serem concluídos e que têm sido encurtados agora a 5 anos, em média, trazendo a estas pobres vítimas do amianto esperança de que possam viver para receber sua indenização.

Outro benefício visível dessa alteração, é a taxa de sucesso dos processos, que passou de 10,8% na esfera civil a 75,6% na esfera trabalhista.<sup>18</sup> Um aumento substancial nos valores concedidos também foi observado em decisões legais recentes, em média, 1.000 a 2.000% mais alto que os escassos valores concedidos na década de 1990.

### Responsabilidades Ambientais

As fotos abaixo falam por si e ilustram a irresponsabilidade da Eternit quanto às suas responsabilidades ambientais.

Janeiro de 2012



Descomissionamento da fábrica de cimento de amianto em Osasco, São Paulo. Foto: Eduardo Metroviche - Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco e Região.

18 Mônica da Silva Stella. “A exposição dos trabalhadores ao risco do amianto avaliada a partir da análise de acórdãos judiciais de 1999 até 2009.” Dissertação apresentada à Faculdade da Saúde Pública da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Saúde Pública.

## 14. A ETERNIT E A “AGONIA DUPLA” DAS VÍTIMAS DO AMIANTO NOS PAÍSES BAIXOS

Bob Ruers<sup>1</sup>

A primeira vítima conhecida do amianto nos Países Baixos foi reconhecida em 1930. A conexão entre o amianto e câncer de pulmão foi confirmada em 1942 e as primeiras vítimas de mesotelioma apareceram na literatura médica durante a década de 1950. Foi contudo somente em 1984 a primeira vez que um funcionário afetado por uma doença relacionada ao amianto pediu indenização por seu empregador. Desde 1984, houve uma série ininterrupta de casos de tribunal apresentados contra empregadores e produtores. Até o momento, as vítimas do amianto são forçadas a dirigir-se ao Tribunal para receber indenização pelos danos causados a eles. Abaixo, segue-se um curto resumo de tais desenvolvimentos, adequadamente descritos como “agonia dupla” - a agonia jurídica sobre a médica.

### Grupo Eternit Belga

Mesmo antes de 1920, a empresa Eternit Belga (Belgische Eternitbedrijf), que tinha à sua disposição a patente do Eternit de Hatschek, era uma importante concorrente da única firma de amianto holandesa, que também tinha direitos à patente de Hatschek, a empresa de Amsterdã conhecida como Martinit. Em 1928, a Martinit não foi mais capaz de concorrer com a Eternit Belga e em 1930 foi englobada pela seu concorrente belga. Uma grande parte da produção de cimento de amianto da Martinit foi movida para a Bélgica e de lá a Eternit Belga exportou seus produtos em grande escala aos Países Baixos. Em 1937, para atender ao mercado holandês, a Eternit fundou uma nova fábrica de cimento de amianto na aldeia de Goor. A Eternit Goor cresceu rapidamente até tornar-se a maior empresa de cimento de amianto dos Países Baixos.

Dois anos antes, em 1935, em Harderwijk, os irmãos Salomons tinham fundado a firma de cimento de amianto Asbestona. Inicialmente, a Asbestona resistiu firmemente ao estabelecimento da fábrica rival da Eternit em Goor, mas alguns anos depois, a família Emsens, que controlava a empresa Eternit Belga, secretamente assumiu as ações da Asbestona dos irmãos Salomons. Após a guerra, a família Emsens também assumiu a *Nederlandse Fabriek van Asbestproducten* (Fábrica de Produtos de Amianto da Holanda), a “NEFABAS”, com sede em Oosterhout, cuja atividade principal envolvia o uso de papel e papelão de amianto para produção de material de isolamento. Como a Eternit Bélgica ao mesmo tempo também tomou controle de uma pequena fábrica de cimento

de amianto, a Ferrocal, a partir de 1950, todo o mercado de cimento de amianto nos Países Baixos esteve nas mãos do grupo Eternit Belga. Desde então, todas as decisões importantes quanto a investimento, expansão e fechamentos de empresas na indústria holandesa de amianto/cimento de amianto foram tomadas na sede da Eternit em Bruxelas.

### As vítimas do amianto da Eternit

A primeira vítima conhecida do amianto em uma fábrica da Eternit foi o Sr. Christiaanse, funcionário da fábrica de cimento de amianto da Eternit em Amsterdã, em 1956. Ele havia sido contratado dez anos antes como operador de máquinas. De acordo com uma investigação conduzida pela Eternit em 1951, Christiaanse trabalhou em “um ambiente praticamente livre de pó,” mas em 1956 foi confirmado que ele sofria de asbestose.<sup>2</sup> Em 1972, abestose foi confirmada em um empregado da NEFABAS. De 1945 a 1972 ele tinha trabalhado na NEFABAS em Oosterhout e lá tinha sofrido exposição prolongada ao amianto. Em 1975, tanto asbestose quanto câncer de pulmão foram confirmados em um empregado da Eternit Goor, e em 1976 ele morreu como resultado destas doenças. Mesotelioma foi registrado em mais três funcionários da Eternit Goor em 1975, 1981 e 1982, respectivamente. Em nenhum destes casos a Eternit publicou quaisquer informações fora da firma. Nenhuma das vítimas conseguiu estabelecer a responsabilidade da Eternit. Em vista do longo período de latência de doenças relacionadas ao amianto, vale a pena mencionar que antes de 1967 não era possível, de acordo com a lei do trabalho holandesa, que um funcionário considerasse seu empregador responsável por uma doença ocupacional e, com base nisso, pedir indenização.

### Primeiros casos judiciais contra a NEFABAS e a Eternit

Em meados da década de 1980, como resultado de diversos fatores complementares, a maré mudou para as vítimas de amianto nos Países Baixos. Pela primeira vez, cientistas tomaram o lado das vítimas e dedicaram seu conhecimento à sua disposição. Dantes, os cientistas quase sempre eram empregados por, ou de outra forma pagos por, a indústria de amianto. Um segundo fator foi a decisão de um antigo empregado da NEFABAS, que sofria asbestose, de levar seu antigo empregador ao tribunal. Isso significou que a indústria do amianto, que desfrutava enorme influência no governo e por muito tempo tinha

<sup>1</sup> Bob Ruers é advogado nos Países Baixos especializado em litígios de amianto. Ele é também consultor jurídico do Comitê holandês de Vítimas do Amianto e membro do Senado holandês. Ele correntemente está terminando sua tese de PhD sobre a regulamentação do amianto nos Países Baixos. E-mail: ruers@woutvanveenadvocaten.nl.

encontrada simpatia por seus pontos de vista, seria pela primeira vez considerada responsável perante um juiz por suas políticas, por condições de trabalho na indústria e por medidas de segurança e saúde. É importante observar que a primeira organização de e para vítimas do amianto foi estabelecida; estas mesmas vítimas receberam suporte político, organizacional e financeiro significativo do Partido Socialista (PS). Além disso, a assistência legal provida pelo estado encorajou as vítimas do amianto.

Com o apoio do PS, três viúvas que tinham perdido seus maridos por doenças relacionadas ao amianto foram, conjuntamente, as primeiras a levar a Eternit Goor ao tribunal. Ao mesmo tempo, De Schelde, um empregado do estaleiro Vlissingen, que tinha sido exposto ao amianto entre 1949 e 1967, foi ao Tribunal com o apoio de seu sindicato para pedir indenização por mesotelioma de doenças relacionadas ao amianto. O caso do ex-empregado levou a uma decisão no Supremo Tribunal em seu favor, fortalecendo consideravelmente a posição legal dos afetados por doenças relacionadas ao amianto [1]. Entre as consequências da sentença, estava uma decisão da Eternit Goor de pagar a indenização às “três viúvas.” O funcionário De Schelde foi também bem sucedido, o Supremo Tribunal decidiu em seu favor em 1993, decisão com a qual o Tribunal reconheceu que mesotelioma é uma doença que pode ser contraída pela inalação de pó de amianto, o que pode ser provocado em uma exposição relativamente curta - “através da inalação de um cristal de amianto” - e que o período de incubação chega a vinte e quarenta anos [2],

### Organização e Táticas das Vítimas do Amianto

Em 1995, por iniciativa do PS, o Comitê de Vítimas do Amianto (CAS) foi fundado. Este comitê foi um sucesso imediato e atendeu uma necessidade urgente: no primeiro após seu estabelecimento, 600 vítimas e seus parentes foram ao CAS para obter informações e assistência.<sup>3</sup> Com o suporte do CAS, o auxílio financeiro do PS e a ajuda de peritos científicos, numerosas ações judiciais foram empreendidas contra empregadores, dentre os quais a Eternit era um dos mais importantes. Os desenvolvimentos na administração de justiça eram, dado os problemas ocasionados pelo lapso de tempo e pela prescrição, geralmente positivos. Era cada vez mais frequente que os empregadores fossem considerados responsáveis e obrigados a pagar indenização tanto por danos materiais quanto por não materiais. O valor concedido a vítimas de mesotelioma na década de 1990 estava na faixa de €40.000, crescendo após 2000 para aproximadamente €50.000. A posição das vítimas de amianto atraiu crescente atenção na mídia, enquanto a PS constantemente garantia

que o espectro de problemas de amianto e o problema das vítimas permaneciam na agenda. Através disso, portanto, o PS registrou diversas conquistas, inclusive a garantia de que as prescrições, cujos efeitos eram para as vítimas do amianto extremamente injustos, seriam reformadas.

### Cinco Categorias de Vítimas do Amianto da Eternit

As vítimas de doenças relacionadas ao amianto - asbestose, câncer de pulmão e mesotelioma - podem, em termos práticos, ser divididas em várias categorias dependendo da natureza de sua exposição e o grau ao qual a indenização por danos pode ser pedida em um tribunal. Distingui aqui cinco grupos, os quais ilustrarei resumidamente, grupo por grupo.

#### 1) Empregados e Ex-empregados

O primeiro e também o maior grupo de vítimas do amianto sempre consistia principalmente de empregados e ex-empregados de indústrias que processam amianto, produtos de amianto e materiais contendo amianto, e este continua a ser o caso. A indústria de isolamento desempenhou um importante papel principal nisto na década de 1950, seguida pela construção naval e depois pela indústria de cimento de amianto e pelo mercado de construção. Como até 1967 era impossível, com base na Ongevallenwet (Lei para Acidentes), responsabilizar um empregador, queixas com base em doença ocupacional não foram ouvidas até aquele ano. Da década de 1980 em diante, contudo, o número de casos no tribunal cresceu rapidamente. Contra os pedidos de vítimas que tinham sido expostas ao amianto em fábricas da Eternit, a empresa defendeu-se com o argumento de que sempre tinha comportado-se “como um bom empregador,” que antes de 1970 a firma não teria como conhecer os riscos associados ao câncer com o amianto, e que após 1970 ela tinha tomado todas as medidas de segurança apropriadas. A Eternit também citou o fato de que até 1990 não havia nenhum consenso científico quanto aos perigos do amianto branco. Na maior parte dos casos, as vítimas do amianto tiveram sucesso no tribunal, com a ajuda de cientistas, em refutar tais argumentos. Após a Eternit perder diversos casos no tribunal, a firma mudou de rumo e declarou-se preparada a pagar a indenização a todos os empregados e ex-empregados de suas fábricas que sofriam doenças relacionadas ao amianto.

#### 2) Membros de família e coabitantes

No início da década de 1990, duas novas categorias de vítimas do amianto da Eternit estavam evidentes: os que tinham compartilhado o espaço

<sup>3</sup> O número de vítimas de mesotelioma nos Países Baixos chegou em 1969 a 70 por ano, em 1990 a 270 p.a., em 2000 a 390, e em 2009 a 470. Isso significa que proporcionalmente, os Países Baixos estão entre os cinco países com maior incidência de mesotelioma.

vivo com empregados ou antigos empregados das fábricas da firma e membros de suas famílias. Estes foram expostos ao amianto pela roupa de trabalho de seus maridos ou pais, que tinham trabalhado com o amianto nestas fábricas. No primeiro exemplo a empresa recusou-se a pagar tais vítimas qualquer indenização. O mais importante fundamento da defesa da Eternit era o argumento que, na época, a empresa não tinha como prever que a exposição através das vestimentas era tão perigosa. Portanto, estas vítimas também foram obrigadas a ir ao Tribunal. Entre os primeiros a assim o fazer estavam o Sr. e a Sra. Van Gemmert. Ambos contraíram mesotelioma no início da década de 1990. O Sr. Van Gemmert (1924-1993) foi exposto entre 1946 e 1982, durante o período que ele trabalhou na fábrica da Eternit em Goor. Sua esposa (1921-1994) foi exposta no mesmo período através do contato com a roupa de trabalho de seu marido. Depois de um longo processo no tribunal, a Eternit concordou em aceitar a responsabilidade e pagou a indenização pedida.<sup>4</sup> No segundo exemplo, instância comparável envolvia Marino Grootenhuis, nascido em 1964, diagnosticado com mesotelioma no início de 1996, quando tinha 32 anos. Ele foi exposto através da roupa de trabalho de seu pai, que em 1966-67 e 1976-77 tinha trabalhado por períodos relativamente curtos na fábrica da Eternit em Goor. Marino Grootenhuis morreu em 1997. Mais uma vez, no caso de Grootenhuis, a Eternit contestou a responsabilidade no tribunal, mas em vão. Logo após isso, a Eternit mudou sua política e anunciou que a empresa estava preparada a pagar indenização a qualquer “coabitante” de um empregado ou ex-empregado confirmado como sofrendo mesotelioma.<sup>5</sup>

### 3) Vítimas Ambientais

Entre 1945 e 1975 a empresa de cimento de amianto Eternit Goor e sua firma irmã Asbestona entregava, gratuitamente e em grande escala, resíduos fabris contendo amianto a pessoas que viviam nas vizinhanças de suas fábricas, os quais os receptores usavam para pavimentar e nivelar quintais, alamedas, vias e jardins. Desta maneira, em um raio de cerca de 25 quilômetros ao redor das fábricas, milhares de locais estavam onde resíduos industriais perigosos podiam ser encontrados, sem qualquer alerta ter sido jamais dado pela Eternit e pela Asbestona aos usuários de que eles podiam estar em perigo. Um idoso de 34 anos nas vizinhanças da fábrica da Eternit em Goor, que em 1991 morreu devido aos resultados de um mesotelioma, foi a primeira vítima conhecida dos resíduos da Eternit. Em sua juventude, ele frequentemente pilotava sua motocicleta em estradas reforçadas com estes resíduos. Alguns anos depois, mais vítimas dos

resíduos surgiram, e a Eternit pela primeira vez pagou indenização por este tipo de exposição; mas sem admitir responsabilidade e com a condição de que o pagamento fosse mantido em segredo. O recebedor foi uma mulher de 38 anos, que tinham entrado em contato com os resíduos quando criança. No mesmo ano, mesotelioma foi confirmado em uma mulher de 44 anos que tinha sido exposta a resíduos de Eternit desde a primeira infância. A Eternit recusou-se admitir a responsabilidade, obrigando a mulher a dar entrada em uma ação judicial contra a firma.<sup>6</sup> Em 2003, o tribunal rejeitou seu pedido, sustentando que a Eternit não tinha agido ilegalmente, pois no período de 1945 a 1972 a firma não conhecia, nem poder-se-ia esperar que ela conhecesse, os perigos potenciais ligados à prática de disponibilizar resíduos de amianto para superfícies de estradas. Outra mulher vítima de mesotelioma na vizinhança imediata da fábrica da Eternit em Goor foi exposta aos resíduos no celeiro de sua casa entre 1960 e 2000. Em 2000 ela morreu, com 62 anos de idade. Ela, junto com seu marido, durante o período de 1960-1975, tinha usado regularmente resíduos de Eternit para pavimentar vias e estaleiros em sua fazenda. Após a morte de sua esposa, o viúvo deu entrada em uma ação de responsabilidade contra a Eternit, mas a Eternit negou a responsabilidade. Quando o caso foi ouvido em 2006, o tribunal de Almelo rejeitou o pedido, mas o Tribunal de Apelação em Arnhem sentenciou em 2007 que a Eternit de fato tinha agido ilegalmente:

“...ao, de 1967 a 1970, sem qualquer alerta ou indicação quanto ao perigo relacionado ao uso amianto (livremente lançado, e/ou processamento e/ou desgaste), regularmente e de forma incontrolada distribuir quantidades de resíduos de cimento de amianto.”

Ordenou-se que a Eternit pagasse indenização por danos ao viúvo. A empresa acedeu à sentença e pagou a indenização.

Em 2003, os epidemiologistas Burdorf et al conduziram uma pesquisa sobre a ocorrência de mesotelioma pleural entre mulheres nas proximidades da fábrica da Eternit em Goor. Eles encontraram cinco casos de mesotelioma entre mulheres que não tinham sofrido nenhuma exposição em emprego pago ou em suas tarefas domésticas. Esse número indicou uma taxa de mortalidade mais de dez vezes maior que a incidência esperada [3]. Em uma investigação mais extensiva alguns anos depois, Burdorf et al investigaram se “uma concentração de doenças consistindo de 22 casos de mesotelioma pleural

4 Em 2008, mesotelioma também foi confirmado em sua filha G. van Gemmert, que nascera em 1955. Ela estabeleceu a responsabilidade da Eternit e recebeu indenização. Em junho de 2008 ela morreu, com 52 anos de idade.

5 Após 1994, 30 vítimas de mesotelioma foram diagnosticadas na categoria “coabitante”; em 8 casos estes eram membros da família de empregados da Eternit.

6 Por causa da natureza fundamental do caso, ela recebeu suporte financeiro do PS.

entre mulheres no período de 1989-2002” estava ligada a fontes de exposição no meio-ambiente, tais como estradas reforçadas por amianto e estaleiros [4]. Os pesquisadores confirmaram que em dez mulheres na região de Goor, a ocorrência de mesotelioma pleural pôde ser atribuída com certeza a exposição ambiental, enquanto em mais quatro exposição ambiental foi a causa mais provável de sua doença. Com base nesta descoberta, os pesquisadores concluíram que a exposição ambiental ao amianto na área ao redor de Goor era a explicação mais significativa para a “incidência consideravelmente maior de mesotelioma pleural entre mulheres” e que, considerando-se um risco equivalente para homens, o resultado da contaminação por amianto na área durante os próximos 25 anos seria dois casos adicionais de mesotelioma pleural por ano.

Em 2005, a Eternit decidiu que, também quanto a esta categoria de vítimas, eles não ofereceriam mais nenhuma defesa e, pelo contrário, declararam-se preparados, sob certas condições, a pagar indenização a este grupo.

#### 4) Consumidores e Autônomos

A quarta categoria de vítimas de amianto consiste de consumidores e autônomos. A primeira vítima de mesotelioma nesta categoria foi Sra Nieborg-Horsting, nascida em 1950, diagnosticada com mesotelioma em 2002. Em 1971, ela foi exposta por vários meses na fazenda de seus pais durante a construção de um abrigo no qual folhas corrugadas contendo amianto foram usadas como material para telhas. As folhas vieram da Eternit. O processo da Sra Nieborg contra a Eternit sustentava-se no argumento de que, de acordo com o tribunal, a Eternit deveria, em 1971, ter avisado os usuários de suas folhas de amianto sobre o perigo ligado a seu uso. A sentença foi confirmada em apelação. Em uma nova apelação, contudo, o Supremo Tribunal anulou a sentença do tribunal com base no prazo de prescrição. O Tribunal de Apelação de Hertogenbosch decidiu que a defesa da Eternit baseada no prazo de prescrição era inaceitável, pois conflitava com a racionalidade e a justiça [5].

Sr. Wolting, um agricultor nascido em 1950, construiu em 1979 um grande abrigo em sua fazenda, usando 669 folhas de cimento de amianto onduladas como material para o teto. As folhas eram da Asbestona (posteriormente conhecida como Nefalit). Isso resultou na exposição ao amianto. Em 1999, um pneumologista diagnosticou mesotelioma em Wolting, que veio a falecer devido à doença um ano depois. Após seu falecimento, Os herdeiros

de Wolting deram entrada em um processo de responsabilidade contra a Nefalit, mas a firma negou a responsabilidade. A opinião do tribunal foi que o conhecimento dos perigos de saúde de materiais contendo amianto estavam já disponíveis em 1970-71 dentro do círculo de produtores aos quais a Nefalit pertencia e que este certamente era o caso em 1979. Por esse motivo, poder-se-ia esperar em 1979 que a Nefalit, ao distribuir folhas de cimento de amianto onduladas, alertasse o público, e certamente aqueles como Wolting, envolvidos no manuseio das folhas, sobre os riscos à saúde. O tribunal concluiu que a Nefalit tinha atuado ilegalmente para com Wolting e seus herdeiros e estava portanto sujeita a indenização. O Tribunal de Apelação de Arnhem confirmou a sentença em maio de 2010.<sup>7</sup>

Outro exemplo da exposição ao amianto em relação a um consumidor foi o caso da Sra. Hoeve, nascida em 1939 e nativa de Amsterdã. Em 1972, mudanças foram feitas à casa de Hoeve, para as quais aproximadamente 30 metros quadrados de folhas contendo amianto foram usadas. As folhas eram da marca Nobrande e produzidas pela Asbestona (depois Nefalit). O trabalho resultou na exposição de Hoeve ao amianto. Em janeiro de 2007, ela descobriu que sofria de mesotelioma, pelo qual ela considerava a Nefalit responsável. A Nefalit contestou a reivindicação de Hoeve, argumentando que:

- (a) a reivindicação de Hoeve estava prescrita;
- (b) não havia certeza de que mesotelioma tinha uma só causa;
- (c) Hoeve sofrera apenas uma exposição extremamente limitada durante o trabalho feito em 1972;
- (d) a Nefalit não conhecia e não poderia conhecer, em 1972, o risco potencial de exposição ao amianto por duração extremamente curta, e
- (e) em 1972, não havia nenhuma obrigação legal de incluir um alerta em suas folhas de cimento de amianto onduladas.

O julgamento do tribunal foi que a defesa da Nefalit quanto à prescrição era inaceitável com base na racionalidade e justiça e deveria, portanto, ser rejeitada. Quanto a isto, o tribunal acrescentou estas observações:

“Deve-se considerar se a Nefalit, no momento em que estas folhas foram postas no mercado, em 1972, estava ciente, ou deveria estar ciente, de que graves riscos de saúde existiam em relação ao trabalho com folhas contendo amianto para os que usam o produto, riscos os quais

<sup>7</sup> Gerechtshof (Tribunal) Arnhem 11 de maio de 2010 acerca de Nefalit/Schraa, Wolting. Neste exemplo, a Nefalit, uma subsidiária da Eternit, já tinha levado o caso ao Supremo Tribunal

deveriam ter sido informados. Afinal, um produtor incorre em culpa caso não tome as medidas que venham a ser necessárias para que um fabricante cuidadoso evite uma situação na qual o produto que ele levou ao mercado cause danos em seu uso normal para o objetivo final do produto. Em casos de efeitos colaterais como risco grave à saúde, um alerta deve ser dado, mesmo se a frequência do risco for baixa.”

Os outros argumentos da Nefalit também foram rejeitados pelo tribunal. O tribunal, portanto, concluiu que a Nefalit tinha atuado ilegalmente em relação a Hoeve e ordenou que a firma pagasse indenização. A Nefalit resignou-se ao veredicto.<sup>8</sup>

### 5) Responsabilidade de Fabricantes

Por fim, um grupo separado de vítimas do amianto são trabalhadores que contraíram doenças como resultado da exposição em seu trabalho, mas seu antigo empregador não pode ser mais considerado responsável porque a firma mais existe, não pode ser localizada ou faliu. Para estes trabalhadores, nos Países Baixos existe a possibilidade de responsabilizar não somente seu antigo empregador, mas também o produtor dos materiais contendo amianto com os quais eles trabalharam. Para tal, eles devem comprovar que ficaram doentes como resultado do uso destes materiais e que os produtores dos materiais negligenciaram a emissão de um alerta acerca de seu uso, apesar de que poderia se esperar tal alerta do produtor.<sup>9</sup> Em março de 2010, o tribunal de Gravenhage decidiu a favor de um certo Sr. Langezaal e contra a Eternit, como produtora. Seu próprio empregador não podia ser considerado responsável por Langezaal, que trabalhara como carpinteiro entre 1956 e 1967, período durante o qual ele fora exposto ao amianto, porque a firma que o empregou não mais existia.

### Solidariedade Internacional

Em muitos dos casos jurídicos discutidos acima, além de extensiva documentação científica e do suporte de peritos holandeses, o conhecimento e as informações fornecidas por peritos estrangeiros na área do amianto desempenharam um importante papel.<sup>10</sup> É bom poder aproveitar esta oportunidade de registrar o fato de que, através deste suporte mútuo internacional altruísta, muitas vítimas do amianto puderam concretizar uma posição mais forte em relação à internacionalmente organizada indústria de amianto.

Março de 2011

### Referências

1. Hoge Raad (Supremo Tribunal) 6 de abril de 1990, *Nederlandse Jurisprudentie (Jurisprudência Holandesa)* 1990, 573, Janssen/Nefabas.
2. Hoge Raad (Supremo Tribunal) 25 de junho de 1993, *Nederlandse Jurisprudentie (Jurisprudência Holandesa)* 1993, 686, Cijssouw/De Schelde.
3. Burdorf, Dahhan, Swuste, Pleuramesothelioom bij vrouwen in verband met milieublootstelling aan asbest, (Mesotelioma pleural relacionado à exposição ambiental) em: *Nederlands Tijdschrift voor Geneesmiddel (Jornal de Medicina dos Países Baixos)* 28 de agosto de 2004, 148 (35), p. 1727-1731.
4. Sinnighe Damste, Siesling, Burdorf, Milieublootstelling aan asbest in de regio Goor vastgesteld als oorzaak van maligne pleuramesothelioom bij vrouwen, (Exposição ambiental ao amianto na região de Goor como causa de mesotelioma maligno pleural) em: *Nederlands Tijdschrift voor Geneeskunde (Jornal de Medicina dos Países Baixos)*, 2007; 151 (44) p. 2453-2459.
5. Supremo Tribunal, 25 de novembro de 2005, Eternit/Horsting, *Nederlandse Jurisprudentie (Jurisprudência Holandesa)* 2009, 103, com nota de Giesen.

8 VEREDICTO DO TRIBUNAL DE AMSTERDÃ, HOEVE/NEFALIT 24 DE JUNHO DE 2009.

9 VEREDICTO DO TRIBUNAL DE GRAVENHAGE 3 DE MARÇO 2010 ACERCA DE LANGEZAAL/ETERNIT. A ETERNIT APELOU CONTRA ESTE VEREDICTO.

10 A SABER, B.I. CASTLEMAN, G. TWEEDALE, J. MCCULLOCH, L. KAZAN-ALLEN E M. PEACOCK.

## 15. A ETERNIT NA FRANÇA

Marc Hindry<sup>1</sup>

### Uma Breve História

A Eternit produziu e vendeu produtos de cimento de amianto na França por 75 anos - de 1922 a 1997 (o ano do banimento na França). Durante a maior parte deste tempo, a produção e venda de cimento de amianto na França foi controlada por um cartel no qual a Eternit atuou junto com a multinacional francesa Saint-Gobain (através de subsidiária, a Everite). As primeiras plantas da Eternit foram construídas em 1922 em Thiant e Prouvy (cidades gêmeas no département norte) seguidas por fábricas em Vitry-en-Charollais (Paray-le-Monial, Saône-et-Loire dép), Vernouillet (Triel, Yvelines dép), Caronte (Bouches-du-Rhône dép), Saint-Grégoire (Rennes, Ille-et-Vilaine dép) e Terssac (Albi, Tam dép). Conquanto as fábricas de Prouvy e Caronte foram fechadas, Vernouillet abriga a sede da empresa Eternit; as quatro outras fábricas foram convertidas (em 1996-97) à produção de fibrocimento sem amianto.

O apogeu do império do cimento de amianto ocorreu nos anos 70, quando a Eternit empregava mais de 5000 pessoas e produzia mais de 600.000 tons de produtos de cimento de amianto por ano. Em 1970, por exemplo, os níveis de contratação e produção de várias plantas eram: Prouvy e Thiant 2360 e 260.000 tons; Vitry-en-Charollais 1182 e 180.000 tons; Caronte 668 e 72.000 tons; Saint-Grégoire 724 e 130.000 tons (a fábrica de Albi não foi aberta até 1971).

Até 1965, a Eternit também operou a mina de amianto de Canari, na costa da Córsega, onde aproximadamente 300.000 tons de amianto foram extraídas. A Eternit deixou neste local um verdadeiro desastre ecológico; parte da baía encheu-se de resíduos de amianto.

A filial francesa da Eternit também desenvolvia a produção de cimento de amianto no que eram então colônias francesas. Fábricas foram estabelecidas em Senegal (empresa Sénac), Argélia (subsequentemente fechada, posto que a Argélia reduziu e depois banuiu o uso de amianto) e Indochina (Vietnã). A Eternit também participou em empresas no Marrocos (empresa Dimatit) e Tunísia (empresa Sicoac).

### “Uso Controlado” Conforme a Eternit

A Eternit contribuiu enormemente para a desinformação sobre os perigos do amianto. Este foi claramente um dos pilares do “Chambre Syndicale de l’Amiante” (Sindicato de Produtores de Amianto) e da “Association des Producteurs d’Amiante-ciment” (Associação dos Produtores

de Cimento de Amianto). Nos anos 60, estes grupos contrataram o Gabinete Valtat (a firma de relações públicas “*Communications Economiques et sociales*” criada por Marcel Valtat) para organizar a promoção do amianto, publicando folhetos com títulos de efeito como “*Vivre avec l’amiante, fibra de la terre*” (vivendo com o amianto, a fibra da terra). Durante os anos 80, os perigos e os efeitos do amianto tornavam-se cada vez mais difíceis de esconder, portanto o Gabinete Valtat criou (oficialmente em 1984) uma formidável ferramenta de lobbying batizada “*Comité Permanent Amiante*” (Comitê Permanente do Amianto (CPA)). De 1984 a 1996, ano em que a ANDEVA foi criada, o CPA essencialmente determinou todas as decisões do governo quanto a amianto. Ele teve sucesso em unir fabricantes do amianto, representantes ministeriais, médicos e representantes sindicais em uma estrutura financiada pela indústria do amianto para promover o “uso controlado do amianto.” Em 1993, os representantes da Eternit no CPA eram H. Leclercq, diretor da fábrica de Thiant, e B. Votion.<sup>2</sup>

Os esforços para promover o mito do uso controlado infelizmente não foram combinados com iniciativas para aumentar a segurança de funcionários e o cuidado ambiental. De fato, pode-se justificavelmente afirmar que se o dinheiro investido em propaganda fosse usado para segurança e prevenção, veríamos hoje um menor número de fatalidades devido ao amianto da Eternit. Os folhetos do CPA elogiavam os maravilhosos esforços dos membros da indústria do amianto na França para aumentar a segurança em suas fábricas. Como um detalhe irônico e fruto de lobbying inteligente, em 1985 o Ministério do Meio-Ambiente da França concedeu um prêmio de tecnologia limpa à Eternit!

A realidade às vezes contra-ataca: em 1995 o canal de televisão nacional da França, o canal 2, filmou o dia de um funcionário comum da fábrica de Thiant (a fábrica de H. Leclercq) e os espectadores descobriram que os sacos de amianto bruto eram abertos com um canivete, e então esvaziados manualmente por um funcionário em uma máquina de mistura; o funcionário não usava nenhuma proteção respiratória, tendo como o único meio para remoção de pó um dispositivo aspirador instalado acima da boca do misturador. Um médico que trabalhava no hospital mais próximo, localizado em Denain, calculou que em seu serviço testemunhava aproximadamente 30 novos casos de mesotelioma por ano.

<sup>1</sup> Marc Hindry: Université Paris Diderot, Paris 7; Association Nationale des Victimes de l’Amiante, France (ANDEVA); hindry@math.jussieu.fr

<sup>2</sup> Em 1993, Bernard Votion foi listado como uma “pessoa qualificada”, mas em publicações anteriores do CPA ele aparece pertencendo à Eternit.

## A Eternit e a Justiça Francesa

Não obstante algumas contestações, até o momento a Eternit permaneceu essencialmente intocada pela justiça na França. Em 18 de dezembro de 1997, o Tribunal de Apelação de Mâcon considerou a Eternit culpada por “*faute indesculpável*” (“falha indesculpável”), quanto às doenças de vários funcionários da fábrica Paray-Le-Monial. Desde então, os Tribunais de Apelação sancionaram a Eternit por mais de mil incidências de doenças ocupacionais, incluindo centenas de mortes. Todas as fábricas da Eternit foram condenadas. Deve-se, porém, observar que, devido a uma falha da lei, a Eternit foi culpada mas praticamente não pagou as indenizações; de fato, a maior parte dos danos foram indenizados pelo sistema de seguro de saúde. Não obstante, o Fundo de Indenização de Vítimas do Amianto (FIVA) abriu diversos recursos quanto a vítimas domésticas e ambientais do amianto das fábricas da Eternit.

Em 1996, a ANDEVA deu entrada, em um processo civil, em uma “*plainte contre X*” (“queixa contra pessoas desconhecidas”), por lesões e homicídios involuntários, *abstention délictueuse* (falha intencional em agir [para proteger pessoas de perigo iminente]) e envenenamento; este processo visada todos os responsáveis pela catástrofe de saúde do amianto: os fabricantes de produtos de amianto, as autoridades de saúde pública e do trabalho, os médicos que colaboraram no processo.

Embora aproximadamente quinze anos tenha se passado desde o processo da ANDEVA, nenhum indivíduo foi considerado responsável pelos crimes listados na queixa. Contudo, em novembro de 2009, M. Joseph de Cuvelier, filho do fundador da Eternit França, diretor do grupo de cimento de amianto Eternit de 1971 a 1994, foi investigado pela *juge d’instruction* (juíza inquisitiva) Marie-Odile Bertella-Geoffroy por “ferimentos e homicídios involuntários.” Ele é acusado principalmente de não ter tido sucesso em implementar medidas de proteção e segurança para funcionários expostos ao pó de amianto nas fábricas da Eternit. Estas investigações ainda estão em andamento.

### As Vidas Destruídas pela Eternit.

Números não podem descrever a soma de dramas, tragédias pessoais, raiva, desespero, resignação e humilhação que resultou do descuido, falsidade e ganância da Eternit. Os testemunhos e os comentários abaixo dão alguma ideia dos danos que a empresa infligiu.

CARONTE. Michel Salard<sup>3</sup> trabalhou 22 anos na fábrica da Eternit em Caronte, Port-de-Bouc,

perto de Marseille. Com resultado, ele agora tem placas pleurais. Sua esposa Zoé costumava lavar suas roupas de trabalho, cobertas de pó de amianto; ela sacudia o pó antes de lavá-las. Hoje ela sofre de mesotelioma, diagnosticado em 2008. Ele conta sua história:

“Trabalhei 22 anos na Eternit em Caronte, com amianto. Zoé, minha esposa, lavava minha roupa de trabalho; 29 anos após a fábrica ser fechada, descobrimos que ela tinha mesotelioma.

O pó de amianto estava presente em toda a fábrica; quando recortávamos telhas de cimento de amianto quebradas, quando limpávamos as máquinas e os dutos de ar nos sábados... o sistema de ventilação era insuficiente.

Hoje há muitas vítimas entre os funcionários, mas também entre suas famílias.

Por muitos anos, os representantes dos sindicatos dos trabalhadores e o comitê de segurança pediram que nossa roupa de trabalho fosse lavada por nosso empregador. Eles constantemente recusavam-se, afirmando que ‘a Eternit não é uma lavanderia...’

Portanto, era minha esposa quem lavava minha roupa coberta pelo pó trazido da planta. Ela costumava sacudi-las antes de lavá-las. Ela respirou fibras de amianto dia após dia, mês após mês, ano após ano, por 19 anos. Hoje ela está muito gravemente doente. Ela não é a única. Conheço três esposas de funcionários da Eternit que ficaram doentes. Certamente existem outros.

O FIVA<sup>4</sup> iniciou um recurso contra a Eternit no tribunal civil de Aix-en-Provence, invocando o artigo 1384 do Código Civil.<sup>5</sup> O processo está sendo examinado pelo tribunal.

A ‘falha indesculpável’ da Eternit foi diversas vezes reconhecida pelos tribunais, mas a Eternit conseguiu escapar de punição financeira, explorando negligências administrativas da Organização de Seguridade Social.”

Mireille, esposa de Robert, conta sua história:

“Meu marido Robert Wuilbeaux começou a trabalhar na Eternit em 26 de outubro de 1953, com 16 anos de idade, para ajudar

<sup>3</sup> Testemunho publicado no boletim da Andeva No 34, janeiro de 2011.

<sup>4</sup> O Fundo para Indenização de Vítimas do Amianto (FIVA) concedeu indenização a Zoé Salard

<sup>5</sup> O Artigo 1384 do Código Civil francês diz essencialmente que uma pessoa é responsável não só por danos causados diretamente, mas também por danos causados por pessoas sob sua/ sua responsabilidade e por produtos em custódia.



A foto é cortesia de Mireille Wuilbeaux

THIANT. No centro da foto acima, está René Delattre, que morreu de mesotelioma em 2007; imediatamente atrás dele está Robert Wuilbeaux, que morreu de mesotelioma em 2005; ambos trabalharam na fábrica Thiant e eram muito ativos na filial de Thiant da associação de vítimas: Comitê Amiante Prévenir Et Réparer (CAPER) (Comitê de Prevenção e Indenização do Amianto).

a sustentar sua família. Ele passou 42 anos trabalhando lá. Ele trabalhou como moldador por 30 anos, antes de passar a operar guindastes. Em 1995, ele aposentou-se antecipadamente, um descanso bem merecido.

Em 1998, como todos os empregados que trabalhavam com o amianto, foi marcada para Robert uma consulta para um minucioso exame médico ocupacional. Ele recusou-se a ir, e eu tive que insistir. Em dezembro de 1999, ele finalmente procurou um pneumologista, fez um raio x e então uma tomografia em janeiro de 2000. Os resultados revelam placas pleurais. Três meses depois, Robert descobriu que tinha incapacidade respiratória de 10%, devido ao amianto inalado todos aqueles anos na Eternit. E progressivamente, o amianto ganhou território e continuou seu lento processo destrutivo.

De uma incapacidade de 10%, Robert passou a 15% em setembro de 2001, então a 20% em março de 2003. Em outubro daquele mesmo ano, veio o diagnóstico fatal: Robert desenvolvera mesotelioma pleural no lado esquerdo. Ele sabia que seus dias estavam contados. A partir de então, ele não viveu, apenas sobreviveu. Ele sabia o que ia acontecer-lhe, pois tinha visto outros colegas morrer...

O inferno então começou: quimioterapia, repetitivas pleuritis, drenagens cada vez mais frequentes. A partir de janeiro de 2005, meu marido passou a ter nódulos que precisavam de irradiação, radioterapia. Então, em abril de 2005, um novo exame e, um balde de água fria, o diagnóstico de câncer de pulmão no lado direito. Hospital novamente; ele teve um edema

nos membros inferiores e não podia mais andar. Para tentar curar este novo câncer ele recebeu quimioterapia pesada, a qual ele quase não suportou. Essa terapia atacou seu sistema nervoso; ele tremia, desmaiava, vomitava. Todo seu corpo doía: cabeça, barriga, pernas. Ele não podia sequer beber água; nós matávamos sua sede com pirulitos de gelo.

Em 1o de outubro de 2005, Robert faleceu. Se o inferno for um lugar virtual, posso dizer que meu marido viveu no inferno e sofrendo; e eu também durante aqueles últimos meses em que estive ao seu lado."

PARAY-LE-MONIAL. Maurice Papillon começou a trabalhar com 16 anos de idade e trabalhou 31 anos na planta da Eternit em Paray-Le-Monial. Ele morreu de mesotelioma em 1986, com 47 anos de idade. Sua esposa Jacqueline conta sua história:

"Vou começar do dia 15 de março de 1986... Já há algum tempo, meu marido vinha sentindo-se muito cansado, seu corpo doía e ele tinha perdido peso; esse foi o início de seu Calvário! Após consultar-se com um médico e realizar um exame de sangue, que naturalmente mostrou-se desastroso, ele foi hospitalizado para mais exames médicos, raios x, tomografias, etc. Primeiro diagnóstico: câncer de pulmão! O médico pediu-me para trazer o raio x mais recente da fábrica para comparação. Serei breve quanto à 'sociabilidade' da equipe médica da fábrica! Voltei só com a minha dor, já sabendo que meu marido estava gravemente doente. Então ao [Hospital] Léon Bérard para um exame completo; encontrei um professor que me disse 'Seu marido está cheio de pó de amianto, com cistos específicos do amianto, ele tem asbestose' (tudo isso foi dito oralmente, eu nunca recebi uma declaração por escrito); ele explicou-me o desastre que era esta doença.

Eu tinha 39 anos e nunca tinha ouvido sobre isso: o que era amianto e asbestose? Nossa vida nunca mais foi a mesma após aqueles dias, a queda pela doença, a angústia, o medo da morte, o sofrimento... nos meses finais, Maurice perdeu 35 quilos. Nem eu, nem meus filhos esqueceremos jamais a degradação física, a dor devastadora cada vez que tínhamos de cuidar dele, seus olhos, onde eu lia sofrimento e dor, porque ele sabia que estava morrendo. 'Com 47 anos de idade, é difícil partir' foram as únicas [palavras de] reclamação que ouvi de sua boca durante toda a doença. Ele não queria receber seus amigos: 'depois, quando eu melhorar.' [Ele queria] manter sua dignidade de homem. Ele faleceu em 5

de julho de 1986.

Perdi meu marido, meus filhos perderam seu pai, sua mãe perdeu seu filho único!

Fui ajudada por um médico, que recomendou-me pedir um reconhecimento de doença ocupacional. Eu fiz isso porque naquele momento tinha a raiva e a necessidade de saber a verdade que continuaria a me guiar. Em setembro de 1986, a previdência social exigiu uma autópsia, após o que as três faculdades de medicina de Dijon recusaram [meu pedido] porque afirmavam que ele morrera de um câncer digestivo. Fiquei furiosa; naquele tempo não havia uma associação para me ajudar. Apelei e, 2 anos depois, em 1988, uma nova faculdade encontra e declara a causa de doença ocupacional. Uma porta abriu-se, foi um tsunami em Vitry [a cidade perto da fábrica da Eternit].

Em 1995, a [filial] do CAPER de Paray-le-Monial foi criada e me afilei, naturalmente; nossos advogados apresentaram nossos primeiros casos no Tribunal de Seguridade Social de Macon e a jurisprudência surgiu. A ‘falha indesculpável’ da Eternit foi

reconhecida; posteriormente, em 2001, o caso de meu marido foi finalmente finalizado com sucesso; ‘trabalhe para viver e não para morrer.’

Em minha luta estive sozinha, confusa, algumas vezes quis desistir; as pessoas apontavam os dedos para mim e me criticavam, inclusive um médico, pois de acordo com ele eu fazia aquilo pelo dinheiro; mas minha dor, minha tristeza, a dor de minha família, o que eles fizeram por isso?

Eu era uma dona de casa, com 3 filhos, estudos para pagar, deveres diários, quem se importava com isso? Eu permaneci firme, lutei, não tenho nenhum arrependimento e hoje minha luta continua para aqueles que hão de vir, pois o amianto continua a matar.”

Agosto de 2011

#### Bibliografia

Odette Hardy-Hemery: Eternit et l’amiante, aux sources du profit, une industrie du risque, Presses Universitaires du Septentrion, 2005.

Pós-escrito. Zoé Salard morreu em 1o novembro de 2011, um mês antes que o tribunal civil de Aix-en-Provence declarasse a Eternit culpada por expô-la ao amianto. O recurso contra a Eternit é o primeiro por exposição ambiental ou doméstica na França.



A foto é cortesia de Mireille Wuilbeaux

Marcha das viúvas do amianto em Dunkirk; abril de 2005; acompanhamento a marcha, estão Robert Wuilbeaux (extrema esquerda) e Mireille Wuilbeaux (jaqueta azul claro); do lado direito da foto (usando a faixa) está o Deputado Patrick Roy, que também foi prefeito de Denain.

## 16. FAMÍLIA BELGA VENCE PROCESSO HISTÓRICO CONTRA A ETERNIT

Yvonne Waterman<sup>1</sup>

### Introdução

Em 28 de novembro de 2011, após onze anos de litígio, o piloto belga Eric Jonckheere (52) e sua família ganharam um processo civil contra a Eternit, o quarto maior produtor de materiais de amianto do mundo. Em jogo estava a morte ilícita de Françoise Jonckheere (67), a mãe de Eric, que morreu de mesotelioma causado por exposição ao amianto através da roupa de trabalho contaminada de seu marido, ex-funcionário de uma fábrica da Eternit Belga, e também através da exposição ambiental devido à mesma fábrica. Junto, os reclamantes receberam a soma de €250.000 por danos financeiros e não financeiros, vigorando imediatamente. O veredicto foi declarado de forma severa, e é considerado pioneiro na Bélgica, onde litígios de amianto não ocorriam anteriormente devido a restrições nas leis de seguridade social e responsabilidade. De acordo com a literatura oficial (Fundo do Amianto), mais de 200 belgas morrem de mesotelioma todos os anos; o grupo de vítimas da belga, a ABEVA, acredita que o número real é muito mais alto. A Eternit já anunciou que apelará contra o veredicto, o que, considerando-se a atitude truculenta da empresa em litígios, não surpreende a ninguém.

### Como o Caso Iniciou-se

Por muitos anos, a família Jonckheere viveu ao lado da fábrica da Eternit em Kapelle-op-den-Bos, onde Pierre Jonckheere fora empregado pela Eternit. O pai Pierre, a mãe Françoise, e seus filhos Eric, Pierre-Paul, Xavier, Stéphane e Benoit viveram e cresceram lá, em uma casa perto da fábrica e diretamente ao lado de duas áreas designadas para descarte de material de resíduo de amianto. Os filhos adoravam brincar lá com seus amigos, cujos pais também trabalhavam para a Eternit. O amianto era levado à fábrica em caminhões com capota aberta, cobrindo a área inteira com uma fina camada permanente de pó de amianto. Os primeiros sinais de alarme tocaram em 1977, quando o programa de televisão “Autant Savoir”, da RBTF TV, explicou nos mínimos detalhes os perigos do amianto aos espectadores. Após assistir o programa, o Sr. Jonckheere prontamente foi a seu supervisor e pediu esclarecimentos. Eric lembra-se das palavras de seu pai sobre o que aconteceu em seguida: “O supervisor juntou um pouco de pó de amianto em sua escrivania, o ergueu com seus dedos e engoliu o pó, com um sorriso. Ele disse: ‘com certeza eu não faria isso se fosse perigoso, não é verdade?’” E foi isso. Em 1986, Pierre Jonckheere começou a tossir e morreu seis meses depois.

No início de 2000, a mãe de Eric, Françoise - cofundadora do grupo de vítimas do amianto belga, a ABEVA - decidiu processar a Eternit por danos. No momento, ela mesmo estava já próximo à morte por mesotelioma. A Eternit ofereceu-lhe o costumeiro “dinheiro do silêncio”, aproximadamente €42.000, caso ela decidisse não litigar. Mas Françoise recusou-se e, em seu leito de morte, apenas alguns meses depois, encarregou seus cinco filhos de continuar o processo que ela tinha iniciado naquele ano para chamar a Eternit à responsabilidade. Em 2003 e 2009, respectivamente, os filhos Pierre-Paul e Stéphane também morreram de mesotelioma, ainda em seus anos 40. Suas viúvas e filhos receberam o direito de continuar o caso como herdeiros do processo e juntaram-se a seus cunhados e tios. Portanto, ao final das contas, o caso de Françoise Jonckheere continua em andamento, com seus filhos restantes, noras e netos.

A Eternit não parou a produção de materiais de amianto em Kapelle-op-den-Bos até 1998.

Eric explica a ansiedade que infestou a família após descobrirem que a exposição ao amianto poderia ser fatal:

“Minha mãe preocupava-se principalmente conosco, cinco crianças. ‘Eu lavava a roupa de meu marido, acariciava seu cabelo, beijava-o. Talvez tenha sido assim que inalei amianto. Mas e nossos filhos?’ Todos nós fizemos exames para verificar presença de amianto. Os resultados mostraram que todos nós estávamos repletos de amianto. Isso foi particularmente difícil de aceitar. Não ficamos surpresos com o fato de haver amianto em nossos corpos, mas pelas quantidades: tanto quanto alguém que tivesse trabalhado toda a sua vida na fábrica da Eternit.”

Compreensivelmente, uma pergunta agora nubla a felicidade diária de Eric e seus dois irmãos restantes: quem será o próximo?

### Alguns Aspectos Legais

Não era possível ao pai Pierre pedir indenização da Eternit, posto que, de acordo com a Lei de Doenças Ocupacionais Belga, os empregadores são imunes a responsabilidade civil, exceto se for provado dolo do empregador quanto aos danos causados. Contudo, esta imunidade não se aplica a Françoise ou a seus filhos, posto que eles não

<sup>1</sup> Yvonne Waterman, Sc.D. LL.M., é profissional de prática legal independente na Holanda, especializada em responsabilidade de empregadores por acidentes ocupacionais e doenças (do amianto), e frequentemente apresenta discursos em conferências, palestras e publicações sobre o tema, além de ser editora do jornal jurídico ‘Letsel & Schade’ (Perdas e Danos). Em 2009, ela obteve um PhD por sua tese jurídica sobre a responsabilidade comparativa de empregadores. Yvonne Waterman pode ser contatada através de [waterman@watermanlegal.nl](mailto:waterman@watermanlegal.nl).

eram empregados da Eternit - e eles, portanto, não estavam proibidos de processar a Eternit.

Em março de 2007, o governo belga criou o Fundo do Amianto. Isso dá a vítimas do amianto uma indenização rapidamente (variando de aproximadamente €1.500 por mês à vítima de mesotelioma, enquanto viva, a pagamentos únicos de aproximadamente €33.000 para seu cônjuge, €17.500 para ex-cônjuges e €27.600 para cada filho; e semelhantemente cerca de metade disto para vítimas de asbestose e placas pleurais). O Fundo é razoavelmente complacente quanto a como a doença foi contraída. Mas há um aspecto negativo: ao se cadastrar, as vítimas do amianto abandonam o direito de ir ao Tribunal contra o causador do delito. O Fundo do Amianto é financiado inteiramente por impostos pagos igualmente por todos os empregadores na Bélgica, subentendendo-se que a Eternit paga a este Fundo uma parcela não maior que qualquer outro empregador no país. A família Jonckheere não se cadastrou para benefícios de seguridade social relacionados ao Fundo do amianto, posto que isso teria negado-lhes o direito (individualmente) de ir ao Tribunal contra a Eternit. O montante de auxílios legais na Bélgica é pouco ou nulo: basicamente, é cada um por si. As taxas advocatícias são consideráveis e, portanto, são considerados barreiras muito práticas ao litígio. Isso explica até certo ponto porque nem as vítimas ocupacionais nem as vítimas ambientais processaram a Eternit anteriormente.

### O Argumento dos Reclamantes

O advogado do reclamante, Sr. Jan Fermon, baseou o caso em dois argumentos principais: que a) a Eternit conhecia os perigos de saúde do amianto desde pelo menos 1964 e que b) a Eternit agiu com dolo ao não tomar medidas de segurança adequadas para proteger seus empregados, suas famílias e todos nos arredores de sua fábrica contra os perigos do amianto. Fermon disse:

“Nos anos 40, já se sabia que o amianto causava câncer e isso foi mencionado na Enciclopédia Britânica de 1952. A relação entre o amianto e o mesotelioma era conhecida desde 1952 e foi estabelecida irrefutavelmente em 1964. É completamente inverossímil que os diretores da Eternit não conheçam o problema.”

Ele apontou que a Eternit não só continuou usando e produzindo materiais de amianto perigosos, mas também fez ativamente lobby para reprimir qualquer banimento ou limitação:

“Para tanto, órgãos públicos e o próprio público foram enganados e pressão foi exercida sobre sindicatos trabalhistas e políticos. Ainda em 1978, a Eternit recusava-se a incluir

rótulos de alerta em seus produtos.”

### O Argumento da Defesa

O advogado de defesa, Sr. Johan Verbist, também baseou-se em dois principais argumentos para a defesa: que a) o caso estava limitado (“expirado”) e por isso deveria ser rejeitado sem necessidade de análise do caso e que b) não havia causa, posto que a Eternit nunca agiu com dolo contra Françoise Jonckheere e portanto não tinha o dever de remunerar nenhum dos reclamantes. Para sustentar isso, Verbist disse:

“O CEO anterior da Eternit NV e o médico de empresa também morreram de mesotelioma. Essas pessoas jamais teriam trabalhado com amianto se conhecessem o risco envolvido.”  
Também: “Mesotelioma não foi na verdade [oficialmente] reconhecido como doença ocupacional antes de 1982.”

Ele explicou que os perigos do amianto de fato não eram claros o suficiente no momento da exposição, como os reclamantes acreditavam, e que medidas de segurança na verdade foram sim tomadas: “No início, pressumia-se que os riscos à saúde estavam relacionados à exposição direta e, portanto, ao longo dos anos, o processo de produção foi ajustado compreensivamente.”

Apresentando seu argumento no último dia do julgamento, o Sr. Verbist estava confiante de que o pedido seria completamente recusado. Ele declarou que a empresa entristecia-se com o fato de que pessoas ficaram doentes, mas era certo que nenhum ato da Eternit causara isso.

### A Análise do Juiz

Em um veredicto de 48 páginas, o Juiz Thiery, do Tribunal de Distrito de Bruxelas, examinou extensivamente todos os argumentos e, com uma linguagem incomumente afiada para um juiz, negou todos os argumentos da Eternit, um por um. Considerando que a exposição ambiental ao amianto continuara por muitas décadas, até próximo ao fim da vida de Françoise Jonckheere, e que os danos ambientais nos arredores da fábrica da Eternit e de sua casa eram extensivos e ainda existentes (conforme implicitamente admitido), ele negou o argumento do réu de que o pedido estava limitado, permitindo assim que o caso fosse considerado completamente. Ele também considerou incorreto o segundo argumento principal de que a Eternit não conhecia os perigos de saúde do amianto até os anos 70 e não poderia, portanto, ser culpada de não ter tomado as medidas de segurança até então, indicando que após os anos 70, o nível de medidas de segurança era também miseravelmente e intoleravelmente baixo:

“No mais tardar, a relação entre o amianto e o mesotelioma era conhecida em 1967, mas a Eternit sempre minimizou as consequências negativas e encoberto a verdade. O cinismo com o qual a empresa preferiu buscar o lucro acima da saúde pública é inacreditável e ela fez todos os esforços possíveis para continuar a produção da substância extremamente venenosa, sem dar a mínima para as pessoas que trabalhavam com ela.”

O fato que a Eternit, talvez, não tenha agido diferentemente ou pior que outras empresas do amianto na época não era desculpa: a Eternit deveria ser julgado de acordo com seus próprios méritos. Foi feito muito caso de uma carta datada de 14 de abril de 1950, dirigida à SAIAC Suíça AS, na qual a filial belga da Eternit claramente afirmou conhecer os perigos do amianto à saúde e a necessidade de medidas de segurança. Similarmente, o Juiz Thiery considerou o papel da Eternit como parte de um vasto conglomerado global, no qual o conhecimento científico havia sido compartilhado por muitas décadas; diretores da Eternit e outros relacionados estiveram presentes na famosa Primeira Conferência do Amianto em Nova Iorque, em 1964.

Criticando severamente os esforços de lobbying da Eternit, o Juiz declarou:

“Foi suficientemente provado que a Eternit teve sua própria participação na forma injusta em que esforços foram feitos para depreciar os perigos do amianto à saúde e encobrir os fatos e combater medidas legislativas para a proteção da saúde pública, mesmo sabendo-se que no momento que [a Eternit] desenvolvia tais atividades, [ela] sabia com certeza que a exposição ao amianto implicava risco grave de desenvolvimento de doenças, como asbestose, câncer de pulmão e mesotelioma.”

O juiz Thiery considerou que a Eternit deveria ter tomado providências para a segurança de seus empregados e suas desde pelo menos 1965. Ele repreendeu a firma por ter pouco a apresentar quanto a isso, exceto algumas folhas de documentos não verificados e não certificados que detalham custos financeiros de medidas de segurança claramente inadequadas quando “*medidas de segurança bastante drásticas*” eram necessárias:

“O ato ilícito da Eternit, que causou a doença e a morte de [Françoise Jonckheere], foi amplamente demonstrado. [...] Corretamente, os reclamantes afirmam que a Eternit

expôs [Françoise Jonckheere] e outros membros de sua família a uma substância extremamente tóxica, que causa câncer, com negligência grave e completo conhecimento.”

Passando à questão da indenização (com a ênfase em danos não financeiros), o juiz refletiu na importância de que as vítimas recebessem reconhecimento:

“posto que foi demonstrado no presente processo ser claramente o caso conforme indicado pelo enorme comparecimento no tribunal. A indenização a ser concedida pode servir então servir como expressão desse reconhecimento e pode possivelmente servir como pequena contribuição às vítimas para que elas possam ter paz de espírito, mesmo que parcialmente.”

Em seguida, ele sentenciou que, posto que a poluição por amianto é um problema internacional, os valores de indenizações em outros países da União Europeia, geralmente considerados mais altos que os da Bélgica, deveriam ser considerados, mesmo tendo tais países sistemas judiciais diferentes. O juiz Thiery admitiu que a Bélgica não reconhecia indenizações punitivas (um assunto normalmente quase imencionável em um país bastante adverso a “Americanismos”). Contudo, a atitude da Eternit seguramente aumentou a medida do sofrimento de Françoise Jonckheere e dos membros de sua família e este aumento deve ser compensado concretamente e apropriadamente.

### O Veredicto e Resultado

Os reclamantes receberam, conjuntamente, a soma de €250.000 por danos, a serem pagos imediatamente, independente se Eternit apelará ou não. A soma foi explicada como “5x €50.000”, o que, pode-se inferir, significaria €50.000 para cada um dos cinco irmãos ou para sua viúva e filhos em seu lugar, explicitamente por danos financeiros e não financeiros. Em comparação com indenizações semelhantes em outros países, realmente é pouco: quase €500.000 por danos não financeiros tem sido concedido na Itália, €150.000 na França. Nos Países Baixos, aproximadamente €57.000 só por danos não financeiros é o comum; e este último país está normalmente entre os últimos países europeus no que diz respeito a danos não financeiros. Considerando-se que o Juiz (de acordo com as normas da lei belga) concedeu um valor de apenas €7.700 a serem pagos pela Eternit aos reclamantes pela incorrência de taxas legais, quando certamente onze anos de litígio devem ter-lhes custado um valor várias vezes maior, a indenização parece menor ainda.

Na audiência do veredicto, um Eric Jonckheere disse, em estase, à multidão de repórteres que

“por um momento, meus pais e meus irmãos estiveram ao meu lado novamente.” Ele retratou o caso como o de uma pequena família indo contra um gigante industrial global.

O Sr. Fermon estava feliz por dizer ao mundo que:

“Um juiz imparcial deu um veredicto claro sobre a forma que uma indústria destruiu milhares de vidas em busca de dinheiro. Espero que isso represente o início de um período no qual o poluidor pagará de fato e os custos deste desastre que ele causou não serão mais deslocados à sociedade.”

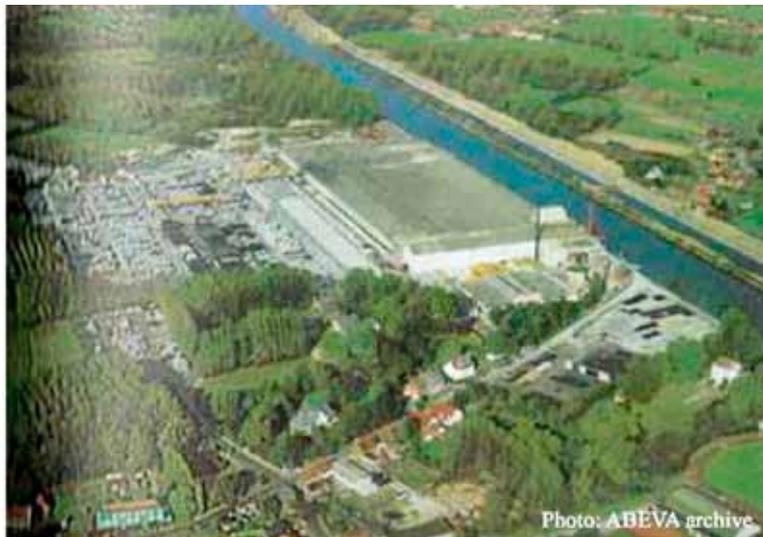
O veredicto criou uma reviravolta na política belga; políticos já estão discutindo se e como melhorar os benefícios sociais para vítimas do amianto, prolongar o período de prescrição, formas de fazer com que os poluidor de amianto

paguem, etc. Se outras vítimas belgas seguirão Eric Jonckheere no tribunal, e que valor o veredicto terá como precedente aos olhos de outros juizes belgas, ainda não é conhecido. Meso assim, é relativamente seguro afirmar que o fim dessa história não será contado tão cedo.

Podemos também imaginar qual será o impacto deste veredicto em outros lugares, posto que a Eternit é de fato, como o Juiz Thiery refletiu, um vasto conglomerado mundial; e se as evidências provarem que as pessoas no topo da hierarquia deste conglomerado estavam cientes dos riscos de saúde do amianto desde cedo, isso poderá ter até mesmo repercussões de responsabilidade consideráveis em tribunais de outros países, mesmo em outros continentes.

Dezembro de 2011

NB: Todas as traduções inclusas neste artigo [ao inglês] foram feitas pelo autor.



Uma visão aérea da fábrica da Eternit em Kapelle-op-den-Bos, na década de 1970. No primeiro plano, a casa da fazenda de Jonckheere pode ser vista (teto vermelho, paredes brancas).



A Imprensa belga registra a vitória histórica no tribunal.

## 17. A ETERNIT NA DINAMARCA 1928-1986

Kurt Jacobsen<sup>1</sup>

Em 1986, a Dinamarca banuiu todo uso de amianto, inclusive a produção de cimento de amianto. A decisão deu-se após vários processos de funcionários que recusaram-se a trabalhar com cimento de amianto e a abertura de um dramático caso judicial no qual 36 funcionários processaram a empresa da Eternit na Dinamarca, a Dansk Eternit-Fabrik A/S (doravante mencionada como Dansk Eternit), exigindo indenização econômica por doenças relacionadas ao trabalho causadas pelo uso de amianto na produção de cimento de amianto.

O amianto era usado na Dinamarca desde 1899 para isolamento de tubos de água quente e, em 1928, a produção de cimento de amianto foi iniciada. Um pouco depois, a Autoridade de Ambiente de Trabalho da Dinamarca, DWEA, percebeu os perigos de saúde causados pelo amianto. Após a Segunda Guerra Mundial, médicos dinamarqueses, assim como a DWEA, tinha conhecimento pleno da pesquisa internacional em asbestose e outras doenças relacionadas ao amianto e exames médicos regulares de funcionários da Eternit Dinamarquesa documentavam, além de qualquer dúvida, que muitos deles sofriam asbestose. Ainda assim, foi somente no início da década de 1970 que as autoridades começaram a prescrever medidas de proteção eficazes para funcionários, e foi preciso ainda outros 15 anos até que o banimento ocorresse.

A Eternit Dinamarquesa foi fundada em Aalborg em dezembro de 1927 e a produção de folhas de cimento de amianto, principalmente para telhados, dói iniciada em abril de 1928. Os fundadores da nova empresa era a empresa dinamarquesa líder em construção e cimento, a F.L. Smidth & Co. Ltd,

e um grupo de subsidiárias suas, todas na indústria de cimento. A própria empresa matriz tinha 40 por cento do capital social [1]. Apesar de subseqüentes mudanças de propriedade formal ao longo dos anos, a Eternit Dinamarca permaneceu sob o controle completo da F.L. Smidth. Ela também continua a ser o único fabricante de fibrocimento na Dinamarca.

No início, a produção era muito modesta, com apenas uma linha de produção; mas ela cresceu muito rapidamente, como refletido nas importações de amianto. Em 1928, a empresa importou 17.000 kg de amianto bruto; isso aumentou para 33.000 kg no ano seguinte e em 1933 chegou a 260.000 kg, na maior parte vindo da Rússia, Canadá e Rodésia [2].

Em 1935, as instalações de produção foram expandidas com uma segunda linha de produção, e no mesmo ano a importação de amianto chegou a 680.000 kg, a maior parte vinda da mina de Amiandos, em Chipre, que se tornou o principal fornecedor da empresa nos próximos 50 anos (em 1936, a F.L. Smidth comprou a mina através de uma subsidiária inglesa e Amiandos permaneceu sob controle completo da empresa até que fosse vendida em 1986). Uma terceira linha foi aberta em 1937, e um pouco depois, uma nova linha de produção de tubos de pressão de cimento de de amianto para distribuição de água e descarga de esgoto foi introduzida. Em 1938, a produção de folhas de cimento de amianto excedeu a capacidade do mercado dinamarquês, portanto a empresa começou a exportar. Ela teve grande sucesso neste sentido, e as importações de amianto bruto conseqüentemente cresceram [3],



Funcionários da Eternit Dinamarquesa em 1929 (fotografia: desconhecida; foto: Aalborg Stadsarkiv).

<sup>1</sup> Kurt Jacobsen: Professor de História Comercial no Centro de História Comercial, Faculdade de Negócio de Copenhague; e-mail: kj.lpf@cbs.dk

Por coincidência, a fabricação de cimento de amianto na Dinamarca começou no mesmo ano que o Conselho Britânico de Proteção do Trabalhador começou sua análise de funcionários na indústria têxtil de amianto do Reino Unido. Este exame seguiria documentando os perigos do pó de amianto à saúde [4].

Os resultados do relatório, publicados em 1930, eram conhecidos à DWEA. Assim como a legislação britânica resultante para o amianto em 1931, que prescreveu medidas de proteção específicas contra o pó de amianto e reconheceu a asbestose como uma doença ocupacional. Contudo, apenas em 1934 a DWEA emitiu pela primeira vez um alerta contra os perigos de saúde causados pelo amianto. Em uma nota interna, foi pedido que os inspetores de fábrica tivessem atenção especial quanto ao uso de amianto por certas empresas para que os funcionários envolvidos pudessem ser examinados: “É um fato bem conhecido que o pó de amianto pode causar dano aos pulmões semelhantes à silicose.” Mencionava-se especificamente que o amianto era usado na produção de cimento de amianto. Em seu relatório anual para 1934, a DWEA também emitiu um alerta contra os perigos do amianto relacionados a silicose [5].

Em 1938, a silicose foi reconhecida como uma doença ocupacional relacionada à produção de amianto, mas foi só em 1941 que os médicos da DWEA começaram a usar o termo “asbestose” para diferenciar a doença da silicose. Foi observado que a asbestose era mais difícil de diagnosticar em raios x que a silicose e que a doença tinha um “curso bastante rápido e mortal.” Além disso, foi mencionado que a exposição ao amianto “parece predispor o desenvolvimento de câncer de pulmão.” [6]

Em 1937, o inspetor de fábrica local emitiu a primeira recomendação à Eternit Dinamarca sobre melhorar a ventilação em uma parte específica da instalação de produção. Na mesma ocasião, o inspetor recomendou que os funcionários de amianto diretamente afetados pelo pó de amianto deveriam fazer um raio-x de pulmão e ser examinados por médicos. Os exames de raio-x foram realizados em 1938 no hospital público local, mas organizados e pagaram pela empresa. Isso deixou os médicos da DWEA bastante céticos - especialmente posto que eles recebiam os resultados através da gestão da empresa. Os médicos exigiram que os funcionários afetados no futuro fizessem raio-x e fossem examinados anualmente pelos próprios especialistas da DWEA, sem interferência da Eternit Dinamarquesa, o que a empresa aceitou.

Em março de 1940, os 21 primeiros funcionários, com períodos de contratação variando de um a 12 anos, passaram por raio-x. O relatório médico de 7 de abril de 1940 declarava que quatro funcionários

pareciam ter asbestose “em um estágio inicial,” enquanto quatro tinha sintomas “duvidosos”. Treze funcionários estavam definitivamente sem sintomas. A conclusão foi que “há um perigo de amianto manifesto na Empresa Eternit,” e recomendou-se que precauções imediatas fossem tomadas “para combater o perigo do pó” e que o Médico Chefe da DWEA realizasse uma inspeção das premissas da Eternit Dinamarquesa [7].

Nada resultou disso, contudo; em 9 de abril, a Dinamarca foi ocupada pelas forças alemãs, e durante os cinco anos seguintes, a Eternit Dinamarquesa não pôde receber os suprimentos de amianto bruto. As precauções tornaram-se supérfluas posto que a empresa, baseada em uma patente alemã, desenvolveu um fibrocimento sem amianto, chamado Cembrit, usando fibras de celulose que, de acordo com a empresa, tinham quase as mesmas “magníficas qualidades” que o produto com base no amianto [8].

Não obstante, o uso do amianto foi retomado após o final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, e em 15 de fevereiro de 1947, a DWEA emitiu sua primeira prescrição obrigatória à Eternit Dinamarquesa, ordenando que os funcionários usassem “incondicionalmente” máscaras contra poeira ao trabalhar com amianto seco. Na mesma carta, a empresa foi incitada a desenvolver “métodos para o manuseio e transporte do amianto sem liberação de pó.” [9] Em sua resposta, de 19 de fevereiro de 1947, a empresa disse que, embora os exames de raio-x dos funcionários não tivessem mostrado efeitos de saúde relacionados ao amianto, ela obteria o número necessário de máscaras contra poeira. A sugestão de desenvolver métodos de transporte e manuseio sem liberação de pó não foi observada [10].

Os anos pós-guerra mostraram um crescimento notável da Eternit Dinamarquesa. A expansão da produção continuou firmemente ao longo da década de 1950, tendo a fabricação de folhas de cimento de amianto como o produto principal. Por conseguinte, a importação e o uso de amianto bruto aumentaram para aproximadamente 10.000 tons [11].

Os médicos da DWEA novamente ficaram preocupados; três registros de pó em 1949, 1957 e 1958 mostraram concentrações alarmantemente altas de pó de amianto - até 26 vezes os valores limite americanos que a DWEA conhecia - mas nenhuma ação foi tomada apesar da recomendações dos médicos [12]. No geral, nenhuma nova prescrição foi emitida para os 20 próximos anos, exceto que a DWEA em 1960 “seriamente” solicitou à Eternit Dinamarquesa que reagisse “positivamente” à sua recomendação de desenvolver métodos de transporte e manuseio sem liberação de pó. Na mesma ocasião, e com poderes maiores, a Eternit Dinamarquesa foi avisada de que recebia um

“ultimato” para que as máscaras contra poeira obtidas fossem de fato usadas [13].

Essa atitude mais rígida, embora articulada somente em uma ocasião, resultou do fato de uma inspeção revelar que apenas 7 funcionários, dentre 45, usavam máscaras contra poeira. Ainda mais grave: de 63 funcionários que passaram por raio-x, 10 receberam diagnóstico de asbestose “evidente” e cinco de “suspeita”, o que significava asbestose incipiente. Isso significava que quase 25 por cento sofriam a doença mortal [14].

Desde meados da década de 1950, os números de funcionários com asbestose na Eternit Dinamarca vinha lentamente, mas constantemente aumentando; mas em 1960 chegou ao ponto máximo, uma consequência do longo período de incubação da doença, e nos anos seguintes os números estabilizaram-se [15]. Os funcionários, contudo, não foram informados - ou pelo menos somente alguns deles - o público também não. Em 1960, quase todos os funcionários foram informados de que tinham saúde perfeita, e na seção relevante do relatório anual da DWEA sobre doenças de pulmão causadas por pó, apenas um funcionário de isolamento, que tinha desenvolvido asbestose, foi mencionado. Neste sentido, o ano de 1960 também marcou o ápice de 40 anos de supressão e falsidade [16].

Diferentemente dos funcionários afetados e do público, evidentemente a gestão da Eternit Dinamarca foi completamente informada sobre os resultados dos exames de raio-x e dos “perigos à saúde na Eternit Dinamarca.” [17] Sua estratégia de proteger a saúde dos funcionários afetados envolvia transferi-los a trabalhos onde não eram diretamente expostos ao pó de amianto. Isso significava que a gestão tinha um conhecimento detalhado dos perigos da asbestose ao longo de todos esses anos, mas apenas algumas poucas precauções foram de fato tomadas para proteger os funcionários e mesmo assim somente após recomendações e ordens da DWEA.

Um motivo dado para não informar os funcionários afetados era evitar “ansiedade”, como afirmou um pneumologista local por escrito ao Médico Chefe da DWEA em 1948 [18]. Além disso, os médicos da DWEA viajaram de Copenhague a Aalborg várias vezes para tranquilizar e evitar distúrbio entre os funcionários. Ao mesmo tempo, contudo, eles escreviam artigos em jornais de medicina e livros sobre os perigos mortais da exposição ao amianto. Em consequente deste outro aspecto de seu trabalho, a asbestose foi reconhecida como uma doença ocupacional específica em 1954.

Problemas mais particulares surgiram quando os funcionários perguntavam porque haviam sido transferidos para outro trabalho, embora lhes tivesse sido dito que não estavam doentes: “Houve

um pouco de agitação quando foi sugerido à gestão que alguns funcionários fossem transferidos de trabalhos com pó para trabalhos sem pó,” informaram dois médicos à DWEA em 1955 [19].

Como resultado da supressão de informações e da falsidade, a maior parte dos casos asbestose não foi informada ao Diretório do Seguro de Acidentes. Se acordo com a legislação dinamarquesa, era obrigação da empresa reportar doenças ocupacionais, e os médicos também tinham uma obrigação de reportar. Contudo, somente duas doenças de pulmão relacionadas ao trabalho foram reportadas antes de 1962, e nos anos seguintes o número permaneceu muito abaixo dos incidentes apurados. Para muitos dos funcionários atingidos, isso significou que eles - ou seus parentes sobreviventes - foram impedidos de receber a indenização financeira à qual tinha direito, de acordo com a lei.

1960 foi também o ano em que foi definitivamente documentado que o amianto causava mesotelioma, e em 1968 a DWEA e a gestão e o conselho da Eternit Dinamarca foram informados que uma fibra de amianto poderia ser suficiente para causar a doença [20]. Isso, contudo, não levou a uma maior preocupação quanto à produção de cimento de amianto em Aalborg. Com o boom da economia na década de 1960 e a ascensão do bem-estar social dinamarquês, a Eternit Dinamarca, pelo contrário, experimentou um crescimento quase explosivo e inquestionável, com a abertura de cinco novas linhas de produção de folha de amianto e um aumento do número de funcionários para 2.000. As importações anuais de amianto da empresa aumentaram de aproximadamente 15.000 tons em 1960 a um nível estabilizado de aproximadamente 25.000 tons de 1970 em diante. Em 1970, a DWEA emitiu um regulamento para trabalho com amianto com a prescrição de usar máscaras para poeira etc., mas nenhum progresso foi feito, contudo, para a proteção dos funcionários da Eternit Dinamarca contra os perigos do amianto até que os próprios funcionários começassem a agir.

Em 1969, o Sindicato dos Funcionário de Cimento em Aalborg providenciou cobertura de seguro de vida de grupo a seus membros. Isso deu ao sindicato acesso a todas as informações de saúde dos funcionários de amianto, através do que eles descobriram que 75 de seus colegas em 1969-1972 tiveram aposentadoria antecipada devido a doenças de pulmão, e que 10 deles morreram pouco depois [21].

Em 1973, o sindicato tomou medidas reportando coletivamente 81 funcionários do amianto ao Diretório de Seguro de Acidentes de Trabalho. Foi um evento extraordinário - e mais ainda pelo fato de que todos os casos foram aceitos, 23 com asbestose confirmada [22]. Um “comitê do amianto”, com representantes dos funcionários



A fábrica da Eternit Dinamarca, 1971 (fotógrafo: Clausens; foto: Nordjyllands Historiske Museum).

e da gestão, foi criado na Eternit Dinamarca, e a DWEA tornou-se mais rígida, com registros anuais de pó e uma onda de prescrições por toda a década de 1970. Este foi o início de uma luta constante entre a DWEA e os funcionários, de um lado, e a empresa, do outro, quanto à implementação das numerosas prescrições e recomendações da DWEA.

Mas outros grupos de funcionários tomavam iniciativas. Exames anuais de raio-x desde 1952 revelavam uma alta incidência de asbestose entre funcionários de isolamento em Copenhague; isso levou ao reconhecimento em 1954 da asbestose como uma doença ocupacional. Então os funcionários de isolamento, apoiados por funcionários de estaleiros, reivindicaram o banimento do uso do amianto no isolamento; a indústria concordou, pois era possível substituir o amianto por outros materiais. Na reunião decisiva de 2 de novembro de 1971, a Eternit Dinamarca participou como observadora e protestou firmemente contra um banimento “com medo de que o próximo passo fosse um banimento contra o uso do amianto em eternit [cimento de amianto].” [23]

A empresa não podia, contudo, evitar um “banimento do uso de amianto em certas formas de isolamento,” o que foi emitido em 14 de janeiro de 1972. O banimento incluía o uso de amianto materiais de isolamento de calor, ruídos e umidade. Em uma circular suplementar, a DWEA anunciou que nenhuma decisão havia sido tomada quanto a produtos rígidos de construção contendo amianto, tampouco para revestimentos de pastilhas de freio [24]. Na Eternit Dinamarca, a fabricação de folhas de cimento de amianto poderia continuar, mas o

tempo estava acabando.

Em 1978, dois estudos médicos de câncer e doenças pulmonares entre os funcionários da Eternit Dinamarca foram publicados. Um deles, realizado pelo Registro Dinamarquês de Câncer, incluía 6.094 funcionários durante o período de 1943 a 1972. O outro incluía 189 ex-funcionários da empresa (1928-75) que haviam morrido após 1951. Entre as conclusões da DWEA acerca dos dois estudos, estava a de que ambos “documentavam uma frequência excessiva de câncer de pulmão. Dois incidentes de mesotelioma foram documentados.” [25]

Entre o público, assim como entre os políticos, a exigência do banimento total de todo uso de amianto surgiu, e em 13 de novembro de 1979, ela finalmente chegou. Com uma proclamação do Ministério do Trabalho, toda importação, fabricação e uso de amianto foi banida a partir de 1o de janeiro de 1980. O banimento foi modificado, contudo, por duas importantes exceções, a saber, o uso de amianto até 1985 em certos produtos de amianto, principalmente produtos de cimento de amianto, e “até novo aviso” na produção de pastilhas de freio: “Nestes dois campos, os quais têm uma importância socioeconômica essencial... os substitutos adequados ainda não foram desenvolvidos,” foi explicado. Como a fabricação de cimento de amianto na Eternit Dinamarquesa representava 90% de toda a importação e uso de amianto, o efeito do banimento foi limitado [26].

Em 1984, a Eternit Dinamarquesa solicitou prorrogação da isenção até 1990, o que foi recebido com protestos dos funcionários e de seu sindicato

- mas com pouco sucesso. O prolongamento foi concedido em fevereiro de 1984, mas ao mesmo tempo os trabalhadores de construção começaram a recusar trabalhar com amianto, e em escolas e creches, os empregados, assim como os pais, protestavam contra a presença de amianto no ambiente interno. As exigências públicas e políticas de um banimento eficaz cresceram, e a pressão aumentou quando 36 funcionários e viúvas da Eternit Dinamarca, com o suporte do sindicato, processaram a Eternit Dinamarca exigindo indenização financeira por suas perdas, em 6 de março de 1986.

Dois meses após, em 28 de maio de 1986, o parlamento dinamarquês aprovou a decisão final de um plano de ação para uma Dinamarca sem amianto. Como consequência, no dia seguinte a Eternit Dinamarquesa recebeu a ordem de interromper toda a produção de fibrocimento contendo amianto até o final do ano. A isenção do uso de amianto em pastilhas de freio não foi afetada, mas alguns anos depois isso também foi abandonado.

Enquanto isso, o processo seguia, e em 14 de setembro de 1988, a Eternit Dinamarca foi considerada como violando várias disposições da Lei Dinamarquesa de Proteção do Trabalhador e condenada a indenização financeira a 24 funcionários e viúvas da Eternit Dinamarca. A Empresa apelou ao Supremo Tribunal com o seguinte argumento do presidente do conselho, Christian Kjaer, que é o neto do principal proprietário e diretor-gerente da F.L. Smidth & Co. Ltd, que, por sua vez, estava por trás da Eternit Dinamarca: “Não achamos que estamos tentando fugir de algo, mas ninguém no mundo nos avisou que o produto causava doenças.” Questionado se ele acreditava que a empresa venceria no Supremo Tribunal, ele respondeu: “Espero que sim. Caso contrário, temo que cheguemos a uma situação como nos EUA, onde várias empresas fecham todos os anos para evitar pedidos de indenização.” [27]

Em 27 de outubro, o Supremo tribunal considerou a Eternit Dinamarca culpada. Havia acabado - pelo menos no que se referia ao uso de amianto na Dinamarca. As consequências de saúde, contudo, permaneceram. Um estudo médico de 8.588 funcionários da Eternit Dinamarca, realizado pelo Registro de Câncer dinamarquês em 1985, revelou que 580 sofreram de câncer, dos quais 10 tinha contraído mesotelioma - um percentual significativo. Adicione a isso o número desconhecido de funcionários que tiveram asbestose. O grupo incluía todos os tipos de trabalhadores da Eternit Dinamarca, não apenas os que foram diretamente expostos ao amianto, mas colaboradores excluídos, como equipe de limpeza, artífices e outros que trabalharam na planta, mas empregados por outras empresas [28].

Na apresentação do estudo, o médico chefe da DWEA declarou que não era o fim, mas que é de se esperar que o amianto continuaria a causar câncer até pelo menos 2000. Contudo, o histórico do uso de amianto mostrou consequências de alcance ainda maior: no momento, há aproximadamente 100 novos casos de mesotelioma na Dinamarca todos os anos, e espera-se um aumento desse número até 2015, quando espera-se que ele diminua [29].

A Eternit Dinamarca, agora no mercado como Cembrit Ltd [30] ainda existe como uma próspera empresa e um forte protagonista internacional na indústria de fibrocimento (sem amianto). A F.I Smidth & Co. Ltd. também existe como uma empresa próspera e é um protagonista global da indústria de construção, instalando fábricas de cimento em todo o mundo [31].

A minha de Amiandos, no Chipre, foi vendida em 1986 ao Bispo de Limassol, mas em 1988 foi fechada. Restou uma enorme cicatriz nas Montanhas Trodos e um número desconhecido de vítimas que sofreram - e sofrem - e morreram de todo tipo de doença relacionada ao amianto, inclusive Mesotelioma.

Abril de 2011

## Referências

1. *Cashbook 1928-1929*, Dansk Eternit-Fabrik A/S, Aalborg Stadsarkiv.
2. *General Balance book 1928-1933*, Dansk EternitFabrik A/S, Aalborg Stadsarkiv,
3. *Ibid.* 1935. Infelizmente, os livros e os registros da empresa estão longe de serem completos. Portanto, não há números para as importações de amianto após 1935, mas eles indubitavelmente continuaram a crescer até a erupção da Segunda Guerra.
4. *Merewether & Price: Report on the effects of Asbestos Dust in the Lungs and Dust Suppression in the Asbestos Industry*, H.M. Stationery Office, London 1930.
5. DWEA: *Message* n. 35/1934. DWEA: Relatório Anual 1934.
6. DWEA: *Relatório Anual* 1939-41.
7. Poul Bonnevie to DWEA, April 4, 1940. Landsarkivet for Norrejylland: Arbejdstilsynets virk- somhedssag vedrerende Dansk Eternit. AT-01, lobenummer 2002/331 -349.
8. FLS-NYT. Special issue 1944.
9. DWEA, Divisão de Aalborg, à Dansk Eternit, 15 de Fevereiro, 1947. Landsarkivet for Norrejylland: Arbejdstilsynets virksomhedssag vedrerende. AT-01, lobenummer 2002/331 -349.
10. Dansk Eternit à DWEA, Divisão de Aalborg, 19, 1947. Landsarkivet for Norrejylland: Arbejdstilsynets virksomhedssag vedrerende Dansk Eternit. AT-01, lobenummer 2002/331-349.
11. Susi Handberg: *Det kriminelle tidsrum*, p. 101.

12. Ibid., p. 111. Mads Biilow: *Under anklage. En journalistisk dokumentation om asbesten og dens ofre*, p. 69.
13. Inspetor de fábrica K. Hunderup Jensen à Dansk Eternit-Fabrik, 9 de maio de 1960. Landsarkivet for Norrejylland: Arbejdstilsynets virksomhedssag vedrerende Dansk Eternit. AT-01, lobenummer 2002/331-349.
14. Mads Bülow: *Under anklage. En journalistisk dokumentation om asbesten og dens ofre*, p. 65.
15. Dos relatórios médicos à DWEA, analisados em *Under Anklage, En journalistisk dokumentation om asbesten og dens ofre*, p. 48-49 e Sussi Handberg: *Det Kriminelle tidsrum*, p. 114..
16. DWEA: Relatório anual de 1960. Que os funcionários não foram informados aparece nos relatórios dos médicos da DWEA que fizeram os exames de raio-x e em entrevistas com alguns dos funcionários afetados: Hans Bulow: *Under anklage. No journalistisk dokumentation om asbesten og habita em toca ofre*.
17. Inspetor de fábrica K. Hunderup Jensen à Eternit Dinamarca-Fabrik, 9 de maio de 1960. Landsarkivet for Norrejylland: Arbejdstilsynets virksomhedssag vedrerende Dansk Eternit. AT-01, lobenummer 2002/331-349.
18. Karsten Isager til Poul Bonnevie, January 1, 1948. Landsarkivet for Norrejylland: Arbejdstilsynets virksomhedssag vedrerende Dansk Eternit. AT-01, lobenummer 2002/331-349.
19. Jorgen Frost and Aage Grut: *Report nr. 347 of December 17, 1956 to DWEA*. Landsarkivet for Norrejylland: Arbejdstilsynets virksomhedssag vedrerende Dansk Eternit. AT-01, labenummer 2002/331-349.
20. William Johnsen: *Nota para o conselho 30 de abril de 1968*. Aage Grut: *Relatório da DWEA de 11 junho de 1968*. Landsarkivet for Norrejylland: Arbejdstilsynets virksomhedssag vedrerende Dansk Eternit. AT-01, labenummer 2002/331-349. Os relatórios foram escritos após William Johnsen, que era diretor técnico da Eternit Dinamarquesa, e Aage Grut participaram juntos do 2o Congresso Internacional sobre os Efeitos Biológicos do Amianto, Dresden 22-25 de abril de 1968.
21. Peter Backe-Damgård (Ed.): *Arbejdspladsen Danmark*.
22. Henrik Nielsen e Per Gregersen: *Erhvervs sygdomme anmeldt til Direktoratet for Ulykkeforsikringen 1961-70*. "Ugeskrift for Laeger 1978, p. 1573-79".
23. Cited from Susi Handberg: *Det kriminelle tidsrum*, p. 26-27. A história da luta dos trabalhadores de isolamento contra o amianto é contada em: *Isolering-med livet som indsats – om 5 års erfaring med arbejds-skader*, publicado pelo Sindicato dos Trabalhadores de Isolamento.
24. Proclamação de banimento contra o uso de amianto em certas formas de isolamento.

- Ministério do Trabalho, 14 de janeiro de 1972.
25. Citado de Sussi Handberg: *Det kriminelle tidsrum*, p. 154.
26. Proclamação acerca do uso de amianto etc., Ministério do trabalho, 13 de novembro de 1979. Impresso em DWEA: *Relatório Anual 1972*.
27. Berlingske Tidende, 26 de novembro de 1988.
28. Edith Rafih et al: *Kraftrisiko og dodelighed blandt ansatte pa dansk asbestcementfabrik*.
29. Asbestose og kraeft i lungehinderne, Danmark 1977-2005. Klinisk Epidemiologisk Afdeling, Århus Universitetshospital 2008. Rapport nr. 40.
30. <http://www.cembrit.com/>
31. <http://www.flsmidth.com/>

#### Bibliografia

- *Asbestose og krceft i lungehinderne, Danmark 1977-2005*. Klinisk Epidemiologisk Afdeling, Århus Universitetshospital 2008. Rapport nr. 40. Backe-Damgård, Peter (Ed.): *Arbejdspladsen Danmark* (Branner og Korch, 1978) Berlingske Tidende, November 16, 1988. Bülow, Hans: *Under anklage. En journalistisk dokumentation om asbesten og dens ofre* (Tideme skifter, 1989)
- Danish Working Environment Authority: *Relatórios Anuais*.
- FLS-NYT. Edição especial 1944. Handberg, Susi: *Det kriminelle Tidsrum* (Cementarbejdemes fagforening, 1990) *Isolering - med livet som indsats - om 5 års erfaringer med arbejdsskader* (Isoleringsarbej- demes Fagforening 1988). Merewether & Price: *Report of the Asbestos Dust in Lungs and Dust Suppression in Asbestos Industry*. H.M. Stationery Office, London, 1930. Nielsen, Henrik and Gregersen, Per: *Erhvervs sygdomme anmeldt til Direktoratet for Ulykkefor- sikringen 1961-70*. "Ugeskrift for Laeger 1978, p. 1573-79".
- Rafii, Edith et al: *Krceftisiko og dodelighed blandt ansatte på en dansk asbestcementfabrik* (Cancerregisteret, Institut for Cancer Epidemiologi under Kraeftens Bekaempelse, 1987). *Report on the Health Effects of the Asbestos Mines on the Population of the Neighbouring Communities*. Preparado para o Ministério da Saúde de Chipre, por Leonidou Associates junto com o Institute of Cancer Research, UK, Abril de 2005.

#### Fontes de Arquivos

- Aalborg Stadsarkiv: Dansk Eternit-Fabrik A/S papers.
- Landsarkivet for Norrejylland: Arbejdstilsynets virksomhedssag vedrerende Dansk Etemit. AT-01, lobenummer 2002/331 -349.

## 18. ATIVIDADE DA ETERNIT E VÍTIMAS EMERGENTES: O CASO JAPONÊS

Takehiko Murayama e Satomi Ushijima<sup>1</sup>

### A Evolução da Eternit Japão

O histórico da Eternit no Japão remonta ao início da década de 1930. A Tokyo Gas Company comprou os direitos de vender tubos de cimento de amianto (CA) e produtos relacionados da Eternit Italiana por um pagamento inicial de 650 mil ienes (equivalente a aproximadamente 5 milhões de euros hoje). Isso levou à fundação em Tóquio (em fevereiro de 1931) da “Japan Eternit Pipe Company” (neste artigo: “Eternit Japão”) que começou a vender os tubos de CA em 1932. O pagamento do saldo (86%) do preço de compra, pago periodicamente, custaria à Eternit Japão até 3% de seu lucro.

No decorrer do tempo, a Eternit Japão desenvolveu várias fábricas (Fig. 1). De meados da década de 1950 até o início da década de 1970, a empresa teve três grandes fábricas que empregavam mais de setecentas pessoas. Naquele tempo, amianto azul (crocidolita) era usado para fabricar o tubo de CA, assim como o amianto branco (crisotilo). Conquanto haja poucos documentos que descrevam

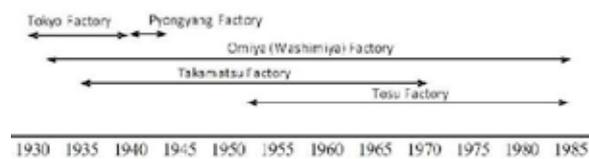


Fig. 1. Períodos de operação das fábricas da Eternit no Japão

detalhadamente as tarefas dos funcionários, alguns funcionários falaram de seus deveres nas fábricas da Eternit. De acordo com eles, o processo de fabricação era operado 24 horas por dia, para evitar solidificação do cimento, e os turnos trocados a cada 8 horas. Para o processamento, o amianto era misturado na proporção (branco:azul) 7:3. A Fig. 2 mostra um funcionário cortando tubos de AC usando uma máscara simples.



Foto: Hiroko Murakami, Sindicato dos Trabalhadores da Eternit Japonesa

Fig 2. Lathing de tubos AC

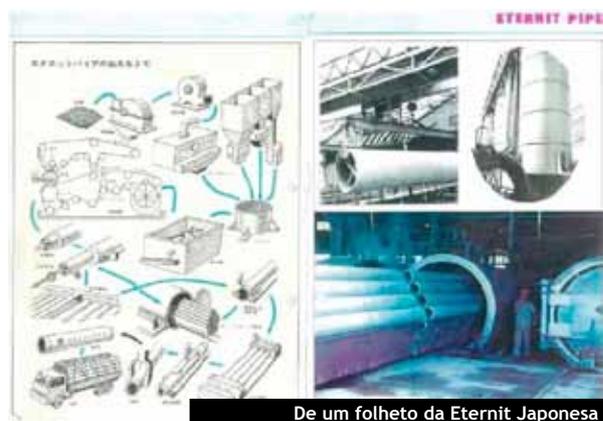
### Produção de Tubos de AC no Japão

O Japão teve três grandes empresas que produziam tubos de AC. Após a fundação da Eternit Japão, a segunda empresa, a Chichibu, iniciou a produção em 1939. Isso porque o governo japonês tinha solicitado que ela assim o fizesse para atender a crescente exigência bélica. A terceira empresa, a Kubota, iniciou a produção de tubos de CA em 1955, e continuou a produção com crocidolita e crisotilo até 1975; então só com crisotilo até 1997.

Durante o rápido crescimento econômico da década de 1960, essas empresas produziram o mesmo tipo de tubos, e eram cooperativas ao invés de competitivas. Quando uma empresa precisava de tubos de CA, outras empresas despachavam produtos com a marca comercial da outra empresa. Em 2005, Kubota anunciou valores para consolação de vítimas de mesotelioma nos arredores de sua fábrica; isso fez com que uma enorme atenção da mídia e da sociedade se concentrasse no desastre do amianto que ameaça a sociedade japonesa - o assim chamado “Choque Kubota.” Como as outras duas empresas de tubo de CA produziram o mesmo tipo de tubos que a Kubota, as atividades das três empresas de tubo de CA deram origem a várias vítimas de doenças relacionadas ao amianto entre funcionários e pessoas que viveram nos arredores de suas fábricas. A Fig. 3 mostra produtos da Eternit Japão.

### Vantagens do Tubo de CA em Comparação a Materiais Concorrentes

Como em outros países, o uso de tubos de CA era comum no Japão, devido ao baixo custo e à facilidade de instalação. Até a década de 1940, tubos de ferro era usados comumente para a distribuição de água, com tubos de cimento de amianto gradualmente os substituindo de 1950 a 1970. A Fig. 4 mostra os custos de tubos de ferro e de tubos de cimento de amianto por diâmetro na época. Em meados da década de

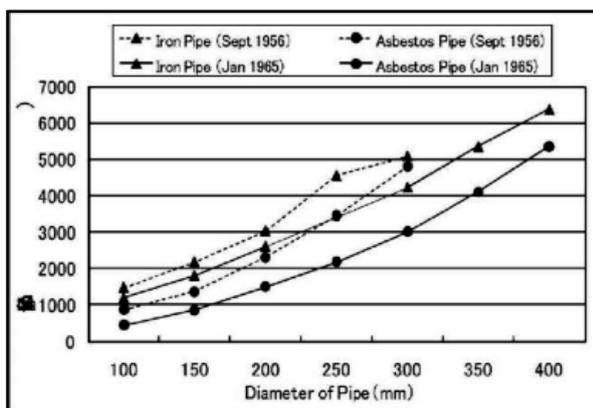


De um folheto da Eternit Japonesa

Fig 3. Processo de produção e produtos da Eternit Japonesa

<sup>1</sup> Takehiko Murayama: Waseda University, tmura@kyi.biglobe.ne.jp; Satomi Ushijima: Olive Tree Law Office, izd00104@nifty.com

1950, tubos estreitos de cimento de amianto eram aproximadamente 40% mais baratos que tubos de ferro, enquanto o preço de tubos largos era aproximadamente 10% mais baixo. Tais diferenças aumentaram em meados da década de 1960, quando os tubos de cimento de amianto eram 20-60% mais baratos. Na época, o preço de tubos estreitos de cimento de amianto era menos da metade que os de tubos de ferro. Outro ponto era que os tubos de cimento de amianto eram mais leves que os tubos



Fonte: "Sekisan Shiryo (Dados para Estimativas)" por Keizai Cyosa Kai (Associação de Pesquisa Econômica).

Fig. 4. Custos de tubos para distribuição de água em meados da década de 1950 e em meados da década de 1960 (linha pontilhada: 1956, linha sólida: 1965).

de ferro, o que também encorajava seu uso.

### Epidemia Emergente de Amianto

Até dezembro de 2007, as grandes empresas de amianto reconheceram mais de 550 vítimas. Nichias, a empresa de amianto mais antiga do Japão indenizou 307 funcionários. Ela produziu várias espécies de materiais inclusive tecido de amianto e isolamento, e tinha conexões com a Empresa de Amianto de Cabo, de proprietário britânico. Cento e quarenta e sete funcionários foram indenizados pela Kubota, que tinha laços com a Johns-Manville Corporation. De acordo com alguns artigos de mídia, as vítimas da Eternit Japão chegaram a 108 até dezembro de 2007 - o que a empresa nunca admitiu oficialmente. Em 1981, uma vítima de mesotelioma foi certificada para benefício de seguro do trabalhador. Este foi o primeiro caso de indenização por mesotelioma no Japão. O número total de indenizados pelo seguro do trabalhador ou pela nova lei de alívio do amianto chegou a 80; mesotelioma: 23, câncer de pulmão: 25, pneumoconiose: 32. Além disso, 57 pessoas - ex-funcionários ou membros de suas famílias - de uma fábrica (Takamatsu) - entraram na justiça para receber indenização. Posteriormente, sete funcionários de outra fábrica (Omiya) abriram processo, quando um funcionário já havia morrido de mesotelioma. Além dos funcionários que contraíram doenças relacionadas ao amianto, suas famílias também foram prejudicadas. Muitos membros de família sofreram placas pleurais. O primeiro processo envolvia um funcionário cujos deveres incluíam o manuseio de amianto bruto de

1952 a 1980; aposentando-se devido à asbestose em 1981. Ele subsequentemente veio a óbito devido a pneumoconiose em 1983, com 55 anos. Quando criança, seu filho manuseava máscaras e roupas que seu pai trazia da fábrica. Embora ele tenha trabalhado em empregos que não usavam amianto, ele morreu de mesotelioma pleural em 1997, com 42 anos. Embora sua família tenha aberto processo em 2000, o Supremo Tribunal rejeitou seu pedido devido à dificuldade de identificar sua doença. Posteriormente, uma autoridade nacional que opera a nova lei de alívio do amianto certificou que ele tivera mesotelioma.

### Violação Legais Relacionadas a Saúde e Segurança

A Eternit Japão começou a disponibilizar máscaras para funcionários no início da década de 1960. Como as máscaras eram muito simples, elas ficavam facilmente bloqueadas com acúmulos relativamente grandes de pó de amianto. Isso tornava a respiração dos funcionários difícil, portanto, várias pessoas trabalhavam sem máscaras. De acordo com os funcionários, nenhuma explicação sobre os aspectos perigosos do amianto ou instrução para evitar doenças foi dada. Além disso, a empresa fazia com que os funcionários levassem suas roupas de trabalho para casa. Algumas pessoas usavam sua roupa de trabalho mesmo no trânsito diário ao trabalho. Só em 1977 precipitadores para ventilação foram instalados nos locais de trabalho. Este fato foi revelado em um processo legal. Quando chegava o tempo de as autoridades governamentais verificar as condições da fábrica, a empresa ordenada que os funcionários desligassem as máquinas e espalhasse água no piso, para suprimir o pó; tudo para dar uma boa impressão.

Conquanto os primeiros exames de saúde dos funcionários da Eternit tenham sido feitos por volta de 1975, somente em 1980 os resultados foram informados aos funcionários. Um funcionário, que manuseava diretamente material bruto de amianto, foi enviado ao hospital com pneumoconiose; quando retornou a empresa não considerou que seria próprio movê-lo a um tarefa "mais segura" em uma área menos contaminada. Algumas pessoas não foram certificadas para seguro do trabalhador apesar de suas doenças relacionadas ao amianto. Mesmo em casos de pessoas que receberam os benefícios do seguro do trabalhador, a Eternit Japão não informou a família das vítimas que a causa da morte fora a contaminação por amianto, e exigiu que eles não divulgassem informações relevantes, inclusive condições do local de trabalho, suas doenças e a resposta da empresa. Isso tornou a situação de outras vítimas muito mais difíceis. Para tratar deste problema, os sindicatos continuam a apoiar ex-funcionários; ajudando-os de várias formas, como explicando os detalhes dos exames de saúde e como funciona a nova lei de alívio do amianto.

Abril de 2011

## EPÍLOGO

Laurie Kazan-Allen

Casale Monferrato, uma cidade pitoresca no noroeste da Itália, tornou-se um símbolo universal do desafio ao maior assassino industrial do mundo: o amianto. A prova quase bíblica sofrida pela humanidade nas mãos dos exploradores globais do amianto é exemplificada pelo destino dos trabalhadores e habitantes de Casale. Emergindo como uma fênix da devastação que ocorreu com esta comunidade, a vibrante e eficaz campanha popular por “justiça, descontaminação, pesquisa” tornou-se um farol da esperança da sociedade civil em todo o mundo. O “Grande Julgamento do Amianto” de indivíduos envolvidos neste escândalo conquistou um status icônico não só pelos crimes que ele expôs, mas também pelo que ele revelou sobre a forma como empresas tomam decisões de vida e morte. O processo de Turin explodiu a tentativa da Eternit de manter o controle da história de Casale. O gato agora está vivo e completamente fora da caixa. Há muitas lições a aprender da experiência de Casale Monferrato, sendo uma importante o alerta a todos os executivos de empresas: você pode ser considerado responsável pelas decisões que você faz e pelas políticas corporativas que você administra.

Seria possível pensar que, uma vez que o processo começasse em frente aos juizes de Turin, os ativistas de Casale poderiam sossegar e ver a justiça ser feita. Infelizmente, isso não ocorreu. Em julho de 2011, no momento em que o promotor Raffaele Guariniello fazia sua declaração final ao Tribunal, foi anunciado que a cidade de Cavagnolo aceitara um acordo com os advogados de Stephan Schmidheiny. Em troca de €2 milhões, Cavagnolo retiraria-se “deste e de qualquer futuro julgamento (contra a Eternit) em que possa estar envolvida.”<sup>1</sup> Comentando a decisão, o prefeito de Casale disse: “Fica óbvio que uma proposta como esta nunca poderia sequer ser considerada por uma cidade como Casale.” Contudo, apenas alguns meses depois, o conselho de Casale Monferrato engajou-se em negociações secretas para fechar um acordo quanto à ação municipal contra o mesmo réu. As primeiras notícias que os ativistas receberam do acordo multimilionário veio de um artigo de jornal publicado em novembro. Após isso, um inferno sucedeu-se. A cidade foi literalmente dividida pelas implicações da traição municipal.

Quando a câmara de Casale Monferrato reuniu-se em 16 de dezembro para votar pela oferta de €18,3 milhões, a prefeitura foi cercada por manifestantes indignados. Os membros da

Câmara, que votaram pela aceitação do acordo, ficaram tão assustados pelo distúrbio público que se esconderam dentro da câmara até as primeiras horas da manhã de sábado. Com a aproximação das festas de fim de ano, esperava-se amplamente que o acordo seria assinado pelo Prefeito Giorgio Demezzi até o prazo final de 31 de dezembro. Mas, a equipe jurídica de Schmidheiny subestimara a determinação dos ativistas de Casale e o respeito que eles recebiam. Dos púlpitos das igrejas, líderes religiosos oravam para que os vereadores não traissem aqueles que sofriam. O padre local, Dom Paulo Busto, rezou uma missa em memória das vítimas do amianto em uma igreja que fica em frente à prefeitura. Alceste Catella, Bispo da Diocese de Casale Monferrato, juntou-se à controvérsia quando pediu ao prefeito para “conduzir a cidade neste momento de grande sofrimento: ‘por favor, imploro-o a fazer algo que comprove seu respeito ao sofrimento de tantos dentre os nossos cidadãos.’”<sup>2</sup>

Quando foi divulgada a notícia, em 22 de dezembro, que o próprio Ministro da Saúde intervira, tornou-se evidente que o “problema de Casale,” tinha alcançado tal proeminência que o prefeito seria forçado a reconsiderar. O Ano Novo chegou e nenhum acordo foi assinado. Na alvorada de 2012, o Ministro da Saúde Renato Balduzzi participou de reuniões separadas com o Prefeito Demezzi e os ativistas de Casale; reuniões ministeriais no dia de Ano Novo, feriado nacional na Itália, são um fenômeno virtualmente desconhecido. Tendo anteriormente elogiado o “papel de liderança” desempenhado pela câmara da cidade de Casale na “longa e difícil luta social” por justiça, em 1o de janeiro, o Ministro reafirmou a preocupação do Governo com os cidadãos e o apoio à cidade. A resposta à “emergência nacional do amianto” da Itália seria, prometeu o Ministro, liderada por Casale Monferrato, a “capital anti-amianto do país.”<sup>3</sup> Reconhecendo as amplas implicações do caso contra os executivos da Eternit, o Ministro Balduzzi falou sobre a continuação da produção e do uso de amianto na Europa e a importância simbólica da luta de Casale dentro e fora do país. Na segunda reunião, o Ministro Balduzzi impressionou diretores do grupo de vítimas do amianto (AfeVA), e colegas do sindicato com seu “conhecimento detalhado sobre a ‘emergência do amianto’ como um problema nacional e global.”<sup>4</sup> Ele expôs uma abordagem detalhada do problema que incluiu reuniões em Roma com importantes interessados, como representantes dos Ministérios da Saúde, do Meio-Ambiente, do Desenvolvimento Econômico e do Trabalho para

1 Kazan-Allen L. Surprise Moves by Schmidheiny's Lawyers. 27 de novembro de 2011. <http://ibasecretariat.org/lka-surprise-moves-schmidheiny-lawyers.php>

2 Mossano S. Nessun patto con L'Eternit. (Sem acordo com a Eternit.) La Stampa. 22 de dezembro de 2011. <http://www3.lastampa.it/cronache/sezioni/articolo/lstp/435420/>

3 Mossano S. La “capitale” anti amianto (A capital anti-asbestos). La Stampa. 2 de janeiro de 2012

4 Press Release conjunto de AfeVA, CGIL, CISL e UIL. 3 de janeiro de 2011.

planejar uma resposta coordenada das agências nacionais, autoridades locais e órgãos federais ao escândalo do amianto.

Um dia de ação civil, organizada sob o estandarte *Nessun Dorma* (Não Deixe que Ninguém Durma), em 7 de janeiro, atraiu multidões de partidários, que participaram de uma silenciosa procissão com velas através da cidade de Casale Monferrato, assistiram a um tributo musical às vítimas e rezaram em uma meia vigília pelos passos do Palazzo San Giorgio, a prefeitura. No lado externo da igreja de San Paulo, a atriz Caterina Deregibus leu um poema baseado no luto de Assunta Prato e Giuliana Busto, mulheres que perderam um marido e um irmão para doenças relacionadas ao amianto. Em meio à efusão pública de apoio, mais de 2000 pessoas pediram que os representantes do município respeitassem seu compromisso às vítimas e rasgassem o acordo proposto com o réu do amianto Stephan Schmidheiny.

Enquanto passamos à publicação, é impossível saber como a situação se desenvolverá. Já houve tantas reviravoltas que pode-se até

sentir o próprio estrategista mestre, Niccolò Machiavelli, espiando sobre nossos ombros. Em tais circunstâncias, fariamos bem em imitar a fé de Romana Blasotti Pavesi, presidente da AfeVA, que disse “nossa confiança na justiça nunca nos deixou.” Esperamos que o veredicto dado em 13 de fevereiro de 2012 justifique essa confiança.

Janeiro de 2012



Procissão silenciosa com velas em Casale Monferrato “dia de ação,” 7 de janeiro de 2012. A foto é cortesia de Rodolfo Mazzoni.

Para notícias do que aconteceu em 13 de fevereiro de 2012 e após, veja os seguintes sites:

**Amianto no Banco dos Réus:** <http://asbestosinthedock.ning.com>

**AfeVA:** <http://www.afeva.it/>

**Secretaria Internacional para o Banimento do Amianto:** <http://www.ibasecretariat.org>

Para informações sobre as ações da CUT Brasil para o banimento do amianto, entre em contato com:  
Secretaria Nacional da Saúde do Trabalhador -Tel.: (11) 2108.9200 ou [saude@cut.org.br](mailto:saude@cut.org.br)

## POSFÁCIO

Mauro de Azevedo Menezes\*

### Condenação no Tribunal de Turim: a Justiça alcança os criminosos industriais do amianto.

Enquanto países como o Brasil ainda enfrentam a anacrônica realidade da permissão da exploração e do uso do amianto, na Itália foi inaugurada uma nova e promissora etapa na luta humanitária contra essa fibra cancerígena. Após banir o amianto em todas as suas formas geológicas e cuidar da assistência à saúde das vítimas, a Itália não apenas deu um largo passo ao concretizar meios de reparação digna pelos danos sofridos pelos seus cidadãos, como também evoluiu para a efetiva punição criminal dos responsáveis por essa dramática catástrofe sanitária.

Naquele país, estima-se que a inalação de fibras de amianto tenha resultado na morte dolorosa de mais de 3 mil pessoas, além do adoecimento grave de tantas outras. A épica mobilização das vítimas e de suas famílias, apoiadas pela comunidade de pessoas expostas, unidas a uma notável rede de solidariedade, logrou conduzir às barras do Tribunal Criminal da cidade de Turim, na Região do Piemonte, dois magnatas da indústria que detinham o controle acionário e lideravam o grupo italiano da Eternit, no período em que ocorreram a maior parte das contaminações.

Tudo começou com um formidável trabalho do legendário Procurador da República italiana, Rafael Guariniello, que formulou a denúncia penal em face de Stephan Schmidheiny e Jean-Louis de Cartier de Marchienne. Com enorme destreza técnica e larga consciência do sentido histórico de sua iniciativa, Guariniello traduziu com exatidão as aspirações de uma legião de vítimas, crentes na possibilidade de um exame justo das responsabilidades e consequências de sua terrível provação.

Superando a arrogância e a desfaçatez das contestações apresentadas pelos réus, além de suas inúmeras chicanas processuais, a Corte de Turim chegou ao veredito final: Stephan Schmidheiny e Jean-Louis Marie Ghislain de Cartier de Marchienne foram considerados culpados pelo seu inegável papel na tragédia causada pela vertente italiana da Eternit, ao custo de vidas humanas, tragadas pelas doenças decorrentes do contato com o pó de amianto.

O julgamento foi encerrado no dia 13 de fevereiro de 2012, ao cabo de uma minuciosa e emocionante instrução processual, a qual compareceram como testemunhas parentes consternados das vítimas fatais. Os réus foram enquadrados nos crimes de desastre ambiental doloso permanente e de omissão dolosa de medidas de segurança no ambiente de trabalho, pois estavam à frente da Eternit, e dela extraindo lucros exorbitantes, mesmo sabendo que a exploração do amianto contaminava os trabalhadores da empresa e os moradores das comunidades onde instalavam as suas sombrias fábricas.

A pena aplicada pelo Tribunal de Turim previu 16 anos de reclusão a cada um dos réus, que também ficaram obrigados a pagar compensações calculadas em mais de 100 milhões de euros. A sessão decisiva da Corte foi atentamente assistida por mais de 1.500 pessoas, a maioria proveniente da cidade de Casale Monferrato, onde funcionou uma mortífera unidade fabril da Eternit e depois tornou-se símbolo da resistência à produção de amianto e da luta pela reparação jurídica e econômica das vítimas e de suas famílias. Também se fizeram presentes delegações estrangeiras, que acompanharam a leitura da sentença com um intenso sentimento de esperança de que tal pronunciamento sirva como exemplo de realização de Justiça e como sonora conclamação para livrar as suas nações dos males gerados pelo amianto.

Desde então, a repercussão da condenação criminal dos industriais do amianto tem sido imensa. O ineditismo da decisão, associando a significativa reparação econômica das vítimas, da Previdência Social e das municipalidades afetadas pelos danos ambientais à aplicação de pena de prisão aos verdadeiros responsáveis e maiores beneficiários pela atividade industrial assassina, passou a constituir um paradigma e escancarou a aberração que é a permissão da exploração e uso do amianto mundo afora.

No dia 14 de maio de 2012, a divulgação detalhada dos fundamentos da histórica sentença ofereceu um roteiro perfeito para a análise de situações análogas do passado e do presente, nos mais diversos países. Não admira que os condenados tenham apresentado recursos contra a sentença, buscando desesperadamente fugir aos seus ditames. Mas será muito difícil reverter os termos judiciosos e convincentes do veredito, sobretudo porque alicerçados em fatos incontestáveis e orientados numa visão jurídica perfeitamente sintonizada com a noção contemporânea de direitos humanos e de repúdio a condutas conscientemente nocivas à vida humana. Mais provável talvez seja o agravamento da pena para 20 anos de prisão a cada réu, cuja demanda, também em grau de recurso, não passou incólume ao arguto crivo do Procurador Guariniello. Outra derivação relevante do julgamento deve ser a apuração de responsabilidades pela morte de 117 cidadãos italianos vitimados pelo seu trabalho em plantas industriais da Eternit sediadas em outros países (dentre eles Suíça, Alemanha, França e Brasil).

Entrevistado logo após a leitura da sentença, o Procurador Guariniello foi porta-voz da incomparável emoção compartilhada pelas vítimas e familiares de vítimas presentes, além de todos os lutadores pelo fim do amianto no mundo inteiro. Disse ele: “Hoje, conquistamos o direito de sonhar que a Justiça pode ser feita e deve prevalecer”. Das suas palavras e da sua ação, emerge a certeza de que as dores, os padecimentos e as mortes criminosamente causadas pelo amianto têm os seus dias contados. E não apenas: que os responsáveis por essa abominável tragédia terão que pagar por seus crimes, estejam onde estiveram, sejam quem forem.

\*Mauro de Azevedo Menezes é advogado da Associação Brasileira dos Expostos ao Amianto (Abrea) e Diretor-Geral de Alino & Roberto e Advogados.

## FICHA TÉCNICA EDIÇÃO EM PORTUGUÊS - CUT BRASIL

### Coordenação

Secretaria Nacional de Saúde do Trabalhador

### Colaboração

Secretaria Nacional de Comunicação

### Tradução

Cooperativa de Profissionais em Tradução - Unitrad

### Projeto Gráfico Capa

MGiora Comunicação

### Foto de Capa

Eduardo Metroviche - Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco e Região

### Diagramação

(ajustes versão em português)

MGiora Comunicação

### Impressão

Bangraf

### Tiragem

5 mil exemplares

Agosto, 2012

### CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES - CUT BRASIL

Rua Caetano Pinto, nº 575 • Brás • São Paulo/SP

CEP 03041-000 • Fone: (0xx11) 2108-9200 • Fax (0xx11) 2108-9310

[www.cut.org.br](http://www.cut.org.br)

<http://twitter.com/cutnacional/>